



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECOLOGIA



“DA FLORESTA AO CAMPO”: ***TRAJETÓRIAS FAMILIARES E SIGNIFICADOS***
DA PAISAGEM DE MIGRANTES, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

Marcelo Gules Borges

PORTO ALEGRE, MAIO DE 2009.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECOLOGIA



“DA FLORESTA AO CAMPO”: ***TRAJETÓRIAS FAMILIARES E SIGNIFICADOS***
DA PAISAGEM DE MIGRANTES, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

Marcelo Gules Borges

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia, do Instituto de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ecologia (Linha de Pesquisa: Ciência Ambiental).

Orientadoras: Dra. Teresinha Guerra
Dra. Marília Andrade Torales

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Maria do Carmo Galiuzzi (FURG)
Profa. Dra. Isabel C. M. Carvalho (PUCRS)
Prof. Dr. Gilberto G. Rodrigues (UFRGS)

PORTO ALEGRE, MAIO DE 2009.

À MARGARIDA (DAISY) POR ENFEITAR MEU JARDIM....
À MEUS PAIS E MINHA FAMÍLIA PELO OLHAR (AMOR) ATENTO...
À CHEGADA DE LAURINHA...

AGRADECIMENTOS

Depois de mais uma etapa concluída gostaria de agradecer àqueles que ajudaram a construir meu percurso educativo e profissional. A todos meu afeto...

À Profa. Teresinha Guerra pela amizade, apoio, confiança e parceria no universo ambiental educativo. Pelas trocas constantes...

À Profa. Marília Torales pela amizade, confiança e disponibilidade com que se envolveu neste trabalho. Por todo conhecimento compartilhado! Em extensão, ao Prof. Germán V. Callejas, Universidade de Santiago de Compostela, Espanha, por suas contribuições e idéias iniciais ao projeto e por me receber e apresentar Marília. Meu percurso jamais teria sido o mesmo...

Ao Prof. Cassiano P. Lisboa pelas inspirações e contribuições a este trabalho...

À Yanina, pelo carinho e conhecimentos que muito contribuíram neste trabalho...

Aos grande amigos, Gilberto e André, por toda a força e apoio durante este período. Incentivos vitais para que continuasse a caminhada...

Aos queridos amigos do NEEA e de Projeto INCRA: Lucas, Evandro, Luana, Daniele, Marília e Mariana. A todos, meus sinceros agradecimentos pelos momentos de trocas e alegrias... A querida Judite por dividir idéias e sonhos...

À Família Berreta, em especial a Márcia pela amizade e trocas a todo momento... pelos mapas... À Rosimeri pela auxílio nas transcrições e Jesiane nas correções de português...

Aos amigos que “encontrei e reencontrei” durante o Mestrado: João, Norma, Rosa, Ziza, Guilherme, Verônica, Titi, Luci...

Aos amigos desde Portugal: Dione, Roberta, Diana, Ester, Caru, Dilson, Rick, Elisabeth, Juvita, Carla, Arnaldo, Joana... Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação da Universidade do Porto, em especial, Prof. Tiago Neves e Sofia Neves...

Aos meus irmãos de ideal Espírita...

Ao amor da minha vida, Daisy Sampaio...

Às Famílias Brambila, Ferreira e Müller...

Ao CNPq pela bolsa de Mestrado concedida.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
OBJETIVOS.....	10
CAP 1 – História de Vida Familiar como abordagem metodológica na pesquisa em Educação Ambiental: reflexões a partir de uma experiência.....	11
CAP 2 – As Histórias de Vida: Família Brambila, Ferreira e Müller.....	36
CAP 3 – Significados da Paisagem de Migrantes, Rio Grande do Sul, Brasil.....	134
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	165
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	167
ANEXOS.....	169

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Amostra com o número de sujeitos por geração em cada família.....	16
Tabela 2. Guia das entrevistas individuais e coletivas.....	21
Tabela 3. Categorias utilizadas na composição das histórias.....	29
Tabela 4. Categorias utilizadas na composição das histórias.....	38
Tabela 5. Genograma temporalizado das famílias.....	46

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Esquema metodológico adotado na investigação.....	26
Figura 2. Dimensões destacadas nas narrativas geracionais do lugar de origem ao de destino.....	39
Figura 3. Atual divisão política-administrativa do território Caingangue de Nonoai.....	42
Figura 4. Trajeto migratório e localização das Reservas Indígenas de Nonoai e da Serrinha/RS.....	43
Figura 5. Guerreiros Cainganges cercam família de agricultor e dão prazo de 12 horas para sair da área em 1978.....	60
Figure 6. (Rosalina, 1ª geração).....	65
Figura 7. (Domingos, 2ª geração).....	66
Figura 8. Movimentação dos indígenas na área da Reserva Indígena de Nonoai/RS em 1978.....	88
Figura 9. (Ari, 2ª geração).....	103
Figura 10. (Carolina, 1ª geração).....	104
Figura 11. (Ari, 2ª geração).....	105
Figura 12. (Fabiane, 3ª geração).....	111
Figura 13. (Ari, 2ª geração).....	115
Figura 14. (Carolina, 1ª geração).....	118
Figura 15. Famílias na “Prainha” no Rio Ibicui da Armada, na área do Assentamento São Joaquim.....	120
Figura 16. Imagem aérea da Agrovila, no Assentamento São Joaquim, Santana do Livramento/RS.....	124
Figura 17. Localização das Reserva Indígena de Nonoai e da Serrinha, Rio Grande do Sul, Brasil. Em destaque o deslocamento físico realizado durante a migração.....	139
Figura 18. Imagens do lugar de destino e de origem.....	141

Figura 19. A paisagem é subjetivada pelos migrantes a partir da interação entre os contextos ambiental, sociocultural e fase da vida em uma determinada experiência vivida nos lugares, em que convergem aspectos psicológicos e cognitivos do indivíduo..... 143

RESUMO

As experiências, individuais e coletivas, no lugar articulam-se formando a matriz de ancoragem para a construção dos significados da paisagem. De outro modo, representa a forma como nos relacionamos com o ambiente, expressando nossas vivências nos lugares. Neste contexto, a migração, enquanto deslocamento físico, impõe grandes desafios de adaptação aos migrantes. Revelar os significados das paisagens possibilita compreendermos a relação destes com os lugares. Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa empírica que procurou interpretar os significados da paisagem de três famílias migrantes, do norte ao sul do estado do Rio Grande do Sul, em três gerações, a fim de compreender as relações entre seus pares e o lugar. Discute-se o método utilizado – história de vida familiar - destacando seu percurso de construção e seus potenciais enquanto método de pesquisa. Apresenta a composição das histórias de vida familiar, evidenciando todo o percurso migratório da família, suas nuances, tramas e sentidos atribuídos aos lugares por onde passaram. Interpreta os significados da paisagem, considerando os contextos da história de vida familiar. Os resultados evidenciam que a paisagem é polissêmica, sendo constantemente resignificada pelos migrantes. Neste processo são levados em consideração o contexto ontogenético (fase da vida), ambiental e social em que a paisagem é rememorada. Desta forma, as leituras sobre a paisagem significada mostram-se vitais às práticas interventivas ambientais e educativas.

Palavras-Chave: História de Vida Familiar – Migração – Paisagem – Educação Ambiental

ABSTRACT

Individual and group experiences at a place articulate themselves forming the ground where the landscape meanings are both built from and attached to. In other words, this ground represents the way people relate to the environment by expressing their local life experiences. In this context, displacements carried out by migration events impose a challenge for the migrants own adaptations. By acquainting the landscape meanings, one can understand the relationships of the migrants with the places where they are. In this work I attempted to interpret the landscape meanings of three generations belonging to three different migrant families, from north to south Rio Grande do Sul State, aiming to understand the relationships between the people and their place of living. This study used the “family histories” working method, which is discussed and has its potentials as a research method highlighted in this work. The study also presents the families' history composition, showing their migration routes, nuances, and the feelings assigned to the places they passed by. Finally, this work interprets the landscape meanings taking into account families' history context. Results show a multi-sense landscape which is constantly re-worked by the migrants. Ontogeny (life phases), environment, and social contexts play a role in this process. Thus, the understanding of the landscape meanings are a vital step to the educational and environmental practices.

Key-Words: Family Histories – Migration – Landscape – Environmental Education

APRESENTAÇÃO

Esta breve apresentação procura situar o trabalho enquanto processo formativo (para mim, como pesquisador) e apresentar a estrutura da dissertação que procurou aproximar dois campos distintos, mas complementares: Ciência Ambiental e Ciências da Educação.

É fruto de meu breve percurso como aluno de graduação de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) desde 2002 em projetos de pesquisa em Ecologia e Educação Ambiental nos espaços onde passei (Laboratório de Limnologia, Projetos de Extensão, Núcleo de Estudos em Educação Ambiental...) e, como aluno de Mestrado em Ecologia (Ciência Ambiental) trabalhando em intervenção em Educação Ambiental em assentamentos rurais do INCRA localizados no Bioma Pampa.

Expressa a diversidade de “olhares” o qual sempre busquei enquanto Ecólogo e Educador Ambiental, a fim de compreender como a espécie *Homo sapiens*, em todas as suas dimensões vitais, se relaciona com o mundo e consigo mesmo.

A “migração” em direção ao encontro entre Ciências Naturais e Ciências Humanas se tornou um grande desafio! E ainda continua... Grande parte das minhas expectativas formativas são sanadas nesta dissertação, descortinando-se um novo horizonte no campo ambiental e educativo.

Inicialmente, apresento na **INTRODUÇÃO** uma breve análise histórica da inserção do ser humano na Ecologia, seu desdobramento na Ciência Ambiental e as conexões que procuro estabelecer com o campo da pesquisa e intervenção em Educação Ambiental.

O **primeiro capítulo** descreve o método utilizado para o acesso e análise das Histórias de Vida Familiar, de três famílias migrantes em três gerações, do norte ao sul do Rio Grande do Sul, a fim de compor um *corpus* que permitisse interpretar os significados da paisagem dos migrantes. Apresenta-se as suas potencialidades enquanto método de pesquisa.

O **segundo capítulo** apresenta a primeira etapa de análise dos dados, a qual corresponde à construção das trajetórias familiares. Procura-se destacar o processo de organização das histórias, localizá-las sócio-historicamente e a sua composição.

O **terceiro capítulo** focaliza as suas atenções na interpretação dos significados da paisagem atribuídos pela famílias migrantes em três gerações. Discute-se os resultados, refletindo-se sobre as consequências no desenvolvimento da Educação Ambiental e para os processos participativos do planejamento local da paisagem.

Atendendo as exigências formais do Programa de Pós-Graduação em Ecologia da UFRGS, os capítulos primeiro e terceiro, foram escritos em formato de artigo científico em preparação para serem submetidos.

Por fim, nas considerações finais procuro vincular os capítulos apresentando os seus principais resultados.

INTRODUÇÃO

A Ecologia como ciência jamais desconsiderou o ser humano enquanto organismo participante dos processos ecológicos e, deixou de reconhecer suas particularidades enquanto ser social. Desde muito tempo, este reconhecimento esteve presente, por exemplo, a partir das narrativas sobre as cruzadas daquele que é considerado um dos precursores da Ecologia Humana, Júlio César (50 a.C.). Obviamente que ele não fundou a Ecologia Humana, contudo no seu trabalho *Comentários sobre a Guerra Gálica*, apresentou ricas anotações sobre os costumes dos povos bárbaros relacionado com o clima (ACOT, 1990).

De fato, Karl Ritter (1779 – 1859), expoente da antropogeografia alemã, na sua obra *A Ciência da Terra em relação a natureza e a história da humanidade* (iniciada em 1817), iniciou os aprofundamentos sobre a relação do ser humano com o ambiente, ao afirmar que “[...] a terra é independente do homem, mas todos os povos estão sob a influência da natureza.”

Na visão do naturalista alemão A. Von Humboldt (1769 – 1859), expressa em sua obra *Cosmo* (1845), “a espécie humana, submetida embora em grau menor do que as plantas e animais, às circunstâncias do solo e às condições metereológicas da atmosfera escapa mais facilmente as forças da natureza; mas nem por isso deixa de participar, de maneira essencial, da vida que anima nosso globo inteiro” (ACOT, 1990, p. 116).

Nesse sentido, F. Ratzel (1844 – 1904), geógrafo e etnólogo alemão, ao tratar sobre a cartografia da repartição dos homens na terra em *Anthropogeographie* (1891), destacou que, “sob variações diversas, a relação da sociedade com o solo continua sempre condicionada por uma dupla necessidade: a da habitação e a da alimentação [...]”. Alguns anos depois, em *The History of Mankind* (1896) procurou realizar a descrição geográfica dos povos atuais com base na geografia vegetal.

Segundo Acot (1990, p. 116) o grande desafio percebido desde este período se refere à incompreensão de que o ser humano não se tratava apenas de um ser biológico (animal), mas também social. Como ele destaca “o homem biológico, objeto da ecologia humana *stricto sensu*, escapa em parte, porque é igualmente homem social, às determinações dos fatores do meio ambiente. Inversamente, o homem social, porque pertence a uma espécie biológica, escapa a toda análise puramente cultural”.

No que se refere especificamente a este reconhecimento pelos fundadores da Ecologia, conforme McIntosh (1985), o botânico americano F. E. Clements (1874 – 1945), na sua obra *Research Methods in Ecology* (1905, p. 16) destacou que:

“A sociologia é a Ecologia de uma espécie particular de animal, e tem como consequência, uma similar conexão com a Ecologia de Planta. A ampla migração do Homem e a sua natureza social tem resultado na produção de grupos ou comunidades as quais tem muito mais em comum com formações de plantas do que com formações de outros animais”.

Nessa afirmação, F. E. Clements estabelece comparações entre a ecologia vegetal e os grupos humanos, seguindo por uma via naturalista. Contudo, V. E. Shelford (1877 - 1968), ecólogo americano, em sua obra *Animal Communities in Temperate America* (1913, p. 319) irá contestar esta postura, destacando que: “geógrafos, sociólogos e psicólogos tem erroneamente comparado a estrutura de animais e plantas com a cultura em humanos, em vez de comparar, comportamento animal e cultura humana”. Neste mesmo ano, o americano C. C. Adams, um dos pioneiros da ecologia, logo no início de seu trabalho *Guide to Study of Animal Ecology* (1913), procurou convergir a Ecologia Animal e Humana, no sentido de comparar a dimensão social em “animais” e humanos.

Passado alguns anos, lembra McIntosh (1985), que no primeiro volume da revista *Ecology*, no trabalho intitulado *The Scope of Ecology* (1920), M. B. Moore, afirmou que “a geografia, até agora, é o estudo da relação do homem com seu ambiente; é Ecologia Humana”. Contudo é somente em 1921, na mesma revista, que teremos o primeiro trabalho publicado dentro da ecologia. De autoria de W. E. Ekblaw, *The Ecological relations of the polar Eskimo* (1920, *Ecology*, V.2, n.2), tratou de estudar a adaptação de esquimós as circunstâncias do habitat a partir de suas características antropológicas estabelecendo relações aos processos de aculturação.

Outro trabalho importante seria publicado dois anos depois, pelo ecólogo aquático S. A. Forbes (*The Humanizing of Ecology, Ecology*) Neste artigo ele destaca:

[...] as relações do próprio homem com seu ambiente foram uma parte indissociável da ecologia, pois ele é também um organismo e porque os outros organismos constituem uma parte do seu ambiente. Se a ecologia é a ciência da relação dos organismos e seus ambientes, incluindo as interações entre o ambiente e o organismo, e se o homem é um organismo, então as relações da interação entre plantas e animais por um lado, e homem por outro são partes da ecologia”.

Na década de 20, a Escola de Chicago, tem um grande papel na aproximação entre a Ecologia e Sociologia. É neste período em que termos específicos da Ecologia vão aparecer nos trabalhos dos etnógrafos da época, como a palavra *Sinecologia* (estudo da comunidade),

o que segundo os pesquisadores da sociologia da época seria o estudo da Sociologia Urbana. Com base nos estudos ecológicos, a influência dos meios externos sobre as sociedades e a análise da repartição social era levado em consideração tendo a cidade como meio natural.

A década de 30 é marcada pela retomada de algumas discussões por C. C. Adams (*The relation of general ecology to human ecology*, *Ecology*, 1935, pg. 325), destacando as fases da Ecologia. Para ele, até então, os estudos ecológicos vinham contribuindo substancialmente a compreensão da relação do homem com o ambiente, embora reconheça o comportamento social do homem como um fator chave. Acreditava na integração dos conceitos da biologia e sociologia na compreensão dos grupos humanos. Em sua visão: “o desenvolvimento das emoções e da inteligência em animais superiores e no homem introduz certas diferenças qualitativas nas respostas que influencia todas as relações ecológicas”.

Segundo McIntosh (1985), o período entre guerra (1918 – 1939) é conturbado para a estes estudos. Contudo em 1940, E. C. Lindeman publica *Ecology: An Instrument for the Integration of Science and Philosophy* na revista *Ecological Monographs* que seria considerado um ataque as posturas mais radicais dentro da ecologia em relação à inserção do ser humano. Ele acabou por gerar desconfortos entre os ecólogos mais radicais da época, que defendiam a ecologia como uma ciência preditiva:

“A Ecologia Humana é um meio de campo aonde as ciências físicas e biológicas vão até a aonde as ciências sociais iniciam... Os ecólogos ficam na posição mais vantajosa. Eles já têm adquirido o hábito de tratar com o todo bem como com as partes. Por isso, até certo ponto ele é um filósofo”.

Alguns avanços foram observados na década de 50 dentro da Ecologia, principalmente dentro dos eventos internacionais da área, mas logo perderia força na década de 60 e 70. Para McIntosh (1985), este último período seria caracterizado pela não cristalização da Ecologia Humana e o uso dos termos ecológicos por outras disciplinas sem a devida referência a origem. Ecólogos e Sociólogos perderam a oportunidade por não integrar e produzir uma abordagem interdisciplinar.

Por outro lado, analisando a história, é também neste período que observamos o surgimento gradativo de relatórios publicados por entidades científicas e de proteção a natureza ressaltando os efeitos das atividades humanas, especialmente os decorrentes do processo industrial. O período é caracterizado por uma profunda crise ambiental pelas contestações e pelo surgimento de movimentos sociais, fazendo com que a crise global não passasse de forma despercebida. Para Pelicioni (2000) a década de 1960 pode ser

considerada como o período de mobilização, a década de 1970 marcou uma nova fase no mundo, em que a responsabilidade pela sustentabilidade disseminou-se entre diversos atores sociais.

Neste contexto é que no plano técnico-científico assistimos ao surgimento de uma nova postura, interessada na relação do homem com o ambiente e suas implicações práticas. A Ciência Ambiental emerge no encontro entre diferentes campos científicos, considerando suas especificidades, na busca de soluções a problemática ambiental.

Na perspectiva de Rohde (1996, p. 21) a Ciência Ambiental surgiu em virtude da insuficiência do paradigma naturalista, que “se expressa na impossibilidade de uma correta abordagem do mundo fenomênico atual pelas Ciências Naturais”. Em sua perspectiva a questão ambiental é um campo essencialmente interdisciplinar, pois resulta do entrecruzamento de ciência, normas e valores, ainda regidos por razões diferenciadas não-dicotômicas.

A ciência ambiental focaliza, portanto, mais a processualidade do que os objetos, mas as interações do que os compartimentos; é mais conjuntiva do que parcelar; não se esgota na perspectiva do olhar analítico, mas instaura – em contrapartida – a leitura interpretativa¹.

Nesta investigação, nossas propostas emergem a partir da ecologia de paisagem², desde uma perspectiva interdisciplinar³ e holística, para quais as conseqüências da problemática ambiental devem ser enfrentadas estudando as paisagens em suas múltiplas dimensões e escalas, entrelaçando junto entidades naturais e culturais, pela junção de campos das ciências naturais e humanas (NAVEH e LIEBERMAN, 1993; NAVEH; 2000; 2001).

Nesta perspectiva, “humanos não vivem somente no ambiente físico, ecológico e no espaço de uma paisagem geográfica, nos quais nos dividimos com os outros organismos,

¹ Neste sentido, as ciências naturais são, caracteristicamente, nomotéticas, ao passo que a ciência ambiental tem obrigatoriamente uma parcela de cunho idiográfico. Esta característica idiográfica aponta, implicativamente, para a hermenêutica e para a ética (ROHDE, 1996).

² O comportamento de sistemas complexos como paisagens talvez não sejam preditivos, algumas vezes sugerindo que a ecologia de paisagem deveria ser percebida como mais como uma ciência ambiental antecipativa e prescritiva (WU e HOBBS, 2002).

³ Entende-se pelo envolvimento de várias disciplinas acadêmicas relacionadas através de um objetivo comum. O interesse se centra em integrá-las a fim de criar novos conhecimentos e teorias. Sugere-se que se devam levar em consideração as diferentes abordagens, qualitativas e quantitativas, e, interpretativas e analíticas que emergem quando trazemos junto disciplinas das áreas humanas e naturais (TRESS, et al. 2004).

mas também em um espaço conceitual da mente humana (*noosfera*), sendo este o domínio das nossas percepções, conhecimentos, sentimentos e consciência” (NAVEH, 2000, p. 358).

Nesta investigação, compartilhamos a visão de Caride (2008) na busca de uma integração mais efetiva da Ciências Ambiental e Ciências da Educação, tendo na Educação Ambiental e na investigação que seu nome emprenda uma referência chave para a mudança das realidades sociambientais. Para atingirmos nossos objetivos a nossa “porta de entrada” se centra na interpretação da relação de migrantes⁴ com o lugar a partir dos significados da paisagem, entendendo que estas leituras contribuem ao desenvolvimento de uma Educação Ambiental *compreensiva* (FLICKINGER, 1976; CARVALHO, 2002, 2003; CARVALHO e GRÜN, 2005).

⁴ Migrante é o indivíduo que resolveu deixar o seu município de nascimento para fixar residência noutro, sem, contudo romper de imediato com as relações sócio-culturais que mantinha anteriormente (SOUZA, 1980).

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Descrever e interpretar os significados da paisagem atribuídos por famílias migrantes em três gerações, a fim de compreender a relação entre seus pares e o lugar.

Objetivos Específicos

- Descrever o método utilizado, refletindo sobre suas potencialidades;
- Reconstruir a história de vida de três famílias migrantes, a fim de compreender a relação destes com o lugar de origem e de destino;
- Interpretar os significados da paisagem e discutir suas implicações a Educação Ambiental e os processos participativos no planejamento local da paisagem.

CAPÍTULO 1

História de Vida Familiar como abordagem metodológica na pesquisa em Educação Ambiental: reflexões a partir de uma experiência⁵

Resumo

Este capítulo apresenta a descrição dos aspectos metodológicos que fundamentam uma pesquisa realizada no campo da Educação Ambiental. A temática abordada visa descrever e interpretar os significados atribuídos à paisagem (de origem e de destino), por famílias migrantes, em três gerações, identificando os elementos que constituíram e influenciam as relações entre seus pares e os lugares. Apresenta-se e discute-se a abordagem – História de Vida Familiar – dando ênfase às técnicas utilizadas na sua elaboração e análise, bem como, sobre sua potencialidade com método de pesquisa com famílias. A proposta metodológica possibilitou múltiplas perspectivas para compreender as relações sociais dentro do grupo familiar e social com os lugares. Destacamos sua particularidade por permitir outros níveis de interpretação, fundamentais ao desenvolvimento de estratégias de intervenção no campo educativo ambiental em que as famílias são o foco central.

Palavras-Chave: Metodologia – História de Vida Familiar – Educação Ambiental

⁵ Em preparação para ser submetido à revista *Pesquisa em Educação Ambiental*.

1.1 Introdução

As temáticas de pesquisa em Educação Ambiental são diversas e complexas. Estas características exigem do pesquisador desenvolver suas habilidades e sensibilidades na construção de rigorosos procedimentos metodológicos.

Este trabalho descreve o planejamento e a estrutura metodológica de uma pesquisa qualitativa realizada no campo da Educação Ambiental dando ênfase ao método – História de Vida Familiar - para o acesso e análise dos dados. Apresenta este percurso, em especial, baseado em referências das Ciências Sociais (BERTAUX, 1994; GONZÁLEZ, 1995; POIRIER, et al., 1995; BERTAUX e DELCROIX, 2000; CUÉLLAR, 2004; BERTAUX e BERTAUX-WIAME, 2006; PLUMMER, 2007) e da Educação Ambiental (CARVALHO, 2002; LISBOA, 2007; TORALES, 2006; 2008).

Situa-se, dentro dos estudos em Educação Ambiental, em uma abordagem interpretativa⁶ (SAUVÉ, 2000; CARIDE GÓMEZ, 2008) na qual se busca revelar os significados atribuídos pelos sujeitos em uma dada situação, interpretando-os e destacando suas implicações aos processos educativos e ambientais.

Sendo assim, o referencial metodológico sustenta e dá rigorosidade ao processo de (re)construir a História de Vida de três famílias migrantes, em três gerações, identificando dimensões da experiência familiar que dessem conta de descrever e interpretar quais eram e de que forma os significados atribuídos a paisagem (de origem e de destino) se constituíram e influenciam as relações entre seus pares e os lugares.

Para isso, obteve-se narrativas individuais e coletivas – entrevistas em profundidade – que no seu conjunto constituíram o material empírico para a elaboração das trajetórias do grupo familiar, bem como, a análise do objeto desta investigação.

Desde a sua implicação social e técnico-científica, surgiu a partir do projeto de intervenção denominado *Programa Integrado de Recuperação e Conservação dos Recursos*

⁶ Segundo Sauvé (2000), a investigação do tipo interpretativa é hermenêutica. Para Caride (2008) esta abordagem teve início nos últimos anos da década de 80 e se destaca por sua capacidade para integrar distintos enfoques, tanto na construção metodológica das investigações como no tipo de conhecimento ao que dará lugar, incluída a aplicabilidade de seus resultados. Esta se posiciona a favor de uma leitura epistemológica, metodológica e pedagógica na que se postula uma visão plural e comprometida do conhecimento com as realidades socioambientais. Os estudos de Flickinger (1976), Carvalho (2002, 2003), Carvalho e Grün (2005) e Grün (2007) tem aprofundado sobre esta abordagem e suas implicações no campo da Educação Ambiental.

*Naturais em Assentamentos Rurais localizados no Município de Santana do Livramento, RS, Brasil*⁷ realizado pelo convênio entre o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e o Núcleo de Estudos em Educação Ambiental (NEEA) do Centro de Ecologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Inicialmente, justificamos a opção pela abordagem qualitativa e apresentamos os critérios de definição da amostra (famílias) e as técnicas utilizadas. Após, apresentamos o percurso realizado para reconstrução das Histórias de Vida Familiar a partir das narrativas individuais e coletivas, destacando a potencialidade desta abordagem. Por fim, mostramos o percurso realizado para análise e interpretação dos significados da paisagem e a relação com os lugares.

1.2 O método escolhido: abordagem qualitativa

O percurso metodológico em uma pesquisa é a etapa primordial pois, além de demarcar o campo científico no qual o trabalho se insere, revela e qualifica o referencial teórico envolvido na investigação. É a estrutura que permite que as reflexões teóricas possam ser realizadas e sustentadas frente aos diferentes campos científicos e teóricos. Assim, a metodologia pode ser compreendida de forma mais ampla, considerando que não se trata apenas de uma descrição sumária de aspectos formais, “inclui concepções teóricas da abordagem, articulando-se com a teoria, com a realidade empírica e com os pensamentos sobre a realidade” (MINAYO, 1993, p. 15). Para Demo (1981, p. 8) é, antes de qualquer outra coisa, o “estudo dos instrumentos de montagem de uma teoria, o estudo dos arcabouços teóricos, não entrando apenas a preocupação teórica, mas também a preocupação empírica”.

Em especial, a decisão do método se constrói a partir de alguns elementos *a priori* na constituição de uma investigação. Em primeiro lugar, é preciso buscar ter clareza a respeito de nossa pergunta de partida, ou seja, o que queremos investigar. Em segundo lugar, é preciso reconhecer que esta indagação tem uma relação direta com a história do investigador, relacionando-se com sua trajetória formativa. Como consequência quem

⁷ Este projeto vem sendo realizado desde 2007 em 13 Assentamentos Rurais localizados no Bioma Pampa, Rio Grande do Sul, Brasil. Tem por objetivo a construção de uma unidade de referência, a partir de metodologias participativas, voltada para a sustentabilidade sociambiental das comunidades locais.

define o método é o objeto e quem define o objeto é o investigador (comunidade científica na qual se insere).

Esse percurso se caracteriza como sendo a própria invenção do pesquisador. Embora a metodologia “não deva ser supervalorizada, por ser uma disciplina instrumental, desempenha papel decisivo na formação do cientista, à medida que o faz consciente de seus limites e de suas possibilidades” (DEMO, 1981, p. 13). As etapas que estão envolvidas nesta tarefa – delineamento, levantamento, técnicas e tratamento analítico (BAUER et al., 2004) - descrevem, antes de tudo, o seu processo formativo que deve, além de se constituir como tal, inserir seu estudo em pressupostos teóricos, metodológicos e epistemológicos de um dado campo científico.

Ao iniciarmos uma pesquisa, após o percurso de delimitação de um tema e problema, nos indagamos sobre métodos e técnicas a utilizar. Nesse momento, importa que o investigador seja capaz de “conceber e de pôr em prática um dispositivo para a elucidação do real, isto é, no seu sentido mais lato, um método de trabalho” (QUIVY e CAMPENHOUDT, 1995, p. 15). O melhor método e/ou técnica é aquele que melhor responde às exigências do objeto de estudo, ou seja, “é o próprio objeto de pesquisa em relação a outros elementos que compõem o quadro investigativo que define, em função de suas características, o uso do método apropriado” (TORALES, 2008, p. 79). Independente da abordagem (Quantitativa e/ou Qualitativa) o método deve obdecer a este critério.

Nesta pesquisa, o método qualitativo significou a melhor opção metodológica considerando as características do objeto de estudo. Destaca-se que nosso interesse era compreender os significados da paisagem como forma de interpretar a relação das famílias migrantes no e com o lugar (de origem e de destino) desde uma perspectiva geracional. As histórias de vida familiar, neste caso, foram o eixo central deste estudo, na busca de revelar como estes processos se deram temporalmente, permitindo uma análise longitudinal contextualizada a partir dos contextos sócio-históricos.

A pesquisa qualitativa⁸ se revela como a possibilidade de compreensão em profundidade dos significados e, a partir desses, a busca pela interpretação dos fenômenos

⁸ De acordo com Gómez et al. (1996, p. 24) a pesquisa qualitativa nasceu dos estudos etnográficos (antropologia e sociologia) a partir dos séculos XV e XVI, em especial, àqueles relacionados aos interesses dos ocidentais nas origens da cultura e da civilização dos povos “primitivos”. Contudo, Erickson (1973, p. 2) destaca que seu início já teria ocorrido entre os gregos, no interesse pela variedade de costumes do comportamento

sociais que envolvem os grupos humanos. Para Denzin e Lincoln (2006), é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo transformando-o em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e lembretes. Nesse nível, envolve uma abordagem naturalista e interpretativa, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

Na pesquisa qualitativa a fonte direta dos dados é o ambiente natural, constituindo o investigador como instrumento principal. É descritiva e indutiva na qual o significado é de importância vital. Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos (BOGDAN e TAYLOR, 1975; BOGDAN e BIKLEN, 1994). É uma busca exaustiva pela compreensão em profundidade das redes de significação compartilhadas no grupo social e de como estes se relacionam com o mundo e desenvolvem suas próprias definições.

A quantificação, neste caso, não é o enfoque, pois não se busca uma objetivação da realidade social. De outra forma, a “ênfase está sobre as qualidades das entidades e sobre os processos e os significados, que não são examinados ou medidos experimentalmente (se é que são medidos de alguma forma) em termos de quantidade, volume, intensidade ou frequência” (DENZIN e LINCOLN, 2006, p. 23).

Vale lembrar que os estudos de Callejas (2008), destacam que os acontecimentos e as ações humanas tem um significado que supera o nível do meramente quantificável, devido a que se guiam por valores e propósitos, além de estar orientados a uma ou várias finalidades. Por outro lado, escondem uma estrutura profunda de sentimentos, paixões, esperanças e projetos que dificilmente podem ser objeto de uma expressão paramétrica.

No presente estudo, para além de conceber o método como uma etapa formativa importante ao pesquisador, a abordagem qualitativa se justificou pelos pressupostos apresentados. Assim, a ênfase deu-se em revelar contextos da vida familiar que pudessem

humano, a partir dos trabalhos do historiador grego Heródoto (485-420 a.C.). Atualmente, diversos campos científicos têm usado esta abordagem em suas mais variadas correntes teóricas.

contribuir para a interpretação dos significados, os quais são construídos na intersecção da subjetividade individual e do grupo social.

1.3 A definição da amostra: as famílias das histórias

A definição de uma amostra é dependente dos interesses da investigação, em especial, do objeto de estudo e dos interesses teóricos os quais determinam as estratégias de amostragem.

Nesta investigação os critérios de validade e de definição da amostra obedeceram aos pressupostos da pesquisa qualitativa, bem como, relativos a restrição do tempo e de dinheiro. Assim, por se tratar de um estudo de abordagem biográfica, se constituiu em uma amostragem intencional e casuística, na qual os informantes foram selecionados de acordo com um certo número de critérios estabelecidos pelo investigador (BURGESS, 1997). Estes priorizaram, mais do que conhecer as trajetórias individuais, localizá-las em um coletivo (grupo familiar) a fim de descrever e interpretar em profundidade como a família significa a paisagem e a sua relação com o lugar de origem e de destino.

Para a reconstrução da História de Vida familiar foram selecionados sujeitos de três famílias (Ferreira, Brambila e Müller) em três gerações (Avós, Pais e Filhos), sendo no mínimo um informante por geração (Tabela 1), considerando que as famílias fossem da mesma localidade de origem; que as gerações pudessem descrever as vivências no lugar de origem e de destino e que todos os membros da família tivessem passado pelo processo de migração.

Além dos critérios definidores da amostra, destacou-se o fato destas famílias serem participantes do projeto de intervenção no qual o pesquisador fazia parte. Este momento foi fundamental para definição e aproximação deste com as famílias participantes.

Tabela 1. Amostra com o número de sujeitos por geração em cada família.

Família	1ª geração	2ª geração	3ª geração
Ferreira	2	2	1
Brambila	1	2	1
Müller	2	1	1
Total	5	5	3

1.4 As técnicas utilizadas: Entrevistas Individuais e Coletivas

Após definir os contextos e a amostra, definiu-se a *entrevista em profundidade* (BOGDAN e TAYLOR, 1975; GASKELL, 2004) como técnica de coleta dos dados. Realizaram-se entrevistas individuais (GASKELL, 2004; GHIGLIONE e MATALON, 2005) e grupais (GASKELL, 2004) nas três gerações, complementadas por observação-participante (diário de campo) (BURGUES, 1997) nos momentos de convívio familiar e participação da família no projeto de intervenção.

A complementariedade propiciada pela interação entre as diferentes técnicas, permitiu uma ampla identificação dos acontecimentos e contextos nas trajetórias individuais e geracionais vivenciadas no grupo familiar. A seguir são apresentados detalhes das técnicas utilizadas e os contextos em que foram desenvolvidas.

1.4.1 Entrevistas Individuais

A entrevista é uma das principais técnicas utilizadas em pesquisa qualitativa. Dependendo do referencial teórico apresenta diversas definições e tipologias. Não há, portanto, “uma teoria dos inquéritos, mas sim um conjunto de questões teóricas, epistemológicas e metodológicas muito diversas” (GHIGLIONE e MATALON, 2005, p. 1).

De maneira geral, em pesquisa qualitativa, é a técnica que permite que os discursos individuais e/ou coletivos possam ser extraídos a fim de aprofundar suas interpretações sobre um determinado tema, objetivando “desenvolver um corpo idiográfico de conhecimento na forma de trabalhar hipóteses que descrevam um caso individual” (LINCOLN e GUBA, 1985, p. 38).

É uma conversação entre duas pessoas, um entrevistador e um informante, dirigida e registrada com o propósito de favorecer a produção de um discurso conversacional, contínuo e com uma certa linha argumental – não fragmentado, segmentado, pré-codificado e fechado por um questionário prévio – do entrevistado sobre um tema definido no marco de uma investigação (ALONSO, 1995).

Partilhamos a perspectiva de Gaskell (2004, p. 73), para qual a entrevista é “um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo em que as palavras são o meio principal de troca” entre entrevistado e entrevistador. Ou seja, é a partir dela que o pesquisador é capaz de criar esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos

atores em termos mais conceituais e abstratos, muitas vezes em relação a outras observações.

Nos estudos de abordagem biográfica, no qual o enfoque é a reconstrução de ações passadas, a entrevista em profundidade (BOGDAN e TAYLOR, 1975; GASKELL, 2004; CHASE, 2000) é a principal técnica. Sua singularidade reside no fato de permitir aprofundar informações (do informante) contida na sua biografia, entendidas aqui como “o conjunto de representações associadas aos acontecimentos vividos pelo(s) entrevistado(s)” (ALONSO, 1995, p. 226).

Nesse caso, as perguntas adequadas são aquelas que se referem aos comportamentos passados, presentes ou futuros, ou seja, “a ordem do realizado ou realizável, não somente o que o informante pensa sobre o assunto que investigamos, mas sim como atua ou atuou em relação ao referido assunto” (ALONSO, 1995, p. 227).

Para seu sucesso, é necessário a existência de um guia (tópicos) que norteie a entrevista a fim de explorar os acontecimentos narrados e que se relacionem com a temática. A sua presença é condição *sine qua non* do inquérito por histórias de vida acumuladas (POIRIER et al., 1995), como no caso deste estudo geracional. Por outro lado, não deve ser considerado fechado ao ponto de não permitir ao investigador usar “sua imaginação social científica para perceber quando temas considerados importantes e que não poderiam estar presentes em um planejamento ou expectativa anterior, aparecem na discussão” (GASKELL, 2004, p. 67).

Nesta pesquisa foram realizadas 13 entrevistas em profundidade (individuais), com no mínimo uma entrevista por geração, entre os períodos de Março de 2008 a Janeiro de 2009. Todas as entrevistas foram gravadas com o consentimento dos informantes (ANEXO 1), e duraram aproximadamente de 60 a 80min. Com o intuito de realizar as entrevistas de forma a descrever a trajetória individual no grupo familiar, atendendo aos objetivos do estudo, foi utilizado um guia de entrevista temporalizado (Tabela 2) (lugar de origem, migração e lugar de destino) e tematizado (comunidade, ambiente e paisagem).

As entrevistas foram marcadas conforme a disponibilidade e ocorreram nas casas das famílias participantes do estudo, pela possibilidade de poder utilizar fotografias e objetos que ajudassem a acessar a memória nas narrativas. Sua dinâmica basicamente consistiu em,

a partir do guia da entrevista, solicitar aos sujeitos que narrassem acontecimentos de sua vida, articulando com a família, desde sua infância até o momento presente. Devido ao objetivo do estudo ser, além de compor as histórias das famílias, descrever e interpretar os significados da paisagem e a relação com os lugares, este eixo (paisagem) do guia sempre iniciava as entrevistas (Tabela 2).

Não se estabeleceu nenhum critério em relação à ordem das gerações para a realização das entrevistas individuais, mas optou-se por concluí-las primeiro com todas as gerações antes de realizar as entrevistas coletivas (grupo familiar).

Estabeleceu-se, tanto nas entrevistas individuais como coletivas, o critério de saturação para término na recolha dos dados, considerando que este é atingido quando o pesquisador presume não obter mais informações que qualificam os dados existentes, ou seja, quando nada de novo está sendo adicionado aos dados (GASKEL, 2004; BOWEN, 2008).

1.4.2 Entrevistas Grupais

Entrevistas coletivas (grupo focal) são conversações coletivas sobre um determinado tema. Configura-se quando um pequeno grupo de participantes juntam-se para discutir um tópico particular guiado por um moderador, de preferência mostrando um papel neutro (KAMBERELIS e DIMITRIADIS, 2000; WIBECK e DAHLGREN, 2007), permitindo o pesquisador compreender um tópico particular na perspectiva dos participantes do grupo.

Caracteriza-se como um momento de participação de mais de um informante, na tentativa de contrastar as informações que constituem os dados, sendo um debate “aberto e acessível a todos: os assuntos em questão são de interesse comum; as diferenças de status entre os participantes não são levadas em consideração” (GASKEL, 2004, p. 79) o que permite contrastar as subjetividades dos indivíduos, as quais estão condicionadas ao contexto social e histórico.

Nesse sentido, tem um valor particular por permitir aos pesquisadores estudar como as pessoas envolvem-se para construir um juízo coletivo, por exemplo, como suas visões são construídas, expressadas, defendidas e, (ao mesmo tempo) modificados no contexto de discussão e debate (WIBECK e DAHLGREN, 2007).

Na presente pesquisa, as entrevistas coletivas assumiram um papel fundamental na complementação das narrativas individuais, considerando que estas “são sempre

representações de caráter coletivo, não individual” (ALONSO, 1995, p. 227). Elas permitiram aos sujeitos complementar, aprofundar e debater momentos específicos vivenciados em família, enriquecendo as narrativas para formação da história de vida familiar e na possibilidade de interpretação profunda de seus significados da paisagem e a relação com os lugares (de origem e de destino).

Assim, após a realização das entrevistas individuais, foram realizadas 6 entrevistas coletivas (2 por família) entre o período de agosto de 2008 a janeiro de 2009. Todas as entrevistas foram gravadas com o consentimentos dos informantes e duraram aproximadamente de 60 a 80 minutos. Utilizou-se o mesmo guia das entrevistas individuais da Tabela 2, excluindo-se apenas o bloco introdutório. Foram realizadas com a presença de no mínimo indivíduos de duas gerações, com um ou mais informantes de cada uma delas. Sua dinâmica consistiu basicamente em retomar acontecimentos narrados individualmente e de relação direta com a família contrastando descrições, sentimentos e opiniões acerca do determinado tema.

Tabela 2. Guia das entrevistas individuais e coletivas.

Bloco	Objetivos	Perguntas
Introdutório	Apresentar o pesquisador; Apresentar a pesquisa destacando sua importância social e científica; Obter o termo de consentimento pós-informado; Introduzir a temática; Obter dados de descrição do perfil dos entrevistados; Organizar e combinar os encontros.	*
Lugar de Origem e Destino	Comunidade Identificar os grupos de convívio na comunidade; Obter narrativas das vivências familiares nos diferentes grupos; Identificar sentimentos associados às vivências familiares nos diferentes grupos; Distinguir entre sentimentos positivos e negativos, inibidores ou estimuladores; Identificar razões e dimensões que estão na origem dos sentimentos identificados; Descrever as formas de organização social; Identificar conexões entre os diferentes grupos de convívio nas formas de relação social;	Exemplos: Você poderia me contar sobre a sua vida e de sua família na comunidade? Como era? Quando você lembra quais sentimentos estão associados? Você poderia me descrever como a comunidade se organiza? Em que momentos isto acontecia? Quais os sentimentos associados? Como eram articuladas estas questões dentro da família? E da comunidade?
	Ambiente Obter narrativas sobre descrição do ambiente; Identificar os sentimentos associados ao ambiente; Distinguir entre sentimentos positivos e negativos, inibidores ou estimuladores; Identificar e descrever tempos e espaços sociais na relação com o ambiente; Descrever as formas de organização social em relação às questões ambientais.	Exemplos: Você poderia me descrever como era o ambiente? Quando você lembra quais sentimentos estão associados? Você poderia me contar sobre momentos seus e de sua família no ambiente? Quais os sentimentos associados? Como a família e a comunidade articulavam as questões ambientais? Em que momentos isto acontecia?
	Paisagem Descrever e interpretar os significados da paisagem (de origem e de destino) por famílias migrantes, em três gerações, identificando os elementos que constituíram e influenciam as relações entre os seus pares e o lugar.	Exemplos: Você poderia me contar sobre a paisagem de origem/destino? Quais sentimentos estão associados? Como vocês descreve a paisagem de origem/destino? Quais sentimentos estão associados? Você poderia me contar sobre acontecimento(s) seu(s) e/ou familiar na paisagem de origem/destino? Quais sentimentos estão associados? Qual paisagem você prefere? Porque?
Migração	Identificar os grupos de convívio; Obter narrativas das vivências familiares nos diferentes grupos; Identificar sentimentos associados às vivências familiares; Descrever as formas de organização social; Identificar conexões entre os diferentes grupos de convívio; Descrever relações entre esta etapa das trajetórias e as questões socioambientais.	Exemplos: Você poderia me contar como foi o processo migratório de sua família? Quando você lembra quais sentimentos estão associados? Como a família e a comunidade se articulavam para esta questão? As questões ambientais estavam presentes nesta etapa? Como elas era articuladas?

1.5 Das narrativas individuais e coletivas à (re)construção das Histórias de Vida Familiar

Após a definição do método, da amostra, das técnicas, recolha e transcrição dos dados tratou-se em organizar e analisar todo o material empírico. Procurou-se tratar os dados de forma a transformar as narrativas individuais e coletivas em um *corpus* (GASKELL, 2004; MORAES, 2005) que representasse a história de vida familiar temporalizada e tematizada a partir do processo de migração do lugar de origem ao de destino, juntamente com a construção de um genograma temporalizado. Por fim, descreveu-se e interpretou-se os significados da paisagem e a relação com os lugares.

1.5.1 História de Vida Familiar e Genograma

Os estudos usando métodos de pesquisa qualitativa com famílias tem sido utilizados pelos pesquisadores das Ciências Sociais (BERTAUX, 1994; GONZÁLEZ, 1995; BERTAUX e DELCROIX, 2000; CUÉLLAR; 2004; BERTAUX e BERTAUX-WIAME, 2006; PLUMMER, 2007). Suas abordagens envolvem, principalmente, aspectos geracionais relacionados à mobilidade social, religião, gênero e educação, entre outros. Em relação ao campo da Educação Ambiental, destacamos o estudo realizado por Garcia (2007), sobre transmissão geracional e processos de resiliência em famílias de pescadores de Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.

Na presente investigação a família tem um papel central pois constitui a unidade de observação e análise para interpretar os significados da paisagem e a relação com os lugares. A escolha se justifica pelo seu caráter socializador, concretizado através dos processos educativos inerentes às relações no grupo familiar.

Na perspectiva de Bruschini (1989, p. 13), a família caracteriza-se por ser “uma unidade de relações sociais, no interior dos quais hábitos, valores e padrões de comportamento são transmitidos aos seus novos membros configurando-se assim, unidades de reprodução ideológica”. Para Bertaux e Thompson (1993), a família como grupo social se configura como principal canal de transmissão de linguas, religião, valores sociais e aspirações, medos, visões de mundo, caminhos de comportamento, modelos de parentesco, etc.

Segundo Szymanski (2000, p. 16), o seu caráter educativo “se justifica na finalidade de transmissão de saberes, hábitos e conhecimentos, em procedimentos que garantam a sua aquisição e fixação e na constante avaliação dos membros receptores quanto ao seu

grau de assimilação do que lhes foi transmitido”. Dito de outro modo, a família é um espaço de interlocução e trocas subjetivas que ao longo de tempo se complexifica, oferecendo oportunidade de desenvolvimento para todos os envolvidos, sejam adultos ou crianças.

Os processos de transmissão ou resignificação de significados exige estes processos educacionais e representam o processo de transmissão cultural tendo como resultado da atividade social transmitida de geração em geração. Trata-se da transmissão de “uma herança cultural que possibilita a inserção da criança no mundo” (SZYMANSKI, 2000, p. 19), bem como de todos os membros da família. Desta forma, configura-se como uma unidade na qual os indivíduos se re-socializam a cada momento, “revendo e rediscutindo seus valores e seus comportamentos da dinâmica cotidiana em função das necessidades do grupo, que se renova a cada etapa da vida familiar” (BRUSCHINI, 1989, p. 13). Contudo, Bertaux e Thompson (1993) reconhecem que a transmissão na família entre gerações é um processo intrinsecamente complexo devido à existência de outros canais, carecendo assim talvez de um monopólio.

A utilização da história de vida familiar tem sido considerada como uma possibilidade ao uso do método biográfico, se mostrando como uma extensão natural das histórias de vida (GONZÁLES, 1995; BERTAUX e DELACROIX, 2000). Segundo, Marre (1991, p. 89), “muito mais que uma, entre outras, técnica de acesso a informações ou dados, a história de vida é parte essencial de um método biográfico cujo objetivo é a partir da totalidade sintética que é o discurso específico de um indivíduo – reconstruir uma experiência humana vivida em grupo e de tendência universal”. Constitui-se como “um *locus* privilegiado do encontro entre a vida íntima do indivíduo e sua inscrição numa história social e cultural” (CARVALHO, 2003, p. 284).

De forma geral, a abordagem biográfica possibilita o acesso e reconstrução da vida de sujeitos e/ou grupos a partir das experiências vividas em determinados tempos e espaços sociais, onde os sujeitos narram e reinventam seus percursos em determinados contextos sócio-históricos “instaurando sempre um campo de renegociação e reinvenção identitária” (CARVALHO, 2003, p. 284)

Na visão de Bertaux (1994), as histórias de vida e histórias de família são ricas fontes de informação de feitos e de significados transmitidos a ela através do específico prisma moral de seus grupos. O que se busca é que se tornem visíveis alguns dos processos chave

que contribuem para formar a sua história, não sendo estes processos necessariamente sociológicos, podendo ser (e muito freqüentemente são) psicológicos. Neste sentido, Rosemblat e Fischer (1993, p. 172) afirmam que os métodos qualitativos em estudos de famílias são os “mais usados quando alguém quer perguntar sobre questões teóricas que envolvam significados, compreensões, percepções e outras subjetividades dentro das famílias”.

Para Bertaux e Delacroix (2000), as histórias de família trazem materiais que não se preocupam somente com a vida da família, e, por conseguinte, não somente com a sociologia da família, mas também, por exemplo, como as relações de gênero têm mudado historicamente; como a infância varia dentro de um mesmo tempo histórico, de uma geração para outra; como migrantes se relacionam com um novo lugar, entre outros.

Partilhamos a perspectiva de González (1995, p. 135), na qual a história de família “é antes de tudo, narrações que nos documentam a não linearidade dos cursos de vida”. Nessa visão, cada família ou indivíduo não é só um átomo mais afastado da sociedade, mas componente de um tecido social complexo de macroestruturas, ou seja, um fragmento que reproduz a totalidade. Em relação a isso, Bertaux e Delacroix (2000), destacam que uma das propriedades da história de família é sua função como um pequeno espelho da cultura geral, dos padrões sociais de mudança, da dinâmica societal e das idéias, na busca de entender estes padrões e suas dinâmicas de reprodução e transformação histórica.

Rosemblat e Fischer (1993) apontam que na pesquisa qualitativa com famílias exigem-se informações detalhadas em profundidade sobre a interação familiar e sobre as percepções, compreensões/entendimentos e memória dos membros da família. As pessoas que estão sendo estudadas falam em palavras ou através de símbolos sobre as experiências e dinâmicas da família. Neste caso, “requer necessariamente informações sobre várias gerações – pelo menos três – e a obtenção de registro de múltiplas fontes: orais, escritas, iconografias, documentais, etc, o mais detalhado possível sobre as pessoas ou pares de cada geração” (GONZALEZ, 1995, p. 136).

Na prática investigativa, realiza-se mediante a recompilação de múltiplos testemunhos de uma mesma família sobre sua vida passada ou presente, enfocando suas regras, valores, hábitos, condutas, estratégias, fracassos, conflitos e transmissões através do tempo e de uma geração a outra. Ou ainda, como afirma Bertaux e Delacroix (2000, p. 71),

“é feito a partir de relatos de pessoas ao longo de várias gerações de uma mesma família na qual estes são perguntados pelos pesquisadores sobre suas próprias vidas e experiências, mas também sobre outros membros da família, bem como, comentar sobre suas relações com estes outros membros”.

Na visão de Cuéllar (2004), trabalhar com histórias de família significa localizar as eventualidades e buscar suas conexões nos sujeitos, ações e tempos. É nela que se descrevem trajetórias individuais e grupais constituindo o núcleo sociológico de todo estudo de caso. Assim, a história de família é aberta e flexível e se potencializa quando os eventos narrados têm uma dimensão temporal continua que relaciona o tempo individual, familiar e histórico.

Quando existem dados de mais de um membro da família é um desafio e uma oportunidade para aprender sobre a riqueza e a complexidade da vida familiar pelo uso de diferentes realidades e informações de seus membros (ROSEMBLAT e FISCHER, 1993). Não existe uma fórmula simples para fazer isso. Diferentes caminhos refletem a importância do processo. A validade envolve um exame cuidadoso da consistência dos dados dentro e através das famílias.

Para Bertaux (1994), a história de vida familiar, por sua natureza flexível e aberta, está potencialmente pronta para registrar uma variedade ampla de fenômenos, o que muda o tema da representatividade a da generalização. A riqueza consiste em revelar dimensões e contextos da vida familiar na tentativa de aprofundar suas conexões e interpretações, por isto na pesquisa com famílias é importante não perder de vista a complexidade das relações que este grupo social encerra. Sendo assim, qualquer que seja a configuração do mesmo, deve-se levar em conta a maior quantidade de detalhes que possa abarcar.

Uma técnica importante e complementar ao estudo de famílias é o genograma, pois permite ter uma visão geral da estrutura familiar e de acontecimentos da família em um determinado tempo sócio-histórico. Conforme González (1995, p. 147), seu objetivo é precisamente ter uma visão esquemática, mais holística, das relações de parentes e “processos das trajetórias que queremos observar no tempo biográfico (as vidas) no tempo histórico”.

Assim, dados como anos de nascimento, trajetória conjugal (casamentos e separações), educativa, ocupacional, espacial, entre outras, são importantes para a organização e leitura das histórias de vida familiar. Todas estas informações registradas e organizadas de forma gráfica nos permitem observar de forma global o conjunto de relações e propriedades de nosso objeto de estudo.

Por fim, neste estudo procuramos descrever e analisar um conjunto de trajetórias individuais inseridas em um coletivo (família) em diferentes tempos e espaços sociais a fim de interpretar significados. Para, além disso, pretendíamos explorar através da história familiar (geracional) ir além do mero registro dos itinerários de vida, mas também dos “significados que os membros de uma família dão as suas retrospectivas, das suas próprias histórias de vida e de seus parentes” (BERTAUX, 1995, p. 345).

Nesse contexto, a combinação entre o uso do genograma e das histórias de vida familiar (Figura 1) foi fundamental para o sucesso da organização e leitura dos dados nos proporcionando outros níveis de interpretação.

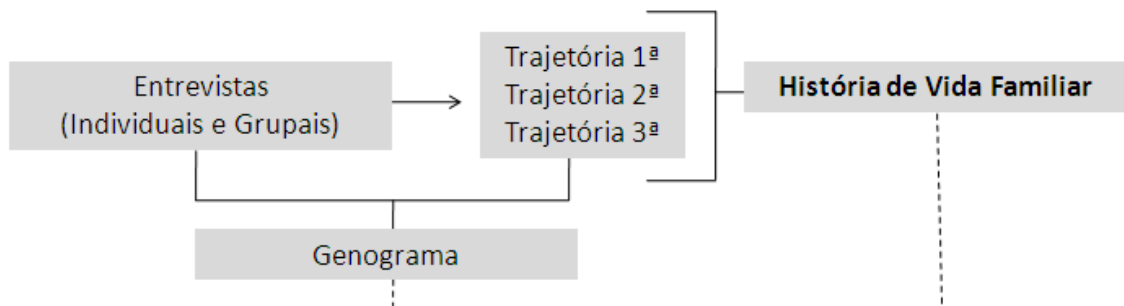


Figura 1. Esquema metodológico adotado na investigação. Após a realização das entrevistas (individuais e coletivas) procurou-se organizar as trajetórias individuais no contexto familiar concomitante ao genograma como etapa anterior a construção da história de vida familiar.

Trabalhar com histórias de família “é uma tarefa que tanto o investigador como os membros da família costumam apreciar, pois se coloca em jogo a totalidade (sempre seletiva e avaliativa) da riqueza das recordações familiares” (GONZÁLEZ, 1995, p. 137). Ao mesmo tempo é um grande desafio considerando as possibilidades de interpretações que se configuram.

Na visão de Bertaux (1995), é claramente perceptível que quando se trabalha com gerações ou histórias de famílias estas interações são sociologicamente muito significativas, destacando-se, cada vez mais, a necessidade de desenvolver métodos adequados para este fim; que permitam compreender as interações entre histórias individuais.

1.5.2 O processo de análise e interpretação dos dados

A recolha de dados constitui apenas a fase inicial do trabalho empírico. A concretização de uma pesquisa – produção de conhecimento científico – decorre da organização e tratamento desses dados, sendo a etapa mais atrativa e desafiadora no processo de investigação. Quando falamos de análise e interpretação de informações geradas no campo da pesquisa qualitativa, estamos falando de um momento em que o pesquisador procura finalizar o seu trabalho, ancorando-se em todo o material coletado e articulando esse material aos propósitos da pesquisa e à sua fundamentação teórica (MINAYO, 1993).

O tratamento da informação qualitativa é um processo muito mais ambíguo, moroso, reflexivo, que se concretiza numa lógica de crescimento e aperfeiçoamento. A formatação do dispositivo não é previa ao tratamento de dados. Pelo contrário, constrói-se e consolida-se à medida que os dados vão sendo organizados e trabalhados no processo analítico e interpretativo (AFONSO, 2005).

Esta etapa se caracteriza pela leitura repetida dos textos, fazendo com que o pesquisador se familiarize com a informação recolhida, permitindo-o dominar e organizar todo o material empírico a fim de consolidar a construção de um *corpus*. Neste momento, tem-se por objetivo reduzir os dados a fim de interpretá-los (MILES e HUBERMAN, 1994; WOLCOT, 1994), caracterizando-se como um verdadeiro ato heurístico.

Em essência, o que se realiza é um processo de codificação dos dados, organizando-os em categorias e sub-categorias (*a priori* e/ou emergentes) que apresentam núcleos de sentido que obedecem a critérios pré-estabelecidos. Estas categorias, segundo Gomez et al. (1996), podem ser muito diversas, tais como: espaciais, temporais, temáticas, sendo este último o mais amplo e valioso na análise de dados qualitativos.

Em relação a isso, Afonso (2005, p. 121) destaca que “o desenvolvimento de categorias de significação resulta da interação entre os eixos de análise que presidiram à

concepção e operacionalização do dispositivo de recolha dos dados, e as regularidades, padrões e tópicos, que emergem de leitura analítica dos textos”. O investigador vai, assim, construindo uma lista (ou grelha) de categorias internamente consistentes, mas distintas uma das outras.

Quando os dados são organizados e apresentados num registro interpretativo a tônica centra-se na construção do significado (WOLCOT, 1994; AFONSO, 2005), isto é, centra-se na produção de um texto argumentativo que atribui novos sentidos aos fatos, situações e discursos dos atores, numa lógica compreensiva global. Como afirma Jovchelovitch e Bauer (2004, p. 108) compreender uma história “é captar não apenas como o desenrolar dos acontecimentos é descrito, mas também a rede de relações e sentidos que dá à narrativa sua estrutura como um todo”.

Nesta investigação, a utilização de ferramenta computacional de análise de dados qualitativos - QSR International's Nvivo 2 software⁹ - foi fundamental na organização e categorização do material empírico. Segundo, Tavares dos Santos (2001) o NVivo produz um ambiente informacional no qual se pode criar, gerenciar e explorar idéias e categorias, minimizando as rotinas de trabalho e maximizando a flexibilidade da análise, para descobrir novas idéias e desenvolvê-las. Para, além disso, representou economia de tempo, bem como potencializou a análise dos dados.

1.5.3 (Re)construindo as Histórias de Vida Familiar

A reconstrução da história de vida familiar constituiu a primeira etapa de organização do material empírico. Neste momento, após as transcrições das entrevistas em profundidade e de leituras sucessivas, procurou-se descrever o percurso familiar identificando os contextos sócio-históricos, atores, situações e falas carregadas de significado que pudessem, antes de qualquer coisa, descrever as experiências vividas no grupo familiar até a chegada no lugar de destino.

⁹ O programa QSR NVivo faz parte da emergência do CAQDAS – Computer Assisted Qualitative Data Analysis Software – que, segundo Tavares dos Santos (2001), configurou um campo intelectual na investigação social, cujas possibilidades recém se vislumbram.

Esta etapa inicial exploratória, permitiu construir o perfil familiar e aprofundar as categorias estabelecidas *a priori*¹⁰, bem como, estabelecer novas categorias e subcategorias que tratassassem de temporalizar e tematizar a trajetória familiar (Tabela 3).

Tabela 3. Categorias utilizadas na composição das histórias.

Categoria I	Lugar de Origem
Subcategoria A	A comunidade: Os Grupos de Convívio
Subcategoria B	O Ambiente e as Questões Socioambientais
Categoria II	Migração
Subcategoria n	Emergentes
Categoria III	Lugar de Destino
Subcategoria A	O Assentamento: Os Grupos de Convívio
Subcategoria B	O Ambiente e as Questões Socioambientais

Concluída esta etapa, tratou-se de primeiro, organizar os enxertos de forma física, correspondentes às categorias (*a priori e emergentes*), priorizando as narrativas das gerações em ordem crescente; segundo, agrupando unidades do texto que permitissem descrevê-las e interpretá-los em seus contextos, estabelecendo conexões entre as partes na forma de constituir um relato único; e, por fim, complementando o material com informações sócio-históricas, imagens (fotos e mapas) e algum comentários e interpretações sociológicas.

1.5.4 Interpretando os significados da paisagem e a relação com o lugar

A busca por revelar os significados da paisagem e a relação com os lugares (de origem e de destino) a partir das narrativas individuais e ancoradas na história da família, constituiu a segunda etapa de análise dos dados. Esta tarefa se tornou um grande desafio, considerando a complexidade envolvida na análise dos contextos que envolvem os percursos individuais e coletivos e pela complexidade do campo teórico que envolve os estudos sobre paisagem e lugar.

¹⁰ Nesta pesquisa, as categorias estabelecidas *a priori* para construção da história de vida familiar, foram embasadas em estudos sobre apego ao lugar por comunidades migrantes, por exemplo: Brehm et al. (2004), Burholt e Naylor (2005) e Brehm (2007).

Da mesma forma que na primeira etapa de análise – história de vida familiar – exigiu-se leituras sistemáticas em profundidade das narrativas individuais com um intenso cruzamento com o campo teórico. Procurou-se, para além de descrever os significados, interpretá-los nos contextos em que surgiam, procurando destacar as dimensões psicológicas e os contextos sócio-históricos da trajetória vital dos indivíduos.

Para a análise dos significados da paisagem e a relação com os lugares, não se estabeleceram categorias *a priori*, construindo-as, neste caso, de forma indutiva. Primeiramente, estabeleceram-se categorias emergentes gerais e a análise foi realizada sem levar em consideração as diferentes gerações. Posteriormente, procurou-se interpretar os dados de forma comparativa entre as gerações, tentando evidenciar nuances em relação aos significados relativizadas a partir da trajetória familiar.

1.6 Considerações Finais

Neste trabalho, procurou-se descrever o percurso da construção de um método capaz de interpretar os significados da paisagem e a relação de migrantes com os lugares (de origem e de destino) ancoradas nas histórias de vida familiar. Considerou-se que as trajetórias individuais do grupo social estudado tomam lugar, em especial, no contexto das relações que se estabelecem na família e na comunidade, sendo estes espaços sociais determinantes na constituição dos sujeitos e seus significados.

A estratégia de pesquisa centrada nas narrativas dos indivíduos, dentro das gerações de uma mesma família, gerou múltiplas perspectivas para compreender as relações sociais dentro do grupo familiar e social. Cada entrevista representou uma única leitura de uma experiência comum familiar, que tomadas juntas permitiram a construção de uma visão holística da história da família.

Além de reconhecermos a necessidade de desenvolvimento do método – História de Vida Familiar - no campo da pesquisa em Educação Ambiental, destacamos sua particularidade por permitir outros níveis de interpretação, fundamentais ao desenvolvimento de estratégias de intervenção no campo educativo ambiental em que famílias são o foco central.

Referências Bibliográficas

AFONSO, N. **Investigação Naturalista em Educação: Um Guia prático e crítico**. Coleção em Foco. Porto: Editora ASA, 2004. 223p.

ALONSO, L. E. Sujeto y Discurso: El lugar de la entrevista abierta en las prácticas de la sociología cualitativa. In: Delgado, J. M.. & Gutiérrez, J.. Orgs. **Métodos y Técnicas Cualitativas de Investigación en Ciencias Sociales**. Madrid: Editorial Síntesis, 1995. p. 225-240.

BAUER, M. W; GASKELL, G. e ALLUM, N. C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: Evitando confusões. In: **Pesquisa qualitativa com imagem, texto e som**. Tradução: Pedrinho Guareschi Petrópolis: Editora Vozes, 2004. p. 17-36.

BERTAUX, D. & DELCROIX, C. Case Histories of Families and Social Processes: Enriching Sociology, In: Prue Chamberlayne, Joanna Bornat and Tom Wengraf. (eds). **The Turn to Biographical Methods in Social Science, Comparative Issues and London: Examples**. Routledge, 2000. p. 71-89.

BERTAUX, D. & THOMPSON, P. Introduction. In: Bertaux, D. & Thompson, Paul (Eds.), **Between Generations: Family Models, Myths and Memories**. Oxford: Oxford University Press, 1993. p. 1-12.

BERTAUX, D. and BERTAUX-WIAME, I. Heritage and its Lineage: A Case History of transmission and social mobility over five generations. In: Bertaux, D. and Thompson, P. Orgs. **Pathways to social class: a qualitative approach to social mobility**. Transaction Publishers, 2006. p. 62-97.

BERTAUX, D. Genealogías sociales comentadas y comparadas. Una propuesta metodológica. **Estudios sobre las Culturas Contemporaneas**, año/vol. VI, número 16-17, Universidad de Colima, México, p. 333-349. 1994.

BERTAUX, D. Los relatos de vida en el análisis social. **Historia y Fuente Oral**. nº. 1, Barcelona, p. 87-96. 1989.

BOGDAN R. C. & BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em Educação: uma introdução a teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994. 336p.

BOGDAN, R. e TAYLOR, S. **Introduction to qualitative research methods**. John Wiley & Sons, Inc., 1975. 266p.

BOWEN, G. A. Naturalistic inquiry and the saturation concept: a research note. **Qualitative Research**, Vol. 8(1). p. 137-152. 2008.

BREHM, J. M. Community Attachment: The Complexity and Consequence of the natural environment facet. **Human Ecology**, p. 477-488. 2007.

BREHM, J. M.; EISENHAUER, B. W. e KRANNICH, R. S.. Dimensions of Community attachment and their relationship to well-being in the amenity-rich rural West. **Rural Sociology** 69(3), pp. 405-429, 2004.

BRUSCHINI, C. Uma abordagem sociológica da família. **Revista Brasileira de Estudos de População**. V.6, nº. São Paulo, P.1-23. 1989.

BURGESS, R. G. **A pesquisa de terreno: Uma introdução**. Editora Celta. 1997. 262p.

BURHOLT, V. e NAYLOR, D. The relationship between rural community type and attachment to place for older people living in North Wales, UK. **European Journal of Ageing**, p. 109-119, 2005.

CALLEJAS, G. V. Diseño metodológico de una investigación cualitativa: un estudio de caso. In: ORG. CARTEA, P. A. M. e TORALES, M. A.. **Investigación e Formación en Educación Ambiental – Novos escenarios e enfoques para un tempo de cambios**. Edita: CEIDA. Centro de Extensión Universitaria e Divulgacion Ambiental de Galicia, 2008. p.99-126.

CARIDE GÓMEZ, J. A. A educación ambiental como investigación educativa. **AmbientalMente sustentable: Revista científica Galego-Lusófona de Educación Ambiental**, año II, vol. I, n.3, p. 33-55. 2007.

CARVALHO, I. C. M. **A Invenção Ecológica. Narrativas e Trajetórias da Educação Ambiental no Brasil**. 2 ed. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2002. 229p.

CARVALHO, I. C. M. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. **Horizontes Antropológicos**. ano 9, nº 19. Porto Alegre, p. 283-302. 2003.

CARVALHO, I. C. M. e GRÜN, M.. Hermenêutica e Educação Ambiental: o educador como intérprete. Luiz Antônio Ferraro Júnior (Org.). In: **Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores**. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005. 358 p.

CHASE, S. E. Narrative Inquiry: Multiple Lenses, Approaches, Voices. In: **Handbook of Qualitative**. 3ed. Research. Edited by Norman K. Denzin, Yvonna S. Lincoln. SAGE Publications, 2000. p. 651-679.

CUÉLLAR, K. Y. C.. La historia de familia: una propuesta metodologica para el estudio de la pobreza en familias evangelicas de colima, México. **Estudios sobre las culturas contemporâneas**, diciembre, año/vol. X, número 020, Universidad de Colima, México, p. 225-240. 2004.

DEMO, P. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. Editora Atlas, 1981. 255p.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e Abordagens**. 2 edição. Porto Alegre: Editora Armed, 2006. 432p.

DENZIN, NK. e LINCOLN, YS. 2005. Introduction: The Discipline and Practice of Qualitative Research. In: **Handbook of Qualitative Research**. Edited by Denzin, NK. and Lincoln, YS. 2nd ed. 2005. p. 1-32.

ERICKSON, F.. What makes school ethnography “ethnographic”? **Council on Anthropology and Education Newsletter**, 4 (2). 1973.

FLICKINGER, H.-G. O Ambiente Epistemológico da Educação Ambiental. **Educação e Realidade**, v.1, n.1. Fev. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Educação, p. 197-207. 1976.

GARCIA, N. M.. **Educação nas famílias de pescadores artesanais: transmissão geracional e processos de Resiliência**. 2007. 87 f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental). Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. Fundação Universidade Federal do Rio Grande.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: **Pesquisa qualitativa com imagem, texto e som: um manual prático**. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Editora Vozes, 2004. p. 64-89.

GHIGLIONE, R. e MATALON, B. **O inquérito: Teoria e Prática**. Editora Celta, 2005. 336 p.

GÓMEZ, G. R., FLORES, J. G. e JIMÉNEZ, E. G.. **Metodología de la investigación cualitativa**. Ediciones Aljibe S. L. 1996. 378p.

GONZÁLEZ, J. A. Y todo queda entre familia. Objeto y Método para Historias de familias. **Estudios sobre las Culturas Contemporaneas**, Junio, año/vol. I, número 001. Universidad de Colima, México, p. 135-154. 1995.

GRÜN, M. **Em busca da dimensão ética da Educação Ambiental**. Campinas, SP: PAPIRUS, 20007. 175 p.

JOVCHELOVITCH, S. e BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Org. Jovchelovitch S, Bauer MW. , Gaskell G.. Petrópolis: Vozes; 2002. p.90-113.

KAMBERELIS, G. E DIMITRIADIS, G. Focus Groups: Strategic Articulations of Pedagogy, Politics, and Inquiry. In: **Handbook of Qualitative Research**. Edited by Norman K. Denzin, Yvonna S. Lincoln. 3rd ed. SAGE Publications, 2000. P. 651-679.

LINCOLN, Y. S. e GUBA, E. G. **Naturalistic Inquiry**. SAGE Publications, 1985. 416p.

LISBOA, C. P. **(Re)contando Histórias: o ambiente tematizado a partir dos itinerários de vida**. 2007. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MARRE, J. L. História de vida e método Biográfico. **Cadernos de Sociologia**. Porto Alegre, v.3, n.3, P. 89-141. 1991.

MILES, M. B. E HUBERMAN, A. M. **An Expanded Sourcebook Qualitative Data Analysis**. Second Edition. SAGE Publications, 1994. 338 p.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Orgs. Minayo, M. C. S., Deslandes, S. F. & Gomes, R.. Editora Vozes, 1993.p.9-29.

MORAES, R. Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. In: GALIAZZI, Maria do Carmo; FREITAS, José Vicente de (orgs.). **Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental**. Ijuí: Unijuí, 2005.

NVivo qualitative data analysis software; QSR International Pty Ltd. Version 2, 2002.

PLUMMER, K. **Documents of life 2: an invitation to a critical humanism**. SAGE Publications, 2007. 306p.

QUIVY, R. E CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de investigação em ciências sociais**. Editora Gradiva, 1995. 282p.

ROSEMBLAT, P. C. & FISCHER, L. R. Qualitative Family Research. In: **Sourcebook of Family Theories and Methods: A Contextual Approach**. 1993. pp. 167-181.

SUVÉ, L.. Para constuir un patrimonio de investigación en educación ambiental. **Tópicos en Educación Ambiental** 2 (5), p. 51-69, 2000.

SZYMANSKI, H. A família como um *locus* educacional: perspectivas para um trabalho psicoeducacional. **Rev. Bras. Est. Pedag.**, v.81, n.197, p.14-25. 2000.

TAVARES DOS SANTOS, J. V.. As possibilidades das metodologias informacionais nas práticas sociológicas: por um novo padrão de trabalho para os sociólogos do século XXI. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 3, n.5, p. 116-148, jan/jun, 2001.

TORALES, M. A.. **A práxis da educação ambiental como processo de decisão pedagógica: um estudo biográfico com professoras de Educação Infantil na Galiza (Espanha) e no Rio Grande do Sul (Brasil)**. 2006. 566 f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação). Faculdade de Ciências da Educação. Programa de Doutorado Interuniversitário em Educação Ambiental. Universidade de Santiago de Compostela.

TORALES, M. A.. Pesquisa qualitativa: o estudo biográfico como opção metodológica para compreender a práxis da Educação Ambiental. In.: Cartea, P. A. M. e Torales, M. A.. **Investigación e Formación en Educación Ambiental – Novos escenarios e enfoques para un tempo de cambios**. Edita: CEIDA. Centro de Extensión Universitaria e Divulgación Ambiental de Galicia, 2008. p.77-97,

WIBECK, V. e DAHLGREN, M. A.. Learning in focus groups: an analytical dimension for enhancing focus group research. **Qualitative Research**, vol.(7)2 249-267. 2007.

WOLCOTT, H. F. **Transforming Qualitative Data: description, analysis, and interpretation.**
SAGE publications, 1994. 433p.

CAPÍTULO 2

As Histórias de Vida: Famílias Ferreira, Brambila e Müller

Resumo

Este capítulo apresenta, a partir das narrativas individuais e coletivas em três gerações, a reconstrução das histórias de vida de três famílias migrantes da região norte (*bioma mata atlântica*) à região sul (*bioma pampa*) do estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Procura descrever e analisar, desde uma perspectiva sócio-histórica, as trajetórias familiares com base na experiência da migração. Para isso, buscou-se organizar os dados, a fim de produzir um *corpus* que permitisse compreender longitudinalmente as particularidades das experiências vividas pelo grupo familiar do lugar de origem ao de destino. Assume-se que esta opção metodológica é uma possibilidade de interpretação, desde uma perspectiva sócio-histórica, da relação dos sujeitos com o lugar, constituindo-se como base para a compreensão da construção dos significados da paisagem e da relação com os lugares.

Palavras-Chave: Trajetória Familiar – Migração – Lugar – Comunidade – Ambiente

2.1 As Histórias de Vida Familiar

O processo de reconstrução da História de Vida Familiar responde às subjetividades das narrativas biográficas individuais e coletivas, considerando que o percurso vivido pela família se dá em um contexto social maior que envolve inúmeras dimensões de experiências vitais. Em especial e de acordo com objetivos desta pesquisa, a experiência da migração se constitui o elemento balizador da reconstrução das histórias de vida dos sujeitos e suas famílias. Neste sentido, o pesquisador atua como reconstrutor dessa trajetória vivida, interpretada e narrada desde determinada ótica, destacando e reinterpretando as experiências selecionadas, tomadas aqui como marcantes na vida dos sujeitos e determinantes na construção de suas identidades.

Basicamente, o que se pretende, é compreender, partindo de uma perspectiva sócio-histórico-cultural, como os momentos vividos pelo grupo familiar se articulam e influenciam o processo de (re)construção dos significados atribuídos à temática de interesse (*paisagem*). Objetiva-se, assim, encontrar elementos análogos que possam sustentar a análise dos dados no que se refere à relação dos sujeitos investigados com o seu lugar de origem e destino.

É neste emaranhado de interpretações, muitas vezes anacrônicas, parciais, emotivas, entre o mundo vivido – do lugar de origem ao de destino – que os significados vão ganhando forma, modificando-se e reconfigurando-se a cada nova experiência familiar, sem desconsiderar as subjetividades implicadas neste processo.

Desse modo, para além de descrever e analisar as dimensões da vida familiar que constituíram este percurso procurou-se construir um *corpus* capaz de revelar relações que contribuam ao pensar e agir sobre as dimensões socioambientais do novo lugar (de destino) a partir da compreensão do processo de construção identitária do indivíduo na família e no grupo a que pertence.

2.2 A Organização das Histórias de Vida Familiar

O conjunto das Histórias de Vida Familiar apresentadas aqui se configura como uma possibilidade, entre outras, de organização dos dados a fim de compor um *corpus* para a análise. No presente estudo, a estrutura organizadora das histórias foi construída com base em outras pesquisas de abordagem biográfica do campo da sociologia (GONZÁLEZ, 1995;

BERTAUX & DELCROIX, 2000; PLUMMER, 2007) e da Educação Ambiental (CARVALHO, 2002; TORALES, 2006; LISBOA, 2007).

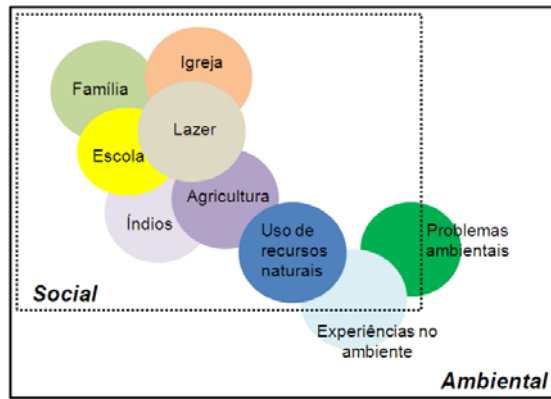
Nesse percurso, o estabelecimento de categorias *a priori* foi fundamental para a construção de um eixo norteador para a realização das entrevistas, bem como, para a organização do material empírico. Como dimensão temporal, estabeleceu-se a demarcação a partir da experiência da migração. *Lugar de Origem*, *Migração* e *Lugar de Destino* sustentaram o quadro temporal de composição das histórias (Tabela 4).

Com base nos objetivos da pesquisa e em estudos sobre apego ao lugar (BREHM et al., 2004; BURHOLT e NAYLOR, 2005; BREHM, 2007) foram estabelecidas duas sub-categorias temáticas para os eixos *Lugar de Origem* e *Destino*, sendo elas: *A comunidade e os Grupos de Convívio* e *O Ambiente e as Questões Sociambientais*. O eixo *Migração* foi apenas considerado como uma categoria temporal, em que se aglutinavam todos os acontecimentos deste momento.

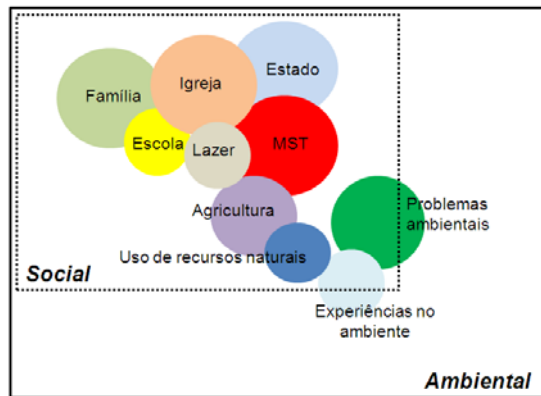
Tabela 4. Categorias utilizadas na composição das histórias.

Categoria I	Lugar de Origem
Subcategoria A	<i>A comunidade: Os Grupos de Convívio</i>
Subcategoria B	<i>O Ambiente e as Questões Socioambientais</i>
Categoria II	Migração
Categoria III	Lugar de Destino
Subcategoria A	<i>O Assentamento: Os Grupos de Convívio</i>
Subcategoria B	<i>O Ambiente e as Questões Sociambientais</i>

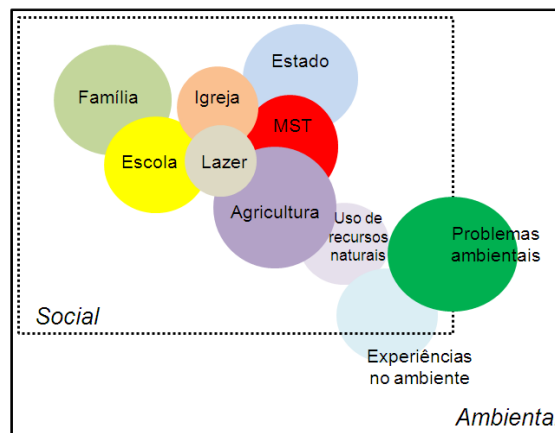
No intuito de sintetizar, a partir das narrativas individuais e coletivas, as dimensões selecionadas pelos sujeitos do lugar de origem ao de destino, foi elaborado um esquema relativo à composição das trajetórias familiares (Figura 2).



Origem



Migração



Destino

Figura 2. Dimensões destacadas nas narrativas geracionais do lugar de origem ao de destino.

As dimensões sobrepostas representam conexões significativas estabelecidas durante as narrativas; e o tamanho refere-se à intensidade (frequência e sentimentos associados) relacionada à determinada dimensão.

Este quadro (Figura 2) representa, prioritariamente, a complexidade e o reconhecimento de que a compreensão da relação das famílias com os lugares realiza-se pela visualização dos contextos socioambientais inerentes às histórias de vida do grupo

social. Neste sentido, destaca-se que a interpretação da construção do significado da paisagem resulta dessa leitura, longitudinal e totalizadora, que se configura como polissêmica.

Nesta abordagem, reconhecem-se as limitações interpretativas, impostas pelas complexas conexões entre as dimensões que compõem o percurso familiar, mas ratifica-se a possibilidade de uma nova forma de leitura e compreensão destes significados.

Com o objetivo de caracterizar e delimitar as subcategorias tematizadoras das histórias familiares, a seguir são apresentados suas definições:

A comunidade/O Assentamento: os Grupos de Convívio

A comunidade/O Assentamento representa o principal espaço social no qual acontecem as experiências da vida familiar em relação ao grupo comunitário. Sem a possibilidade de priorizarmos grupos de convívio e eventos, consideramos que todos compõem o quadro das experiências marcantes dos sujeitos no coletivo, em determinados tempos e espaços sociais. Tanto o lugar de origem (colônias) quanto o de destino (assentamento) apresentam essas dimensões.

Esta subcategoria descreve as formas de relação social e seus atores envolvidos, priorizando aquelas vivenciadas pela família na comunidade, procurando compreender como estas se articulam e tecem a trama da história da vida familiar.

O Ambiente e as Questões Sociambientais

A dimensão ambiental não está desvinculada das questões sociais que envolvem as comunidades. Contudo, como forma de arranjar os dados em uma estrutura facilitadora para a visualização das experiências do grupo familiar, foi estabelecida esta subcategoria.

Além de descrever o ambiente narrado pelos sujeitos, procura destacar momentos vivenciados em que a natureza não apenas compusesse um cenário, mas fosse tema central da relação entre os sujeitos, a família e o lugar. Elementos como, por exemplo, a agricultura, o uso de recursos naturais, problemas ambientais, entre outros, são privilegiados.

2.3 Genograma: Contextualizando as Histórias de Vida Familiar

Como forma de arranjar as informações da família em uma estrutura que possibilitasse uma visão geral de sua composição, relações e eventos sócio-históricos, a partir das narrativas e de dados bibliográficos, construiu-se um genograma vertical temporalizado (Tabela 5). Nele, foi possível, além de apresentar a estrutura genealógica, localizar acontecimentos individuais e familiares, como nascimentos, uniões, movimentos, etc, compondo assim o quadro dos diferentes tempos e espaços sociais das Histórias de Vida Familiar.

Dentre as particularidades que envolvem a origem destas famílias, no norte do estado do Rio Grande do Sul, está a participação de seus descendentes no processo de ocupação sistemática das áreas de mata, desde o século XIX. Sobre este período, Correa e Bublitz (2006, p. 108), destacam:

Esse processo se desencadearia em 1824, com os incentivos à imigração alemã e aos estabelecimento de colônias em áreas florestais da depressão central e da encosta da Serra, onde viviam grupos indígenas. A partir de 1875, um novo fluxo de imigrantes, notadamente de origem italiana, aceleraria a ocupação da região serrana da província, coberta pela mata de Araucária e habitada principalmente por coroados. O final do século XIX ainda seria marcado pelo início de ocupação das últimas áreas florestais da província, como a implantação das chamadas “colônias mistas”, fundadas por colonos egressos das chamadas “colônias antigas” e por imigrantes europeus. Trata-se de uma colonização marcada por uma diversidade étnica, resultado do recrutamento que se fazia no interior das colônias já existentes – com excedente demográfico em relação à sua organização socioeconômica e cultural – e no exterior, principalmente no leste europeu.

Conforme os autores, em princípios do século XX seria desencadeado o povoamento sistemático do Alto Uruguai e do Alto Jacuí, acompanhando os trilhos do trem e fazendo recuar os grupos indígenas remanescentes. Erechim (1908), Santa Rosa (1915) e Guarita (1917) surgiriam nesse processo e se tornariam “enormes clareiras de mata”, das quais seria impulsionado o povoamento “em todas as direções, estabelecendo a junção entre os núcleos iniciais”. Em 1924, cem anos após o início da colonização, todas as áreas de mata da província já estariam praticamente ocupadas pelos imigrantes e seus descendentes.

De forma particular, no caso das famílias Brambila, Ferreira e Müller, este processo tem como local de ocupação por suas famílias o território Caigangue de Nonoai, demarcado em 1856, como o aldeamento de Nonoai (CARINI, 2006), nas respectivas áreas da Reserva Indígena de Nonoai (municípios de Nonoai, Planalto e Rio dos Índios) e Reserva Indígena da Serrinha (municípios de Ronda Alta, Três Palmeiras, Engenho Velho e Constantina) (Figura 3 e 4).

A primeira, Reserva Indígena de Nonoai, foi criada e demarcada inicialmente em 1848, seguida por sucessivas redemarcações até a década de 2000, estando atualmente com 19.830 ha. A segunda, Reserva Indígena da Serrinha, é resultado da divisão da primeira área na década de 1910. Após diversas redemarcações até a década de 1990, atualmente possui 11.752 ha. Ao longo deste período, ambas as áreas tem sido objeto de conflito entre índios, camponeses e o estado (CARINI, 2006; ARESI, 2008) tornando-se fonte de migração de diversas famílias. A região é conhecida pela origem da formação do Movimento Sem Terra, a partir do conflito ocorrido em 1978.

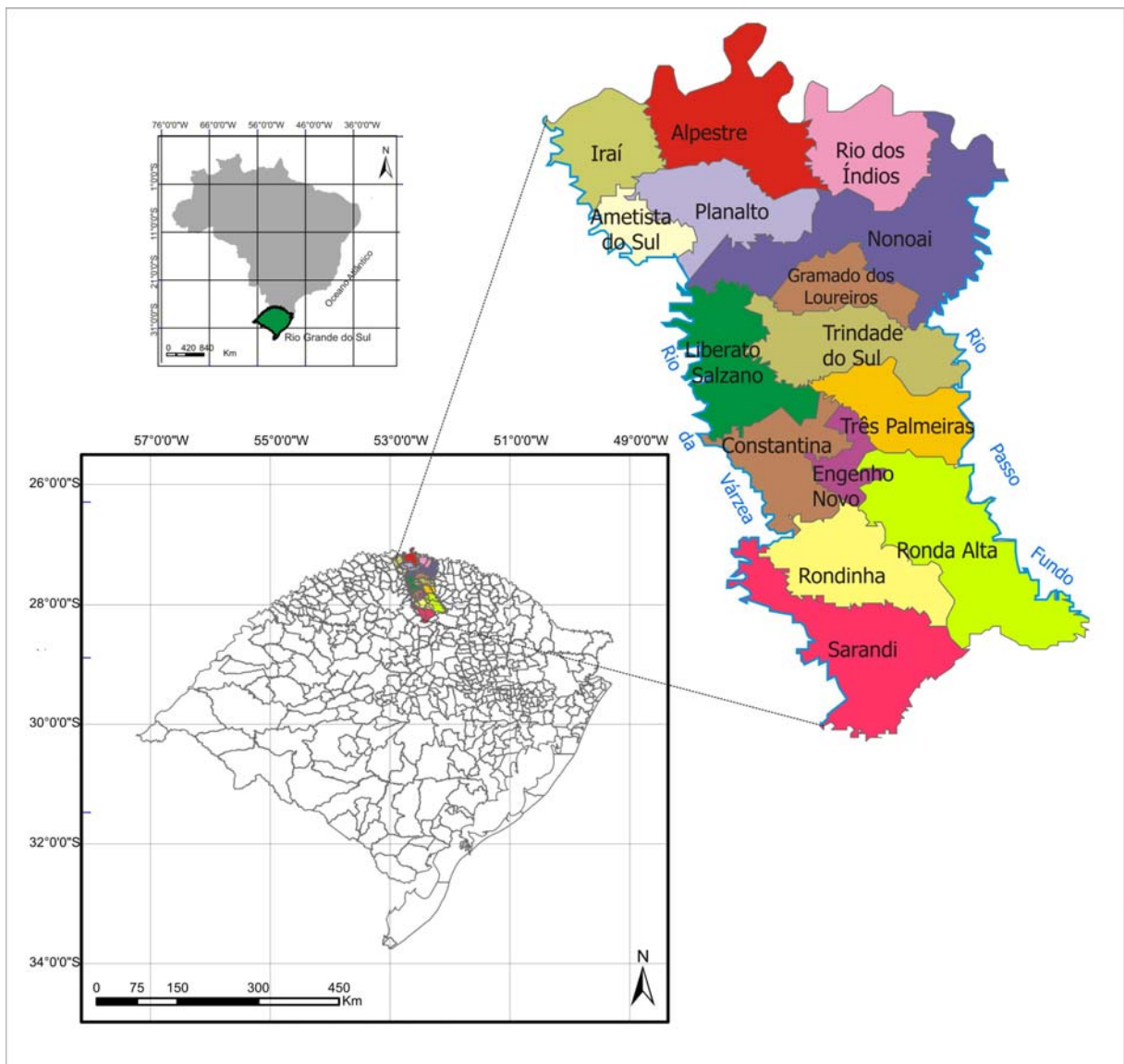


Figura 3. Atual divisão política-administrativa do território Caigangue de Nonoai. Adaptação realizada por Carini (2006) de um trabalho não publicado de autoria de um grupo indígena, remanescentes dos antigos ocupantes da Reserva Indígena da Serrinha, Ronda Alta/RS, 1996.

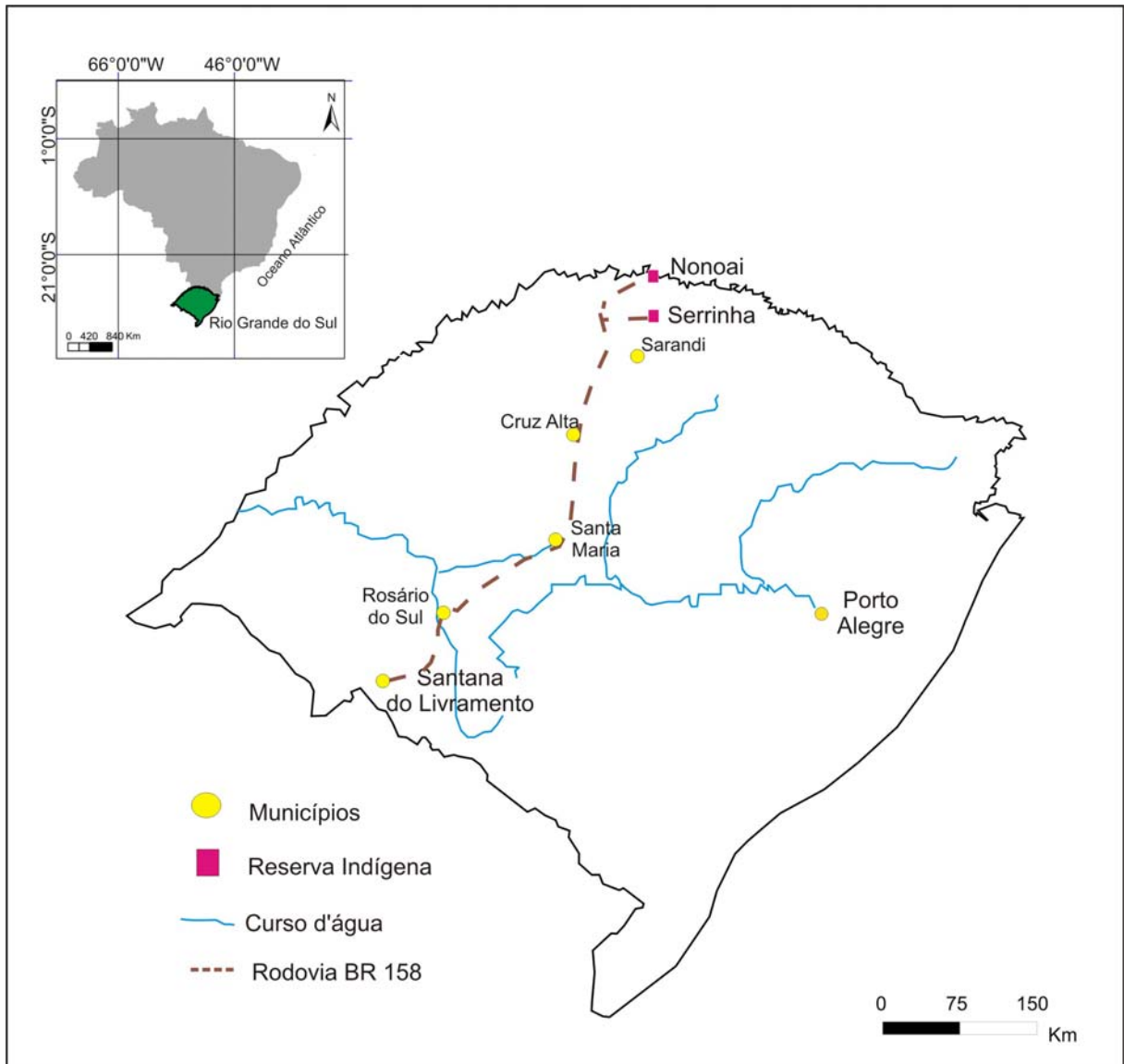


Figura 4. Trajeto migratório e localização das Reservas Índigenas de Nonoai e da Serrinha/RS.

Considerando as peculiaridades que envolvem o grupo social estudado e seus contextos, optou-se por descrever sucintamente o momento histórico (da década de 1970 a 1990) que correspondeu às experiências vividas do lugar de origem ao de destino. É neste período em que se assentam as trajetórias das famílias Brambila, Ferreira e Müller:

A partir dos anos 60, vários países latino-americanos engajaram-se na implantação da auto-intitulada *Revolução Verde*, um ideário produtivo proposto e implementado nos países centrais após o término da Segunda Guerra Mundial, cuja meta era o aumento da produção e da produtividade das atividades agropecuárias, assentando-se, para tanto, no uso intensivo de insumos químicos, variedades geneticamente melhoradas de alto rendimento, expansão dos sistemas de irrigação e, também, na intensa mecanização das ações produtivas – em síntese, uma cadeia articulada de processos e atividades que logo passaria a ser conhecida como o “pacto tecnológico” da agricultura contemporânea. (ALTIERI, 2004, p. 7).

Outro momento expressivo da (re)emergência dos movimentos populares no meio rural começou a se materializar no final da década de 1970, decênio aliás caracterizado, de um lado, por um inédito

padrão de violência rural e, de outro lado, por processos de modernização e desenvolvimento capitalistas igualmente sem precedentes [...] Os determinantes principais que contribuíram para a emergência e o desenvolvimento desses novos movimentos sociais rurais, iniciando-se pelo Sul do Brasil (e no Rio Grande do Sul em particular), entre o final da década de 1970 e os anos posteriores, poderiam compor uma longa lista, incorporando desde aspectos relacionados à história da participação política naquele estado, à existência de uma “cultura de organização” que as comunidades rurais tradicionalmente apresentam ou, ainda, elementos reativos como a oposição ao controle exercido pelas elites locais. (NAVARRO, 2000, p. 189)

As décadas de 1970 e 1980 representam um período fértil de discussão sobre a problemática indígena em todo o Brasil. No seio dos movimentos populares – movimento político, Diretas Já, Movimento Sem Terra, Movimento Ecológico e outros – cresciam as manifestações indigenistas; em nível de comunidade indígena crescia a conscientização a cerca da necessidade de união e de luta para a recuperação e demarcação das terras expropriadas e para evitar novas ocupações e expropriações; em nível de comunidade Caingangue no Rio Grande do Sul, recrudescia a luta pela expulsão dos colonos da Reserva Indígena de Nonoai, cujo marco histórico foi o ano de 1978, quando se deu um confronto sangrento entre índios contra intrusos e ganhou corpo o movimento dos Caingaugues pela retomada da Serrinha (p.253) [...] Um novo evento tem trazido à baila novos focos de instabilidade no meio rural do norte do Rio Grande do Sul desde meados da década de 1990: a retomada de antigas áreas indígenas pelos índios e o conseqüente desalojamento de colonos e lavoureiros, ocupantes destas terras. Com o desalojamento de milhares de famílias camponesas das reservas indígenas, a questão dos movimentos pela terra vem se acentuando [...] A retomada das terras da Reserva Indígena da Serrinha pelos índios a partir de 1993 estabeleceu um ambiente de total intranqüilidade na região [...] (CARINI, 2006, p. 13).

A década de 90 caracterizou-se pela reterritorialização de centenas de famílias de trabalhadores sem-terra em propriedades adquiridas e/ou adquiridas pelo Governo Federal e Estadual do município de Santana do Livramento oriundas de outras regiões do Rio Grande do Sul, principalmente do norte e noroeste do estado [...] Até o final do ano de 2002, estava previsto que Santana do Livramento seria o maio pólo aglutinador de assentamentos rurais do Estado do Rio Grande do Sul [...] (CHELOTTI, 2005, p. 67).

Entre outras conseqüências deste período, observou-se forte deterioração das condições de trabalho no campo. Nas culturas mais mecanizadas, o contexto da redução de postos de trabalho facilitou a imposição de parâmetros de produtividade definidos pela máquina ao ritmo de trabalho humano (MARQUES, 2008). Além disso, no contexto brasileiro, destacam-se eventos relacionados à abertura política no Brasil e a consolidação de novos movimentos sociais, como o Movimento Sem Terra (MST).

Na perspectiva de Leff (2000, p. 334), “as explosões de reivindicações diversas que emergiram da abertura democrática, e o imperativo de sustentabilidade ecológica impuseram a necessidade de canalizar suas demandas para processos de tomadas de decisões mais participativos”. Nesse contexto, a problemática ambiental, vem dando novo significado às demandas e às lutas sociais no meio rural por reclamar a preservação de base natural de recursos para uma produção sustentável. Isto implica valorizar as bases ecológicas da produção e gerar condições políticas para uma reapropriação de seus meios naturais de produção.

É nesse cenário em que se estruturam as histórias de vida das famílias deste estudo, com suas nuances, particularidades e complexidades. Assim, a primeira história apresentada narra à trajetória da família Brambila que permaneceu por longos anos dentro da Reserva Indígena de Nonoai e, em 1978 participou dos confrontos com os índios Caingangues. Enquanto os representantes da primeira e terceira geração ficaram acampados na região, Domingos (2ª geração) foi para o Mato Grosso em busca de novos rumos para a família. Em 1996 chegaram ao Assentamento Coqueiro em Santana do Livramento/RS.

A segunda história, família Ferreira, também se localiza no contexto dos conflitos da Reserva Indígena de Nonoai em 1978. Contudo, a família iniciou seu processo de migração e luta pela terra no município de Esteio/RS, posteriormente realizando idas e vindas entre diferentes municípios, mas sempre retornando para a região de origem. Em 1996, a família também chegou ao Assentamento Coqueiro em Santana do Livramento/RS.

Por fim, apresentamos a história da família Müller, oriunda da mesma região, contudo da área da Reserva Indígena da Serrinha em Engenho Velho/RS. Migraram a partir de um processo recente de conflitos entre índios Caingangues e Colonos iniciado em 1993. Em 1995 a família chega ao Assentamento São Joaquim em Santana do Livramento/RS.

Tabela 5. Genograma temporalizado das famílias.

Período	Família Brambila	Família Ferreira	Família Müller	Contexto sócio-histórico
1920				
⋮	Nascimento de Francisco (1ª geração) em Campo do Meio/RS (1923).	Nascimento de João (1ª geração) em Rio dos Índios/RS (1923).	Nascimento de Teobaldo (1ª geração) em Erechim/RS (1929).	Consolidação da ocupação da região do planalto do RS por migrantes e seus descendentes (CORREA e BUBLITZ, 2006). Encampação da Viação Férrea pelo Governo do RS; Crise econômico/financeira pós I Guerra Mundial; Crise da pecuária gaúcha; Expansão do arroz e criação da Federação das Associações Rurais do Rio Grande do Sul (FARSUL); Política de defesa do setor agropecuarista e criação do Banco do Rio Grande do Sul. (PESAVENTO, 1992).
1930				
⋮	Nascimento de Rosalina (1ª geração) em Campo do Meio/RS (1934).	*	Nascimento de Carolina (1ª geração) em Erechim/RS (1930).	Auge do setor madeireiro na região até a década de 40 (CARINI, 2006).
1940				
⋮	Casamento de Francisco e Rosalina e moradia em Carazinho/RS com a família dela por três anos. (1948)	*	*	Início da intrusão nas áreas da Reserva Indígena de Nonoai e Serrinha por colonos (CARINI, 2006).
1950				
⋮	Casal Brambila vai morar em Constantina/RS e trabalhar de agregado (1950). Nascimento de Domingos (2ª geração) em Constantina/RS (1955).	Nascimento de Célio (2ª geração) em Nonoai/RS (1951).	Casal Müller chega na área da Reserva Indígena da Serrinha em Engenho Velho/RS.	Modernização da agricultura, através da triticultura e agravamento de disputa de terras para lavoura no Médio Alto Uruguai/RS. Migrações internas para dentro das reservas. (CARINI, 2006).

1960				
:	Saem de Constantina e vão para Planalto, na Reserva Indígena de Nonoai. Domingos tinha 12 anos (1967).	Nascimento de Nete (2ª geração) em Nonoai/RS (1960).	Nascimento de Ari (2ª em geração) em Constantina/RS (1965).	Golpe de 1964. Ditadura militar (1964 – 1985). “Milagre Brasileiro” e aumento da dívida Externa. Fortalecimentos dos movimentos sociais como UNE e os camponeses (LOPEZ, 1994).
1970				
:	Nascimento de Moleque em Planalto/RS (1977). Saída da Reserva Indígena de Nonoai (1978) e ida da família para a Vila Cruzeiro em Planalto/RS. Francisco, Rosalina e Moleque acampam na Macali. Domingos vai para o Mato Grosso (1978).	Saída da área da Reserva Indígena de Nonoai e ida para Esteio/RS onde permanecem por 90 dias. Retorno da família para Planalto/RS (1978). Família vai para o acampamento Encruzilhada Natalino em Sarandi/RS (1979).	A família Müller é a primeira a comprar uma trilhadeira na comunidade (1973). A comunidade constrói um Igreja e um Ginásio. Chegam ao numero de 380 sócios. É realizada a primeira comunhão (1978).	Confronto entre índios Caingangues e Colonos na Reserva Indígena de Nonoai em 1978 e posterior ocupação das fazendas Macali e Brilhante no município de Sarandi/RS pelas famílias (GAIGER, 1987).
1980				
:	Família sai da Macali, passa pelo município de Rondinha/RS e vai residir em Liberato Salzano/RS (1980). Domingos retorna do Mato Grosso e vai para Sarandi/RS (1984). Família sai de Liberato Salzano/RS e vai para Eldorado do Sul/RS (1987).	*	A família descobre que os índios reivindicam a volta das terras da Serrinha em Brasília. Um dos filhos de Carolina (1ª geração) vai acampar (1985). Início da organização da comunidade em relação ao conflito com os índios (1986). Casamento de Ari (2ª geração) e Nilva (2ª geração). Conhecem-se desde os 12 anos. Nascimento de Fabiane (3ª em geração) em Constantina/RS (1988).	Durante a década de 80 diversos acampamentos são criados. Em 1983 é realizada a primeira assembléia dos “Sem-Terra” e em 1984 ocorre o 1º Encontro Nacional do MST (CAUME, 2006).

1990				
<p>⋮</p>	<p>Domingos acampa em Cruz Alta/RS e ganha um lote no Assentamento Novo Gramado em Gramado dos Loureiros/RS. Sua família vem de Eldorado do Sul para o lote (1990).</p> <p>Casa-se com Loreci, sua atual esposa (1991), com quem tem três filhas.</p> <p>A família decide trocar o lote por outro no Assentamento Coqueiro em Santana do Livramento/RS (1996).</p>	<p>Nascimento de Luciane em Três Palmeiras/RS (1990).</p> <p>Chegada da família no Assentamento Coqueiro em Santana do Livramento/RS (1996).</p>	<p>Ari (2ª geração) vai acampar em Júlio de Castilhos/RS enquanto a família permanece na área (1993).</p> <p>Primeira vez que a família tem acesso a televisão (1994).</p> <p>Fabiane (3ª geração) passa pelo acampamento (1994).</p> <p>A família Muller chega no Assentamento São Joaquim em Santana do Livramento/RS (1995).</p>	<p>Reorientação geográfica na implementação dos assentamentos rurais em direção a área metropolitana de Porto Alegre e também para os municípios da Campanha Gaúcha (CHELOTTI, 2003).</p>
2000				
⋮	⋮	⋮	⋮	⋮

2.4 História de Vida: Família Brambila

A família Brambila tem como representantes da **primeira geração** Rosalina (75 anos, agricultora), nascida em 1934 e Francisco (85 anos, agricultor), nascido em 1923, ambos no município de Campo do Meio/RS. Na década de 40 se conheceram e se casaram e foram morar em Carazinho/RS por três anos, com a família dela. No início dos anos 50 chegaram no município de Constantina/RS para trabalhar como agregados na área do território indígena Caingangue.

Dentre os doze filhos que tiveram, o nono, Domingos (54 anos, agricultor) é o representante da **segunda geração**. Nasceu em Constantina/RS em 1955 e viveu ali com a família até os doze anos de idade. Após este período, a família mudou-se para o município de Planalto/RS dentro da área da Reserva Indígena de Nonoai. Aos dezessete anos casou-se com sua primeira esposa com quem teve seu primeiro filho. Atualmente é casado com Loreci (40 anos, agricultora), com quem teve três filhas.

Moleque (32 anos, agricultor), filho de Domingos, é o representante da **terceira geração**. Nasceu no município de Planalto/RS em 1977. Um ano após seu nascimento a família entrou em confronto com os índios da Reserva Indígena de Nonoai sendo desalojada da área.

Durante este período alternam encontros e separações entres os membros do núcleo familiar até que em 1996, por uma troca de lote, chegam no Assentamento Coqueiro em Santana do Livramento/RS.

Lugar de Origem

A comunidade: Os grupos de Convívio

Durante o período em que a família Brambila permaneceu no lugar de origem, diversos grupos de convívio fizeram parte da sua história. As narrativas geracionais sobre a comunidade de origem descreveram e valorizaram momentos importantes vividos pelos sujeitos e suas relações no grupo familiar.

Conforme depoimento de Domingos (2ª geração), eles viveram em uma grande comunidade, tipo colônias, com aproximadamente 70 famílias, composta por diferentes grupos familiares, com uma boa relação de convivência. Em sua origem eram tipicamente italianos, como destacam ele e Rosalina (1ª geração), a seguir:

Domingos: Era bastante italiano. Bah! Mas tu olhava nas mesa assim, nas festa, ficava muito lindo de vê a italianada! Aquelas mesa era um eco só! Cantavam muito essa música italiana e jogavam... Tchê! era coisa mais linda do mundo...

Rosalina: Tinha parente, tinha amigo também ou conhecido. Era uma vila, uma vila grande. É colônia. Eram italiano... A comunidade era uma comunidade boa. A gente se acertava bem. Fazia tanto sê italiano, como sê brasileiro, como sê alemão. Nenhum tinha remorso do outro, tudo amizade. Povo muito unido. Fazia festão, festão grande. Quando tinha festa, tinha gente de todos lado. No Nonoai mesmo, uma época mataram 20 e pocas vaca pra uma festa. Era unida. Bah! Era pra tudo, pra se ajudá...

Sob o ponto de vista de Domingos (2ª geração) é nesta comunidade que a família teve sua fase de melhores oportunidades e condições de ascensão econômica, pois *“o custo de vida era melhor e produzia-se mais”*. Nesse sentido, há uma valorização do momento em que permaneceram por lá e construíram a base econômica da família. Como ele narra:

Nós era colono forte, colono com trilhadera. Colono com três, quatro junta de boi, vacas de leite. Nós não vendia leite só! Vendia o leite e vendia os terneiro, nós vendia as ternurada. Vendia boi... mas com oito ano eu já trabalhava na lavora que nem o pai...

Outro aspecto marcante das narrativas aprofundou as formas de relação entre os diferentes grupos de convívio da comunidade. As relações de respeito e cooperação entre todos os membros do grupo social são destacadas como diferencial. Na perspectiva de Rosalina (1ª geração) *“não havia desconfiança um com o outro, toda gente se comportava bem”*. As saudades dos grupos são relacionadas, especialmente, às amizades construídas no lugar.

Neste mesmo sentido, Rosalina (1ª geração) relata sobre momentos específicos de contato com os índios Caigangues da região. Em especial, o fato de sua família possuir uma forte relação com este grupo em diversos tempos e espaços sociais:

Todo mundo se dava com os índios... jogavam bola com os branco, eram 4 mil. Era uma relação muito boa... eles gostavam de nós. Nós tocava baile pra eles. Cansei de ir em baile deles, que eles vinham lá... As vezes tinha que mata porco e eles diziam: “Me venda um porco pra mim...” e a gente agarrava e até carneava um porco e dava. Dava a metade, não todo ele, mas parte dos índio, eles gostavam muito de nós... A gente tinha vaca de leite e dava leite pra três, quatro família de índio, nunca se cobrou nada...

Nas memórias da infância de Domingos (2ª geração), outro espaço de relação com os índios e que demarca uma dimensão importante na experiência dos membros do grupo familiar é a Escola. Como ele destaca *“tinha até índio no meio da Escola e nós era unido com eles... tinha quase mais índio do que branco... eles estudavam pelo Português...”*.

Além de ser referida como um espaço de relações importantes, as narrativas privilegiam na descrição, a associação entre a educação da comunidade e a escolar. Para Domingos (2ª geração) a comunidade era considerada boa, pois tinha uma *“boa educação e os Professores ensinavam muito bem”*. Sobre a sua experiência escolar, ele comenta:

Com doze anos eu já ia na quarta série de lá! A gente começa a ir na escola com oito anos. Oito, nove ano era pequeno, não era que nem hoje. Hoje com oito anos eu ia ta no primeiro livro. Tem um menininho aí que já ta no segundo ano. Então ali eu tive uma adolescência muito boa, desde a educação eu ia bem, era menos povo mesmo. Televisão era difícil, quem tinha uma televisão. Tinha rádio, não tinha televisão.

Como foi visto, este é um espaço de valorização importante, principalmente, na trajetória de Domingos (2ª geração). Entre as maiores alegrias da infância dele estava o percurso de oito quilômetros até a Escola, no interior de Constantina, pois era lá que também ajudava a professora a ensinar os colegas:

Pra mim a maior alegria era quando eu ia no colégio... Então as vezes o pai dizia assim: “hoje não dá pra tu i”, então aí eu ficava sentido. Mas no otro dia eu pedia pro pai... eles diziam: “amanhã tu pode ir na escola”. Então já ficava preparado, tomado banho, prontinho, a ropa a par da cama. De manhã cedo já me aprontava e ia pro colégio, seis horas saía... Brincava com os meus colega, estudava... eu ajudava a ensina as criança e aprendia, pra ensina e aprendia. Mas era um coisa boa mesmo!

Entre os seus sonhos de infância destacava-se o fato de querer ser um *“medidor de terras, um agrimensor”*. Como ele conta, sobressaiu-se na Escola por sua facilidade com matemática, sendo uma aluno que quase sempre ganhava prêmios. Suas memórias da Escola vão longe, tendo lembranças de Professores que marcaram sua vida escolar...

Entre outras funções, a Escola era um espaço de relação direta com a religião. Em suas memórias, a Igreja aparece associada com o espaço escolar. Francisco (1ª geração) conta que *“era na Escola que saia as festinha... era na Escola, porque o Padre vinha na Escola fazê missa... Reuniam, faziam batizado, tudo na Escola.”* Todos estes momentos, são narrados com sentimentos de muita alegria, como destaca Rosalina (3ª geração): *“Mas era*

muito lindo aquele tempo, era uma abundância! A gente tinha muita alegria. Vivia bem, bastante mantimento, tudo com saúde, tudo tinha saúde...”

A Igreja exercia um importante papel na socialização das famílias, além de ser no seu contexto, que as famílias recebiam ajuda. Domingos (2ª geração) lembra que quando tinha uma família que precisava *“a Igreja que ajudava... tirava da Igreja pra modo de uma família tá mal...”*.

A organização da comunidade e as relações entre os membros do grupo social tem uma relação direta com o papel da Igreja. As festas aconteciam com frequência, principalmente em função dos Santos Padroeiros. Sobre estes momentos Domingos (2ª geração) e Rosalina (1ª geração) narram:

Domingos: Bah! Era uma amizade, todos os amigos... tinha festa do Santo Padroeiro, Nossa Senhora da Consoladora. Rosalina: É a Nossa Senhora da Aparecida, a Divina do Espírito Santo... Domingos: Tinha festa do Espírito Santo... todos os anos saía um... Era um índio, que ele que sabia fazer as novena... Todos saíam cantando e pedindo, fazendo um terço. Era uma cantoria dele... pedia esmola pra fazer a festa... Tinha gente que dava um boi, dava um porco, outro dava duas galinha, tudo de graça... Rosalina: Mas era festa de muita educação não dava briga, não dava nada i se reunia tanto índio como branco... Domingos: A comunidade era muito boa, barbaridade! Eu me lembro... hoje sinto saudade naquelas comunidade e se reunia. Nós se reunia nos vizinho, botava aquelas mesa grande assim debaixo daquelas árvore, comia juntos era muito bom. Comprava aqueles churrasco grande a quilo, cinco, seis churrasco assim e comia junto aqueles bolo. O pai botava o bolo e nós ia e botava a carne, otro botava a bebida e nós comia junto. Era festa de Santo...

Conectada a estes sentimentos, destaca-se a percepção de uma relação direta entre a amizade e as alegrias proporcionadas pelas festas e cultos da Igreja. Como se constata nas reminiscências de Rosalina (1ª geração) *“tinham muita amizade... festa na Igreja Católica, se fazia tudo ali... chegava a hora da missa e vinha ao padre... deixavam do que tavam fazendo e iam tudo pra missa...”*.

Rosalina (1ª geração) teve 12 filhos e todos, junto com Domingos (2ª geração), trabalhavam no campo. Ela conta que na época da infância dele, *“duas menina ficava em casa e faziam a comida... chegava e tinha uma polenta feita, carne feita... tava a casa bem limpinha... as menina bem ensinadinha”*. Era a dinâmica da família em seu dia-a-dia: enquanto parte do grupo trabalhava na roça, outra cuidava da casa.

Na visão de Domingos (2ª geração), a família possuía como característica *“se dá com todo o pessoal da comunidade... a família trabalhava unida... ninguém tinha desconfiança um com o outro, era tudo unido”*. Estes laços fortificavam a relação e refletiam-se na educação do grupo familiar. Neste sentido, na percepção de Francisco (1ª geração) a educação familiar era diferente, pois *“quando chegava uma pessoa, nós ficava ali perto, o*

pai só olhava e não precisava nem mandá... ele já sabia o que era pra fazê". Sobre isto, Domingos (2ª geração) conta:

As vezes tinha um estudo, que eu queria estuda. Daí o pai dizia: "hoje tu não pode ir, amanhã tu não vai pra escola". As vezes a gente queria ir joga uma bola. Naquele tempo a gente era governado! Não tinha, não podia... às vezes pra ir no colégio isso sempre acontecia... Então os pai levavam a gente meio seguro, claro que tinha alegria, mas tinha também as tristezas...

Ao narrar especificamente sobre o núcleo familiar, Moleque (3ª geração) conta que após seu nascimento sua família era pequena. Isso era muito bom, pois *"sempre foi meio quieto"*, ou seja, era melhor *"do que um mundeiro de gente"*, pois quando as crianças cresciam *"tavam brincando e daqui há pouco começavam de tapa..."*. Para ele, seus avós tiveram uma importância vital na sua educação, pois viveu a maior parte de sua infância com eles. A sua educação *"era o mesmo que os filho da vó vinham seguindo... eu, bendizê, a vó só não pariu eu, mas me criô no mesmo sistema dos filho... do meu pai"*.

O Ambiente e as Questões Sociambientais

O ambiente aqui aparece como uma dimensão importante das narrativas do lugar, principalmente, por representar o apego à origem. A respeito do lugar de origem, Rosalina (1ª geração) conta que a casa em que viviam *"era grosseira... de madeira lascada... tinha mato, campo, passarinho, lebrão, tatu... era bunito, tudo sadio"*. Na natureza era *"tudo forte"* e a imponência da vegetação torna-se um dos elementos entre os que mais geram saudade, como, por exemplo, *"as fruita do mato, o tomate, a laranja, a goiaba..."*.

Em sua perspectiva, os filhos eram *"mais sadios"* por causa da natureza, numa expressão indireta da força da agricultura. Especificamente sobre isso, Rosalina (1ª geração) conta:

As crianças se criavam que nem uma moranga da roça. O que eu digo é assim: a gente era sadio, não tinha problema. É isso aí, natureza forte! Comia a mandioca, comia batata, comia milho verde, o bolo, tinha um pão e nós não tinha nem fogão... Nós fazia um pão assim, com farinha de milho, fazia aquele pão e botava numas palha... Abria um borralho no fogo, naquela cinza quente e botava aqueles pão... Botava aqueles pão sequinho, ficava tostadinho. Depois tirava as palha... ficava o pão bem, bem, bem tostadinho, bem lindo! Um pão daquele que toda a criança se cria sadio!

De outra forma, os elementos naturais que compõem o ambiente chamam atenção na visão de Domingos (2ª geração). Á água era considerada *"boa, sadia, água de fonte"*. Havia muitas nascentes onde morava a família e estas tinham um valor especial:

Não tinha fosso, era só fonte de água. Era umas águas que era um luxo, limpas! Então era muito bom, é serra, serra tem água que nasce lá na coxilha e vem aquelas águas limpa de pedra. Pega aquelas água mineral, água boa mesmo...

Conectadas a estas memórias, estão aquelas relacionadas ao uso dos recursos naturais. A pescaria era um elemento importante nas experiências do lugar, pois “*peixe dava muito*”. Como rotina da família, a pescaria era comandada por Francisco (1ª geração) junto de seus filhos. Segundo narra Domingos (2ª geração), pescavam “*baciada de peixe pra comê*”. Sobre este momento, ele diz:

la pescá... e não existia freezer, não existia! Era muito difícil quem tinha uma geladeira. Então guardava carne, peixe. Pescava só pra come, fazia ali uma fritada, uma baciada de peixe e fritava, comia, quando queria de novo ia pescá. A gente trazia bacias de peixe... Lá pegava aqueles peixe assim... fazia aquelas fritada... aqui se pega peixe. É, aqui na sanguinha, Deus o livre! Enchia a bacia de peixe... hoje é só rio pra ter peixe mesmo, senão... Bom, quem viu aquilo lá!

Ao longo do tempo, a família percebeu modificação nos rios do lugar. Segundo Domingos (2ª geração) estes foram modificando, porque foram “*fazendo as lavoura perto do rio, cortando as arvorezinha perto do rio*” e os peixes foram acabando. Conta que onde a sua família morava foram derrubados mais de 30 hectares de florestas, sendo que boa parte caiu no rio, pois “*era laderão*”.

Como solução, Domingos (2ª geração) acredita que, naquela época, deveriam ter proibido que cortassem os matos perto dos rios, a exemplo da atual legislação. Domingos tinha 9 anos e uma de suas atitudes, como a de seus amigos de infância, era proteger as árvores, pois “*nunca saiam de faca*”. Ele lembra que aprendeu a cuidar das flores por influência de sua irmã mais velha, pois esta “*adorava flores*”. Além disso, “*dava muito passarinho nas amoreiras*” e “*plantava amoreira para irem no outro ano pescar*”. Era nestes momentos em que os irmãos se reuniam e se organizavam para caçar:

Não tinha muito tempo de tá brincando. Com sete, oito ano tava na roça... Brincar, caçar era fim de semana mais... Tinha muito sabiá. Daí nós fazia pedra, às vezes nós fazia assim, gurizada que nem teu irmãozinho... Dava onze, doze anos... Um ficava a par do rio assim pra derruba quando cai o passarinho no rio e corria pega. O otro ficava cá adiante, o sabiá vinha e pegava o passarinho cai lá no rio e ele juntava. Fim de semana, cada um tinha o seu... Matar o passarinho, caçar bichinho. Bah! Era um divertimento, uma amizade tremenda aquela época...

Neste mesmo contexto, Francisco (1ª geração) conta que caçaram muito, “*caçava tudo que é bicho*”. Segundo ele havia “*Porco do Mato (Tajassu pecari), Quati (Nasua nasua), Paca (Agouti paca), Cutia (Dasyprocta leporina), esses bicho...*”. E sobre estes acontecimentos ele narra:

Uma vez eu fiz um fogo lá no caieiro e no outro dia os bicho tinham fuçado tudo... Se fosse que tivesse uma casa de chão, eles iam dentro da casa. Se tivesse aberto, eles tavam dentro da casa fuçando o fogo, o porco do mato. É um bicho louco, é brabo, é fera, que pega a gente no meio aí numa turma e te matam, matam! Então nós caçava porco alçado e daí se criava no mato... Se criava os porco no mato. Então a gente saía com o irmão que saía na roça colher milho do pessoal. Daí nós ia caçar... os pescadero daqueles porco... e nós matava os porco, muitos nós botava no chiqueiro...

A caça era um item alimentar presente nas refeições da família. Domingos (2ª geração) descreve que, quando caçavam, era “*codorna e pombinha*” e era um “*divertimento*”. Assim, iam em “*dois, três guri*”. Na sua visão, a infância daquela época não é como a de hoje, pois era um divertimento “*mais agradável*”. Sobre as experiências deste momento, Domingos (2ª geração) lembra:

Vamo dizê o que. Hoje se tivesse que volta naquele tempo a gente teria saudade meio de tudo. A primeira coisa que eu sinto saudade é do tempo, aquele tempo a gente teria uma amizade, uma amizade com a gurizada muito séria porque a gente se reunia pra pesca junto, pra faze festinha! Fazia aqueles assado de churrasquinho de pássaro, de peixe, se reunia pra ir pro rio. Nós ia pro rio ficava os dia inteiro com a gurizada fazendo festa junto, nunca ouvia um retruque de piazada pra um briga com o outro, só brincando. Bah! Muito bom, muito bom. A gente tinha outro físico, a gente sentia, barbaridade, otro prazer...

Durante o período em que permaneceram no lugar de origem, a derrubada da floresta se tornou essencial ao desenvolvimento da agricultura da família. Francisco (1ª geração) destaca que as famílias na época “*não queriam nem saber*”, e que sua família havia derrubado 25 hectares de mato:

Nós colhia 70, 80 saco de feijão... 500, 600 de milho, porque a terra era uma terra que nunca ninguém ocupava, só os índio que plantava aos poquinho... Derrubei muita área, me dava muito com os índio... Nós demo muita coisa pra eles e ficavam faceiro... A gente agradava eles e eles concordavam... e nunca me incomodaram por isso... Tinha gente da comunidade que incomodava eles, bebiam e diziam disaforo pra eles...

Nas memórias de Rosalina (1ª geração) “*o pessoal derrubava mato e queimava... e iam perdendo a força da terra cada vez mais*”, embora naquela época (década de 70) “*ninguém conhecia motosserra, mas arado era fácil de conhecê*”. Sobre este momento, Domingos (2ª geração) e Rosalina (1ª geração) contam:

Domingos: O pai entacalado numa chapa, derubava aqueles Açoite (*Luehea divaricata*) véio de dois metro quase de grussura, se lembra pai? Tinha as Guajuvira (*Patagonula americana*) véia. Rosalina: Os dois irmão e o véio, mas aquelas maderona que Deus o livre! Aquelas maderona... As maderona apodrecia no chão...

Ainda que na época existisse o comércio de madeiras e o uso de espécies madeiráveis, estes desmatamentos eram, especificamente, para o desenvolvimento da agricultura familiar, conforme conta Domingos (2ª geração):

O mato era muito bom, os mato era muito bom aquela época. Era poco mesmo mas o que tinha era muito bem cuidado. Era difícil bota um mato a baxo... era cuidado pra lenha, pra árvore, pras roça... alguma capoeirinha que roçava pra lavorão...

Encadeado a estas memórias relativas ao lugar, destaca-se a dimensão que envolve a agricultura familiar. Dentre todas as narrativas do lugar sobre o ambiente e as questões sociambientais, a agricultura surge como dimensão vital na construção da trajetória da família.

Para Rosalina (1ª geração), o que lhe dá mais saudade do lugar é a terra. No seu dizer *“todo o lugar era bom, terra boa... plantava o milho dava, plantava abóbora dava... tudo o que a gente plantava a gente colhia”*. Ou ainda, como descreve Francisco (1ª geração) ao afirmar que lá *“era terra de plantar... de machadão”*. Para Domingos (2ª geração) era um *“lugar bonito”*, pois se *“podia plantá”*.

A família trabalhou sempre na roça, ou como afirma Rosalina (1ª geração), *“sempre botando mato pra baixo e plantando de tudo”*. Plantavam arroz, aipim, mandioca, milho, feijão, batata, entre outros, tipicamente policultura de pequena agricultura familiar. Segundo Francisco (1ª geração), eles eram *“colono forte”*. E em relação a este período Rosalina rememora:

Cada qual tinha uma cavadera... Então, a gente até plantava também. Botava o milho numa bolsa assim e ia. Carregava aquela bolsa e ia, aquele *“sacacué”*, dizia *“saracué”* era o tipo de uma cavadera! E ali plantava e eu fazia o buraco caquela cavadera lá e botava o milho assim. Uma parte também a gente fazia assim. Plantamo de tudo... tudo nos boi, tudo na enxada...

A infância de Domingos (2ª geração) é marcada por momentos da vida no campo. A agricultura representa a marca da sua identidade individual e do grupo familiar. As atividades do dia a dia aparecem nas narrativas ganhando vida e representando momentos de prazer:

Era um tempo bom! Os amendoim plantava uma quarta de amendoim, colhia trinta, quarenta saco de amendoim e botava tudo no galpão dia que chovia. Final de semana fazia aquela paçocada. Nós tinha um pilão, a mãe tinha um pilão grande.... A mãe fazia uma farinha torrada, poco... ou fazia farinha de biju e botava no meio do amendoim e socava. Botava dois quilo de açúcar de cana i um quilo daquela farinha torrada i o resto amendoim i ia socando, fazia uma lata grande assim! Cheia de paçoca... Depois nós se reunia os vizinho, fazia uma bacia de pipoca, uma otra bacia daquela paçoca, era muito bom... Chegava visita, daí cada um tinha um prato, comia pipoca, comia paçoca, que gostasse e fazia rapadura, aquelas tabuada de rapadura, igual sabão que bota nos galpão... Cana dava a vontade e os engenho era esses engenho de torcedor...

Outras memórias expressam os prazeres no campo no trato com os animais. Para Domingos (2ª geração), ótimas lembranças se referem à lida com a criação, as quais eram *“puro prazer”*, quando seus pais lhe pediam. Seu orgulho era o patrimônio que a família possuía, tais como *“vacas, bois, cavalo, cavalo de carrera...”*.

Na sua perspectiva, o ambiente era tão diferente que *“quando a galinha dava de chocar, botava doze, treze ovos e descascava tudo”*. Era diferente, *“uma diferença imensa”*. Os animais produziam carnes diferentes, *“a carne era mais suave, carne crioula”*. Sobre este momento Rosalina (1ª geração) conta, de forma saudosista, que *“a gente botava, pegava dois, três arame... os pedaço de carne e fazia o fogo de barro charqueando, charqueando... Fazia esses toicinho de porco...dessa grossura assim...quatro dedos de toicinho.”*

É no contexto da Agricultura que a organização da comunidade também irá se apresentar. As trajetórias descrevem e relacionam o papel da agricultura no engajamento e nas relações entre os membros do grupo social.

Além das outras dimensões da vida social, em que os processos de organização das famílias se faziam presentes, laços de afetividade e solidariedade surgiam quando alguém da comunidade adoecia. A família Brambila se insere nestes contextos, como destaca Rosalina (1ª geração): *“Quando acontecia de Fulano tá doente ou caiu no hospital, vamo se ajudá, pois se ele não tem semente, vamo levá...”*.

Os mutirões, também conhecidos como *“puchirão”¹¹*, simbolizam o grau máximo de cooperação na comunidade, inclusive, aconteciam entre brancos e índios, como narra Domingos (2ª geração) lembrando sua infância:

Nós se ajudava muito, fazia mutirão. Naquele tempo não dizia mutirão, sim puchirão... Puchirão de lavrada, de capina... Vamos dizer, davam uma doença no vizinho, não podia trabalhar e ia pro Hospital. Então a comunidade se reunia trinta, quarenta vizinho... três, quatro linha e vinham tudo com boi e enxada e deixava plantadinho... Era coisa mais linda de vê! De meio dia cada uma ia almoçar na sua casa... mas como era lindo, época de limpa, de colhe...

Os problemas ambientais, durante o período em que permaneceram na origem, não eram ainda muito evidentes. Domingos (2ª geração) afirma que *“a agricultura era muito forte... todo mundo colhia bem... não se usava veneno...”*. Mas, segundo ele e Rosalina (1ª geração), logo depois com a chegada do fumo, apareceu o veneno:

Domingos: O único veneno que nós usava lá pra botá, nós não, mais tinha pessoal que usava, quem plantava fumo. Rosalina: O fumo sempre dá formiga, dava. Tinha um veneno pra formiga... Domingos: Pra formiga, mas quem plantava já era a terra bem hortada lá, as terra curtida. Lá eu conheci o veneno do fumo, mas secante fui conhecer aqui. Rosalina: Nem se conhecia esse secante...

A melhor experiência que tiveram no lugar de origem, para Domingos, foi a saúde da família, pois como falara *“não havia veneno”*. Comiam *“salada em quantidade, pé de pipino, pé de ramo de cove, folha coisa mais linda, sem veneno...”*. Rosalina (1ª geração) conta que *“teve uma mulher pra ganhá uma criança... mas a mulher nunca ia pro hospital, tinha saúde em casa, era uma maravilha... não precisava tá à custa de doutor”*.

A preocupação em relação a possíveis problemas ambientais na época em que viveram lá (entre década de 60 e 70), segundo Domingos, não era evidente. Contudo,

¹¹ “Puchirão” significa especialmente uma reunião para derrubada da mata e em seguida festa para as pessoas reunidas. Na parte norte e noroeste do Rio Grande do Sul (as antigas Missões) era costume, quando alguém queria fazer uma roça, convidar os amigos e vizinhos para ajudarem a fazer a “derrubada”. Esta parte da mata ou beira-mata quando tornava a crescer, ficando capoeira, conservava também o nome de “puchirão” ou “puchirum” (LINDMAN e FERRI, 1974).

comenta que sua professora da Escola *“ensinava nós a não cortá o angiquinho da beira do rio, porque mais tarde ele vai segurá aquele barranco do rio...”*. Ele acredita que, na época, assim como é hoje, *“deveriam ter proibido que cortassem os mato perto do rio... porque hoje, aqui pra nós socorre um pouco, porque não tem mato, só na berada dos rio..”*

Nas memórias da infância de Moleque (3ª geração) sobre esta questão, as preocupações realmente começaram a ser tratadas *“através da televisão”*. Não se preocupava em conversar sobre o assunto, *“até porque naquela época a gurizada não tinha muita relação de ficá proseando com os home mais velho.”* Por outro lado, Domingos (2ª geração) frisa que *“isso era conversado”*, contudo as famílias das colônias *“pensava que nada ali pudesse acontecer...”*.

Migração

O percurso migratório da família Brambila é caracterizado por um longo período de separações e reencontros. Entre o período de 1978, que corresponde à saída da família do lugar de origem, até 1995, chegada da família no lugar de destino, diversos acontecimentos se sucederam em diferentes locais.

Dentre as memórias familiares desta etapa destacam-se as relativas à saída da área, motivada pelo conflito com os índios Caingangues, momento histórico ligado à origem do Movimento Sem Terra em 1978. Dentre as experiências deste período, Domingos (2ª geração) destaca:

Quando aconteceu de sai da área, daí nós já tinha construído, tinha uma casa boa. Todo mundo tinha uma casa boa. Tinha até casa de material... Daí os índio, não sei se foi através do polícia do índio, descobriram que eles tinham direito também das áreas. Daí o governo e o índio cedeu a polícia daquela época junto com eles. Os índio até queriam muito bem o pai. Chegaram no pai e disseram assim pra ele: “o Pipe temo uma ordem pra lhe dá e a polícia junto, nós lhe queremos muito bem, queremos que o senhor desocupe a nossa área, é lei não adianta. Nós troxemo até o branco, junto, a lei do branco pra vocês desocuparem a área. Agora nós vai vive na nossa área e vocês vão vive nas terra de vocês”. Nós tinha em torno de umas trezentas saca de feijão pra colhe, nós demos três dia pra vocês colherem. O que não colherem é nosso, o que não tiraram é nosso... Mas em três dia faz o que, faz nada! Daí o pai pego e toco notro dia a criação, tiro fora da área, arrendo a terra lá fora e boto a criação. Eu botei as triadera, coisarada assim que pudemo tira, nós tiramos. Feijão que tinha colhido nós tiramo, milho já tinha colhido quase tudo...

A chegada dos índios, conforme Rosalina (1ª geração), foi um momento de grande agressividade. Um de seus filhos tentou enfrentá-los, segundo sua narrativa:

Aquela hora os índios chegaram e chego 3, 4 e daí ele (filho) vinha chegando da roça... Entro dentro de casa e vistiu um casaco e fez a comparação que tinha uma arma pra assustá os índio. E eu dizia: “Não, não faz assim”. E fui dentro de casa e pedi pra ele: “Não diga nada assim. Não ofenda os índio, se nós tive que sai, saimo”. Ele disse: “Não, eu não vô ofendê, não vô dizê nada de mal para eles”. Só que eles começarem a retrucá, diz ele, de bufá, querê avançá em vocês. Ai o vô dice: “Não, não avance porque eu tenho arma”, eu digo “Não, eles não vão fazê isso”. A arma dele era uma rama de mandioca! Ele vistiu um casaco e boto aquele rama de mandioca pra dento da ropa, que nem um revólver. Se ele olhava ia dizê: “Esse bicho tá armado”, como eles disseru. Eles disseru: “Ah, rapaiz, tu tá armado pra nós? Eu to vendo que você está com revórve na cintura... Nós não ia fazê nada para vocês, nós queremos que vocês saiam daqui, porque a terra é nossa, vocês não podem ficá aqui. Nós queremos que vocês saiam daqui!”. E o piá dizia o nome dele: “Claro, nós saimo, mas vocês vão vê onde que eu tô que nós não tamo querendo, mas que tu espera nós coiêmo nossas planta”, o piá dizia. Os índios falaram: “Não tem nada de colhê planta, porquê vocês plantaram, vocês sabiam que aqui é nosso. Mas nós não viemos invadi”...



Figura 5. Guerreiros Caigangues cercam família de agricultor e dão prazo de 12 horas para sair da área em 1978. (Fonte: Zero Hora, 20/07/2008)

No momento, não reagiram à ação dos indígenas. Segundo Domingos (2ª geração), na oportunidade seu pai lhes disse que *“era lei, que a terra era deles e não adiantaria briga com a justiça”*. Havia no momento muitos policiais e soldados, com aproximadamente *“cento e cinquenta índios”*. O que restava para a família era apenas concordar e entregar tudo.

Durante o período de três dias passaram colhendo feijão, em torno de 20 sacas. O resto ficou. No momento exato de saída da casa, os índios colocaram fogo em tudo, como narra Domingos (2ª geração):

O dia que eles chegaram o pai tava pronto pra sai. Daí eles tacaram fogo na casa, uma casa! Tudo madeira de primeira qualidade... Uma casa tudo de Cabreúva (*Myroxylum periferum*) e de Loro que nós tinha feito. Mas não era nada na área, era madeira comprada na serraria! Mas tentamo... Nós saimo e já vimo fumaça e o pai olhemo o fogo veio pegando. Na igreja tinha três escola lá já na área na época, eles tacaram fogo em tudo! Em casa boa tudo, queimo, fico muito poco, o mais queimaram tudo... A escola, o primera fogo que eles botaru foram as escola. Eles tomavam, chegavam nas escola e fincavam-le fogo. Aquilo que era fogo! Aquelas casa velha preta, tava queimando a Escola... Os índio atacando de noite, coisa séria, banditismo...

Foi um momento extramente difícil para a família, com perdas e sofrimentos. Embora o acontecimento, reconheciam que a terra era do índios, pois, segundo Rosalina (1ª geração), tinham arrendado dos próprios indígenas. Como ela descreve, *“tinha casa que tu não tem nem uma aqui no assentamento”*, e que jamais se imaginaria estar na área indígena. Qualquer um que chegasse e olhasse diria que *“aqui não é de índio, não pode sê”*.

Neste momento a família sai da área e realiza um percurso que se alterna em diferentes lugares. Sobre este momento, Francisco (1ª geração) descreve:

Daí eu sei que nós fomos... Tivemos que saí da área dos índio. Tiraro o pessoal dali... foram despejado... o governo despejou o pessoal... se coloquemo ali perto da faixa, outros nos pavilhão da Igreja. Até dentro da igreja... Nós dormia dentro da Igreja... levava os barraco lá fora, todo o pessoal, não só nós. Levava cama lá dentro... Não é que nem hoje... coisa muito séria... muita gente não tem doutrina, não se bicam pra ir numa missa, não é. É duro de falar, mas é...

Logo depois, da saída da área indígena, a família vai acampar nas glebas da Macali¹², permanecendo ali por dois anos. É neste momento que Moleque (3ª geração) se separa dos pais, conforme ele mesmo narra:

Daí a minha mãe não quis mais ficar junto com o meu pai, porque iam ter que ficar acampado, surgia já um acampamento dali. O governo se garantiu para terra... quem saísse na boa, ajeitava, ficava lá que o governo dava terra noutra lugar. A minha mãe se apartou com meu pai, meu pai foi trabalhá, ela não quis mais viver com ele, eles se separaram. Daí, ela pego eu e levou junto, lá se ajuntou com outro cara, não quis eu e ela me deu pra minha vó. Mando minha vó me registrá. Minha vó registrô. Aí surgiu, o governo ofereceu uma terra no Mato Grosso...

Entre as opções de diferentes destinos para a família, havia a possibilidade de irem para o estado do Mato Grosso, como foi o caso de dois filhos mais velhos de Rosalina (1ª geração). Os outros membros do grupo familiar, como Moleque (3ª geração), não partiram. Ele não poderia sair da região com os avós e sobre isso Moleque lembra que *“os dois filho mais velho da vó foram... era pra nós ir também. Minha mãe descobriu que nós ia ir, dava no rádio. O pessoal que ia pra lá tinha que se vaciná! Daí, minha mãe veio, tomo eu da vó, daí dali eu já era grandinho...”*.

Sua mãe o retirou dos avós com medo de que ele fosse levado com a família paterna para o Mato Grosso; ele chorava desesperadamente para voltar a morar com eles. De fato, permaneceu apenas dois meses com a mãe, e depois de ela escutar que os avós não iriam mais para o Mato Grosso, permitiu que Moleque (3ª geração) voltasse a viver com os avós, com a seguinte recomendação:

Ela disse: “Eu não quero que dê ele pro pai dele, que o pai dele tá sozinho e ele vai vivê no mundo agora pra cá e pra lá”. Que solteiro não ganhava terra... Apenas casais ganhavam terra! Era só os casais. Daí então, ele vai andar com o guri pra cá e pra lá. Então, o guri é de vocês, tá.

Nas memórias de Moleque (2ª geração) é neste momento que as lembranças do acampamento na fazenda Macali ficam mais evidentes. Seus avós paternos permanecem ali com ele. Sobre o acampamento, lembra Moleque que ainda não existia o MST, *“o pessoal se reunia por conta”*:

O governo disse: “Ó, vocês fiquem aí nessa vila, que eu vou dar terra pra vocês. Não se preocupe, eu tirei vocês de lá, mas eu vou colocar noutra lugar”. E daí embroma, embroma, embroma, embroma, o

¹² Em maio de 1978, em torno de mil famílias de pequenos agricultores que ocupavam a Reserva Indígena de Nonoai, RS, foram expulsas pelos índios Caingangues. Em junho, uma parte dessas famílias decidiu adentrar nas glebas da Macali e Brilhante, em Ronda Alta, e na reserva florestal da fazenda Sarandi, em Rondinha (CAUME, 2006).

governo não se ajeitava. Daí um padre lá se entreverou no meio, foi pra cá, foi pra lá e começou a surgir o movimento dali. Daquele pessoal já começou a bandeira. Surgiu o MST! Da fazenda Macali já articularam outros acampamentos...

Diversas vivências foram possibilitadas à família no acampamento da Macali. Ali tornou-se um espaço em que a família permaneceu durante grande parte do período migratório. Outras narrativas deste período descrevem o acampamento em suas dimensões sociais e ambientais. Havia em torno de 100 famílias na área.

Este período representa uma espécie de reprodução da comunidade de origem, evidentemente com suas peculiaridades. Aspectos sociais e ambientais repetem-se, como a estrutura das comunidades anteriores, times de futebol, campos de futebol, cancha de bocha, salão, a presença da igreja, vivências na pescaria, agricultura, *puchirão*, etc. Em adição, novos elementos aparecem como as cooperativas e os créditos para agricultura. Para Moleque (3ª geração), neste momento, a Escola merecia atenção especial, pois sua primeira experiência escolar foi dentro do acampamento, durante 5 anos.

Além destas dimensões, merecem destaque a participação da Igreja e/na constituição do Movimento Sem Terra. As formas de relação, embora ainda continuassem sendo as mesmas, apresentavam uma dimensão política demarcada. Segundo Moleque (3ª geração) as famílias se *“reuniam pra realizarem reuniões pra negocia pra fora”*. Além da reunião, *“atos na comunidade”*. Era o início do surgimento do Movimento Sem Terra...

É neste mesmo percurso, entre idas e vindas, depois de se acampar na Brilhante, que Domingos (2ª geração) narra a sua saída para o Mato Grosso, enquanto seus pais e seu filho permaneceram no acampamento Macali. Durante 6 anos, trabalhou lá *“derrubando florestas e no garimpo”*. Moleque (3ª geração) relembra o motivo da saída de seu pai:

A segunda mulher do pai foi embora e daí no dia eu ganhei a terra. O pai não ganhô terra na Macali por um detalhe. E aí ela foi embora e o pai não ganhô. Coitado! Ficamos em nove família sem ganhá terra na Macali. Nove família ficaram sem terra. O motivo era porque as mulher deixaram dos homens...

Para Domingos (3ª geração) seria um *“grande sofrimento aguentar estes problemas”* na época (início da década de 80):

Logo que cheguei no Mato Grosso, eu tive uns três anos eu acho que eu trabalhei com os agrimensor, no campo, na medição. Depois nós pegamos terra mais uns anos. Nós plantamos, plantamos muito arroz. Depois que eu saí de lá, meu irmão vendeu e eu saí de lá... O outro irmão mais novo, eu morava com ele, não fui assentado lá, só ele. E daí que eu fui era no rio verde no Mato Grosso, muito comentado essa cidade. Daí eu fui pra Terra Nova e então eu fui pro garimpo... Daí naqueles Garimpo não quis mais... ficava trinta dias no mato...

Lá, ficou impressionado com as florestas, “60% a 70% era de mata nativa”, mas o avanço da agricultura também lhe impressionava:

Tu vai assim, sai naquelas BR grande de asfalto, onde tem aquelas fazenda. Derrubavam trinta, quarenta, cinqüenta hectare pra fazer uma pastagem. Mato rapaiz... Mato, mato, árvore! Como é que é essas Castanheira, Castanha de um metro e meio de grossura. Castanheiro que aquilo era que nem pinhal, coisa mais linda do mundo de tu vê! Tudo passava a motosserra e pronto que foi. Tinha fazendeiro, a terra era deles... Cansei de vê estaleiro de árvore de trinta, quarenta metro, tudo Castanheira que dá dó rapaiz, aquelas castanha que dá desses tamanho, aquelas bochona. Tu vê no chão assim pode encher caminho de castanha coisa mais linda do mundo...

Além destas impressões, o Garimpo lhe marcou bastante, pelas experiências vividas e os acontecimentos peculiares daquele lugar:

O Garimpo é o lugar que mais morre gente na mata... É muito bom, é muito rico, mas muito perigoso... No rio, quem trabalha em rio ou balsa tu tá embaixo no rio e tem lá em cima tudo arriscado. Tu tá arriscando tá lá embaixo e não volta pra cima porque tu com vinte, vinte e cinco, trinta metro de fundura nos aparelho. Se tu tem ouro em cima tem que te alguém te cuidando... De repente tu não volta.. quando tu pensa de ir apaga o motor em cima que tá te tocando ar até que tu tire as ferramenta tu morre... É muito perigoso se não tiver um companheiro de confiança em cima pode se largar! Nós trabalhava em três. Nós era em três companheiro sócio e um tinha confiança no outro...

Rosalina (1ª geração) conta que uma das suas preocupações era a Malária. Comenta sobre os surtos de malária ocorridos na época em que iriam para a região onde Domingos estava, e que os fez desistir:

Já tinha vendido minha terra já pra ir embora, só não tinha vendido outras coisas de criação, e eu ia vender o resto... Vender pros outro fica ruim, vender e ficar sem... Daí vendi e me mandaram um carta que não era pra nós ir, que a Malária tava braba, que tava matando gente... Quanta gente veio de lá, abandonou... Vendeu lote lá e veio embora, porque lá eles ganhavam do governo. Cada um ganhava uma quantia de terra, era bastante.

Em 1984, quando Domingos (2ª geração) decide voltar do Mato Grosso, seus pais e seu filho já haviam saído da Macali e passaram um curto período pelo município de Rondinha, na região do Alto Uruguai, como conta Moleque (3ª geração):

Tá, daí, dali o vô já tava devendo bastante no banco. O banco começou anunciá que ia tomá a terra, porque deviam demais e não tinham condições de pagar. Daí o que que o vô pensou! Antes que me tomem a terra, surgiu uns negócio lá pra fora, que podia negociá. O vô negociou. Pegou dois alqueire na Rondinha, pegou uma trilhadeira, uma junta de bóia, vaca, porco e pegou outra morada lá. Mais dois alqueire só, mas pegou um com bastante volta. A gente se equilibrava de novo... era terra de escritura...

Moleque (3ª geração), relata que, após seu avó novamente negociar a área, comprou 3 alqueires e meio na cidade de Liberato Salzano, na mesma região, e seu pai volta para trabalhar numa cooperativa na cidade de Sarandi. Sobre este período, ele destaca: “*Lá em Liberato o outro meu tio também mais velho, também foi morar pra lá. Depois foi acampar em Piratini. E nós ficamos lá... Acho que era muito ruim o lugar do vô lá... nos tava bem lá e aí o vô começou a ficar doente...*”

Após permanecerem em Liberato Salzano por três anos, foram para Eldorado do Sul, segundo Moleque (3ª geração):

Saimo de Liberato com uma leitoa e o Prefeito que levou nós com uma caçamba pra Eldorado, Porto Alegre... Ali na São Pedro, na faixa da BR 290... Daí fomos pra lá e meu tio foi trabalha numa chakra... Eu já tava com 14/15 anos... Ali eu fui na aula um pouquinho em Porto Alegre... depois não fui mais. Estudei até a 4ª série...

Em Sarandi/RS, Domingos decide acampar em Cruz Alta, com o seu cunhado da época. Moleque (2ª geração) relata que seu pai *“tava fenecido de acampamento”* e pediu ao seu cunhado para que cuidasse, enquanto ia *“trabalhar nas pontes em São Jerônimo”*. Era final da década de 80, início de 90.

Logo depois, Domingos ganhou terra (25 hectares) na cidade de Gramado dos Loureiros (Assentamento Novo Gramado), na região do Alto Uruguai, e após um ano conheceu e casou-se com Loreci, sua atual esposa, com quem teve três filhas. Neste momento Moleque, com 18 anos, e seus avós retornam de Porto Alegre para viver com Domingos.

Este é o último local em que a família permaneceu antes de ir para o lugar de destino. Ficaram ali por seis anos e segundo Moleque (3ª geração) *“era a mesma estrutura da Macali”*, seja em relação à organização, agricultura e cooperação.

No Assentamento Novo Gramado, como conta Moleque (3ª geração), *“eu ajudei a detoná muito mato, lá fui conhece a motosserra e a aprende a cortá...”*. Suas lembranças o fazem refletir, dizendo que *“se fosse hoje eu não ia derrubá... só se precisasse das árvores, eu derrubaria... pra fazê as estrutura que o governo não deu...”*. Lá, caçavam bastante animais como, *“Lambu, Jacu, pomba, passarinho pequeno, Tatu, Veado”*, todos, segundo ele, para alimentação.



Figura 6. “Essa foto é lá no Novo Gramado (assentamento). O Moleque tá de camiseta vermelha no fundo e o outro é o José que é meu irmão. Atrás é minhas terra, era mais o menos doze hectare. Tinha um mato lindo de tu ver... tinha que pegar lenha... Era mato de serventia... mato zeloso, pra não ficar cortando madeira a toa. Tinha capão, cuidava o pocco que tinha que cuida... Tinha mato pra derrubar e pra plantar...” (Rosalina, 1ª geração)

Em suas narrativas, Domingos (2ª geração) destaca que dos 25 hectares que a família possuía, “*derrubava 5 alqueire (aproximadamente 12 hectares) prá fazer plantio... o resto nós preservava, e não dexava ninguém cortá, pra ficá de reserva...*”.

Além destas, outras memórias privilegiadas pelo grupo familiar, em relação a este período, referem-se ao primeiro contato da família com a Igreja Evangélica (Assembléia de Deus).

Nas reminiscências de Domingos (2ª geração) eram momentos em que se “*pregava sobre Deus... sobre a terra e a natureza...*”. Era a oportunidade que as famílias possuíam para, além de realizar o “*estudo bíblico*”, aprender sobre o cuidado, sobre os filhos.



Figura 7. “Essa foto foi uma Igreja. Foi uma oportunidade de eu dirigir uma Igreja. Aqui tá a senhora, aqui to eu, nós três, eu, o Bile e o Jessé. Eu tô aqui no meio, tô pregando o Evangelho...” (Domingos, 2ª geração).

Para Rosalina (1ª geração) “*era uma benção com o padre, a gente se sentia bem, a gente se via bem*”. Domingos lembra que quando terminava o culto tinha um chá ou chimarrão, “*um encontro de alegria*” ou em outros momentos faziam vigílias, “*tipo fazia o culto, depois tinha uma pipocada ou um chá, era tudo comunitário...*”.

Durante o processo migratório, a participação do Movimento Sem Terra na construção da identidade da família é um elemento marcante. É inegável a existência de sentimentos de pertencimento ao movimento social, construído pelos contextos sócio-históricos em que a família fez parte. Segundo Moleque (3ª geração) “*na verdade, bem dizê, eu nasci dentro do movimento... freqüentei escola...*”. De fato, a família Brambila é pertencente ao grupo que participou da consolidação do Movimento Sem Terra. Sobre o papel do movimento na organização das comunidades, após seu surgimento, Moleque (3ª geração) narra:

Na verdade, o pessoal vinham conforme as outras comunidades se organizavam, quando caia no assentamento já se organizavam. “*Ó vamo faze uma comunidade. Vamo tirá gente pra toca a comunidade*”. E assim, o mesmo sistema da comunidade antiga... Com o tempo o movimento começo a articulá, colocá pro pessoal pra quando pega um assentamento fazê uma sede, uma área de lazer... Sempre incentivo o pessoal nessa parte da comunidade...

Além disso, ele faz questão de destacar o papel político na formação das famílias. Fala das experiências vividas no acampamento relacionadas às regras e disciplina, pois segundo ele, “*não é chega lá e sai brigando, bagunçando. Se tu fizé isso aí, já te expulsam...*”. As punições como elemento organizador das comunidades faziam parte da estrutura e serviam para focalizar as atenções aos objetivos finais do movimento social.

Ainda sobre a dimensão formativa, relacionada às questões ambientais, Moleque (3ª geração) conta que em um curso de trinta dias que frequentou, antes de chegar no lugar de destino, aprendeu, além de histórias do MST que não conhecia, bastante sobre as questões ambientais.

Nesta oportunidade, ele lembra que *“o movimento era contra passa veneno nas terra, porque prejudica a água que nós bebiam...”* e que como planejamento era fazer com que os assentamentos tivessem *“uma boa horta ecológica... os técnico vinha ensinava a fazer calda pra botar nas verdura...”*, além de outras técnicas voltadas para a Agroecologia. Em sua visão, antes não havia a preocupação do Movimento com estas questões, pois o objetivo era outro. Ele lembra que *“não se ouvia fala em meio ambiente, só se ouvia fala que quem não tinha terra, tinha direito de ter uma terra...”*.

Por fim, após viverem por seis anos no município de Gramado dos Loureiros, Domingos (2ª geração) conta que *“eu briquei práqui...”*, fazendo referência a novo lugar de morada da família, o Assentamento Coqueiro, no município de Santana do Livramento.

Lugar de Destino

O Assentamento: Os Grupos de Convívio

Em 1996, a família Brambila chega ao novo lugar. Depois de um percurso conturbado, cheio de nuances, é no Assentamento Coqueiro, em Santana do Livramento, que a família vai se fixar. Domingos (2ª geração) e Moleque (3ª geração) ficam em dois lotes diferentes, e Rosalina (1ª geração) e Francisco (1ª geração) moram em uma casa no mesmo lote de seu neto.

Num movimento de comparações constantes em relação as suas trajetórias, as narrativas do novo lugar vão se construindo. Segundo Rosalina (1ª geração), depois da chegada da família a vida mudou muito, pois as relações mudaram. Para ela, destaca-se o fato de sempre haver conflitos entre as pessoas na área, alegando que no lugar antigo nada acontecia. Na opinião de Domingos (2ª geração):

Lá (área dos índios) era melhor. Em temos de comunidade lá era melhor, a comunidade abria todo fim de semana, chegava o sábado de tarde, todo mundo trabalhava sábado até meio dia. Sábado de tarde tudo mundo ia pra comunidade. Uns jogavam carta, outros jogavam bocha, outros jogavam bola, tinha diversão pra tudo. Se ajudava. Na verdade, quem construiu foi o pessoal que construiu a comunidade lá. Construiu salão, construiu campo de futebol, tinha pinheirinho lá da comunidade. Era bom, bem legal, tinha sombra boa! Era bom a nossa comunidade lá pra fora. Em termo de comunidade, lá pra fora é melhor.

Rosalina (1ª geração) também relata:

A comunidade de lá é unida igual! Ela tem união também muito boa. A união lá é de tudo colono mais forte, a união é muito boa lá... É um pouco diferente aqui. O pessoal vão mais onde tem esporte, e lá é diferente. Lá se reúnem mais pra ir no terço, é baralho, é um uisque. E aqui não, aqui o pessoal não são muito de fazê...

Em outra oportunidade, Moleque (3ª geração) ratifica que *“já foi uma comunidade 100%... nós se reunia todos fim de semana, pra fazê um risoto, todo mundo pagava...”*. A comunidade já chegou a se organizar em festas que duraram três dias, na qual *“ninguém encrencou ou chamou o outro de feio...”*. Isso ocorreu oito anos atrás e acabou, devido a *“bagunças e encrencas dentro do salão...”* onde ocorreram muitos conflitos.

A religião é outra dimensão importante para as gerações no lugar de destino. Segundo Moleque, havia cultos católicos todos os domingos pela manhã na comunidade do assentamento e contava sempre com a presença de muitas famílias. Ele lembra que logo na chegada, da criação do assentamento, não se ouvia falar em crente, todo mundo era católico.

Embora durante toda a sua vida tenha vivido em contato com a Igreja, ele comenta que *“tá tudo parado agora”*. Ele narra:

Fui batizado, passei a Primeira Comunhão, Crisma, tudo. De vez em quando eu freqüento umas missa por aí, mas eu sou muito relaxado sobre isso. E quando era mais pequeno eu ia direto e agora, já o cara relaxa. É, o padre aconselha que a comunidade é uma área de lazer, que tem que te mate, que não é pro pessoal brigá e coisa tal. O conselho dele ele dá! A parte dele ele faz, basta o pessoal ouvi...

Na opinião de Domingos (2ª geração) e Rosalina (1ª geração), a Igreja tem uma função importante no sentido de aumentar a união na comunidade. Existe uma relação direta das experiências vividas em que a Igreja teve esta participação: *“Rosalina: A gente precisava a Igreja perto... que a gente não tem... que longe não se pode ir. Tê uma igreja perto, a gente gostaria de tê uma Igreja perto. Ah! Levantava a comunidade. Domingos: Tinha união, união do povo! A união do povo, o pessoal levanta da união do povo...”*

Na mesma perspectiva, Domingos (2ª geração) complementa, dizendo que independente de qual seja a religião, todas teriam esta mesma função:

Tem uma Igreja Evangélica, tem um projeto de fazê uma Igreja Evangélica aí na comunidade... mais primeira que eu acho que tem que saí é essa Católica, as duas. Cada um tem a sua religião e tem vontade de te uma Igreja... Saía a Evangélica, saía a Católica pra levantá. Tem que se uni tudo, todo mundo. Não há placa de Igreja, tem que sê meio parêlo, daí sim. Aí levanta....

Sobre suas preocupações com a violência, Domingos (2ª geração) comenta que na sua infância caminhava doze quilômetros pela manhã para ir a Escola, *“sem medo”*; ao contrário de hoje, quando *“as minhas menina pra ir ali na estrada eu tenho que leva elas...”*. Ele se divertia, principalmente pelas brincadeiras no mato, *“com dezesseis anos brincava que nem um guri brinca hoje”*, contudo destaca que os jovens vão apenas *“joga bola e ir pra bodega... então era bem diferente”*.

Sobre a educação na família, Moleque (3ª geração) lembra que quando *“era pequeno, o cara brincava bastante, tinha aqueles joguinho de bolita, que hoje tu não vê mais a piizada jogando, era uma coisa que intertia”*. Para ele hoje isto não acontece mais, *“é capaz da criança conversá mais do que os pais...”* e naquele tempo a *“vó olhava de canto de olho e já se sabia o que tinha que fazê”*, contudo hoje *“o filho te manda longe...”*.

Para Domingos (2ª geração), naquele tempo os filhos *“pegavam junta de boi grande, arava grande... então não tinha tempo dos filho se remedia...”*, hoje a lei permite que os filhos sejam rebeldes, sendo a própria Escola e as Professoras que *“dão muita moleza”*. Atualmente, ele faz questão de mostrar para as filhas as oportunidades possíveis, pois em sua época escolar tinha que trabalhar e estudar.

Em relação ao futuro da comunidade, Rosalina (1ª geração) não *“imagina muita coisa, mais ou menos”*. Para ela a comunidade precisa *“se indireitar, trabalha tudo em*

ordem...” e as pessoas não devem *“sê um contra o outro, não tem inveja do outro, não atraíçóá”*. Para isso, deve existir uma relação de cumplicidade entre os vizinhos para que as relações possam se modificar. Assim ela comenta, seus desejos para o futuro do lugar:

Eu desejo que a gente vá bem, que endireite a vida da gente e que o pessoal tudo se comporte, tudo trate de tê e de dá valor pra gente e a gente dá valor pra eles também. Que tudo, vá tudo bem! Que a gente deseja tudo bem pra todos nós... E assim como nós queremos bem para nós também desejamo que os outros tenham uma boa vivência, uma boa vida, um bom desejo, que tudo se ajeite bem.

Na perspectiva de Domingos (2ª geração), a comunidade pode melhorar e para que isto ocorra depende *“da comunidade e do governador. Se ele dé o título pra nós tem como nós levantá uma comunidade...”*. Para ele, a situação de não terem o título das terras, reflete na relação das famílias com a comunidade. Contudo, ele também acredita que se *“arrumá uns quatro, cinco família que se interesse, aí se ajeita...”*. Um dos seus desejos é que se construa uma Igreja, pra *“tê uma comunidade boa e feliz e tê uma família unida...”*.

Moleque (3ª geração) deseja que *“o pessoal tivesse consciência e que botasse na cabeça que isso é um bem nosso... então porque nós não vamo mantê?”*. Um de seus sonhos é de que *“voltasse aquele tempo...”*, logo que chegaram no Assentamento. Em sua opinião, também *“depende do pessoal amadurece mais... existe os bagunceiro que vem pra comunidade pra estragá, briga”*, como ele comenta:

Tem que botá a polícia em cima. Daí, tu fez tu vai pagá! Tu quebrou um vidro na sede, tu vai pagá. Bota na policia. Só que hoje, hoje o pessoal tem medo disso, porque geralmente no assentamento todo mundo encrenca, folia daqui, folia dali. Então, pessoal nenhum quer queimar o outro. Mais eu, na minha opinião, pra uma comunidade funciona, essa comunidade aqui já foi comunidade cem por cento.

Após fazer uma análise ao longo do tempo, ele acredita que *“tá meio se reerguendo de novo, então pode se indireita, mas tem que botá uns dois ou três pra assumi o compromisso...”*. As questões que envolvem o lazer e a estrutura física do Assentamento também são destacadas, especialmente porque *“do pequeno ao velho tem que se diverti... tem que te esporte pras crianças, adulto e velho...”*.

Em relação à família, Domingos (2ª geração) deseja que *“todos no futuro sejam alegre, facero, tudo estudando... ganhá a alma pra Jesus”* e que a sua família se esforce pra ajudar a comunidade a se organiza pra *“tê uma união maior que pudé”*. Em especial, que ele possa *“forceja pra minhas filha estuda”*. Para Moleque (3ª geração) a família deveria viver o resto da vida no Assentamento.

O Ambiente e as Questões Socioambientais

O ambiente do lugar de destino para os membros da família Brambila chama a atenção especialmente em relação às diferenças encontradas entre a floresta e o campo, refletindo as diversidades do lugar de origem. Para Rosalina (1ª geração) quando indagada sobre o ambiente atual ela expressa seus sentimentos:

Tenho saudade do lugar (de origem), aquelas aves, as fruta do mato, muita fruta que não tem aqui... As Laranjas era fantástico, Goiaba, Guabiroba, Tomate... criava os porco solto no mato e viviam com essas fruta do mato. Lugar limpo, não era um lugar brabo, não tinha problema nenhum. A gente era sadio, criava os filho sadio, trabalhando...

Além das narrativas de Rosalina, que demarcam as diferenças dos lugares, Moleque (3ª geração) lembra que quando vieram para o assentamento *“nós sabia que era campo. Nós sabia que tinha um rio e tinha um mato. Até pensava que era mato grande, mas daí chegamo aqui era cerrado, mato baixinho...”* o que lhes deixou bastante impressionados.

O lugar de destino é um local de novos desafios para a família, especialmente em relação ao desenvolvimento da agricultura. Segundo Domingos (2ª geração) logo que chegaram tinham doze vacas de leite e *“porcada... me quebrei aqui na fronteira”*. Sobre o início ele conta:

Na época que eu cheguei deu uma chuvarada medonha, me atraquei na melancia, fui plantar melancia. Dois ano eu plantei, deu pra empatar, nos primeiros anos. Dois, quatro anos plantamos soja, todo as terra de soja. Deu pra pagar os trator que nós tinha dívida, deu bastante! Daí nos quebramos porque tinha que paga o financiamento... Tivemo que vende criação, trator pra pagar o banco... Deu duas seca que não deu nada... colhemos vinte, trinta saco de soja... Se pudesse fazer denovo ia plantar pasto, porque além de se baratinho, tu cria...

Além disso, as técnicas de cultivo não eram as mesmas, exigindo da família novos aprendizados. Em outras memórias, *“Deus o livre! Naquele tempo (lugar de origem) tu roçava uma capoeira, botava fogo, plantava e colhia... aqui é campo, é tudo na base da técnica se não não dá nada”*. É necessário usarem muito adubo, por exemplo, *“agora onde tenho seis saco plantado, não vai dá cinquenta saco”*.

A principal mudança está nas diferenças impostas pelo solo. Moleque (3ª geração) lembra que as pessoas não queriam vir e *“ninguém sabia de nada quando nós chegamo”*. Sobre este momento ele narra:

A princípio pra saí de lá ninguém queria vim, porque tudo mundo dizia: *“Fronteira é o fim do mundo, fronteira é o fim do mundo, Santana do Livramento é o fim do mundo”*. Tudo bem, eu cheguei até a ir pra casa do acampamento, porque fui lá e falei pro pai: *“Eu não vou”*. E daí o pai disse: *“Não, eu já conheço pra lá, eu já andei praqueles lado lá, é bão lá de morá, tem lugar que pega banhado, mas te lugar que pega enxuta. Vai lá olhá, pelo menos. Vai lá olhá! Pra não perder o teu tempo de acampamento vai lá e olha. De repente tu vai se agradá”*. Aí quando chegamo, que saímos do asfalto,

bah! Tudo mundo se apaixonou! Bah, que ricas terra! Aqui nós vamo se lavá colhendo. E chegamo e já começamo...

A família *“custou a se acerta com o clima e com o tipo de terra”*, como explica Domingos (2ª geração). Além disso, a forma de plantar e colher também não fazia parte dos saberes do grupo familiar. No início, ele lembra que *“plantamo melancia, então ela produziu bem, plantamo soja também produziu bem, porque a terra tava bem melhor, não tava fraca”*. Moleque (3ª geração) conta:

Chegamo aqui os lote já tavam medido! Já tavam botando os marco. E já chegamo num dia e noutro dia já pedimos dinheiro, pegamo uma época boa. O governo mando dinheiro na época certa pra nós aí e nós se atraquemo abri terra aí! Soltava o trator numa ponta e sai na outra. Se lavou bem no dinheiro quem tinha pra comprar um trator, que comprou um trator.

Após este momento, segundo suas memórias, tudo estava favorável para a família. Iniciaram *“com aquela canha do cara plantar soja, planta soja, ia traçando-lhe soja e daí começou... depois de dois ano o tempo deu bom... ia incentivando nós...”*. Após uma ano de seca tiveram problemas, e depois nos outros anos, *“fomos tomando, fomos tomando, e o pessoal queria plantar...”*.

Para Moleque (3ª geração), se fossem iniciar novamente, jamais teriam feito o que fizeram: *“eu não plantaria soja, não comprava um grão de soja”*. Ele iria plantar *“pasto e lidá só com vaca de leite e uma boa horta, um galinheirinho bõ, uns porquinho...”*. Acredita que assim o prejuízo não seria tão grande. Sobre isso ele comenta:

Eu cheguei a plantá soja na beirada da casa! Os arvoredos que eu plantei lá, porque lá foi tudo eu que fiz, aquelas árvore lá tinha bastante. O pai que cortou já um montão e eu cheguei a plantá no meio assim dos arvoredos. Deixá só o arvoredos ali e cruzar com a plantadeira no meio plantado soja. E vendi minhas vaca pra plantá soja e cheguei na safra e colhi 30 saca de soja só! O carro nem queria colhê. Se fosse com as vaca, tu chego no fim do mês tu tem o teu salário fixo. E daí as vaca te dão cria, tu vai criando os ternero...

Atualmente, todos os membros da família reconheçam que o melhor no início teria sido trabalhar com a produção leiteira, pois *“apesar de ser campo é bom, existe bastante pasto”*, como destaca Domingos (2ª geração).

Sobre as atividades da família na agricultura, Domingos (2ª geração) compara que o dia-a-dia *“era mais ou menos igual”* ao lugar de antes, contudo hoje *“o cara é mais fraco”*. Para ele, hoje, *“até uma criança, tu manda busca uma criação já saem rebolando”* e antes os pais não faziam nada depois de *“cria um guri até oito, nove ano”*. Sobre essas diferenças na dinâmica da família no campo ele narra:

Os pais hoje aqui na nossa região, em toda região, são meio governadinho. Isso aí tu pode nota, pode tira uma análise. Tu pode vê, chego quatro hora da tarde, quatro e pouco tão tudo junto buscando as vaca pra tira leite, tirando leite. Tão tudo na estrebaria, pode olhá que esse aí é a rotina deles. E

primeiro não era os pai, primeiro era as gurizada, quem tinha a gurizada, era eles que iam busca. Então aquilo era um trabalho muito bom, ele aprendeu a trabalha e hoje a gurizada não aprende a trabalha...

Na visão de Rosalina (1ª geração) hoje em dia é diferente porque *“vai um dois na roça, ninguém vai, ninguém que travaia na roça. É tudo no trator...”*. Como ela também comenta, a enxada é só nas atividades da horta. Esse fenômeno lhe impressiona, o que para ela tem como explicação o fato de que *“os pessoal tão tudo desacorçoado... querem tudo no maquinário...”*.

Sobre a perda de alguns costumes, Rosalina (1ª geração) faz questão de destacar que *“lá a gente matava o porco e dava 5, 6 lata de banha. Aqui quando mata um porco com uma lata de banha já tão as pessoa loco de facero”*. Neste contexto, Domingos (2ª geração) lembra que hoje não existe mais rapadura, já que não colhem amendoim em função do clima. Com a cana-de-açúcar a situação é a mesma, *“até tem um engenho, mas é muito difícil alguém faz uma lata de melado”*. Para ele, foi um período muito bom que jamais voltará.

O *puchirão* é outro elemento de comparação que aparece novamente nas narrativas sobre o lugar de destino. Sobre a sua prática, Rosalina (1ª geração), de forma triste, ressalta que *“hoje em dia acabo de fazer uns mutirão assim de se ajunta tudo, uns de inchada, uns de arado, máquina, nós cansamos de fazer mutirão...”*. Para ela *“era bunito de se vê, todo mundo unido...”*.

Domingos (2ª geração) lembra que logo no início do Assentamento as famílias se ajudavam, *“havia o puchirão...”* e hoje, principalmente nos assentamentos novos, é uma prática comum que fortalece a comunidade. Contudo, logo que o colono *“fica forte”* já não necessita mais, pois *“tem trator pra trabalhá... daí se perde...”*.

Na visão de Moleque (3ª geração) o *“puchirão”* se perdeu, e nunca mais vai acontecer porque hoje *“aqui é mais terra de máquina!”*. Ele conta que no começo, *“eles quiseram fazer o tal dos puchirão de capim... e o pessoal começo a não ir mais... eu acho que se foi no tempo...”*.

Em outro momento de comparações, Rosalina (1ª geração) lembra que *“nós tinha água de pedra, era muito limpa mesmo... hoje se olhá os poço artesiano não dá mais pra tu tomá”*, fazendo referência à contaminação pelos agrotóxicos. Para ela o que traz mais

saudades é a natureza do lugar, pois *“lá era tudo diferente, era tudo bom, desde a água”* e esse local jamais retornará como era antes.

Na perspectiva de Domingos (2ª geração), a natureza do lugar de origem era *“maravilha! Bem melhor do que hoje, porque não existia secante, não existia veneno, a água era uma água que soava pouco”*. Sobre os agrotóxicos no assentamento, ele comenta:

Essas água que tu toma que nem eu tava falando que é de fonte, isso tá tudo contaminado com veneno, essa terra contaminada com veneno. Aonde que desse aquela água, daquela coxilha que botava veneno... Tá vindo todos os anos. Daonde é que vem aquela água, desce pra baixo e daí aquela água tem que desce lá embaixo e lá embaixo na água do poço artesiano já tem, tem veneno! É a única água que é limpa que nós tinha...

Em relação ao impacto dos agrotóxicos na saúde, em sua infância uma criança *“tomava esse sereno não fazia mal, brincava lá fora até dez hora...”*. Para ele, o ambiente atual é a principal causa dos ataques epiléticos que suas três filhas tem, *“eu tenho três menina, as três dá ataque, porque? O ar contamina, elas tem aquele ar poluído... duns tempo atrás era muito mais alegria...”*.

Ao comentar sobre a caça no assentamento, Domingos (2ª geração), de forma espantosa, destaca que *“tá loco, hoje é muito diferente... hoje é proibido caçar”*. Sua principal inquietação se refere *“a essas piriquita que aqui existe... tinha que ter uma lei, um jeito de acabar, não acabar com tudo, porque não termina tudo na vida... é coisa muito seria”*.

Moleque (3ª geração) lembra que no assentamento realizaram caça por muito tempo. Contudo, com o passar dos anos o número de animais diminuiu. Para ele, ali havia muito mais diversidade de animais para a caça do que no lugar de origem, pois *“lá o cara caçava um tatuzinho, mas era raro já!”*. Em sua memória, *“tu saía nesses campo aí com uma bolsa e enchia. Hoje já não tem tanto... matei capincho aí... veado...”*.

A sua explicação para a diminuição do número de espécies de animais é que, em função do assentamento, as pessoas começaram a caçar com cachorros, e *“os bicho foram saindo, se retirando...”*. Em sua visão, deveriam saber quando e o que se pode caçar, pois *“nunca soubemos essas coisa... tem época que não tão com reprodução... o certo é o cara tê um livro...”*. Atualmente, Moleque (3ª geração) sente muita saudade de caçar, pois faz três anos que não como carne de tatu. Ele comenta:

Com as época de caça, tal época tu pode caçar pomba. Claro, que tu não vai lá abusar, pegar e matar uma bolsada! Tu vai pegar e vai lá pegar uma bolsada de tatu também. Tu sabe a época, tu vai lá, tu pega um

ou dois pra ti comê e vem pra casa e deixa os bichinho que vão se criando também. Mas isso aí ninguém tem, e pelo certo deveria de ter.

Sobre os aprendizados no lugar de destino, ele conta que após os 12 anos, aprendeu coisas novas que não sabia do lugar de origem, por exemplo, *“lá a gente não sabia o que era plantar uma árvore. Não se plantava uma árvore...”*. Ele relata que ajudou a prejudicar o ambiente em outros lugares que passou durante a migração, mas que também ajudou a plantar muitas árvores, tornando-se esse fato motivo de orgulho.

Sobre o futuro do lugar, em relação às questões sociambientais, para Rosalina (1ª geração) a *“previsão não é boa, se não muda um poquinho não vai se fácil...”*, principalmente em relação à agricultura. Para ela, o governo *“tem que dá os títulos pra nós pode financiá desde um calcáreo. A terra bem adubada, tu usa poco veneno, quase nada”*, demonstrando sua preocupação em relação aos agrotóxicos que tem sido utilizado por sua família. Somente assim, seria possível *“tu trabalha ela, aí ela vai te força... se não, não vai te quem plante...”*. Ela narra:

Eu digo assim que se é uma terra bem preparada, não precisa a gente tá dependendo do veneno! O veneno té pra gente, que não é muito são, tu vai, vai trabaiá lá e já vem pra casa doente. Que nem eu sô uma mulher véilha, eu não trabáio mais mesmo, mas eu sô doente de também de tanto trabalhá na terra com veneno depois que vim pra cá. Quando morava pra lá, eu era com saúde, eu trabalhava na roça, criava o meus filho e nunca sabia o que era andá pra médica. Sou mãe de doze filho e nunca fui pro hospital. Nunca fui ganhá um filho lá no hospital, de levá aquela criança no hospital, mal, nada, não se usava isso. A gente não usava isso, a gente tinha saúde.

Para Domingos (2ª geração) o assentamento no futuro, pode ser uma lugar bom para viver, *“pode ficá muito bom!”*, contudo ele também acredita que depende *“do governo dá os título da terra...”*. Para ele, somente assim, poderão ter novos financiamentos, o que ajudaria sua família, que passa por sérias dificuldades financeiras.

Moleque (3ª geração) acredita que seja possível um futuro melhor para as questões ambientais presentes no assentamento, principalmente porque *“o movimento vem trabalhando em cima disso”*, mas as famílias não o fazem. Ele conta que todas as reuniões que tem frequentado, nos cursos de formação, sempre *“tem estas coisas no meio... o autosusteno da família, que seria uma horta boa, um cantinho de milho, mandioca, batata...”*.

Nas memórias de Domingos (2ª geração) antes, *“todo mundo cuidava, existia bastante terra... hoje Deus o livre!”*, referindo principalmente às derrubadas da vegetação. Rosalina (1ª geração) destaca que *“hoje não é cuidado nada”*, e Domingos (2ª geração)

ratifica o que Moleque (3ª geração) afirma sobre o fato de que *“já se estudava sobre esses negócios no movimento... o que acontecia e o que não ia acontecer...”*.

Ele lembra que na época em que participaram do início da formação do movimento (final da década de 70) aprenderam bastante sobre estas questões:

O Dr. Flex vinha e ensinava nós. Essa parte sobre as águas, sobre a terra, que devia ter no mínimo 50m, 100m a par do rio, não é de mexer... Só se necessita fazer uma pastagenzinha lá ou fechar, mas não cortar a árvore. Deixe que a árvore vai ajudar você mais tarde, porque se vocês lavram a parte do rio de 50m, já dá uma despençada de terra. Daí não se pode pegar um peixinho... tranca o rio, o rio vai chupando, vai levando, vai levando... E a sombra do rio, terminando a árvore, termina a sombra do rio, a fruta pro peixe... Terminando e caindo a árvore, aquela vai correr na água... e o que aconteceu? Se todos tivesse sido estudado antes naquela época, não teria acontecido, mas...

Sobre a preferência entre os lugares, Francisco (1ª geração) acredita que o assentamento não tem problemas, mas *“não é saudável, porque aqui é muito frio, brabo pra nós...”*, fazendo referência à sua saúde e de Rosalina (1ª geração). Na perspectiva de Domingos (2ª geração), se tivesse que escolher onde viver, não importaria o lugar, mas na verdade *“eu sinto saudade daquela terra, porque lá tu não botava nada... largava o milho e dá espiga. Aqui tem que botá adubo, uréia, cuidá muito se não não colhe...”*.

Moleque (3ª geração) acredita já estar *“apegado”* ao novo lugar. O assentamento é bom, pois os familiares mais velhos podem ficar tranquilos e, além disso, é bem localizado: *“Aqui é bom de mora, não dá pra se queixar desse lugar. E aqui tem mais terra, lá tem menos terra, mas lá produz mais também! Só que em termos de clima, hoje, se tu vai avaliá não dá pra trocá aqui por lá. Porque aqui, por enquanto ainda tá sendo pouco veneno! Mas tem que ir fazendo as coisas...”*.

Atualmente a família Brambila enfrenta grande desafios relacionados ao desenvolvimento da agricultura. Para eles, esta superação representa melhores condições econômicas e da qualidade de vida da família, o que contribuiria para a adaptação ao lugar.

2.5 História de Vida: Família Ferreira

A família Ferreira tem como representante da **primeira geração**, João (86 anos, agricultor), nascido em 1923 em Rio dos Índios/RS, município da região do médio Alto Uruguai. Durante sua adolescência mudou-se com sua família para a região da Reserva Indígena de Nonoai, onde ali permaneceu, após casar e ter filhos, constituindo assim, um novo núcleo familiar.

Dos 3 filhos de João, Célio (57 anos, agricultor) é o representante da **segunda geração** para este estudo. Nasceu em Constantina/RS em 1952 e, juntamente com seu pai, realizaram contínuas mudanças de municípios na mesma região, dentro da área do território indígena Caingangue. Após conhecer Nete (49 anos, agricultora), também representante da **segunda geração**, casaram-se quando ela ainda era adolescente.

Tiveram três filhos, sendo a caçula, Luciane (19 anos, estudante), a representante da **terceira geração**. Ela nasceu em 1990 em Três Palmeiras/RS, último município antes da família chegar ao lugar de destino.

Após longo período de conflitos, enquanto viviam na área da Reserva Indígena de Nonoai, a família Ferreira deixa o local em 1978. Durante esta etapa da trajetória familiar, alternaram curtos e longos períodos em diversos municípios, até que em 1996, por uma troca de lote, chegam no Assentamento Coqueiro, município de Santana do Livramento/RS.

Lugar de Origem

A comunidade: Os grupos de Convívio

Dentre as narrativas que contam sobre a comunidade de origem no município de Nonoai/RS, onde a família Ferreira vivenciou parte das experiências familiares, destacam-se aquelas da primeira geração, em que são descritas características gerais dos grupos de convívio em que se aglutinam a vida dos sujeitos.

Segundo as narrativas, viveram em uma típica colônia rural, numa pequena área, onde existiam Igreja, salão cultural e campo de futebol. Sobre essa descrição, João (1ª geração) narra:

Eram colônias... Nós freqüentava mais a Vila Santa Isabel... Era na divisa dos índios... Nós morava numa arezinha pequena... era difícil alguém que tivesse duas colônia de terra. Era difícil, tudo pouca coisa... Tinha Igreja, salão cultural, Escola, campo de futebol, tinha festa... os tipos de festa que saiam era assim, até com o sistema antigo ainda que usavam, pediam ajuda e tal...

Neste mesmo sentido, Célio (2ª geração) destaca o ambiente (social) da comunidade de origem como sendo *“quase o mesmo do assentamento (destino)”*, referindo-se a aspectos que envolvem a administração da comunidade:

O ambiente é quase o mesmo do assentamento... Se ajudavam e se reuniam. Tinha presidente, vice-presidente, tesoureiro, coisa assim sempre teve. Só que daí era maior que um assentamento, porque aqui tem tantas família e lá era de longe, vinha de longe, era tudo coisa na comunidade. Era grande...

Nas lembranças de infância de Luciane (3ª geração) era um lugar que *“tinha menos famílias... e todo mundo se dava bem... se ajudava”*. As relações de cooperação aparecem como exemplificadoras do grupo anterior, como parte da rotina do lugar. Ela lembra que *“até mesmo o que a gente produzia... tirava leite, nata, manteiga... tudo o que a mão fazia a mãe vendia”*. Todos os vizinhos *“vinha ajudá”*.

Outras experiências lembradas, como parte da trajetória da família Ferreira, estiveram relacionadas às festas e bailes. Para Nete (2ª geração) é em torno destes momentos em que a comunidade vai apresentar sua capacidade de organização. Segundo ela, as comunidades eram grandes, conseqüentemente as festas também, pois todas as comunidades da região participavam.

Os casamentos não eram realizados na Igreja, mas sim nas casas, o que aproximava mais ainda a comunidade. Célio (2ª geração) destaca que era nestes momentos em que a família Ferreira cooperava na concretização. Assim, Célio (2ª geração) narra: *“A gente dava uma ajuda! Saia alguém pedi uma ajudazinha. Lá o cara dava, o dava um pudim, o dava uma galinha, o dava uma dúzia de ovos pra fazê essa festa. A família participava sempre junto...”*

Para Célio (2ª geração) outros momentos importantes foram vivenciados no futebol. Geralmente, estes aconteciam aos sábados e domingos em jogos amistosos e campeonatos dentro da comunidade de origem, contra times de futebol de outras comunidades. Dentre as vivências, se configurava como uma oportunidade de socialização do grupo, mas principalmente, para conhecer e se relacionar com outras comunidades. Em relação a isso, Célio e Nete (2ª geração) narram:

Célio: Minha alegria, sabe, depois de marmanjo foi no futebol. Eu sempre gostei de futebol. O esporte que não dexava de ir. Nete: Antes ele ia, era no carrinho. Depois mudou pro futebol. Célio: Era tudo pra mim, viu. Deixava de ir em baile, cansei de deixá de ir em baile no sábado pra no domingo dá uma pernada. Aí, às vezes, dava dez quilômetro com os companheiro junto, de pé, pra ir num torneio ou num amistoso que se fosse, era futebol. Porque, na verdade, baile e festa ia, mais esse que ia eu não tinha. Pobre que nem rato de Igreja, sofrido, que tá loco...

As relações também envolviam outros aspectos, como narra João (1ª geração) ao afirmar que *“lá era tudo misturado e até um ponto nós era tudo unido”*. Contudo, embora fosse uma comunidade com famílias de diversas origens, as diferenças eram destacadas dentro do grupo social, especialmente aquelas relacionadas à etnia. Como consequência, muitas desavenças aconteciam. Nas memórias de Célio (2ª geração) e João (1ª geração) estes momentos aparecem com uma forte conotação de violência e tristeza:

Célio: Existia, tinha na época era cisma. Contra o nego! Contra a minha, como eu digo, a minha pessoa. Síria mesmo, nós não sendo preto, mais caibo ainda, saio pro lado do nego. E tinha muito racismo. Era muito italiano. Muito italiano. João: E eles era a maioria da sociedade. Célio: E os italiano, existia nessa época, hoje acho que não, mudô! E eles queriam na verdade, não sei pra que isso, ignorância, bobagem, porque o sangue nosso é tudo branco... Queria só eles mandá. Em comparação aqui nessa comunidade e a de Santa Isabel lá, só eles quiriam mandá. E era uma comunidade, era grande a comunidade... João: Essa diferença só serviu pra dá prejuízo... Célio: A gente se dava... não é só porque era italiano que não se dava... Tinha até inclusive um que eu trabalha pra ele... o pai também... E que gente boa! Por isso que eu digo, o cara não pode mistura com outras coisa... A origem é essa, presta ou é daquela não presta. Não, não! Tinha o bom e tinha o ruim, todos ali...

Nas palavras de João (1ª geração) viviam *“à base de tensão”*. Quando envolvia questões de diferenças étnicas apareciam os conflitos. Segundo ele, isso acontecia *“pra nós se cabrestia... eles mandam e é o que eles dizem e pronto... seria como uma ditadura”*. Sobre um momento violento Célio e João narram:

Célio: O pai tava em casa. Eu tava em casa. A mãe, não. Uma irmão do pai foi chamá ele pra salvá um irmão dele por criação... Ele era misturado, mãe italiana e pai bugre... E os italiano esse chegaram... João: Eu não fui com vontade de brigá. O importante era tirá o meu irmão de lá. Tavam matando ele... eu calculo quanto laço esse home tomou... Quando cheguei ele tava deitado de lado pra parede e eles em cima dele... Eles violando ele... por racismo, birra, loucura, iguinorância dos home. Não eram muitos, mas tinha um bolinho que só eles queriam manda na comunidade... Queriam sê dono do mundo... Então, é o que eu falo, eu não ia contá, mais...

Dentre todas estas dimensões apresentadas, a Igreja tem um destaque especial na vida da família Ferreira. Seja influenciando as formas de organização social e política ou como espaço aglutinador das relações entre as famílias.

Como destacam eram católicos praticantes, e a Igreja da comunidade era perto de sua casa. João (1ª geração) e Célio (2ª geração) narram que no lugar de origem tinha uma forte relação com a Igreja, contudo na perspectiva de Luciane (3ª geração) este espaço era encarado de outra forma:

Nós somos tudo Católico... De ir a Igreja nos samo meio de canto!? Porque era todo domingo. Eu não sou muito de ir na Igreja. Antes era direto, era fissura mesmo... Naquele tempo eu frequentava obrigada, mas eu ia. Os meus irmãos fizeram catequese, a única que não fez sou eu e o meu irmão mais novo...

Encadeado com as memórias dessas experiências Nete (2ª geração) relaciona-as a sua vivência escolar. Segundo ela, na época de sua infância no lugar de origem, não havia Escola e as aulas aconteciam dentro da Igreja. Eram muito simples, assim como a maioria das famílias, não tendo muitas vezes condições de comprar calçados e roupas. Dentre estes momentos, narra com tristeza:

Os alunos quase morriam de frio. Eu me lembro uma vez nós de tanguinha dentro da sala de aula. Daí a Professora viu que não tinha mais condições de tocar a aula pra gente. Ela bota nós tudo pra fora, no costado da Igreja assim onde pegava sol pra se aquecer. Ninguém mais teve força pra estudar, ninguém ia bem vestido, bem calçado. Se alimentava bem, se alimentava, só que não tinha esse tipo de coisa! Então, é bom de um lado e do outro lado era difícil também...

Contrapondo-se a estes sentimentos, outras memórias tratam de expressar a felicidade de poder frequentar aquele espaço. Nete (2ª geração) iniciou a Escola com oito anos e como ela mesmo diz *“era a maior alegria do mundo ir a aula, a gente se conformava com o sofrimento”*. Juntamente com Célio (2ª geração), relata momentos de suas lembranças sobre a merenda escolar, quando apenas recebiam leite na merenda, cabendo aos alunos levar o resto para a Escola:

Nete: Na merenda a gente levava farinha, a gente levava ovo. Os alunos levavam. E daí, a Professora pagava uma merendera pra ela fazer aquela massa, pra ela fazer aquela sopa. Levava cove, levava repolho, naquela época todo mundo tinha, levava tudo de casa. E aquele, quando não tinha merendera pra fazer, daí cada um levava de tudo, até polenta assada. Ia queijo, ia batata assada, levava os litros de leite, ovo cozido. Célio: Alimento crioulo que nem pode imaginar. Tinha pra ideia do que podia ser. Batata assada... batata doce...

Nete (2ª geração) conseguiu estudar até a quarta série, mas teve que deixar a Escola para trabalhar nas atividades do campo. Para ela este momento significou *“escravidão em dobro”*.

Esta afirmativa se insere no contexto do seu grupo familiar de origem. Antes de casar com Célio (2ª geração), viveu com seus tios e avós paternos e conta que sofreu muito com a violência de sua família paterna. Segundo ela, *“não havia hora, era de noite, era de dia, porque gostava de bate em filha... um tio me segurava, minha vó me batia”*.

Durante este período foram muitas tristezas, até que seu avô materno assistiu em uma oportunidade esses acontecimentos. Prontamente foi atrás do pai dela, que se encontrava em Canoinhas, Santa Catarina. Logo depois, foi *“tirada um pouco da agonia, mas o sofrimento seguiu”*, pois seu pai *“só vivia de farra e farra”*.

Ao falar sobre sua mãe, Nete (2ª geração) conta sobre sua figura humilde e sofrida. Em determinada oportunidade, foi visitada pelo cantor e compositor Teixeira¹³, o qual compôs uma letra de música sobre sua vida, não sendo, entretanto, autorizado por ela a utilizá-la. Neste sentido, Nete dá a entender uma possível relação paralela entre sua história e de sua mãe. Para ela, sua vida e de seus irmãos foi *“vida de cachorro... porque a gente dependia dos outro... era muito triste”*.

Célio (2ª geração) e Nete (2ª geração) já se conheciam da comunidade desde suas infâncias. Começaram a namorar quando ela estava com 14 anos, e após dois anos, através de autorização na justiça pelos responsáveis, casaram. Na oportunidade, foram morar com os avós dela. Eles *“comeram o pão que o diabo amasso com os pé”*, devido às relações tornarem-se mais complexas e complicadas. No período que ali permaneceram continuaram a trabalhar no campo, com agricultura de subsistência.

Segundo narram, a família paterna de Nete foi sendo desfeita. Diversos parentes, inclusive o casal, foram e voltaram de diferentes municípios do estado de Santa Catarina, sempre retornando à área de origem, Nonoai/RS.

Em 1978, saem definitivamente da área da Reserva Indígena de Nonoai, no contexto dos conflitos entre o Estado, índios e colonos, momento em que surgiria o Movimento Sem Terra. Iniciam um processo de migração até 1994, quando chegam no Assentamento Coqueiro em Santana do Livramento/RS.

¹³ Cantor e Compositor da típica música Gaúcha, sendo ele um ícone do estilo.

O Ambiente e as Questões Socioambientais

O ambiente descrito pela família Ferreira é um elemento importante na composição das narrativas sobre o lugar. O fato de viverem em uma região com predominância de vegetação florestal¹⁴ aparece como destaque nas descrições. Assim, como neste caso, muitas famílias privilegiaram em seus depoimentos a descrição do ambiente em seu aspecto vegetacional.

Nete (2ª geração), ao falar sobre o lugar de origem faz questão de destacar espécies vegetais como Guavirova, Guamirim, Cereja e Jabuticaba. Além das descrições, expressa os sentimentos a elas associados:

Naquela época de família, era coisa bem boa! Eu adorava tá no meio do mato, sabe! A gente senti o cheiro de mato, o cheiro do verde no meio. Tinha fruta também. Na época o que eu não conheci, que não tinha que é lá onde nós morava, onde a gente casô, foi essa frutinha que dá na árvore Jabuticaba...

Dentre as narrativas selecionadas da infância de Nete (2ª geração), outra forma de representar o “mato” era descrevê-lo a partir de um aspecto selvagem, dos perigos que ele poderia oferecer. Tal visão é exemplificada a partir de uma história contada pelo seu pai na década de 70, na qual “fugiu no mato e subiu numa árvore de um bando de capinchos”. Além disso, ela destaca que “moraram em um mato que possuía feras”.

Na perspectiva de Célio (2ª geração) e Francisco (1ª geração), na região em que se localizava a comunidade, não havia animais selvagens, embora houvesse uma Reserva Índigena (de Nonoai) perto. Apenas na reserva, segundo eles, existia um capão que tinha “bicho selvagem, como tigres¹⁵”.

Outra percepção, referente ao ambiente do lugar de origem, construída na relação com o de destino, está relacionada ao clima. Para Célio (2ª geração), “a natureza tinha mais equilíbrio do tempo, a natureza era bem melhor”. Existe a nítida percepção de que o “tempo mudo de uns anos pra cá”. Esta sensação é percebida principalmente pelo contraste com o novo lugar.

Memórias relacionadas ao uso de recursos naturais estiveram marcadamente presentes na história da família. A relação com os elementos naturais compõe um dos quadros de vivências dos sujeitos na família.

¹⁴ O lugar de origem está inserido na Floresta de Araucária, Bioma Mata Atlântica, caracterizada pela predominância do pinheiro-brasileiro (*Araucaria angustifolia*) (IBGE, 2004; LEITE e KLEIN, 1990).

¹⁵ Conforme as descrições, provavelmente, o animal a qual se referem seja o Leão-Baio (*Puma concolor*).

Célio (2ª geração), conta que uma de suas maiores alegrias de infância era brincar *“correndo de carrinho com os amigos”*. Seu carrinho tinha *“quatro rodas de uma madeira que não existe no lugar”* de destino, Timbó. Era uma das madeiras mais preferidas pra fazer carrinho, pois *“tinha em quantia”*, bem como *“Canela”*.

Além dos carrinhos, outra memória da infância de Célio (2ª geração) e Nete (2ª geração) está relacionada à coleta de pinhão. Não foram poucas às vezes em que Célio ia *“pros mato, porque na época tinha muita Araucária, pinheiro-brasileiro, pra juntá e comê pinhão”*. Como contam:

Célio: Nós éramos mais ou menos comportados... Chovia hoje e amanhã fazia sol... Daí nós fazia um foguinho de grimpa pra comê pinhão sapecado e daí sobrava um pouco e levava pra casa. Existia pinhão, existia pinheiro... Nete: Dizia a mãe: *“a alegria do pobre é quando enxerga uma coisa boa!”*. Daí ele disse assim: *“Mãe achei bastante pinhão lá no mato”*. Se mandemo tudo lá pro mato. Claro, o gato sitiô ele. O gato sitiô ele dentro do mato e daí ele trepo numa árvore e trepado da árvore ele viu no chão bastante pinhão. Eu me lembro como se fosse hoje, nos fomos lá com mãe, cada um trazia um pouco. Nós enchemos um saco bem cheio com os pinhão e era a nossa alegria. Então, do lado tu era feliz do outro tu era triste...

Além do pinhão, a família costumava coletar mel. Segundo Nete (2ª geração), todas as famílias tinham este mesmo hábito, além do consumo próprio, para vender, pois *“era demais”*. Em sua lembrança era *“6, 7 casa e morador dentro do mato, cada casa trazia o balde cheio de favo de mel”*. Na opinião de Célio (2ª geração), era tanto que enjoaram, e como conta Nete, *“comeram mel quente... diz que toma água e faz mal... hoje o mel só pra remédio”*.

A caça e a pesca também faziam parte da rotina da família. Não *“eram de caçar com arma”*, mas conforme lembra Célio (2ª geração), *“botavam arapuca de nylon no milho”*. Dentre os animais descritos, fazem referência àqueles que serviam como alimento, por exemplo, Tatu, Pomba, Nambu e Saracura. Célio conta que *“o rio dava muita traira”* e era costume pescarem e alimentarem-se de peixes.

Nas memórias de João (1ª geração) havia duas serrarias na região que retiravam *“quantia de madeira... cerravam e levavam outrora pro rio, pra correr...”* especialmente as grandes espécies de Araucárias. Algumas famílias de brancos trabalhavam para a Serraria, mas a principal mão de obra utilizada era a indígena.

Além de vendidas para madeiras, a madeira era utilizada pelas famílias para uso particular, como construção de casas, lenha e agricultura. Segundo Nete (2ª geração), as famílias continuamente *“derrubavam o mato, pois era tudo mato na época”*. Ela narra que a

mata era tão extensa, e as árvores tão grandes, que as famílias precisavam empreender árduos esforços:

Tinha muito Pinheiro lá... Era no meio do mato mesmo que nós morava, aqueles matão. A casa era feita de madeira do mato, madeira boa. Antigamente existia madeira mesmo. Então era uma enorme de uma casa... Eu sei que meu pai botava o boi arrastá, mas arrastavam enorme de tora... Uma vez meu pai arrebento o fel do animal... foi de tanto o boi fazer força, de tanto forceja. Era o pintado o nome dele... me lembro que eu e meu irmão ia demanha cedo pra leva café e achava eles pelo grito dos boi... As toras fazia estrada... Muitas vezes o caminhonero ia indo pra pegá as dita tora e daí a gente pegava carona com caminhonero. Nós ia longe, arrisquemo de uma fera comê nós, porque era dentro do mato, de uma fera... daí eles faziam aquele tal de estalero e puxava as tora pros boi e quando colocava ali e daí encostava o caminhão, era de reboque...

Destaca-se ainda o desmatamento e o desenvolvimento da agricultura, desenvolvida nessas regiões. O fogo era bastante utilizado. Todas as narrativas geracionais valorizam esta atividade no campo, dando ênfase a sua importância para a família.

Célio (2ª geração) ao rememorar sobre estes momentos, relata que *“era bem melhor na época... o clima era bom... e muita terra cultivada... a terra era preta”*. Em diferentes momentos, especialmente nas narrativas da 1ª e 2ª geração, há a referência à qualidade da terra para o desenvolvimento da agricultura.

Nas palavras de Célio *“a terra não se desgastava... não existia tanta praga...”*. Do que João (1ª geração), mais sente saudades do lugar de origem, *“é a terra”*. Além disso, para Célio, *“o clima, o ar era bom... a gente respirava melhor”*.

Segundo João (1ª geração), na casa da família *“os bicho tinha um potreiro... chiqueiro... gado pra leite só pra consumo próprio”*. Naquela época era melhor porque *“os porco era tudo carne de chão... e quando vinha o gafanhoto, ele não come abóbora, moranga... então o cara não passava mal”*. Todos os alimentos característicos da agricultura de subsistência eram produzidos pela família, os quais eram incluídos na rotina alimentar. Além disso, havia, como narra Célio (2ª geração) *“o troca-troca... as pessoas trocavam, com a loja, a cooperativa, trocava a semente de trigo por farinha ou arroz...”*. Nete (2ª geração) relembra sua infância:

É! A minha mãe matava cinco galinha para fazê um almoço, que era tudo que a gente plantava, a gente fazia, a gente tinha. De trilhá 400 saco de milho, 400 saco de manã à noite. E eu não sai dali, eu era o que, naquela época eu acho que eu tinha uns onze, doze ano. E eu pra mim, era a coisa mais boa do mundo aquilo lá. Parece que eu me sentia tão bem em trabalhá!

No contexto das relações sociais que envolviam as questões ambientais da vida da família no lugar de origem, o mutirão, também chamado de *“puchirão”*, se apresenta como o maior símbolo de cooperação e participação social. Basicamente, eram momentos em que

todas as famílias se reuniam para colaborar na produção de suas áreas de cultivo. Nas palavras de João (1ª geração), era *“hoje é pra mim, amanhã é pra você”*.

Nete (2ª geração) conta que *“não se via tristeza. Uma pessoa ficava doente, sempre tinha um que sabia fazê um remédio”*. Sobre estes momentos ela rememora com Célio (2ª geração):

Nete: Na época usava o tal de puchirão... Célio: Hoje é mutirão... Nete: É! Tanto de lavada, de planta, ou de roçada... Na época tinha muita moita no meio das lavora e roçavam capoeira... Os dono da terra, por exemplo, convidavam 12, 15 família. Aí aquele dia era que nem uma festa, é um almoço enorme de grande e a turma vinha de boi... Trabalhavam o dia inteiro, deixavam aquele serviço pronto. Na próxima vez era no outro vizinho, daí era rodízio. Era bem legal... hoje não existe mais isso...

Com o processo de modernização no campo, na década de 70, a família Ferreira começou a mudar suas dinâmicas sociais de trabalho na agricultura, por resultado dos acontecimentos do momento. Célio (2ª geração) lembra que na época, os seus *“braços era pura firida de colhê trigo e até e trilhá... era coisa bem boa”*. Trabalham bastante e era *“na junta de boi, no arado e na carroça”*.

Logo depois a soja aparece como elemento modificador deste percurso. Na perspectiva de Célio (2ª geração), *“no início era a ambição da tal da soja, porque o pequeno que não se envolvesse, não valia a pena”*. Começaram a plantar e *“tinha maquinário, mas era pouco”*. Toda a sua família participava, e o que a família plantava *“era meia dúzia de pé... de maquininha pica-pau”*. Segundo Célio (2ª geração), *“uma parte já tinha soja”* e esta área era administrada pelos próprios indígenas, pois *“os cacique e os chefe de índio... tinham tratores que botavam lá e faziam lavoura... granja...”*.

Os problemas ambientais em decorrência deste período, também começam aparecer nas narrativas, mesmo antes da saída da família da área. Até então, segundo Célio (2ª geração), *“não exisita veneno... nós não conhecia essas coisa”*. Trabalhavam de forma tradicional, e foram aos poucos *“introduzindo o veneno”*.

Célio comenta que pelo fato de ser *“analfabeto, nois não alcançava esse passo ainda”*, o de ter a percepção das conseqüências ambientais do uso dos agrotóxicos. De fato, lembra que trabalhavam no campo e Nete (2ª geração), comenta que *“mesmo sendo analfabeto... enxergavam pra frente, que tinham que preservá as coisa...”* Ao rememorar sobre passagens da época, João (1ª geração), conta:

Naquele tempo que nós entramo lá, mato não tinha mais... Eles dizem que foram os branco que devoraram, que era nós. Mas não, quem devorou aquilo lá foram as gente do dinheiro, serraria que

botaram em cima e arrebataram os pinheiro morto... E depois pagavam pros índio sangrar os pinheiro no pé, que morria, mais aqueles que juntavam...

Encadeado a esta memória, João complementa destacando que *“tirava licença do chefe de lá, pra poder plantar e não me complicar com os índios”*.

Sobre a percepção e preocupação em relação às questões ambientais, tanto Célio, quanto João, comentam que na época não falavam sobre o tema. Segundo Nete (2ª geração), *“nem nos colégio tinha isso”*, pois na sua visão a destruição não era muita, como se imagina, *“não era destruído como hoje, não se percebia...”*.

Contudo, sobre outros momentos, Célio (2ª geração) destaca que embora tivessem que *“bota o mato a baixo o abri uma picada”* sempre alguém dizia para preservar os *“olhos d’água”*. Existia o entendimento e preocupação a partir das sensibilidades dos colonos, como ele lembra:

Até que já existia entendimento, alguém já entendia esse ambiente que tá hoje! Essa preocupação do meio ambiente! Alguém já... Sim, isso aí é natural já da gente do campo! Acho que a pessoa tendo uma visão, acho que já consegue ver mais o meno o que pode tá e o que pode não tá certo ou errado...

Todas essas vivências, percepções e sentimentos em relação ao ambiente e as questões socioambientais da família Ferreira compõem esta dimensão vital, as identidades individuais e coletivas construídas no lugar de origem.

As memórias da vida em comunidade proporcionam sentimentos de felicidade para a família Ferreira e se fundem com as percepções, da primeira e da segunda geração, de que a modernização gerou mudanças radicais no ambiente e na qualidade de vida.

Migração

O processo de migração da família Ferreira iniciou em 1978, com a saída da área da Reserva Indígena de Nonoai. Até 1994, data da chegada da família no Assentamento Coqueiro, município de Santana do Livramento/RS, diversos caminhos foram realizados pelo grupo familiar, em diferentes cidades, em sua maioria na mesma região do lugar de origem.

Historicamente, conta João (1ª geração), a ocupação da área indígena iniciou por arrendamento da área pelos brancos, através de um *“contrato lá no posto... lá onde morava o chefe dos índios... o chefe mandava medir e cada um pegava um pedaço de terra...”*. Como ele mesmo afirma, estes chefe *“era um branco que mandava nos índios”*.

Ainda, conforme João (1ª geração), em relação à ocupação da área, todas as famílias sabiam e *“estavam a par desse assunto. Mesmo que tenha um pouco de sangue, não tem nada a vê, eles não querem nem sabe. Não tem o direito de morá nas terra deles, e isso aí há muitos anos...”*. Em sua memória é posteriormente a isso que iniciaram as invasões, com famílias *“fazendo um barraquinho, casinha, chatôzinho... Entravam por conta e ninguém se importava... não existia outra terra melhor...”*.

Essas famílias vinham de diversas regiões, e do ponto de vista de Célio (2ª geração), alguns sabiam que era área indígena e outros não. Embora uma comissão do INCRA, em 1967, já houvesse cadastrado as famílias, como conta Célio (2ª geração), *“nós não sabia pra que... não sabia direito o que tava acontecendo... só sei que fomo atropelado pelos índio e que não devia discuti, deram esse direito pros índios e me deixaram sem casa...”*.

Entre as memórias iniciais referidas a este momento destaca-se, principalmente, aquelas relacionadas à violência vivida durante a saída da área pelo confronto com os índios, como no caso de Célio (2ª geração), que chegou a presenciar a morte de um amigo. Sobre este momento ele e Nete (2ª geração) narram:

Célio: Quando eles chegaram era o fardamento do exército. Isso foi em 78. Não sei porquê meio que eles entraram dá essa força pros índio pra tira o povo, tavam junto. Eles faziam os grupo, iam 12, 15, 20 e saiam pras região pra tirá todo mundo, dando prazo de 24 horas. E foi o causo que aconteceu de alguém que emperro, que achava que não precisava saí. Até deu morte, os índio velho mataram mesmo.... Nete: Os índio atropelaram todo mundo que nem bicho! Tinham flecha, facão... dai eles cercaram a casa... No dia do despejo tinha ido leva meu filho pra vaciná, daí tava dando no rádio em tudo que é parte que os índio tinha ocupado a área e atropelando... Deus o livre! Eu fiquei em pânico... esse aqui (Célio) não morreu porque fico bem quietinho... Célio: Diziam pra gente desocupa as terra deles... entraram dentro do nosso biombinho que a gente morava... e deixaram tudo no chão...



Figura 8. Movimentação dos indígenas na área da Reserva Indígena de Nonoai/RS em 1978. (Fonte: Zero Hora, 20/07/2008)

Assim como no caso de outras famílias, é neste momento em que a família Ferreira é despejada da área. Celio e Nete, já com dois filhos, necessitam da ajuda de familiares para acharem um novo lugar para ficar. Depois de muitas dificuldades, acabam por serem acolhidos por um tio de Nete, segundo ela, apenas por pena. A relação entre os parentes mais distantes não era boa, como ela lembra:

Nete: Nós fomos despejado da área... Já nós tava dependendo dos outro de novo, da minha familia mesmo. Por isso que, às vezes, é bom a gente não mora perto da família da gente, mora longe memo. Porque nós não tinha pra onde ir e nem dinheiro para comprá uma lona, pra fazê um barraco na bera da estrada, nós tinha. Daí fomos dependê de mora num galpão. Credo! Essa cozinha aqui era um salão perto daquilo lá, era um trocinho assim que só tinha a cama e o fogão. E a metade de lona... E daí depois viviam canhando um lugar pra nós, pra achá otro lugar para saí, para ir mora. Nele nós vivia com dois filho embolando. Daí até que a solução foi ir acampá... dali depois um mês nem isso. Daí deu a saída pra Esteio... lá os despejado fumo pra Esteio e foi todo mundo pra Esteio...

Naquele momento (1978) umas das alternativas oferecidas às famílias era ir para o município de Esteio, Bagé ou o estado do Mato Grosso. No caso da família Ferreira, conforme Célio (2ª geração) *“o governo largou pra nós ir pra Esteio e ficamo lá uns 90 dias”*. Na oportunidade, não sabiam qual era a finalidade do deslocamento, mas como já estavam fora da área dos índios não havia porque não tentar. Ficaram alojados neste período no atual Parque de Exposições Assis Brasil. Sobre este momento, Nete (2ª geração) conta:

Fomos pra Esteio. Me deram assistência social... O vô (João), porque tem o ombro quebrado há anos, aposentaram ele... Lá tinha uma casa de tijolo a vista... Tem lá os milico do quartel... nós comia e dormia nos alojamento. Tinha um baixinho que era do governo do Estado... ele ajudava e atendia ali a estrutura de Esteio. O Célio ajudava, eu não ia, porque tinha os filho, bem pequenininho. Tinha esse cara que trabalhava nessa casa... Ele disse pro Célio: *“tu não que fica morando aqui?”*. Burra, eu que não quis. Me arrependo hoje. Quando a gente nasce pra pastá é pra segui pastando...

Dentre essas lembranças caracteriza-se o sentimento de arrependimento de Nete, pois poderiam ter ficado em Esteio, *“trabalhando, criando os filhos e ganhando um bom salário”*. Tinham a mesma rotina de uma vida normal no campo, e ainda cansaram de

“ganhá das própria polícia doação de cobertor, banana, um monte de coisa”. Acreditava que se tivessem ficado por lá, Célio estaria aposentado e *“quem sabe que estilo e vida nós tinha”*.

Logo depois (final da década 70), devido às circunstâncias do momento, a família Ferreira retorna e vai morar no município de Planalto/RS. Naquele momento, embora novamente surgisse a oportunidade de ir para o Mato Grosso ou Bagé, decidem permanecer ali. Para Nete (2ª geração) *“Bagé era o fim do mundo e Mato Grosso pior ainda”*.

Mais uma vez, eles voltam a depender de familiares. Segundo Célio (2ª geração), retornam para o mesmo lugar do qual haviam saído antes de ir a Esteio, contudo fora da área indígena, *“para voltar a sê escravo, trabalha pros otro, pra tira pra comê”*. Para Célio, esta etapa foi a uma das mais tristes para o grupo, pela submissão em que se colocaram diante dos membros da própria família.

Depois destes acontecimentos é que, a partir das memórias de Célio (2ª geração), começaram os acampamentos. Como conta: *“saiu um enorme e grande, o Natalino (Encruzilhada Natalino¹⁶)... depois outro na Macali...”*. Seu pai, após se aposentar, comprou uma *“chacrinha bem pequeninha, um pedacinho de terra no Planalto pros aposentado”*. Embora João (1ª geração) insistira na época para que eles fossem morar com ele, permaneceram no acampamento Encruzilhada Natalino na luta pela terra. Sobre este momento, conta Nete (2ª geração):

Daí saiu o tal de sorteio, saiu o tal de sorteio um mínimo, assim tipo uma agrovila. Tinha 4 agrovila. A 1 a 2 a 3 e a 4, nós tava na 3. Daquela agrovila daí, era uma extensão de terra muito grande, era pa sê em família. Foi assim, repartido os grupo pra plantá, escolhia um pedaço, não era escolhido, sortiado as lombada, de que era. Daí plantava milho, feijão, soja, foi feito um troca-troca na cidade. Era 20 família cada grupo. Daí não me lembro se era um que era dos aposentado que saiu um mini-lote daí pra cada família. Umas 20 família também...

Como conta Célio (2ª geração) *“nessa fase nós já era assentado (no acampamento Encruzilhada Natalino) Quando tava em mini-lote foi plantado tudo junto...”*. Possuíam *“juntinha de terneiro, boizinho”* e tentavam novamente recompor a vida no lugar de origem.

Conectado a estas lembranças, Célio (2ª geração) lembra que quando foram para essa área *“levamo 14 carroçada de milho... fora o que foi colhido e vendido na cooperativa”*.

¹⁶ No início de 1981, um terceiro acampamento instalou-se na mesma região dos conflitos anteriores. A iniciativa e a escolha do local – as margens de uma estrada, junto a uma bifurcação conhecida como Encruzilhada Natalino, no município de Ronda Alta/RS (GAIGER, 1987).

O que foi vendido fizeram rancho para comprar o que não possuíam, como fogão, pia e *“coisas de madeira pra fazer barraco”*.

Durante o período em que permanecerem ali, conta Nete (2ª geração) que *“os filhos foram crescendo... aprendendo a caminhar”*. Para ela, foram momentos de muita tristeza e dificuldades, como nas situações em que passavam fome:

Deus o livre! Não me lembro mais como é que foi que foi aparece aquela bóia lá pra nós. Sei que foi de Kombi, mas todo mundo pegava porque não tinha. E era 280 família assentada. Naquele tempo era cheio de barraco... costeando a sanga... Fizemos Igreja com o Padre Anilto (Arnildo Fritzen), tudo lá. O padre Anilto veio de Ronda Alta...

Célio (2ª geração) lembra que a casa da família era feita de *“feixes de carafá, aquela taquarinha... acho que era uma casa de dois por dois...”*. Passaram muitas dificuldades, principalmente quando chovia e as crianças se molhavam. Nete lembra de uma ocasião em que *“se atacô a chove e molhá e eu não aguentava mais de sono... Eu dormi embaixo da chuva mesmo... no outro dia pegamo e rasgamo esse saco de uréia dai foi colocado por baxo. Ao menos a cama não molhava...”*.

No acampamento as famílias tinham uma boa relação, se ajudavam, principalmente nas questões que envolvia a agricultura. Nete conta que com o passar do tempo a família foi plantando para sobreviver, *“nada pedindo dinheiro pra governo, era tudo no suor mesmo”*. Foram plantando um pouco de cana, arroz, feijão, pois não compravam nada, tirando o sustento alimentar da terra. Com o passar do tempo, iniciaram os financiamentos para a agricultura, aumentando gradativamente o valor das dívidas.

Sobre este momento Nete (2ª geração) lembra que era um *“mundareo de famílias, todo mundo quase passando fome”*. Em outra oportunidade apareceu *“um filho de Deus... atrás de peão pra trabalha”* e levou Célio. Não havia nenhum alimento e quando ele retornou trazia consigo *“pão, banha, um pacote de farinha. Nunca vô me esquece desta cena, pois o Zé (filho) tava me sugando, porque eu não tinha mas nada de leite...”*. Para ela, este acontecimento demarcou a possibilidade de melhora na qualidade de vida familiar, pois nesse período iniciaram o recebimento de carne e outros alimentos.

O período em que a família permaneceu em Encruzilhada Natalino (entre final de 70 e início de 90) foi marcado por este processo de reconstrução das comunidades de origem. As peculiaridades envolvidas neste contexto sócio-histórico tem como diferencial a consolidação do Movimento Sem Terra. Neste sentido, ao falar sobre o Movimento, Nete e Célio destacam: *Nete: Nós era o movimento... Eram os acampados, eram uns que queriam*

trabalhá, lutá pra tê alguma coisa... Célio: Sem-Terra! Éramos os Sem-Terra, mas não tinha nada a ver com o movimento. O Movimento começo ali...

O lugar de destino

O Assentamento: Grupos de Convívio

A chegada no Assentamento Coqueiro, em Santana do Livramento/RS em 1996 foi um acontecimento marcante para a família Ferreira. Todos ficaram bastante impressionados com o novo lugar. Como conta Luciane (3ª geração) *“quando a gente chegou eu não gostei, a minha mãe não gostou, meu irmão também, ninguém gostou”*. Não havia nada, apenas o lote e *“aquele monte de coisarada (material da família da origem)”*. Em seu imaginário infantil, o Assentamento era como se fosse *“um parque de diversões”*.

Logo no início, Nete (2ª geração) pensava que tinham a possibilidade de retornar. Na verdade não poderiam, pois a área que possuíam havia sido vendida, como conta Luciane (3ª geração):

Quando soube que tinha sido vendido, a minha mãe pirou quando veio pra cá... Ela não sabia... tinha vindo como se tivesse arrendado, e se quisesse volta a gente voltava... Meu pai e meu irmão, sem pedi autorização, tinha vendido porque sabia que nós ia chegá no terreno e não ia gostá... Depois acostumô... a gente acostumô aqui...

Ainda em suas memórias, Luciane (3ª geração) lembra que quando chegaram foram morar na sede do assentamento, pois sua mãe lhe dissera que não *“moraria novamente num barraco”*. Depois *“a gente começo a tira leite”*, vendendo para a cidade de Rosário do Sul. Este período, segundo ela, foi difícil, pois vieram com pouco dinheiro, que logo acabou. Era uma fase economicamente difícil para quem trabalhava com produção leiteira no assentamento.

Um dos elementos que se destacam nas narrativas, trata das novas relações estabelecidas entre a comunidade do novo lugar. Para Célio (2ª geração) *“existe um companheirismo muito bom... mas o ambiente do povo parece que é diferente, mesmo quem veio do mesmo lado...”*. Na percepção de João (1ª geração) a convivência com os moradores é tranqüila e respeitosa entre os pares.

Contudo, Nete (2ª geração) e Luciane (2ª geração) destacam que as relações não são como antes. No começo, enquanto a família morou na sede do assentamento, *“ia todas as mulheres lá pra casa toma mate e comê pipoca... os home iam joga bocha e os guri joga futebol todo final de semana, e depois foi murchando...”* e a sede começou a *“vira um lixo”*.

Nas memórias da infância de Luciane (3ª geração) há a recordação de que *“era bom porque tinha crianças pra mim brincar...”* mas com o passar do tempo também sentia que não tinha privacidade, o que também motivou a saída da família para o lote.

Embora viessem de uma comunidade anterior em que as pessoas organizassem muitos eventos sociais, não eram acostumadas com tantas festas, bailes, torneios e pessoas de diferentes lugares.

Para elas, uma das principais motivações de declínio das relações envolvia o fato de que uns *“falavam mal”* dos outros. Nesta perspectiva, comenta Luciane (3ª geração) que, pontualmente, era *“por causa da fofoca mesmo, ciúme, sabe... porque a fulaninha falou de mim, que eu tô gorda...”*.

Na oportunidade, as conseqüências destes acontecimentos motivaram muitos conflitos e violência entre as pessoas e as famílias, também influenciado pela presença do alto índice de alcoolismo. Nete (2ª geração) relata que *“a maioria era porque bibia e só sabiam de briga... se pegavam de faca e coisa assim...”*. Isso acabou forçando a saída da família da sede para um lote no mesmo assentamento.

Como explicação Nete (2ª geração) acredita que a relação entre as pessoas influencia diretamente na organização da comunidade. Antes, *“tinha menos pessoas orgulhosa do que hoje... tá tudo mudado”*; as pessoas pareciam se conhecer e respeitar mais e melhor. Sobre isso, ela comenta:

O bem de vida! Hoje em dia quando um se ajeita um poquinho já pensa de comprá um carro bonito, outro um carro melhor uma coisa assim. Na época não. Na época iam comprá um trator, iam comprá uma coisa assim pra fazê mais. Hoje não, hoje já é pra aparece, a gente sente, a gente vê, a gente convive com isso aí. Hoje parece que é uma coisa, que querem aparece: *“Ah, Fulano comprou um carro novo. Carro de tanto!”*.

Para ela as pessoas *“tinham dinheiro”*; contudo queriam apenas trabalhar e não se compararem com as outras pessoas. Para Célio *“não tinha essa ganância que tem hoje”* o que permitia melhores relações afetivas proporcionando maior coesão no grupo comunitário. Seus sentimentos são de que quando se lembra do passado *“a gente vê que nunca mais aquilo vai vir...”*.

Em outro momento, nas reminiscências de Célio (2ª geração) o *“povo parecia que se entendia mais naquela época”*. Sua explicação é de que as diferenças hoje ocorrem porque alguns possuem maior escolaridade que outros, como explica:

O estudo é bom, é importante! Acho eu! Concordo, porque vem a tecnologia no estudo, não é!? Vão pegando coisa e trazendo pra nós mais velho, também é importante. Mais parece que naquela época o povo era que nem eu analfabeto, tudo parelho, a maioria, parece que até se entendiam mais. Sabe, o que eu quero dizer, acho eu eram mais humilde. Uma parte, a maioria, eu digo a maioria. Era e tinha confiança, porque eu vivi nesse território, por isso que eu digo, tinha, existia, acho que sei lá, parece que mais confiança e mais consideração.

Para Luciane (3ª geração) a organização social da comunidade era parecida com a atual, havia menos famílias e *“aí todo mundo se dava bem, todo mundo se ajudava”*. Em oportunidades em que alguém se encontrava sozinho, tanto para colher arroz ou para realizar outras atividades, todos os vizinhos vinham ajudar. Por exemplo, *“quando um queria mata um porco, coisa assim...”*.

Assim, para ela, no início do assentamento *“era assim, bem organizadinha até”*, pois havia atividades (missa) na Igreja durante a semana e nos finais de semana, grupo de mulheres, grupos de limpeza da sede com a participação dos jovens, cortando árvores, entre outros. Todavia, as mesmas causas citadas anteriormente, geradoras de animosidade entre as pessoas e as famílias são assumidas por Luciane como motivadoras desta perda de organização.

Sobre este assunto, a opinião de Célio (2ª geração), é que o novo lugar seria quase a mesma *“coisa da organização da comunidade anterior”*. Contudo, na época atual *“não está mais dando, não é a mesma coisa”*. De forma complementar, João (1ª geração) acredita que *“se perdeu um pouco. Não tem mais aquela união de fazer...”*.

A dimensão que envolve a participação do MST na vida da família Ferreira no lugar de destino é destacada por Célio (2ª geração) principalmente pelas *“idéias que o movimento trouxe de como fazer um encaminhamento para um banco, realizar uma reunião para ir adiantando alguma atividade”*. Aspectos que envolvem a organização política da comunidade também são valorizados. Contudo, como ele mesmo destaca, *“um pouco atrapalha pois tiram uma porcentagem...”*. Esta também é uma percepção de Luciane (3ª geração) ao comentar que a família destina para contribuições ao MST uma parcela dos financiamentos de projetos.

Na sua visão, embora ela nunca tenha estabelecido contato direto com eventos relacionados ao movimento social, o fato de seu irmão mais velho participar influenciou na sua vida. Para ela, *“tudo que acontece com meus irmão, tem a ver comigo também”*. Seu irmão teve a oportunidade de estudar *“pelo movimento”*, e como consequência muitas coisas boas estão acontecendo, *“principalmente que é trabalhá com a terra”*.

Neste sentido, outro destaque refere-se ao fato de seu irmão atualmente estar envolvido com a política, o que segundo Luciane (3ª geração) tem relação direta com a participação no movimento: *O meu irmão passou fome... que nem a minha família. Ele passou necessidade, mas ele foi firme... Eu acho que se ele não tivesse tantas oportunidades pelo movimento a minha família não taria se erguendo agora...*

De maneira geral, as narrativas demonstram o quanto o MST possibilitou melhor mobilidade social para o grupo familiar, especialmente pelas oportunidades econômicas e de ascensão social, e pela formação educativa propiciada à família.

A dimensão educativa, relacionadas às experiências escolares no novo lugar, é restrita às vivências de Luciane (3ª geração). Logo que chegaram, ela começou a frequentar a Escola Municipal Aurélio Guerra, localizada na zona rural de Santana de Livramento, onde permaneceu estudando dos 7 aos 13 anos. No começo *“foi horrível... era muito ruim, pois tinham muito preconceito. Tipo assim, “Os colono... Era muito ruim mesmo o preconceito deles...”*. Conta Luciane que com o passar do tempo, acostumaram-se com a presença das famílias dos assentamentos, principalmente por intervenção de uma nova diretora que passou a valorizar as crianças.

Após se formar no Ensino Fundamental, e como não havia o Ensino Médio na Escola em que estudava, Luciane passou a deslocar-se todos os dias para Santana do Livramento para estudar. Em sua memória esta fase é marcante pelos desafios impostos ao se relacionar com seus colegas da cidade. Houve casos em que estes *“levavam milho para jogar nos pé das guria do assentamento”*. Além disso, outra dificuldade esteve relacionada à ausência de transporte entre o assentamento (aproximadamente 70 km) e a Escola. Ela conta que com o tempo essa foi a causa principal de sua desmotivação, levando-a a desistir, interrompendo seus estudos no segundo ano do Ensino Médio. Sobre este momento ela narra:

Eu era bem interessada... e ai depois o onibus não ia busca e eu fui me desanimando com aquilo, sabe? O prefeito só mandava quando queria... Eu disse pra mim assim: *“eu não vou mais”*. Dai foi aquele ano de burra mesmo, perdi o que eu tinha feito todo aquele esforço. Aí faltava dois mês pra terminá o ano e eu não fui mais. Eu comecei e não pude terminá...

Ao narrarem sobre estarem ou não adaptados ao novo lugar as gerações assumem diversas opiniões. Para Célio (2ª geração), após 12 anos no Assentamento, já se sente adaptado à vida local. Contudo, para João (1ª geração) ainda é um lugar estranho e de diferenças marcantes em relação ao percurso que realizou.

Sobre as alegrias, para Célio (2ª geração), está a possibilidade de ter toda a sua família por perto e *“Deus me deu saúde, pra nós cria eles, tão aí com saúde...”*. Embora seus filhos ainda não *“estejam bem colocados, que isso não é fácil pros pobre...”* é assim que ele se sente feliz. Nesse sentido, suas projeções voltam-se para que consiga ter saúde e possa ver sua família crescer.

Nesta mesma linha de pensamentos, Nete (2ª geração) destaca que sua maior alegria são os seus filhos: *“hoje a gente é feliz, porque os filho tão criado, com saúde...”*. Sobre seus pensamentos em relação ao assunto, ela destaca:

A gente tendo saúde já basta pra sê feliz. Embora que não tenha lá coisa pra tu dizê que tu tá feliz, tá bom, a gente tendo saúde, já sabendo que os filho tão bem. Agora temos neto, isso basta pra gente sê feliz... Porque a pior coisa na vida das pessoas é a inimizade e doença! Porque tem doença que não tem cura. Então, as pessoas se desespera. Que Deus o livre que tenha um inimigo, tu tem de vivê se cuidando daquele inimigo. Então, não tendo inimigo e não tendo doença a gente é feliz. O mais agente toca o barco pra frente e vai indo...

As narrativas também demonstram as expectativas futuras em relação à vida no assentamento. No pensamento de João (1ª geração) *“o futuro aqui é pouco, não tenho mais futuro, pela idade...”*, expressando de forma desesperançosa sobre sua vida no novo lugar. Por outro lado, ao narrar sobre seus prazeres ali, destaca que *“gosta de ficar tranqüilo, trabalhar... pois a gente mantém a esperança de amanhã ter um retorno melhor!”*.

Na visão de Célio (2ª geração) e Nete (2ª geração) as relações entre as pessoas podem mudar para melhor, contudo depende delas mesmas. É um percurso que demorará muito tempo. Para ela, um dos seus grandes desejos é poder *“viver em paz e não trabalhar que nem eu trabalhei no passado”*. Sobre isso, ela explica:

Se matá ai trabalhando que não resolve. Se trabalho deixasse rico, nós era podre de rico. Então, eu quero vivê a vida salteado, como diz o cabra! Se dá pra sai hoje tu sai, se dá para fazê uma viagem vê um parente tu vai, se não dá a gente se conforma. Se dá pra ir vê um filho eu vô e assim eu quero levá a minha vida. Não tê de dizê aquele compromisso, porque eu tenho que ficá em casa, não. Eu quero levá a minha vida assim, se eu pude. Eu quero saí, eu quero viajá...

Ao falar sobre o futuro, Célio (2ª geração) lembra que entre os 19 e 21 anos de idade, *“era bastante a toa, pensava poco... qualquer coisa me servia”*. Hoje ele pensa diferente, acreditando que não basta apenas trabalhar, mas também é preciso planejar, *“trabalhar mais com as idéia”*, como forma de ter um futuro melhor para a vida da família.

Em relação ao futuro dos jovens no assentamento, Luciane (3ª geração) reforça a idéia de que ali *“não é bom pra um adolescente... aquela vidinha só em casa, só em casa... e quando quer sair, não pode”*. A grande dificuldade encontrada, em sua opinião, é a

impossibilidade de se relacionar com outras pessoas da sua idade, estabelecer laços afetivos e realizar atividades de lazer.

O Ambiente e as Questões Socioambientais

A dimensão do ambiente e das questões socioambientais no lugar de destino, é fortemente marcada nas narrativas pela comparação da vegetação dos lugares. O impacto percebido logo na chegada foi marcante. A percepção do ambiente do novo lugar se constitui, a partir do confronto com as memórias sobre o lugar de origem.

Na perspectiva de Célio (2ª geração), após doze anos, ele não está ainda acostumado ao novo lugar; se pudesse escolher um lugar para viver preferiria *“ir pro mato... porque o chero de lá era diferente, um clima diferente...”*.

Nete (2ª geração), não gosta do lugar de destino, pois segundo ela, quando da chegada no *“novo lugar não via nada, só campo”*. Como ela descreve, os únicos matos ocorrem somente na beira dos rios, na vegetação ciliar, diferentemente de onde vieram, *“pois lá a terra era dobrada, e por isso existia muito mato”*. Sobre suas impressões e sentimentos, conta:

Nete: Quando nós entrema aqui, eu me desanimei. Tu não via nada... não tinha nada. Célio: um pé de árvore, nada. Nete: Uma região assim, que tu enxergava de ponta a ponta... Deus o livre! Eu me desanimô quando cheguei aqui. Achei que ia se o nosso fim... E pra lá existe pinhão e aqui não existe. O pinhão, agora já é época de pinhão. Aqui nem nos mercado vende! E lá nessa época tem...

Para Luciane (3ª geração), como no caso da opinião de sua mãe, o novo lugar não é bonito, pois somente tem areia e o único mato que existe é na beira do rio. Como ela diz *“é horrível sabe... só tem pasto grande... eu não acho legal”*. Em relação a isso, Nete (2ª geração) lembra que lá *“tinha bastante plantio nativo, de fruta nativa, coisa que hoje a gente não vê mais”*. Célio (2ª geração) destaca que *“se a gente vai vê não sabe nem diz o nome das planta, porque a gente não conhecia no passado”*.

Contudo, a vegetação não é o único elemento de comparação dos lugares. As narrativas também descrevem e comparam as diferenças da fauna. Nete (2ª geração) destaca que *“os pássaros e os bichos da natureza que vem aqui, lá não tinha, só outros tipo”*. Um exemplo, narrado por ela de forma espantosa é de uma Gralha-Azul, espécie típica da região de origem, que ela nunca havia visto ali. Sobre estas diferenças Célio (2ª geração) e Nete (2ª geração) narram:

Nete: Aqui é bem diferente. Tem menos bicho. Célio: Depende do tempo, do tipo dos bicho. Nete: Depende também! Célio: Capivara eu vim conhecê aqui. E tem, ainda tem muita capivara ainda. Nessa zona de aqui tem muita capivara, isso aí chove hoje, dá uma garoa hoje, chove hoje, amanhã vai tientiá um peixe, vai pescá ali... Rastro maior que minha mão. É bicho de cem quilo, com certeza...

Sobre o uso de alguns recursos naturais na chegada, Célio (2ª geração) conta que havia capões na área do assentamento, que serviram como fonte madeira para as primeiras construções. Na oportunidade, passaram por dificuldades de adaptação com os animais, pois *“não tinha mais nenhum pé de Guanxuma... a gente tinha que botá os porco e as galinha debaixo das casa, até a gente pode plantá e dá...”*.

A pesca também aparece como uma atividade importante, relacionada a um dos principais lazeres realizados por João (1ª geração), no lugar atual. De forma complementar, a pescaria de *“linha de vara”*, para Célio (2ª geração), é um momento de *“divertimento... vê o peixe corrê na linha...”*.

Dentre as questões que envolvem a agricultura, como elemento de comparação, a terra é um elemento importante entre os dois lugares. Para Célio (2ª geração) o lugar atual exige se adaptar, principalmente, ao solo. Quando chegaram ficaram bastante impressionados, pois não conheciam esse tipo de terra, como é destacado nas palavras de Célio e João (1ª geração):

Célio: O lugar atual, ele é um lugar que a gente tem que se acostumá, tem que se acostumá! Mas na verdade, daonde nós viemo é muito diferente na terra. Essa areia, nós não tinha conhecimento da areia pra dizê a verdade! Sô meio, meio do interior mesmo, da campanha. Nem conhecia esse tipo de areia e coisa, terra arenosa. João: Essa terra nós não conhecia. Pra planta não, conhecia pra fazê as casa... E ela não dá, se ela não tive bem recuperada ela não dá chance pra tira a planta dali pra consumo, pro gasto... E nos lote também tem muita diferença.

Célio (2ª geração) lembra que logo que chegaram no assentamento *“era a ambição da tal da soja”*. Assim como sua família, muitas outras iniciaram o plantio, mesclando com pequena produção de milho, batata, feijão, arroz sequeiro, etc. Contudo, naquele momento, explica Célio *“o tempo era equilibrado, chovia normal, não era essa locura que tem hoje...”*.

Quando compara os lugares em relação à agricultura, ele refere-se que *“lá nois vivia antes da agricultura, plantando um poquinho pra sobrevive, mas nós plantava de tudo”*. Realizavam o *“troca-troca dos alimentos entre as famílias da comunidade. Contudo, não era como é hoje, com tanto desequilíbrio, que nem tá agora... a seca tá aí, direto...”*.

Os desafios impostos pelo novo lugar geram problemas para o desenvolvimento da agricultura da família, exigindo novos saberes. Nesse sentido, Célio (2ª geração) comenta que *“a princípio o cara não precisava ter aula, só que aqui depois com essa barbaridade não*

se entende mais". Na sua percepção, ao longo do tempo, não há como plantar fora da época, *"passa o tempo de plantá, fora de tempo não resolve daí..."*. Sobre isso, ele e Nete (2ª geração) narram:

Nete: Aqui o que eu acho é o que é desde que no início que nós viemos mora pra cá. Até o tempo correu bem a gente colheu, deu bem. Só que de uns ano pra cá é seca, sempre seca. É a seca que não deixa, porque o que plantá dá, mas tem que o ano ajudá, o ano sê bom! Daí, porque a gente sempre teve tudo plantado aqui também, nem que não conheça, não colhesse o suficiente, mas sempre tinha. Agora com esse sol, o sol tá arrasando, daí já não tá fácil... Célio: Pra começá a gente não tem máquina. Fuça na terra e fica... Quando era verão fazia até no tempo certo. Inverno era frio até o tempo dele, hoje em dia, bom tu mesmo vê. Hoje em dia meio que misturô... Hoje o tempo já nem quase chovê, não chove certo. Não tem, não tem, tem um mistério aí que não dá pa entendê mais! E então, a diferença é muita...

Sobre as dificuldades financeiras da agricultura, João (1ª geração) lembra que no lugar de origem era melhor, principalmente pelo retorno econômico que se tinha. Sobre isso ele lembra:

Hoje, eu estranho muito isso aí, é tempo de sacrifício... A diferença é que lá botava um saco de cebola nas costa e ia vende em Nonoai. Era cem cabeça, tudo atadinho um no outro... Depois comprava sal, açúcar, tudo quanto era coisa, e ainda me sobrava uns troquinho. E hoje sabe lá quanto, não se cobre o custo de vida!

Segundo Nete (2ª geração), não compravam quase nada, *"feijão, nunca comprava esse tipo de coisa"*. Agora que moram *"aqui, o clima mudou e a gente depende de comprá isso aí..."*. Atualmente, o único item alimentar que a família não compra é a carne, pois segundo ela *"não acertam mais a época de planta..."*. Na trajetória da família no assentamento, já plantaram e perderam muitas coisas e sempre, em sua opinião, porque *"tá tudo desregulado... desequilíbrio... e lá a gente não comprava nada disso, o que era de grossero e tudo..."*. Complementando, Luciane (3ª geração) também destaca que hoje a família só não adquire o leite, pois a pecuária leiteira passou a ser a base econômica da família no assentamento.

Ainda, sobre a questão alimentar, Nete (2ª geração) destaca seu espanto ao ver que hoje as pessoas compram pão, e *"lá, todo mundo produzia o pão..."*. Hoje em dia, ela comenta que as pessoas não sabem o que é plantar centeio, contudo querem o *"pão de centeio que é bom para os diabético... tudo conhece indo só na padaria..."*. Na sua opinião as pessoas não querem mais trabalhar, o que levam-nas a perder seus costumes. De forma saudosista comenta que *"trabalhava no pesado e era tão bõo"*.

Dentre as questões sociambientais, que envolvem estratégias participativas para a sua realização, o *"puchirão"* como elemento representativo, se perdeu ao longo do tempo. Como afirma João (1ª geração) *"eu acho que não existe mais no pessoal a união... era uma"*

coisa importante tu ficar com a tua roça pronta hoje, e amanhã é do outro... nós cresciamos, desenvolviamos...". Para ele a causa é a "própria natureza das pessoas...".

Na visão de Célio (2ª geração) é difícil o reconhecimento das causas dessa questão; contudo, acredita que *"uma parte é a exploração hoje em dia... o povo não tem consideração com os outros... foi mudando por causa disso aí..."*.

Sobre o futuro das questões ambientais no assentamento, Célio (2ª geração) destaca a importância do papel da comunidade na conservação das áreas como florestas, nascentes e rios. Somado a estes fatores, para ele, a modificação do clima também é importante, pois possibilitaria à família produzir mais alimentos, caso contrário, as dificuldades continuarão. Para João (1ª geração) *"não dá pra muda pra pior... temos que espera o Pai lá em cima... pra inquilibra esse tempo..."*.

A comunidade também necessita assumir a responsabilidade e compromisso sobre isto, afirma Célio (2ª geração), *"até mesmo se dá as mão e se ajudá conforme quase os mais antigo, um ajuda o outro"*. João (1ª geração), de forma pessimista, acredita que não dá certo, pois *"um vai, outro não vai... e 100% nunca dá mesmo"*.

A percepção relacionada aos impactos ambientais no assentamento tem como destaque aquelas que dizem respeito à atividade direta da agricultura. Como lembra Nete (2ª geração) naquela época ninguém usava adubo e todos *"se matavam trabalhando"*. Contudo, hoje, as atividades estão completamente modificadas. Nesse sentido, também estabelece algumas comparações com os rizicultores da região:

Aqui eu acho que até o ar já tá poluído. Aqui não é acho como tá! Que uma vez a gente se sentiu muito prejudicado aqui, por causa dos avião. Nada contra também, porque quem lida com esse avião são lavrorero grande e precisa também de plantá o arroz. Porque quem planta bastante é eles não samos nós...

Sobre as áreas de interesse para conservação da região, na opinião de João (1ª geração) o maior problema são as pessoas. Em sua visão, essas áreas protegidas são do estado, e como no lugar de origem *"tinha que te agente fiscal, que ganhava pra cuidá"*. De outra forma, acredita que as famílias do assentamento poderiam ajudar, *"mas havendo acordo"*.

De forma geral, o fato de algumas famílias se considerarem adaptadas e outras não, seria um elemento complicador na organização da comunidade para as questões ambientais. Célio (2ª geração), todavia, acredita que é só querer, pois *"é um futuro nosso mesmo!"*. Em

seu pensamento o que eles tem hoje não é muito, mas os “*bacuri*” tão por aí. Por isso, a comunidade poderia se organizar “*para querer fazer isso*”, é o que ele almeja.

2.6 Histórias de Vida: Família Müller

A família Müller tem como representantes da **primeira geração** Carolina (78 anos, Agricultora) e Teobaldo (79 anos, Professor). Nasceram em 1930 e 1929, respectivamente, no município de Erechim/RS, na região do médio Alto Uruguai.

Após se conhecerem e casarem em 1955 foram morar em uma comunidade em Engenho Velho, na época distrito pertencente à cidade de Constantina/RS. A comunidade localizava-se na atual área da Reserva Indígena da Serrinha, palco de diversos conflitos entre colonos e índios desde a década de 40.

Tiveram quatorze filhos, dos quais o nono, Ari (44 anos, agricultor) casou-se com Nilva (38 anos, agricultora), ambos representantes da **segunda geração**. Nasceram e viveram com a família por trinta anos no lugar de origem e tiveram dois filhos. Destes, Fabiane (21 anos, agricultora), nascida em Constantina/RS em 1988, é representante da **terceira geração**. Cinco anos após seu nascimento, em 1993, os conflitos na área da Reserva Indígena da Serrinha reiniciam, o que faz com que a família inicie seu processo migratório no contexto do MST. Em 1995 ganham um lote no Assentamento São Joaquim em Santana do Livramento/RS.

O Lugar de Origem

A Comunidade: Os Grupos de Convívio

A comunidade de origem da família Müller, na cidade de Engenho Velho¹⁷, é o principal *locus* onde são narradas as experiências do grupo familiar. Inicialmente, além de descrições gerais da localização e origem étnica da comunidade, as gerações descrevem os principais espaços sociais, compondo o quadro dos grupos de convívio com que a família teve contato.

Segundo Ari (2ª geração), Engenho Velho é uma cidade tipicamente de agricultura familiar e *“toda mecanizada braçal, 95% de tração animal. É onde foram criadas as cooperativas de produção de pequenos agricultores, a COOPAC”*. Sobre a localização e descrição do lugar, Fabiane (3ª geração) e Ari (2ª geração) narram:

Fabiane: Nós morava no interior de Constantina. Logo depois, foi fundado Engenho Velho. A gente ia em Constantina porque era a cidade maior. Tinha mercado pra tu fazer rancho, tinha agropecuária pra comprar uma raçozinha, algum sal mineral que o pai dava pras vaca, coisa assim...

Ari: Lá era por Linha¹⁸. Linha Pulita, Linha Santa Maria. Depois, como as duas eram mais longe de nós, criemo a comunidade de Santana. Era a maior que nós criemo. Tinha trezentos e poucos sócios. Passei a primeira comunhão na época que nós criemo, tinha treze anos (1978). Em três anos de comunidade fizemos Igreja, um ginásio. Nós tinha quadra de futebol de salão. O esporte era grande. Era uma supercomunidade!

Nas narrativas de Francisco (1ª geração) *“lá é uma mistura... tinha polaco, polonês, alemão, russo, italiano, brasileiro que é os moreno que nós dizia”*. Assim, é nesta comunidade que foram sendo experienciados a vida em família, em tempos e espaços diferentes.

Entre as dimensões que compõem os diferentes grupos de convívio narrados pela família, as formas de organização social ganham destaque, principalmente em relação às estratégias de vínculos e cooperação. Na concepção de Ari (1ª geração) *“era diferente lá, porque tinha assim como quem comandava a associação da comunidade”*. Realizam assembléias para eleger a diretoria da Igreja, do grupo de jovens, do esporte, etc. e *“tudo funcionava”*. Sobre estes momentos Nilva (2ª geração) e Ari (2ª geração) contam:

Nilva: A comunidade se organizava pra tudo. Tinha os santos e tinha a festa dos Santos e a festa fora dos Santos. Tinha o padroeiro da comunidade, padroeiro do município... Ari: Daí a comunidade ficava mais nas festas da padroeira, das Santas, do dia dos pais, das mães. O grupo de jovens era responsável

¹⁷ Engenho Velho/RS tornou-se município em 1992. Até este período, era uma comunidade pertencente ao município de Constantina. (www.fee.rs.gov). Acessado em 25 de Maio de 2009.

¹⁸ “Núcelos-comunidade” ou “linhas” eram as formas em que se organizam as famílias de não-índios na região, em torno da capela, escola, cemitério, pavilhão, entre outros (CARINI, 2006).

por organiza, enfeita pavilhão, Igreja, faze limpeza, visita as outras comunidades. Naquela época todo grupo de jovem tinha que ensaiá e fazê uma peça e apresentação. Nós se reunia todos os sábado e quarta de noite pra fazê ensaio... O festival do Chope era o esporte que organizava...



Figura 9. “Isso era lá na Polita (Engenho Velho), onde nós morava. Eu tinha uns 13 anos (1978). Nós fazia troca. Um final de semana nós ia na comunidade deles. Daí fomos nessa comunidade fazê o culto e um piquinique. Era atividade de lazer, era festa, jogo de bola, brincadera na parte da tarde, dança. Os mais velhos participavam todos também”. (Ari, 2ª geração)

Carolina (1ª geração) e Ari (2ª geração) lembram dos momentos de confraternização (festas e encontros) com sentimentos de alegria e saudade. Além de proporcionar momentos de convívio com o núcleo familiar, eram a oportunidade de convívio com outras famílias e membros da comunidade:

Ari: Nós se reunia pra ouvi música, às vezes, junto. Nós era tudo que nem irmão. Aí o cara passava um ano, dois ano que nem ia. No final de semana no sábado, domingo nós saia pras festa e um bando de jovem e jogá bola e baile, tinha muito. Carolina: Durante a noite tinha muito momento alegre. E festa, e baile, grupo de família. Não precisava um dia específico. Pra nós era a maior alegria, porque cada sábado nós tava tudo junto. E foi nós que formamo a comunidade da Santana. Todo mundo que fazia aniversário nós ia. Era uns festão, nós amanhecia. Ari: Quando tinha um de aniversário, se fazia surpresa! Às vezes os cara não tava... Ia uns dois, três entretiam o cara na casa, e lá matavam porco e galinha e preparavam tudo. Aí quando as parenta veio já tava tudo pronto...Carolina: Dá saudade de tudo um pouco. Dá saudade das vizinha que nós tinha na comunidade. A comunidade dá muita saudade. Lá saia aquelas festa, aqueles bailão, aqueles jogo de bola, que a gente tudo domingo divertimento!



Figura 10. “E quando vinha o finado Vô Maneco chegando a cavalo nós já preparava a gaita. O pai cantava muita gaita... daí ele matô uma cascavel e botô aquele guizo em cima da cama num canudo de taquara... Ele tiro e vendeu e colocaram dentro duma gaita. Diz que é o melhor som que dá numa gaita. E ele deu pruns alemão e eles colocaram dentro duma gaita, aqueles alemão tocavam gaita que Deusolivre!” (Carolina, 1ª geração).

Outras memórias destacam experiências tristes vividas na comunidade. A violência nas festas e bailes aparece como elemento motivador da narração. De forma triste, Carolina (1ª geração) rememora sobre os momentos em que a violência aparecia na comunidade de origem:

Lá na nossa comunidade, que nós tinha agora, dava festa boa. Mas não muito... mas volta e meia saía umas briga lá também... Nós ia todo domingo. Mas não com os meus filhos. Quando faziam festa, tu via aqueles facão desse tamanho... Aí, eles se atracavam na briga! Mataram bastante gente, gente nova. Mataram três filho duma casa só. O mais novo, eles correram atrás dele, pegaram ele dentro duma valeta, e ele pediu: “Pelo amor de Deus, não me mata que eu quero ver minha mãe...” ele tinha dezesseis anos. Pois eles pegaram ele por trás, dobraram o pescoço e cortaram a língua dele... bem bandidos... Ele foi no velório, eu nem fui. Não podia ver aquela mãe... gostava bastante dela. Ver aquela mãe com três caixão lá...

Sobre este fato, Carolina (1ª geração) conta que a motivação havia sido por causa de uma “moça um domingo antes... dentro da Igreja”. Ela também comenta sobre a morte de familiares em situações semelhantes, relacionando estas ao alto índice de alcoolismo onde moravam.

Outras narrativas destacam os momentos vividos no futebol. Para Ari (2ª geração) era um dos momentos mais felizes de sua juventude, configurando-se em espaço de confraternização entre as comunidades da região. Durante o período em que viveu no lugar de origem, Ari (2ª geração) conta:

Nós vivia no futebol... Fazia 15 km, 16, a pé pra ir jogá bola. Tu sabe assim, pra nós, não é dificuldade, era um motivo de alegria, porque nós ia 15, 16, até 20 entre jovem, já casado tudo, fazendo folia. Nós ia sábado e no domingo também. Ia um no sábado de tarde e nós ia noutro no domingo. Às vezes, até 15 Km pra ir e depois mais 15 Km pra voltá. E voltava com porco na bolsa e fazendo folia!

A dimensão religiosa é outro elemento importante na história da família Müller, aparecendo em outros momentos, como os citados anteriormente, marcadamente exercendo um papel central na construção da identidade da comunidade. Como exemplos, aparecem os nomes das diferentes comunidades atribuídos a Santos Padroeiros, por exemplo, São Roque, São Pedro, Santo Antônio, São João, etc. Ari (2ª geração) comenta que:

Houve uma época em que praticamente 80% das famílias trabalhavam em associação. No mínimo, se fazia um mutirão para se ajudar e na época, por causa dessa associação, dessa cooperação, nós levamos a Romaria da Terra¹⁹ lá em Constantina uma vez. Cada associação fez a sua apresentação na Romaria. Foi uma das maiores Romarias da Terra, 55 mil pessoas...



Figura 11. “Quando os cara fazia as missões, esses missionário vinham e ficavam 4 dia fazendo. E daí o dia que eles foram embora, eles quiseram tirá uma foto com eu e o Nelson. O Nelson era era presidente da comunidade, eu era presidente do grupo de jovem. A Igreja mandava esses caras para fazer missa”.. (Ari, 2ª geração)

Era na Igreja que aconteciam diversos momentos de encontro e organização da comunidade, exercendo assim, um papel central de socialização das famílias. Dentre as narrativas de momentos afetuosos e alegres vividos pela família, Carolina (1ª geração) destaca o papel da “Capelinha”:

Nós tinha a capelinha e ela caminhava. Levava pra um depois levava pra outro, uma vez por mes. Lá de noite, nós fazia o terço em cada casa e ia toda família naquela terço... Um dia quando ela tava lá na casa é o mesmo valor como ela tivesse aqui em casa. Vinham tudo aqui. E de noite, quando eu levava pra Nilva, era tudo lá na Nilva, rezava tudo o terço lá. E era um amor... a gente tudo alegre e tudo faceiro. Nós rezava, cantava, depois ia pra casa e ia durmi... Onde que tava a capelinha era os terço... Era um piquinque, era 50, 60 pessoa, que todas família eram grande. E lá era assim...

¹⁹ A Romaria da Terra é um evento realizado pela Pastoral da Juventude Rural. É um serviço pastoral a serviço dos jovens e das jovens do campo, com a missão de semear a justiça, a solidariedade e desenvolver a consciência do ser pessoa, dos seus direitos, e de maneira especial, sendo protagonista da transformação social. A segunda Romaria da Terra aconteceu em 1993, no município de Constantina, tendo por tema: *Organizando a produção, semeamos liberdade*. (www.pjr.org.br). Acessado em 13 de abril de 2009.

Fabiane (3ª geração) relembra outra experiência sobre a presença da Igreja na vida dos indivíduos e da família, surgida também nas rotinas da Escola.

Faziam a gente rezar Ave Maria antes de entrar no colégio. A gente se reunia todo mundo no pátio, rezava um Pai Nosso e uma Ave Maria, depois a gente entrava na sala de aula e a Professora botava a gente de joelho, todo mundo, e rezava também antes de começar a aula.

A Escola, além de ser um espaço em que a Igreja se fazia presente, é outro local aglutinador das relações da vida em comunidade, especialmente para as crianças e jovens. A família Müller assumia posição diferenciada entre as outras famílias da comunidade, pois, o patriarca, Teobaldo (1ª Geração) era Professor da escola local. Ari (2ª geração) e Carolina (1ª geração) rememoram:

Ari: A infância era boa porque tinha a Escola, era bem pertinho de casa. Era sessenta, setenta aluno... Daí o pai sempre dava um recreio, espaço maior pra bate uma bola. A tarde a gente trabalha, depois quando a gente foi crescendo ficando rapaizinho as moça! Tinha minhas irmã junto, daí o cara não parava nunca. Final de semana tu ia pras dança, joga bola e baile. Era muito divertido! Carolina: Ele tinha muita paciência, e ele passou muita regra naquele tempo. Nós também não dizia para ele em casa ir carpi um vassoral... Nós deixava, apoiava e daí ele ganhava aquele dinheiro né, também pra nós, daí nós deixava. Ele só cortava lenha pra nós, o resto nós fazia. Só estudava e fazia aqueles... Às vezes ele escrevia a tarde inteira lá em casa fazendo que precisava fazer noutro dia na aula. Mas nem as piazada não incomodavam ele e nós também não.

Em todas as narrativas a família como núcleo social surge como espaço privilegiado. A comunidade em que a família se relacionava caracterizava-se por apresentar um alto grau de parentesco entre os membros que a compunham. Ari (2ª geração) comenta:

Nós morava assim. Tinha eu, o Chicão e o Zé. O Zé era mais piqueno e eu e o Chicão. Uns 200 metros de nós, morava o meu padrinho, que é primo irmão do pai e ela é prima irmã da mãe. Nós se criamos junto. Tinha dois rapaz e duas moça. Mas um poquinho do lado morava o meu primo, que era que tinha 4 moça. Eu até namorei três ano uma delas, minha prima, mas namorava. Então, nós todo dia de tardezinha se reunia pra sentá, ficava contando uns causo e dando risada e, às vez, jogava bola, às vez, ma nós não ficava nem um dia sem, um dia nós se reunia na casa dum, notro dia de tardezinha na casa do outro. Trabalhava até a tardinha... Apesar de sê de familias muito grande, né, como no caso, o nosso pai era educador! Nós era uma familia que sempre se mantinha na comunidade. Tava sempre passando, sempre tava envolvido.

A proximidade física dos lares e o grau de parentesco contribuíam para o desenvolvimento das relações dentro e entre as famílias do lugar. Ainda, como lembrança destes contextos e em relação à educação familiar, a televisão aparece nas narrativas como um elemento importante. Sobre isso, Carolina (1ª geração) destaca:

Naquele tempo não tinha tanta essas televisão, nada! Daí eles iam brinca fora e vinham pra dentro. Quando eles eram pequenininho vinham pra dentro só de noite brincando lá fora. De meio dia vinha almoçá e depois iam tudo brincá. Quando chegava uma pessoa mais velha, nós só olhava e era tudo brincá lá fora, ninguém ficava ali assistindo e escutando o que os mais velho conversava. E nós já tinha que tê uma casinha preparada, quando a mãe olhava, chegava um mais velho, a mãe só olhava de lado e nós tudo lá pra aquela casinha. Nós não vinha pra dento de casa, só vinha comê e depois voltava lá brincá de novo...

Como ressalta Fabiane (3ª geração), *“lá a gente sabia que não podia tá se metendo nas conversa dos mais velho”*. O fato de não ter televisão contribuía para a sua educação, pois *“a nossa diversão era subi em árvore, brinca de casinha, era mais moleca”*.

Para Carolina (1ª geração), o papel da televisão se refletiu principalmente na relação dos mais jovens. Os mais velhos, *“sabe faze amizade com os outro! Já os mais novos já não sabe faze”*. Em sua percepção, as relações afetivas construídas entre parentes começaram a aumentar ao longo do tempo, gerando desconforto entre os familiares. Por muito tempo ela alertou seus familiares em relação a isso, mas *“não adianta a gente falá. Lá que se sintam bem... mas tem problemas (consanguinidade) entre parente...”*.

Ambiente Natural e as Questões Sociambientais

Outra dimensão das narrativas geracionais priorizou descrever o ambiente natural e as questões sociambientais do lugar de origem. Nestas, é possível observar a preferência por descrever o ambiente, como relata Nilva (2ª geração), como um lugar em que existia *“muito mato e tinha quase toda qualidade de passarinho”*.

Segundo Ari (2ª geração), havia *“muito de vertentes de água nos matos... tu achava água em qualquer lugar... saía do meio das pedras... tu tomava aquilo, aquela aguinha era um video...”*. Fabiane (3ª geração) também descreve:

Tinha uma sanga atrás da nossa casa, uma sanga de água cristalina. Então nós sempre descia lá... E tinha um a vizinha também, não era muito perto, mas ela trazia de vez em quando a irmã da tia Mari, que era da minha idade, vinha também lá em casa brinca. E nós ia, as três, naquela sanga brincá na água, era tão bom...

A relação com a floresta é outro elemento presente na história da família Müller. Todas as memórias que são desenvolvidas neste sentido destacam experiências prazerosas vividas na infância e juventude. Como conta Ari (2ª geração) *“havia serraria lá”*. A família chegou *“com o mato em pé”*.

Para Ari (2ª geração), essa relação é significada no uso de espécies vegetais como o Guatambu, o qual segundo ele *“dava uma varinha reta que usavam pra fazê cabo de ferramenta, enxada”*. Outra espécie vegetal, a Batinga, também aparece em suas memórias: *Nós cortava escondido. Nós pegava o final de semana e cortava uma aqui e outra lá pra eles (área de outra família) não notá... Aí nós ia colhe Jabuticaba... A gente cortava uma varota assim, uma tal de Batinga que dá um frutinho amarelo pra cabeçaio de carroça, cabeçaio de arado...*

Além da descrição do ambiente e das formas de uso da floresta como recurso, é a agricultura que ganha destaque para descrever as relações socioambientais na comunidade. É aí que vão acontecer os principais momentos da família e as situações que envolvem a organização social para as questões ambientais.

Nas narrativas, as referências à terra aparecem como principal símbolo desta relação, principalmente no tocante à sua produtividade. Como conta Ari (2ª geração) *“tu não precisava de adubo, nem uréia. Se tu visse a variedade de semente que eu me criei desde piazzinho plantando... Eu fui conhecê milho selecionado quando eu já tinha uns 15 pra 16 anos...”*. Dentre outras memórias de sua infância destaca:

Naquela época a gente trabalhava com tudo. Eu me lembro bem assim quando eu era criancinha. Nós tinha casa alta, embaixo do porão tudo era tuia e ali tu guardava. A tuia é uma caixa de madeira grande bem feitinha, pra que não entre inseto, rato e coisa, com uma tampa, tudo bem feitinha. Tu secava bem o produto e estocava ali. Milho, feijão, o que a gente ia consumir durante o ano, nas entressafra, era tudo guardado ali. Nós tinha a tuia era tudo as divisão, ali se guardava semente de feijão, semente de trigo, semente de milho, tudo as semente. O pai diz que ele que conhecia um pouco de semente, que a vó dele ensinava, que ela veio da Alemanha. Diz que ela tinha experiência de semente e que ela identificava qual era a melhor.

Nilva (2ª geração) lembra que produziam tanto que *“um feijão plantado num quadradinho do tamanho de uma casa... dava uma árvore desse tamanho... plantava um kilo de feijão e você colhia 70, 80 kilos de feijão...”*. Para isso, conta Ari (2ª geração) que faziam *“uma roçada... queimava e plantava feijão...”* e depois deixavam por quatro anos. Para ele era uma *“maneira de se sustentarem”* ao longo do tempo, ainda mais por que não conheciam agrotóxicos. Era um lugar *“perfeito pra gente te um começo”*, pois o *“serviço era braçal, mas era natural... água que saia das pedra, rio pra gente se banhá...”*.

Sobre o dia-a-dia do trabalho no campo, Carolina (1ª geração) expressa sentimentos de sofrimento relacionado à pobreza da família. Ela conta que seu filho mais velho *“desmaiava no arado”*, pois com sete anos já ajudava nas atividades da agricultura. Naquele momento precisava contar com a sua ajuda, *“ele tinha que ajudar”*, pois as circunstâncias exigiam.

Com o passar dos anos, a família começou a passar por dificuldades econômicas, principalmente em função da desvalorização de alguns produtos do campo. Carolina (1ª geração) explica:

Nós tinha plantação de fumo, milho, trigo no inverno, feijão! Nós fazia e plantava milho para semente, fazia todo o sistema... Tinha condomínio de suíno ao ar livre e vendia pra Sadia, criação integrada... De repente, nem a Sadia não quis mais... Leitão vendia a trinta centavos o kilo... Porca criadeira a 30 centavos o quilo... Como achava de vende! O milho ficou muito caro e o porco perdeu o valor... Como ia segura os porco! Ia afundá no banco... Aí toco de ir no banco e tirando dinheiro e pagando o milho...

A agricultura é um espaço privilegiado na vida camponesa. Os laços familiares, bem como de toda a comunidade, fortificam-se a partir do trabalho no campo. Nas memórias de Ari (2ª geração) junto com seu irmão *“faziam uma família só. Depois que eu casei, nós se separamo. Eu fiz uma família... e ele outra. Daí tinha época que alguns pedacinho cada família fazia individual, mas se não nós trabalhava só em sistema de mutirão, todos junto”*.

De forma complementar, Nilva (2ª geração) também destaca que *“se tinha um que tava doente, por exemplo, ou se atrasava lá na lavora dele, por não consegui planta na época ou fica sem boi, se juntava todo mundo pra ir lá na lavora do Fulano”*.

É nestes contextos, que a família enfrenta as conseqüências da modernização do campo desde a década de 70. A narrativa de Ari (2ª geração) trata de demarcar estes aspectos.

Nós até produzia em grande quantidade. Como nós tinha uma família grande, chegemo a colher um ano 500 sacos de soja, tudo no braço. Nós fomos a família que fomo a pioneira que compramo a tal de trilhadeira. Ninguém tinha, em 72. Os meu irmão foi um dos que sofreu. Ele era rapaz. Eu tava com 7 anos e ia junto pra cuida dos boi, quando tava nas horas de folga no colégio. No primeiro ano que compremo a trilhadeira eles trilharam mais de quatro mil sacos de soja. Soja, feijão, trigo e milho. Eles passavam o ano inteiro trilhando. Botavam uma luz, quando não tinha lua clara e trilhavam a noite inteirinha. E nós, batalhando. Era muito bom, divertido. Na comunidade era tudo família grande, o pai era um dos maiores proprietários. A maioria das famílias viviam com dois, três, quatro hectares.

O crescente desmatamento, o uso do fogo e posteriormente os agrotóxicos, como resultado de um projeto de desenvolvimento, vão alterando a dinâmica da vida familiar. As conseqüências ambientais são inevitáveis, como narram Carolina (1ª geração) e Ari (2ª geração):

Carolina: No tempo de derrubar a mata, Deus o livre, era só (som de máquina) pra cá e (som de máquina) pra lá... o barulho que derrubavam quilos e quilos de mato... tacavam fogo e um pouco plantavam lá pelo meio, aonde queimou. O resto ficava! Depois pra tirar daquelas coivara, meu Deus do céu! Ari: E o pessoal foi desmatando... derrubava mato como queria! Carregava pras serrarias e não dava nada... derrubavam e queimavam pra plantar também, mas tinha áreas que não tinha como plantar... As árvores tiraram tudo... vinha aqueles tratorzão e tiravam árvore inteira lá pelos peral... Isso ainda na década de 80... chegou num certo tempo que tu quisesse fazer 1000 metros dentro do rio só andando sobre as pedras tu ia, sem molhar os pés, tu passava em qualquer lugar. Um poço pra te dar água por assim, praticamente já não existia... Um lugar que te cobria de água não tinha mais, nós conhecia pedra por pedra naquele rio e não achava e o pai dizia quando ia pescar com nós que aqui era poço. Era poço daqueles escuros que entrava pra dentro... e se não soubesse nadar, morria na água.

Teobaldo (1ª geração) destaca que *“de vez em quando tinha que derruba pra plantar”*, mas posteriormente o *“único problema ambiental”* era o fogo. Ele lembra que as famílias começaram a usar muito e *“metiam fogo em cada Cajubira... Jaboticaba... derrubavam tudo!”*.

Além da percepção dos problemas ambientais a partir da transformação da floresta em áreas cultiváveis, no caso da região em que moravam, a erosão era potencializada pela declividade da área. Carolina (1ª geração) lembra que as propriedades eram pequenas e por isso as famílias foram degradando mais rápido. Lá *“era peral que tu tinha que se amarrá pro pessoal plantá... não tinha outra alternativa, tinha que planta, ia faze o que!?”*. Como consequência, o maior problema, na visão de Ari (2ª geração), era a erosão:

Nosso maior problema lá era erosão. Depois que preparava as terras, aí dava aquela chuarada. Às vezes, levava tudo pra dentro do rio... descia tudo, tudo, tudo. Ficava só o cascalho. Nós tinha um cascalhão amarelo. Era pedra, muita laje... As vezes tu preparava um pedaço de terra, cortava a capoeira, ia lavrando... em dois, três anos, terminava tudo. Quando tava boa, que tu lavrava, principalmente em setembro, vinha a tradicional enchente de São Miquel, de “Santa Rosa”. Chovia o dia inteiro, descia tudo. Tu olhava, começava lá no topo do morro e ia até o rio...

É neste mesmo período que a família Müller inicia o uso do agrotóxico. Segundo Nilva (2ª geração) *“o único agrotóxico que nós usemo, foi na plantação de fumo. Nós não conhecia secante²⁰... viemo conhece aqui (lugar de destino)”*.

Ari (2ª geração) conta que seu pai comentava que era um agrotóxico fabricado na Alemanha. Era um dos produtos *“mais venenosos, exclusivamente para matar”*. Impressionado sobre o potencial tóxico do veneno, ele descreve:

Tu fazia um canteiro, botava uns arco de madeira e daí tu colocava lona. Aterrava tudo em volta da lona. Fazia teste primeiro pra ver se não tinha entrada de ar... Dali cinco ou seis dia, um leitão, uma galinha que fosse lá, furasse a lona e botasse a cabeça lá, ficava ali mesmo. Mas no nosso nunca aconteceu porque nós sempre tinha muito cuidado.

Este cuidado e preocupação surgiam a partir da própria observação das pessoas. Ari (2ª geração) comenta que na época o *“Rio Boitaca... que nós adorava pesca e tinha muito peixe... Depois que nós começemo a usa veneno, começo a diminui e quando nós saimo já tava bem poquinho...”*. Outros acontecimentos ocorridos, como o envenenamento de seus primos em Campinas, São Paulo, e uma família vizinha, que era um pouco mais descuidada, chamavam a atenção:

Tinha umas família lá que era um pouco mais descuidado... Morreu os bichos deles, porco, galinha, até terneiro. Nunca me esqueço de um dia que criou purgão. Nós plantamo 25 mil pés de fumo e pegou mais ou menos uma área de 3 hectare e veio tudo pra fora do solo. Tinha um arvoredo grande daí criou pulgão. Um agrônomo veio lá e disse que só tinha uma solução que era passar veneno em pó...

Os problemas ambientais são destacados em diversos tempos e espaços sociais do grupo. No caso da família Müller, chama a atenção o aspecto geracional da preocupação ambiental, com é destacado por Ari (2ª geração) e Fabiane (3ª geração):

²⁰ É um herbicida, Glifosato. Também conhecido no meio comercial por Roundup.

Ari: Tinha gente consciente que falava que o desmatamento ia chegar nisso que chegou hoje... O pai, por exemplo, falava que o que fazia a transpiração do ar era o verde, as árvores... Cada árvore que derrubassem ia diminuindo alguma coisa de vida, junto com o desmatamento. Morrem espécies de bichos e coisas que faz parte da natureza...

Fabiane: Eu lembro do pai e a mãe comentando: “por que que o fulano botou fogo naquela terra? O fogo só enfraquece a terra! Eles falavam muito. Tinha umas pessoa que tinha o costume de botar fogo pra limpar a terra. Fogo só maltrata a terra, só destrói a terra... depois a gente tem que replantar toda ela, tem que esperar não sei quanto tempo pra ela se recuperar...”

Além das famílias tratarem do assunto, a Escola era um espaço de reflexão importante sobre estas questões. Carolina (1ª geração) lembra que na época *“tu estudava que era muito importante preservar, que tinha que cuidar. Principalmente a questão das águas...”*. Os estudos envolviam temas como desmatamento da mata ciliar, nascentes de água, erosão, plantações próximas aos rios, entre outros. Ari (2ª geração) relata:

Nas escola era o único lugar que falavam de problema ambiental, que tinha que preservar, que tinha que cuidar, que era muito importante preservar. Principalmente, a questão das águas, as águas eram sempre... Fazia os estudos que não era pra desmatar, por causa das nascente de água, porque elas podiam sumir... que não era pra plantar muito por perto, lavar...

Ele associa a morte de Chico Mendes, em 1988, com o início das criações de porcos da família e os debates sobre a *“preservação das águas, os rios, as matas nas beiradas dos rios, principalmente nas encostas para não correr as terras pra dentro dos rios, que lá tinha rios grandes...”*.



Figura 12. *“No colégio falavam... eu me lembro também que, naquela época, a gente falava muito em preservação da natureza... As professoras ensinavam pra gente que o lixo tinha que ser no lixo, que não podia jogar os papel! Essas coisa assim, na rua, na natureza e que a gente não podia desperdiçar água... Essas coisas que ensina bastante no Colégio...”* (Fabiane, 3ª geração).

Para Fabiane (3ª geração), apesar de tudo, as pessoas ainda se preocupavam um pouco em preservar a natureza, porque *“apesar de elas tarem ali elas tinham que tirar um*

pouco das coisas, mas nunca tiravam tudo. Todo mundo tinha um pedacinho de terra e todo mundo tinha um pedacinho de mato em cima da sua terra... elas tinha essa idéia de que preservar a natureza era preciso, a água era preciso... nem que fosse pra tirar uma lenha pro inverno, todo mundo tinha um pedacinho de mato...".

Migração

Entre as memórias da família Müller, que narram sobre o processo migratório, ocorrido na década de 90, do lugar de origem até o destino, destacam-se aquelas referentes às motivações da saída da área da Reserva Indígena da Serrinha.

Os fatores ambientais como declividade do terreno e fragilidade do solo são assumidos como importantes. Ari (2ª geração) conta que *“uma das terra mais acidentada era do pai”*. Na visão de Nilva (2ª geração) foi *“a própria terra do local, onde a gente morava... pelo solo, que o pessoal saiu pra busca recurso”*. Viviam em uma região montanhosa, com muitas ladeiras, onde a erosão ocorria com frequência, principalmente depois de eventos de chuva. Ari (2ª geração) destaca:

Um dos fator de que o pessoal praticamente foi abandonando foi por causa das erosão da terra... Nós fazia cada 20 metro uma carrera de cana, pra podê sigurá a terra! Então, quem fez isso agüento mais, a terá! Mas houve épocas que nem isso não sigurava mais, era chuarada que começava lá no topo da serra e daí vinha... Era a própria dificuldade do trabalho. As pessoas que saiam e pegavam uma terra mais favorável pra trabalhá, plana, voltavam e diziam que ali não era lugar digno pra si vive... Daí o pessoal foi pros acampamento, porque ninguém tinha condições de comprá...

O crescimento populacional e a impossibilidade de que os filhos pudessem adquirir novas terras parece configurar-se como outro elemento de motivação. Na percepção de Carolina (1ª geração) *“não tinha de poder querer comprar uma terra pros filho, compramo um pedaço podre e depois não podia mais comprar”*. As dificuldades que envolviam a mobilidade social da família no campo aumentaram ao longo do tempo, como ela narra: *Daí pra onde é que eles iam? Pra cidade? Não adiantava pra eles estudo, pra cidade eles não tinham nenhum. Como é que nós ia fazê? Nós não tinha pra dá terra pra eles. Daí então surgiu que eles foram se acampa, porque o outro tinha que se acampado e tirado terra, tava bem lá. Daí surgiu essa idéia...*

Dentre os catorze filhos de Carolina e Teobaldo, sete foram acampar e ganharam lote. Ela lembra que ficaram muito contentes quando os filhos entraram na luta pela terra, *“pois a gente não podia compra mais terra pros filho”*. Em sua percepção o fato dos filhos não ter completado os estudos dificilmente possibilitaria que eles conseguissem emprego, ou seja, maior ascensão social. Como conta Ari (2ª geração), chegaram naquele momento à seguinte conclusão:

Bom, vamo se acampá, que nós vindo pra acampá, nós vamos ganhá 18 lote e todo igual! Então nós podemos contruí uma forma de trabalho e já começamo, mais ou meno, tudo mais ou meno, do mesmo jeito! Mas isso foi assim, graças a nossa organização que a gente começô a fazê, os padre, a Nilva e o sindicato tudo foram clareando pra nós isso ai...

Além das motivações anteriores, é o conflito na reserva Indígena da Serrinha (década de 90) o que provoca a saída da família da área. Carolina (1ª geração) conta:

De quarenta ano que vinham fala que vinha os índio, vinha os índio. Aí as piizada vieram se acampá, porque nós não tinha jeito de dar terra pra todo os filho. Eles diziam lá que tava nas gaveta, lá no Engenho Velho, fazia anos que tava, mas diziam que eles engavetavam e não mostravam pra ninguém. Só depois que a gente saiu de lá que apareceu o documento... E depois quando ficou município de Engenho Velho, depois de dois, três prefeito, daí que ele disse: "Olha, aí na gaveta tem um documento que vocês vão te que sai qualquer hora, é dos índio...".

Nas memórias de Ari (2ª geração) os conflitos que envolvem a área da reserva indígena começaram a ser discutidos pela comunidade a partir das reuniões realizadas pelo Sindicato com profissionais especializados. Segundo ele, o advogado do sindicato na época comentara que *"vocês tem que tomá uma decisão porque futuramente vai acontece... a área é indigena e o Collor, quem assinou a devolução da terra..."*. Ainda lembra que em outra oportunidade, Antoninho Campigioto, quando ajuda a comunidade a preparar seu estatuto, 1992, disse que *"essas terra não pertence pra vocês... essa terra é dos índio"*. No momento não acreditaram, *"aí nós demos risada"*, contudo, logo depois, receberam um aviso da prefeitura, mas continuaram no lugar.

Na nossa época, nós criemo essa associação nossa com essa. Como nós criemo a associação, tava dentro do sindicato e em conjunto aí com o pessoal do PT já na realidade. Nós ficamo, fomo os primeros a sabê que aquela área que nós tava lá não era nossa. E daí isso foi um argumento a mais pra nós se organizá mais. Então, quando veio a questão da área indígena, nós já praticamente já tava fora. E nós quando veio os índio, já era as únicas família que era a favor deles. Era a favor deles, porque na realidade, os índios sempre foram unido ao Movimento do MST, que a causa era a mesma! A luta por terra!

Sobre o processo de saída da área, Ari (2ª geração) lembra que antes de irem para o acampamento geral, ficaram quatro dias acampados em Encruzilhada Natalino, como experiência. Nesta ocasião Olivio Dutra, candidato ao governo do Estado, ratificou sobre a questão envolvendo as famílias da área indígena, o que acabou por motivar ainda mais a sua percepção em relação à questão. Carolina (1ª geração) faz questão de frisar sobre os sofrimentos vividos pela família:

Então, a gente sofreu e vieram os índio e tiraram a nossa terra... Mas a gente sofreu bastante ali. A gente não tinha, ninguém explicava nada, nada, pra gente. A gente que tinha que fazer o que a gente entendia das coisa. Porque senão não tinha uma pessoa lá não tinha nada! Tinha um dia só, que vinham fazer política, pedir voto e teimar de querer voto... lam pra casa lá... e era assim... e tu não tinha explicação de nada, tinha que fazer tudo por conta...

Como marca da trajetória da família Müller na luta pela terra, a participação no Movimento Sem Terra aparece como elemento vital para a organização da comunidade e para a busca de novas conquistas. Embora Nilva (2ª geração) acredite que em relação a comunidade *"já existia organização"*, Ari (2ª geração) recorda que:

Quem organizô nós, as primera reunião foi o pessoal do MST que fez! Era na época o Antoninho, o Antonio Campigoto na Ronda Alta e o meu irmão, e a Salete Campigoto, que eles eram direção estadual naquela época ali, até direção nacional. Aí eles foram os que vinham lá sentavam com nós e ensinavam como que cordenava uma reunião, ensinavam a gente, bah! Comé que a gente fazia pra conversá, pra falá, um se inscrevia e o cordenador dava a palavra conforme aa inscrição. Isso foram ensinando. Eles sempre desde o começo sempre junto com nós! Nós também contribuía muito, porque a gente já tinha o meu irmão assentado lá!

Outra relação importante que estabelece neste momento a história da família é aquela relacionada à participação da Igreja na luta do movimento campesino. Ari (2ª geração) faz questão de ressaltar que quando casou com Nilva (2ª geração) o padre era Arnildo Fritzen, porque os outros exigiam curso de noivos e *“um monte de coisa”*.



Figura 13. *“Essa foto é na Paróquia de Ronda Alta, este é o Padre Arnildo Fritzen... Ele dizia: “que casar, vamos casar”. Esse era um dos pai dos Sem-Terra... ele que organizo todo o Movimento... financiava... pedia dinheiro na Alemanha, muito dinheiro... pedia dinheiro pra Igreja também... Ela fazia missa falsa pra dispistá o Curió²¹ ... (Ari, 2ª geração)*

Ele lembra que Arnildo Fritzen realizava missas em toda região e pregava que *“quem tinha poca terra, tinha que acampá e luta por terra, mais dignidade pra família”*, realizando papel fundamental no desenvolvimento das motivações da família Müller.

Neste período, a estrutura existente na comunidade anterior, a participação da Igreja (Comissão Pastoral da Terra) e a crescente consolidação do Movimento Sem Terra foram vitais na organização da família na saída da área em busca de um novo lugar. Ari (2ª geração) lembra que em *“89, quando deu a mudança do Collor de Mello daí nós mudamo... nós criamo a associação das famílias... era vinculado ao Sindicato e a CUT... entramo nos movimentos sociais, praticamente já pra esquerda política...”*. Nilva (2ª geração) conta:

²¹ O “Coronel Curió” é famoso por sua participação na repressão as manifestações de luta social no Norte e Nordeste do país, que estabeleceu formas de controle de entrada e saída do acampamento e mecanismos de constrangimento psicológico que visavam estimular os trabalhadores a desistir da luta (CAUME, 2006).

Com essa associação surgiu a idéia da gente morá, porque a gente morava tudo longe um do outro! Tinha 1Km, 1,5Km, 2km de distância! Que nem a casa onde eu e o Ari morava, que era do meu pai, da casa da vó até lá dava uns 5Km. Então é daí com a associação é que surgiu a idéia da gente de repente conseguir um financiamento no banco. No início a idéia foi, consegui um financiamento no banco e comprá um pedaço de terra que nós pudesse morá tudo perto! Mas aí foi passando, foi passando, de repente surgiu a idéia do acampamento, porque no início ninguém queria saber de acampamento. Mas aí foi passando o tempo e foi surgindo a idéia. Houve um acampamento experimental em Natalino, eles foram esses 4 dias de acampamento...

Ari (2ª geração) lembra que a intenção da família, junto com a associação da comunidade, não era acampar. O objetivo era, a partir da criação da associação, o envio de projetos para Alemanha, na esperança de conseguir recursos para a compra de novas terras. De fato, isto acabou acontecendo, mas como ele lembra já estavam diretamente envolvidos no processo de luta pela terra e decidiram repassar os recursos para a COOPAC²² de Constantina. Ele conta:

Gastemo uma boa parte na criação da COOPAC lá. A gente tem as porta aberta pra nós lá, nós fazia parte da direção dela. Eu e o tio Juca, nós era do Conselho Administrativo da COOPAC. Aí nós pegamo o projeto, como não era mais possível repassá, trazê pra junto, pra cá, nós doamo pra COOPAC. Ela reunia todas as associação, as 33 associação que tinha em Constantina, a sede nossa era a COOPAC, que é dentro do sindicato! E daí, e a gente, por exemplo, já tinha essa experiência de pelo menos, de informação de grupo, vários, todos nós de acordo...

Mesmo após tomarem esta decisão, na comunidade ainda existiam dúvidas e insegurança quanto à ida para o acampamento. Porém, Ari lembra que em 1994 *“esse cara me falou pra mim, um tal de Roque Canônico que ia ser o dia... na próxima semana...”*. Era um domingo, após uma partida de futebol, quando Ari convidou a todos para uma reunião na quarta-feira em sua casa. Sobre este momento, ele narra:

No domingo, nós tinha um jogo e, na hora que nós nos arrumemo pra jogar bola e tudo, aí eu disse: *“gurizada, vamo quarta-feira, quem tá a fim de ir pro acampamento lá de Encruzilhada Natalino, tem uma reunião lá em casa, quarta-feira. Mas assim, meio em forma de coisa... e um já concordou comigo na hora... Aí, chegou na quarta-feira, nós tava em 35, apareceu, tudo gurizada que tava assentado aí também, que nós se conhecia, tava junto nas festa, mas não era da mesma turma nossa... Deus o livre! Reuniãoozão! Já tiramo as liderança, fomo pro acampamento lá. Ficamo quatro dia lá, até pessoal que tava na cidade, trabalhando empregado, largou o emprego e veio.*

A trajetória familiar durante o período do acampamento marcou de forma singular as memórias dos membros da família. Carolina (1ª geração) conta que quando Ari (2ª geração) foi acampar, não ganhava nada, nenhuma comida e *“daí eu ia toda semana. Fazia uma bolsa de comida e levava pra ele. Ele tava acampado e não ganhava nada pra comê...”*. Em complementação, Nilva (2ª geração) narra:

A gente tinha que ir em Cruz Alta, arrumá um mercado lá que desse, que abastecesse uns dia, cai o rumo eu ia. Aí eu disse: *“Eu assumo isso. Vocês querem ir junto comigo, vão”*. Daí fomo pra tudo. Chegemo lá, fomo no mercado. Daí o vereador disse para nós... Levou nós lá num tal de Marin, chegô lá e falo: *“Ó, os guri aqui tão criando o bolicho e aí vocês tem que fazê um estoque, mas não tem*

²² Cooperativa dos Pequenos Agricultores de Constantina.

dinheiro”. Daí o cara disse: “Ah, não tem problema nenhum, nenhum. Podem ficá à vontade”, Daí nós fazia abodega tudo dia, que era muita gente! De tudo, comida e remédio. De tudo um pouco. Nós ia todo dia na cidade, eu e ele faze a bodega.

Para Fabiane (3ª geração) o que mais lhe marcou neste período foram *“os gritos de guerra... a gente criança queria fazer que nem eles, cantar, gritar, gritos de ordem e fui sendo criada assim...”*. Ela lembra que no acampamento tinha coordenadores de diversos setores como *“os da higiene... que não deixavam as pessoas sujar, poluir... setor da Educação... os que não deixavam brigar... o setor fiscal... era bem organizado...”*. Seu argumento é de que todas estas vivências lhe permitiram aprender muito e ajudar de forma vital a sua família.

Ari (2ª geração) lembra que após saírem em 1994 de Encruzilhada Natalino, foram para outro acampamento em Panambi 1995 e já em 1996 *“pegaram terra”* para região de Santana do Livramento, no Assentamento São Joaquim. Ao refletir sobre a história da família, ele acredita que até poderiam ter saído antes *“pro movimento”*, mas foi no momento certo, o que lhes permitiu ganharem todos os familiares juntos. Para ele isto foi vital na transferência da convivência da comunidade para o novo lugar, fato que não ocorreu *“pra quem saiu de lá e foi sozinho pra pertinho de Porto Alegre. Até hoje não acharam o rumo deles... tem pessoal com 20 ano de assentamento e parece que ainda não se acharam...”*.

O Lugar de Destino

O Assentamento: Os grupos de Convívio

O lugar de destino da família Müller é o Assentamento São Joaquim, localizado no município de Santa do Livramento. Chegaram em 1994 após serem assentados pelo INCRA. O assentamento se configura como um espaço de novas relações para a família. Assim, na opinião de Nilva (2ª geração) *“a comunidade é praticamente a mesma da lá... as relações entre as pessoas não”*.

O que Nilva relata está relacionado ao fato de, segundo ela, haver dois grupos distintos, *“o pessoal lá de baixo... e o pessoal de cima”*. Embora considere que *“os mesmos costumes que a gente tinha lá, continua tendo aqui (lugar de destino)”* a convivência entre estes tem como explicação o fato de *“o pessoal do assentamento sê muito capitalista”*.

Na origem, todos os sócios da comunidade tinham um bom relacionamento, já no caso do assentamento existe este *“problema de divisão”*. Na perspectiva de Nilva (2ª geração) *“hoje em dia tá cada um pra si e Deus por todos”*. Contudo, no início dos assentamentos era diferente, pois formaram grupos e se ajudavam, porém, hoje *“só quando um adoecer”*. Carolina (1ª geração) comenta: *Quando vai numa festa lá em cima que vai tudo aqui, tudo aqui se junta brincando e dançando lá dentro da sala, e os outros lá no canto. Tudo parece que desconfiado! Tudo aqueles lá de cima desconfiado, é muié, é homi, tudo desconfiado...*



Figura 14. *“Essa aqui é no que nós chegamo aqui. Olha as flor que eu tinha feito em todo o jardim... Agora, eu não agüento fazer muita coisa no meu jardim ali... Olha! Tudo gramado... isso é tudo amigos dos piá...”* (Carolina, 1ª geração).

Na explicação de Ari (2ª geração) estes acontecimentos, se devem ao fato das famílias não terem vindo da mesma região, ou seja, “*as culturas eram diferentes*”:

Nós viemo da região da Serrinha. Tem pessoal de Cruz Alta. Quem veio de lá da nossa região, esse, a nossa, o nosso povo tem as duas cultura, que nem entre as nossas 21 ou 22 familia que tem de lá. Não fecha as idéia, tem idéias diferente. Aí nós, o nosso tipo de fazê comunidade é muito diferente daquele pessoal que vem.... A grande dificuldade aqui, por exemplo, nós viemo com uma cultura lá que nós era, fazia comunidade... Então, as culturas de fazê comunidade era diferente e até hoje, com 12 anos de assentamento, nós não conseguimos ainda fazê uma mistura das cultura... E a nossa comunidade tá patinando até hoje.

Para Ari, estas dificuldades não são somente encontrados no Assentamento São Joaquim. É de seu costume, visitar outros Assentamentos da região que apresentam o mesmo problema, aglutinar famílias de diferentes regiões. Algumas exceções aparecem e, segundo ele, tem como característica “*terem uma comunidade*”. Ele reflete:

Hoje, praticamente tem assentamento que não tem mais nada, não tem coordenação no assentamento... Não reza mais, não tem comunidade, não tem! Não tá funcionando uma questão orgânica do bairro deles lá. E daí o que eu acho assim, se tu não construir uma comunidade boa, que tenha o lazer, que tenha diversão pra nós e pros jovem também, o povo vai embora do assentamento. Eu acho que tem esse problema em todos os assentamentos, só que os outros assentamentos não tem...

A estratégia da familia Müller para a solução desta questão é reconstruir os laços a partir das práticas sociais já narradas na comunidade do lugar de origem. A família Müller procura manter a cultura de irem visitar outras comunidades, outros assentamentos. Procuram fazer festas coletivas, torneio de futubel, etc., como comenta Nilva (2ª geração):

O que vale é a visita... eles tem uma cultura daquela comunidade mais fechada, e não saem, não vão em lugar nenhum! Então a gente que é mais liderança consegue conversá. Consegue abafá pra que não se dê um racha mais forte da comunidade... A gente fez um grupo nosso aí, em conjunto com a juventude, e a gente vai! Tem o esporte... e nós vamo por tudo... E além disso, o final de semana que a gente não tem, não tem torneio, nós vamo em conjunto, peguemo a piazada aqui, os casal aí e os pessoal, vamo pra prainha...



Figura 15. Famílias na “Prainha” no Rio Ibicui da Armada, na área do Assentamento São Joaquim.

Outro espaço de vivências em que a questão de diferenças culturais vem a tona, é a Escola. Neste caso, a experiência vivida no lugar de destino é relacionada ao caso de Fabiane (3ª geração), pois quando a família chegou ela ainda estava em idade escolar. Sobre estas diferenças ela conta:

Quando eu falava “Caro”, “caroça”, “corente”... Era aquele gozo... Todo mundo ria! E nós ficava bem brabo... porque a gente não sabia falar como eles falavam. É “nóis”, “bamo”, era tudo assim... nós falava. E aí o pessoal vê aquelas outras pessoa diferente, que não era do mesmo jeito, que não tinha a mesma cultura, eles riam muito de nós. Chamavam nós de burro, porque nós era burro que falava daquele jeito. Então, isso que foi mais difícil, foi aquela merenda e o jeito assim que o pessoal recebeu nós... Não foi muito das mais legal...

Além destas diferenças, destacam-se também as relacionadas “*a um tipo diferente de ensinar pelos professores... a Escola não era tão puxado*”. Fabiane (3ª geração) comenta que no lugar de origem rezavam todos os dias “*Pai Nosso e Ave Maria antes de iniciar a aula*” e que atualmente os alunos “*lidam com os professores como se fossem colegas*”. Não é mais considerado como antigamente, que os alunos “*respeitavam mais os professores*”. Em outra oportunidade ela comenta novamente sobre as diferenças da Escola e o tipo de alimentação:

Os Professores contavam mais de como era aqui o lugar, que aqui as pessoa andavam muito à cavalo, contavam mais as tradição daqui, que não era muito conhecido nosso. Do tipo de vestido de prenda. Eu nunca tinha visto lá na minha terra falarem de vestido de prenda. Nunca tinha visto um gaúcho, vestido de gaúcho mesmo. Lá a gente cultivava mais as tradição de Santa Catarina. Então, era música tipo bandinha, não era música gaúcha. A comida era comida alemã, italiana... a daqui eu achei muito ruim quando comi a primeira vez, não gostei... Principalmente porque era temperada com óleo, uma coisa que a gente não era acostumada, só banha!

Antes a disciplina era “*muito levada a sério*”, avalia Ari (2ª geração). Atualmente, seu filho está na quinta série e não tem condições de “*escrever a caneta ainda*”. Para Carolina

(1ª geração) naquele tempo *“dá de mata os aluno por causa da disciplina”*, ela era levada mais a sério. A aprendizagem também era diferente. Ari e Nilva (2ª geração) complementam:

Ari: Tu vai lá no colégio, meu Deus do céu! É uma foliagem... é um rodão! Tá certo que é 200 alunos... Hoje os professor tão praticamente "maniado"... Nilva: Não podem falar alto com os alunos que vão preso e coisa. Ari: Assim, e os próprios alunos hoje eles têm assim, se pegam muito na linha de direito, direito a fazer isso, direito a fazer aquilo... Dever é pros professores!

Para Ari é muita discrepância, o que contribui para estas grandes diferenças, pois no lugar de origem *“todo mundo é igual, tudo filho de agricultor”*. Contudo, o lugar de destino, é *“uma mistura, uns mora na vila... tem gente que trabalha em empresa, nas fazenda, tem assentado, dá uma mistura de cultura”*.

Um acontecimento marcante para a família, durante o período escolar de Fabiane (3ª geração) está relacionado à sua gravidez inesperada aos 16 anos de idade. Como ela mesma relata *“eu tava fazendo tudo pra fazer faculdade... fiz curso de informática em Santana, eu tava firme no que queria. Aí engravidei... foi difícil”*.

Durante este período Fabiane era questionada sobre o porquê de engravidar com aquela idade. Isso lhe incomodava e respondia afirmando que *“eu não me culpo por ter engravidado, eu podia ter feito coisa pior, podia ter tirado o meu filho... Graças a Deus o pai dele e meus pais me apoiaram... achei que o pai ia me dar umas pauladas”*. Foi um período conturbado, mas superado pela família ao longo do percurso da gravidez.

Dentre as oportunidades de formação superior, alteradas pela gravidez, estava a chance de ter ido estudar na Venezuela via Movimento Sem Terra. Conforme Fabiane (3ª geração), era um curso de Zootecnia e Veterinária, em que três selecionados, incluindo ela, teriam tudo pago. Este momento foi marcante, principalmente pelas expectativas criadas por seu pai, como ela narra:

Eu sempre dizia pro pai que se tivesse uma vaguinha pra mim, pra que eu pudesse ir que me botasse que eu ia... Eram as lideranças do MST que selecionavam... Um dia, o pai não sabia ainda que eu tava grávida, veio todo empolgado, chegou e me contou... foi aquilo mais que eu fiquei decepcionada em contar pra ele que eu não ia poder ir...

O Movimento Sem Terra (MST) é outra dimensão importante no lugar de destino. Segundo Fabiane (3ª geração), na Escola onde estudava ouvia *“barbaridades do MST”*. Ela ficava furiosa, pois havia sido educada pelo pai e mãe *“dentro do MST, aprendendo os costumes, a cantar hino, etc.”*. Em sua opinião, a sua educação foi *“aprendendo com o Movimento a lutar mais pelo o que quero”*. Como exemplo, conta:

A gente não tinha ônibus pras gurias estudar no ano passado. A gente fez um ato aqui na beira do asfalto pra conseguir o ônibus e tudo. Eu acho que o MST dá a parte dele... o MST mostra um pouco da nossa parte social que a gente tem que fazer pra ajudar. O que é que a gente tem que fazer pra pedir o que a gente precisa. Acho que é isso que o MST ajuda a gente...

Para Nilva (2ª geração) o MST foi importante no percurso que envolveu a organização política das comunidades desde o lugar de origem até o destino. Após a chegada no novo lugar *“enquanto dava, a gente tava tentando levá muito dentro das linha do movimento”*, o que segunda ela foi se modificando, porque *“a maioria do pessoal já não tá muito nessa linha”*. Sobre a dinâmica atual do assentamento Nilva (2ª geração) conta:

Claro que não tamo fazendo nada que fique fora das linha do Movimento, mas também não tamo nessa coisa que a comunidade seja um setor do Movimento. A comunidade é independente e tem a diretoria e tem a diretoria que pensa a comunidade e o que tem que fazê lá e pronto... Nós prestamo conta pra coordenação do assentamento, aqui as comunidade tem que prestá conta a cada 3 meses.... Mas a organização da comunidade, a manera de tocá a comunidade em si, continua as mesma manera que a gente tocava...

O Assentamento São Joaquim é também um espaço de trocas de experiências entre outros movimentos sociais, inclusive de outros países. Ari (2ª geração) conta que tiveram a oportunidade de se relacionar com os Tupamaros na cidade de Tacuarembó, Uruguai em uma escola da via campesina. Além disso, durante a realização do Forum Social Mundial em 2005, *“veio um ônibus com uns Argentino da via campesina... fica aqui uns dias no Assentamento... Fizeram jogo de futebol e tudo...”*.

Nas narrativas sobre o lugar de destino, a questão que envolve as relações pessoais na comunidade aparece como um elemento de comparação e ressignificação das novas formas de relação. Para Carolina (1ª geração) o principal elemento que chama a atenção é que no Assentamento *“não existe nada de divertimento... mas lá parece que era diferente, a gente gostava muito de brinquedo, da risada e coisa...”*. Contudo, *“todo mundo estranha aqui”*, pois em sua perspectiva as pessoas perderam a pureza das relações, sendo agora mais desconfiadas.

Na visão de Nilva (2ª geração) a questão econômica atual é a principal causa de modificações dessas relações, mesmo considerando que melhorou, conforme ela relata:

Eu acho que dum tempo pra cá, tá começando a sê mais próximo das comunidade de lá. Mas agora tá ficando um poco mais próximo, mas chegá lá, eu acho que nunca vai chegá, porque as cabeça são diferente, as pessoas pensam diferente, não pensam mais na mesma... Não é mais os mesmo propósito daquela época, entende? Naquela época se pensava mais era em diversão mesmo, hoje o pessoal pensa muito em dinheiro, só pensam no capital, se faz uma festa tem que dá lucro essa festa, se não dé lucro não prestô a festa. Não importa que o pessoal se divertiu... Mais que deu lucro, se não deu lucro essa festa não presto. E naquela época não se pensava muito nisso, se fazia festa pra se diverti mesmo, se desse lucro dava, senão desse...

Ari (2ª geração) destaca que *“agora que tá voltando um pouco mais as nossas diversão, o lazer... a gente tá se achando mais aqui sabe...”*. De forma pontual, ele se refere às festas e torneios de futebol que o Assentamento São Joaquim tem organizado para integrar as comunidades de diversos assentamentos da região. Carolina (1ª geração) narra que *“tá melhorando, por que já vai mais gente... já tem até gente pra vender as coisa...”*, contudo, enfatiza que *“esses dias deixaram as bebidas lá e roubaram tudo... dizem que é dos mesmo da comunidade que levam”*.

Dentre as narrativas, a Igreja não é um elemento de grande destaque, embora tenha sido vital na constituição da vida da família no lugar de origem e durante a migração. Neste sentido, Carolina (1ª geração) destaca que *“hoje tem a capelinha, mas só que ninguém vai rezá...”*. Ela lembra que durante seis anos, se juntavam todos os sábados, momento no qual ela coordenava o grupo de família, fazia batizado e participava de reuniões com o Padre. Atualmente, este momento não faz parte da rotina da família, com raras exceções.

As comparações sobre as diferenças na educação da família, especificamente os comportamentos e atitudes dos filhos em relação aos pais, são destacados nas memórias de Carolina (2ª geração). Ela lembra que anteriormente as crianças brincavam o dia inteiro fora de casa, somente voltavam a noite, *“naquele tempo não tinha tanta essas televisão”*. Quando chegava uma pessoa mais velha *“os pais só olhava assim e ninguém ficava ali assistindo e escutando o que os mais veio conversava. A mãe só olhava de lado...”*.

Para Nilva (2ª geração) a relação de pais e filhos não era igual a de hoje, pois havia mais respeito. Hoje em dia, *“tem os mais velho e eles tão tudo metido ali incomodando... porque eu quero isso, aquilo, pisando pelos pés... Deus o livre! A gente estranha!”*. Não raramente, as crianças chamam os pais de mentirosos e lhes ofendem, o que lhe espanta.

Tanto para Nilva quanto para Carolina a televisão é o elemento modificador da educação na família. Na comparação de Carolina (1ª geração) lá *“nós saía de noite e aqui não sai à noite! A televisão! Fica em roda da televisão e aqui não sai mais a noite”*. A violência, para Nilva, também é relacionada a presença da televisão, pois *“lá não tinha violência porque não tinha televisão na época, nós tivemos energia elétrica uns 3 anos antes de vir pra cá...”*.

Sobre o fato de terem migrado para o assentamento com parentes e vizinhos próximos, Ari (2ª geração) acredita que isso contribuiu substancialmente para que

obtivessem sucesso no início da ocupação do novo lugar. Para ele, embora fosse um grande desafio, deram certo porque chegaram e foram logo construindo as casas, uma Agrovila. Ari (2ª geração) narra:

Bom, nós chegamo aqui, era aqui que nós ia morar. Então a gente tem que preparar as coisas... não era pra hoje, pra amanhã. Nos outros assentamentos, o pessoal chega assim, começa a olhá: “eu não sei se eu vou ficar...” e vai passando! Passa um ano, vai passando dois e o cara tá com aquelas mesma idéia. Olha, têm uns guri que são casado com as minhas prima, e eles vieram junto com nós... Se tu conversar com eles gora, eles ainda não sabem se vão ficar aqui ou se não vão ficar. Tão com uma família grande e tão quebrado totalmente. Daí, pegam um pé de fruta pra plantar: “tá, mas eu não vou ficar, acho, aí. Eu vou plantar e deixar pros outros?” E acaba não plantando. E lá vai fazer um galpão, uma casa: “Ah, mas eu não vou fazer bem feito, vou fazer de qualquer jeito, não vou ficar aí...” mas o cara vai ficando...

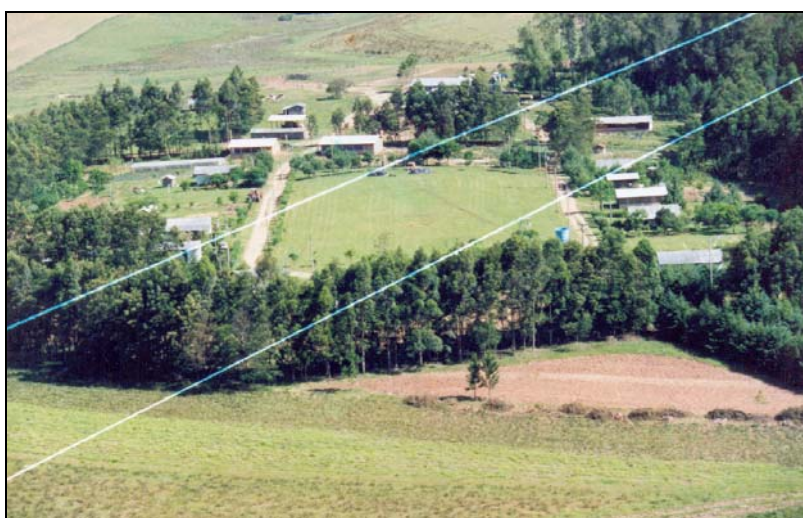


Figura 16. Imagem aérea da Agrovila, no Assentamento São Joaquim, Santana do Livramento/RS.

Na época haviam dezesseis famílias no assentamento e possuíam setores, como o de produção, por exemplo. Neste, realizavam reuniões e discutiam as linhas de produção que iriam investir no futuro. Ari (2ª geração) lembra que “*tinha uma reunião por semana pra buscar alternativas fora...*” e que em determinado momento chegaram à conclusão, depois de vários experimentos, que “*a produção de leite e a questão da auto-sustentação (agricultura de subsistência) seriam as duas coisas mais viáveis pra nós*”. Explica:

Hoje a gente junta aí... tem família que tá juntando até três mil real por mês. Mas, se associando a sustentação da família... tu botando noventa, noventa e cinco por cento da parte de alimento, tirando lá da roça e botando na mesa, aquilo que tu ganha com o leite é um bom dinheiro. E chegamo aonde que chegamo hoje... temo trinta e uma família produzindo leite no assentamento... e têm uns produzindo soja, mas esses já vieram com essa idéia, e tão estruturado pra isso. Então, nada contra! Mas as trinta e uma família hoje, se tu perguntar se querem trocar de atividade, ir lá pra cidade, ninguém quer sair. Ninguém vai.

Na visão de Ari (2ª geração), o fato de que hoje em dia trabalhem individualmente deve-se ao fato de haverem iniciado de forma coletiva. Além disso, a renda da família é

muito boa *“graças a estrutura que foi criada no início com várias famílias”*. Os assentamentos da região *“nos tiram como espelho comunitário”*, porque, para ele, há uma coesão entre crianças, jovens e adultos, principalmente, quando participam de atividades em outras comunidades, quando apenas os jovens dos outros assentamentos aparecem.

Sobre o futuro do Assentamento, Ari (2ª geração) comenta que quando ocorrem os debates é que ele percebe como é mais difícil *“faze uma comunidade aqui...”*. Acredita que é preciso reconstruir a comunidade, cada vez mais, a partir de maior participação das famílias, pois *“tem gente que tem uma ideologia do mal na cabeça de como uma comunidade tem que funcioná, só que não bota os pé na comunidade”*. Neste sentido, em 2007, elegeram uma diretoria *“mais acessível, favorável”*, com um coordenador do assentamento, pois a outra, em sua opinião, era mais radical.

Outro elemento de preocupação, destacado por Nilva (2ª geração) é a questão que envolve a participação dos jovens nos assentamentos. Ela conta, que neste sentido *“começamo um planejamento com a comunidade”* para que seja criado um grupo de jovens dentro e entre assentamentos, como por exemplo, o assentamento vizinho, Coqueiro. Esta preocupação tem uma relação direta com a perda crescente de coletividade entre as famílias e a saída dos jovens em direção a cidade pela não perspectiva de futuro.

Ari (2ª geração) pensa que sair de um nível econômico razoavelmente bom e ir pra cidade em piores condições financeiras é uma atitude equivocada. Se houver uma comunidade *“bem organizada, que tiver lugar para que as pessoas se sintam bem”* as pessoas não irão embora por causa da questão financeira. Para isso, é preciso *“discuti na Igreja, na comunidade em conjunto, na assembléia. Aí o pessoal vai acredita”*.

Carolina (1ª geração) enfatiza que a melhor escolha *“é fica na colônia, porque tu planta e aqui nós não compramo quase nada, porque colhemo tudo no nosso pedacinho de terra...”*. Ela destaca que de seus outros filhos que moram na cidade, *“nunca sobra nada, ganham bem mas é tudo caro...”*. As crianças e jovens poderiam ter um futuro próspero no campo, com melhores estratégias que estimulassem a sua qualidade de vida.

Por fim, Fabiane (3ª geração) faz questão de relatar sobre o futuro de seu filho. Seu maior sonho é de que ele cresça e viva no assentamento para que este continue como está. Suas experiências na cidade lhe permitiram chegar à seguinte conclusão:

Eu gostaria que ele vivesse aqui... Que ele possa beber água que eu bebi a minha vida inteira, que eu esbanjei, entende!? Que eu gostaria muito que ele pudesse viver um pouco do que a gente viveu, das

coisas boas que a gente viveu... Ver os bichinho... Até, ontem, passou um furãozinho aqui na janela. Passou um furãozinho aqui, e ele ficou apaixonado pelo furão. Então, eu gostaria que ele visse um pouco das coisas aqui. Eu acho que por questão de segurança, do mundo do jeito que tá hoje em dia também, porque eu fiquei um ano morando lá na cidade, e eu vi coisas apavorantes, que eu nunca tinha visto...

O Ambiente e as Questões Socioambientais

Além de um contexto social diferenciado do lugar de origem, o ambiente e as questões socioambientais também aparecem nas memórias como elemento de comparação. O contraste provocado pelas diferenças ambientais gera inquietações e sentimentos diversos.

O novo ambiente trouxe muitas dúvidas e angústias. Para Nilva (2ª geração) foi um grande susto na chegada, pois *“era um alecrinzal que passava por cima de mim... e os costume eram diferente...”*. Ela lembra que subia em *“torrões de cupim”* para poder enxergar a área. Pensava que jamais iriam construir alguma coisa ali, ainda mais, por ouvir falar que *“a terra não prestava, que não dava nada”*. Contudo, como ela mesma diz, *“a gente vai se acostumando, não tem jeito!”*.

Sobre a chegada ao assentamento, Fabiane (3ª geração) lembra que ficou impressionada com o campo. Havia *“alecrim desse tamanho... e perguntei ao pai mais como nós ia mora aqui!?”*. Seu pai lhe dissera que pegasse um caderno, pois iriam fazer um mapa do que seria a futura Agrovila do assentamento. Ela narra:

Quando me trouxeram aqui, o primeiro dia, me disseram: *“aqui nós vamo morar, filha”*. Eu disse: *“mas como”*. Quando vieram medir o assentamento, aí já botaram as estaquinhas, demarcaram aqui os lotezinhos, vinham fazer as casas de todo mundo, e cortaram todos aqueles alecrim, e já limpavam aqui! Daí ficou marcadinho assim com as estaquinhas escrito em vermelho. Aí eu já me lembro que o pai disse: *“tu consegue entender onde nós vamos morar?”* Aí eu disse: *“Ah, tá.”* Aí eu lembro que nós fomos pra casa aquele dia que ele me mostrou. Depois que tinham medido tudo, eles vieram pra cá e já começaram a plantar algumas árvores. Eu lembro que plantemos pinheiro, eu ajudei plantar os pinheiro, e chegemo em casa o pai me disse assim: *“agora, tu vai lá e pega um caderno, nós vamo fazer um mapa da agrovila”*. Não tinha nada ainda, só aquelas estacas. *“Nós vamo fazer um mapa da agrovila”*. Aí fomos eu... o pai me explicando e eu desenhava as casinha. Trouxeram algumas vaca, uns porco, uns porco de lá foram trazidos. Daí ela (mãe) veio no caminhão que trouxe os animais.

Ela recorda que a primeira casa que construíram foi a de sua avó, pois antes haviam construído apenas barracos debaixo dos Eucaliptos onde tinha *“uma bica de água linda, fresquinha...”*.

Ao comparar o lugar de destino com o de origem, sua mãe, Nilva (2ª geração), recorda que *“na realidade, eu conheci um monte de espécie de bicho aqui que não tinha pra lá...”* e, de forma complementar, Fabiane (3ª geração) comenta que *“nem tatu existia mais lá, nós chegemo a conhece porque pegemo os piquinho... mas aqui conhecemo capivara e um monte de bicho que a gente não conhecia...”*. Sobre a caça, comentam que as pessoas não realizam mais no assentamento, pois ficaram, na visão de Fabiane, *“meio preguiçosos depois que vieram pra cá...”*, com raras exceções.

Entre outras memórias de sua infância sobre a chegada, estavam as vivências que ela realizou nos capões de mato do assentamento com suas amigas. Para ela, eram experiências alegres, pois *“tinha corredorzinho de água, uma valeta enorme cheia de água, escorrendo verão e inverno... eu adorava ir ali...”*. Passavam horas brincando e se divertindo, construindo *“casinha naquele mato... era pra nós um parque de diversões”*.

O clima é outro elemento de comparação. Na visão de Ari (2ª geração) as diferenças sentidas chamam atenção, o que para ele se torna uma grande preocupação em relação ao futuro do lugar atual. Pontualmente, o calor não é o mesmo, pois *“nós trabalhava o dia inteirinho na lavoura lá... não tinha problema nenhum. Tu até suava um pouco, mas depois de fazer bastante esforço...”*. Hoje, não conseguem mais ir à lavoura à tarde porque as temperaturas são muito altas. Ele relata:

Eu fui, faz uns dez dias que eu fui semear um feijão de porco no meio do milheto, de noite não conseguia deitar na cama. A minha perna, acostumada que eu tô sempre no sol, me ardia, eu não conseguia fazer. Me queimou e ainda esses dias, nós tava num debate na comunidade e daí tem os mais que são meio contra, que são contra do meio ambiente: *“Isso aí é coisa de cientista”*. Eu disse: mais gente, vocês não tão sentindo na pele a diferença? Eu disse: *“gente, tu, hoje, começando com nossos animais, chegam 11h, 10h30min, os bichos, se precisar estourar a cerca pra ir pro mato, pra ir pra sombra, pra verada da água, vão...”* Então, a natureza mostra aqui, que eu não sei porque não vai desse jeito aí...

Logo que chegaram, as questões sociambientais que envolviam a agricultura tornaram-se o grande foco de debate da comunidade. Dentre estas discussões, estavam os desafios enfrentados pelo desenvolvimento dos cultivos nas áreas do assentamento. Ari (2ª geração) lembra que muitas famílias pensaram em *“abandoná o barco...”*, mas foram motivadas a continuar. Perto do lote de seu irmão, havia dois *“pedaços cultivados”*, que segundo ele foi dividido pelos dois *“bolsões”* do assentamento, *“os de baixo e os de cima”*. Ali iniciaram suas atividades, e *“daí fomos lá embaixo nos italiano e fizemo um acordo de que eles fossem mexe num pedaço de terra pra nós, e em troca nós viemos ajudá vocês na melancia...”*.

Deste período, ele lembra que permaneceram cerca de uma semana andando atrás dos tratores e trabalhando com o cultivo das melancias. Depois, junto com as mulheres, plantaram sementes de todos os tipos, *“amendoim, melancia, mandioca... Meu Deus do Céu... e daí nasceu... plantamo no finalzinho de novembro, quase no começo de dezembro e choveu bem aquele ano”*. De forma saudosista, conta que produziram tanto amendoim, que jamais conseguiram a mesma quantidade novamente, e que de tanta mandioca, as pessoas

da cidade vinham busca e *“deu rama pra todo mundo fazê os seus plantio... depois disso nós cansamo de arrancá mandioca pro bicharedo...”*.

Em suas reminiscências é a partir deste momento que começaram a trabalhar intensamente na agricultura, muitas vezes, usando o plantio direto. Em outra oportunidade, o pessoal *“lá de baixo”*, trouxe trator, plantadeira e pulverizador e *“daí fomos na cidade, compramo semente e adubo e plantamo tudo direto... Meu Deus! Na primeira safra foi recorde de produção na região, nem a EMATER acredito... Colhemo 5 mil saco de milho pro comércio...”*.

Outra questão importante na visão de Ari (2ª geração), é que logo na chegada *“nós experimentamo tudo que a gente produzia lá... pra te dizê bem a verdade, o nível de produção das mesma cultura é o mesmo que lá...”*. Contudo, como ele também destaca, algumas produções têm vantagens no novo lugar, principalmente, melancia, abobrinha, moranga, batata-doce, mandioca, entre outros. A relação estabelecida logo no início com a EMATER e a equipe técnica do INCRA é considerada vital neste processo, bem como a curiosidade da família:

Chegamo aqui e fazia experiencizinha pequena, e tem um monte de assentamento que não experimenta... O pessoal da fronteira não tem tendência de trabalhar. Eles sabem pegar... Eles sabem pegar um cavalo e, se precisar, botar um bando... uma *“ponte de gado”*, como eles chama aí e botar pra dentro de uma mangueira e botar e manear e marcar... Agora, se tu der uma enxada pra eles, eles não sabem. Se tu der uma semente, eles nem sabe a época que planta...

Ari acredita que *“se for buscar essas experiência de gado de corte, não serve pra nós”*, pois logo que chegou percebeu que não daria certo, o que conduziu a família à produção leiteira. Ele recorda que ajudou o capataz da antiga fazenda, onde atualmente é o assentamento, a tirar 463 cabeças de gado. Nesta oportunidade percebeu as dificuldades encontradas por esta família (mãe e esposa), associando-as a produção de gado de corte. Sobre a produção atual de gado de leite ele conta:

Eu tava dizendo que hoje, nós temo 37 família, cento e tantas pessoas... Só em gado de leite temo setecentas, quase oitocentas cabeças... E nós temo 37 família, vivendo em cima da área em que três pessoa viva, e vivemo muito bem! Eu analiso assim, que as nossas famílias, aqui do nosso assentamento, tranquilamente, o padrão de vida é um padrão bem bom.

Ao comparar o nível de trabalho no campo entre os dois lugares, Ari (2ª geração) acredita que atualmente não é o mesmo, *“porque é totalmente diferente as épocas de plantio e a forma de planta não dá mais...”* no assentamento. Ele destaca que com o passar dos anos, as áreas comunitárias foram terminando e *“a gente começo a se defini”*. Técnicos vieram e ajudaram, pois *“um deles, o alemão, sabia regula bem uma plantadera... então tu*

ia planta e ele sabia quanto de semente bota por metro, isso era bom". Além disso, a EMBRAPA, possibilitava o acesso à variedade de sementes para pastagem e *"aí nos fomo pegando"*.

A questão dos agrotóxicos é uma preocupação emergente no assentamento. O seu uso tem aumentado ao longo do tempo. Este fato tem sido observado todos os anos e em diversos períodos de plantio. A partir de suas próprias experiências durante quatro anos, Ari (2ª geração) comenta que *"todos anos e o secante mesmo pegando e o próprio arvoredado começa a carunchá... seca o galho do meio..."*. Ele comenta:

Agora o pessoal tá começando a fazer uns pomares... Mas aí tem um debate... o pessoal começou a fazer uns pomares, mas têm umas espécies de veneno que o pessoal tem que eliminar também, porque senão nada feito. Têm uns produto que é usado em soja aí, que levou esse ano pessoal a cortar pêssego fora, parreira fora... a parreira não maduro mais, só dava uns cachinhos verdes, e os pêssego dava... dava uma frutinha de péssima qualidade. E aí, num ano, ele seca. Além de secar...

É marcante, na fala de Fabiane (3ª geração) a Escola do lugar de destino como um espaço onde as questões ambientais apareciam. Em sua vivência, ela conta que lembra-se de uma professora da cidade que dizia: *"eu não tô me importando, eu joga lixo lá mesmo, todo mundo joga, porque eu não vou jogar?"*. Embora a Escola tivesse estufa, em que algumas atividades de técnicas agrícolas eram realizadas, *"o pessoal da cidade não tava muito afim, para eles tanto fazia, o pessoal daqui do assentamento que cuidava..."*. Sobre estes momentos, ela conta:

Eles não sabiam nem lidar... Que raiva que me dava quando começava aquelas gurias, quando botavam a mão na terra: *"ai, meus dedos, eu vou quebrar minha unha!"* Que raiva que eu tinha, dava vontade de enfiar aquelas gurias naqueles canteiros e encher de terra. Tinha uma raiva! *"Ai, uma minhoca!"* Parecia o fim do mundo... pegava a minhoca: *"tu pega a minhoca na mão? Que nojo!"* Eu tinha uma raiva daquelas gurias, todas cheia de frescura! E a gente acostumada! Eu, pra mim, minhoca não era novidade, vivia pescando com minhoca nos açude...

Por outro lado, sobre sua experiência nesta mesma Escola lembra que em outros momentos ensinavam a preservar a natureza, não esbanjar água e não fazer queimada. Ela fazia parte da patrulha ecológica:

Eu lembro que na nossa Escola tinha a Patrulha Ecológica. Nós era tipo os fiscais... Eu lembro que consegui com a mãe e o pai uma latona de óleo e nós levamo. Eu consegui pra nós fazer lixera pro colégio. Fizeram um monte de lixeira. Daí nois enfeitamos com papel e tudo... Fazia nas feira de Ciências bastante experiência... Uma vez a gente fez um painel sobre as conseqüências de poluir o ambiente...

Outras narrativas referem-se à discussão recente vivida no assentamento por todas as famílias, que trata da regularização das Áreas de Preservação Permanente e de Reserva Legal a fim da obtenção de licenças ambientais pelo INCRA junto ao Órgão ambiental competente. Ari (2ª geração) comenta que até estas questões surgirem no assentamento,

nunca tinha ouvido falar sobre o tema, *“lamentavelmente eu fiquei sabendo agora da tal das APPs (áreas de preservação permanente). Até peguei uns livro aí, esses dias...”*.

Ele acredita que as discussões em torno das questões ambientais são as melhores estratégias para a reconstrução da comunidade, o que de fato vem acontecendo. Assim, ele expressa:

Hoje ainda tem algumas divergência, com o pessoal do Meio Ambiente. Aqueles mesmos que eram meio contra, ainda são. Mais só que assim, o projeto em si, a discussão do meio ambiente, ela contribui muito com a reorganização da comunidade. Aí hoje, por exemplo, tu tem o pessoal que participava do grupo, das reunião e discutia, e vê que entenderam que o processo é pra tê um centro pra se organizá e começá a discussão, começá a Educação. É através da comunidade, é reorganizando a comunidade. Que isso, nesses dois último ano agora contribuiu muito...

Referências Bibliográficas

ALTIERI, M. **Agroecologia: A dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Síntese Universitária. Editora da UFRGS, 2004. 110p.

ARESI, C. **Transformações culturais e território: o Kaingang da Reserva Indígena da Serrinha – RS**. 2008. 169 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BERTAUX, D. & DELCROIX, C. Case Histories of Families and Social Processes: Enriching Sociology, In: Prue Chamberlayne, Joanna Bornat and Tom Wengraf. (eds). **The Turn to Biographical Methods in Social Science, Comparative Issues and London: Examples**. Routledge, 2000. p. 71-89

BREHM, J. M. Community Attachment: The Complexity and Consequence of the natural environment facet. **Human Ecology**, p. 477-488. 2007.

BREHM, J. M.; EISENHAUER, B. W. e KRANNICH, R. S.. Dimensions of Community attachment and their relationship to well-being in the amenity-rich rural West. **Rural Sociology** 69(3), p. 405-429. 2004.

BURHOLT, V. e NAYLOR, D. The relationship between rural community type and attachment to place for older people living in North Wales, UK. **European Journal of Ageing**, p. 109-119. 2005.

CARINI, J. J. **Estado, Índios e Colonos: o conflito na reserva indígena de Serrinha norte do Rio Grande do Sul**. Editora UPF, 2006. 271p.

CARVALHO, I. C. M. **A Invenção Ecológica. Narrativas e Trajetórias da Educação Ambiental no Brasil**. 2 ed. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2002. 229p.

CAUME, D. J. **O MST e os Assentamentos de Reforma Agrária: a construção de espaços sociais modelares**. Editora UPF, 2006. 304 p.

CHELOTTI, M. C. A dinâmica dos espaço agrário no município de Santana do Livramento/RS: Das sesmarias aos assentamentos rurais. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, p 53-70. 2005.

CORREA, S. M. S. e BUBLITZ, J. **Terra de Promissão: uma introdução à Eco-História do Rio Grande do Sul**. Editora UPF, Co-edição EDUNISC, 2006. 142p.

GAIGER, L. I. G. **Agentes Religiosos e Camponeses Sem Terra no sul do Brasil: Quadro de interpretação sociológica**. Editora Vozes, 1987. 125p.

GONZÁLEZ, J. A. Y todo queda entre familia. Objeto y Método para Historias de familias. **Estudios sobre las Culturas Contemporaneas**, Junio, año/vol. I, número 001. Universidad de Colima, México, p. 135-154. 1995.

LEFF, E. A ambientalização das lutas camponesas. In.. **Ecologia, Capital e Cultura: Racionalidade Ambiental, Democracia Participativa e Desenvolvimento Sustentável**, 2000.p. 333-358.

LINDMAN, C. A. M. e FERRI, M. G.. **A vegetação no Rio Grande do Sul**. Editora da Universidade de São Paulo, 1974. 377p.

LISBOA, C. P. 2007. 180 f. **(Re)contando Histórias: o ambiente tematizado a partir dos itinerários de vida**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LOPEZ, L. R. **História do Brasil Contemporâneo**. Editora Mercado Aberto, 1994. 164p.

MARQUES, M. I. M. Agricultura e Campesinato no mundo e no Brasil: um renovado desafio à reflexão teórica. In: **Campesinato e Territórios em disputa**. Org. Paulino, E. T. e Fabrini, J. E.. Expressão Popular, UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008.p. 49-78.

NAVARRO, Z. “Mobilização sem emancipação” – as lutas sociais dos sem-terra no Brasil. In.. Santos, B. S. (org.). **Produzir para viver**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

PESAVENTO, S. J. **História do Rio Grande do Sul**. 6 edição, Editora Mercado Aberto: Porto Alegre, 1992. 141p..

PLUMMER, K. **Documents of life 2: an invitation to a critical humanism**. SAGE Publications, 2007. 306p.

TORALES, M. A.. **A práxis da educação ambiental como processo de decisão pedagógica: um estudo biográfico com professoras de Educação Infantil na Galiza (Espanha) e no Rio Grande do Sul (Brasil)**. 2006. 566 f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação). Faculdade de Ciências da Educação. Programa de Doutorado Interuniversitário em Educação Ambiental. Universidade de Santiago de Compostela.

CAPÍTULO 3

Significados da Paisagem de Migrantes, Rio Grande do Sul, Brasil²³

Resumo

A migração enquanto deslocamento físico implica novas relações com os lugares para o migrante. Estas experiências formam a base constitutiva dos significados que as paisagens recebem. Este artigo procura interpretar os significados atribuídos à paisagem por sujeitos de três famílias migrantes, em três gerações, a fim de compreender as suas relações com o lugar de origem (Bioma Mata Atlântica) e de destino (Bioma Pampa) no sul do Brasil. As interpretações destes significados mostram que a paisagem é polissêmica, ou seja, ela é significada a partir do contexto ontogenético (fases da vida), ambiental e sociocultural em que determinada paisagem é rememorada. Estas leituras contribuem à compreensão em profundidade das relações dos sujeitos com os lugares, configurando-se como uma possibilidade ao desenvolvimento de uma Educação Ambiental *compreensiva*, com implicações diretas aos processos participativos de planejamento local das paisagens.

Palavras-Chave: Migração – Paisagem – Gerações – Educação Ambiental

²³ Artigo em preparação para ser submetido a revista *Landscape and Urban Planning*.

3.1 Introdução

As propostas que emergiram da modernidade tem provocado profundas mudanças nas paisagens, a partir de um enfraquecimento da tradição como uma mediadora cognitiva e moral das relações dos seres humanos com a natureza (GIDDENS, 1991; LENZI, 2006). Estamos negando a nossa história (ambiental) dos/nos lugares, em última instância desconfigurando as paisagens *exteriores* e *interiores*.

Desde uma perspectiva interdisciplinar e holística da ecologia de paisagem (NAVEH e LIEBERMAN, 1993; WU e HOBBS, 2002; NAVEH; 2000; 2001), estas conseqüências devem ser enfrentadas estudando as paisagens e suas múltiplas dimensões e escalas, entrelaçando junto entidades naturais e culturais, pela junção de campos das ciências naturais e humanas. Somam-se assim, diferentes olhares sobre um determinado tema que envolve a paisagem.

A migração, enquanto deslocamento físico, implica novas relações com os lugares para o migrante. Estas experiências formam a base constitutiva dos significados que as paisagens recebem.

Nesse contexto, a partir de uma abordagem compreensiva da Educação Ambiental (FLICKINGER, 1976; CARVALHO, 2002, 2003; CARVALHO e GRÜN, 2005; GRÜN, 2007), este tema configura-se como uma possibilidade de interpretação das paisagens que compõem as histórias de vida dos sujeitos. A partir disso, espera conceber novas formas de intervenção educativa e ambiental, através de processos participativos do planejamento local da paisagem.

O objetivo deste trabalho é descrever e interpretar os significados da paisagem atribuídos por famílias migrantes em três gerações, a fim de compreender as suas relações com o lugar de origem e de destino.

3.1.1 Paisagem como significado

A paisagem tem sido objeto de interesse de diferentes abordagens culturais e/ou científicas (por exemplo, Artes, Geografia Cultural, Ecologia de Paisagem, Antropologia, Psicologia Ambiental, entre outros). Estas diferentes perspectivas divergem ou convergem em função da especificidade com que a paisagem é compreendida, tornando-a um conceito diversificado.

Antes de iniciarmos a análise sobre as *paisagens de migrantes*, sucintamente abordaremos a respeito dos aspectos cognitivos da percepção da paisagem, a dimensão simbólica da construção de seus significados e a paisagem como incorporação de humanos e não-humanos.

Primeiramente, destaca-se que a cultura muda a paisagem e é, ao mesmo tempo, incorporado pela paisagem. Além disso, percepção, cognição e valores afetam diretamente a paisagem e são afetados por ela (NASSAUER, 1995). Para Naveh (1995; 1998), a interação da cultura com as paisagens é recíproca, inclusive uma relação cibernética. Não somente a cultura impacta as formas das paisagens, mas nossas formas de ver a paisagem são também produtos da cultura, as quais estão afetando nossas relações com estas paisagens.

Na visão de Dansereau (1999, p. 12), tanto a paisagem interior, quanto exterior, convergem um processo em um ciclo. Para ele, “o homem desde os tempos magdalenianos²⁴ até os nossos dias, teve uma percepção seletiva do mundo que o cercava e, por sua vez, uma maneira bastante seletiva também de modelar a paisagem à imagem de sua visão interior”. A essa projeção íntima, chama-se de *inscape*²⁵. Essa filtração em direção ao interior, da natureza do homem, essa subida do subconsciente ao consciente e da percepção à intenção e à implantação, é justamente o que acontece também ao agricultor, ao silvicultor, ao engenheiro e ao planejador. O caminho da impressão sensorial à intervenção material é marginado por um conjunto de imagens que faz do *inscape* um modelo para modificação da paisagem.

Em relação à dimensão cognitiva, Farina e Belgrano (2004), Farina, et. al. (2005) e Farina e Belgrano (2006), ao proporem sobre a *hipótese do eco-campo*, baseada no conceito de ambiente subjetivo (*Umwelt*) descrito por Jacob von Uexkull (1940) e na biosemiótica, destaca que esta é uma nova possibilidade para descrever os processos da paisagem de acordo com as percepções centrada nos organismos. Nesta abordagem, a paisagem percebida seria resultado das interações entre o mundo real e o mundo percebido. Ela seria formada a partir da soma dos elementos de uma *paisagem não-percebida*, entendida como

²⁴ Magdaleniano se refere a uma das culturas mais tardias do paleolítico superior na Europa Ocidental, compreendido entre 15.000 a.C. e 9.000 a.C. Este período é caracterizado pelo apogeu da indústria do osso e da arte mural.

²⁵ Palavra criada pelo poeta inglês Gérard Manley Hopkins (1844-1849) o qual relatou suas contemplações da natureza num diário, através de cartas, poemas, desenho e mesmo sob forma musical (DANSEREAU, 1999)

não-codificada; *baseada no indivíduo*, a partir de seus sensores biológicos (cheiro, visão, audição, paladar e tato) e *baseada no observador*, centrada nos aspectos culturais.

Na perspectiva de Ohta (2001), ao tratar dos aspectos cognitivos da paisagem desde uma abordagem fenomenológica, ele destaca que ao olharmos uma dada paisagem, cada indivíduo rememora cenas ou situações similares de suas experiências do passado, junto com uma emoção particular que é fortemente conectada a esta memória e conseqüentemente estes sentimentos influenciarão fortemente as impressões e as avaliações da paisagem percebida.

Para Greider e Garkovich (1994), os símbolos e significados que compõem a paisagem refletem o que as pessoas no grupo cultural definem ser apropriados ou inapropriados entre eles e, entre eles mesmos e o ambiente físico. Através de fenômenos socioculturais, o ambiente físico é transformado dentro da paisagem que é o reflexo de como nós definimos a nós mesmos. A idéia sociológica da paisagem expande a definição de “objeto” para incluir a natureza e o ambiente. Os indivíduos percebem e categorizam o que é dado, o ambiente social e natural, em termos de subjetividade, dando como certo símbolos e significados, e deste modo, definem as situações as quais eles estão inseridos.

Nesta mesma direção, Tuan (1977) e Stedman (2002), destacam que os significados e o apego aos lugares são formados através da experiência com a paisagem, onde humanos agem para criar significados simbólicos com base na experiência de suas próprias escolhas. Dito de outra forma, nossos significados da paisagem emergem das vivências sociais no/com o ambiente.

Visto desde a perspectiva da *temporalidade da paisagem* (Ingold, 1993) esta é concebida para além da visão naturalista e estéril, como cenário para as atividades humanas e culturalista, de que toda paisagem é uma ordenação simbólica e cognitiva. Conforme destaca Carvalho et al. (2009, p. 8), nesta perspectiva “a paisagem é pensada como o horizonte de convergência dos corpos e organismos humanos e não-humanos com o ambiente que os engloba, distinguindo-se de uma concepção de paisagem como “vista” ou cenário para a ação humana”. Propõem a paisagem “como unidade coerente do “visível” o campo de percepção de todos aqueles que a habitam e a constituem e por ela são constituídos. A totalidade na qual todos os seres sensíveis estão inseridos”.

Por fim, revelar os significados da paisagem exige a nossa capacidade de penetrar no mundo subjetivo dos outros, a fim de interpretar como estes significam as relações estabelecidas entre si e os outros (humanos e não-humanos) nos lugares.

3.2 Método

3.2.1 Contextualização

A presente pesquisa se insere no âmbito do projeto de intervenção *Programa Integrado de Recuperação e Conservação dos Recursos Naturais em Assentamentos Rurais localizados no Município de Santana do Livramento, Rio Grande do Sul*, realizado entre o Núcleo de Estudos em Educação Ambiental do Centro de Ecologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária do Brasil. Este projeto vem sendo realizado desde 2007 em 13 projetos de Assentamentos Rurais, tendo por objetivo a construção de uma unidade referência, a partir de metodologias participativas, voltada para a sustentabilidade sociambiental das comunidades locais.

3.2.2 Definição da Amostra

Os critérios de validade e de definição da amostra obedeceram aos pressupostos da pesquisa qualitativa (BOGDAN e BIKLEN, 1994; BOGDAN e TAYLOR, 1975; DENZIN e LINCOLN, 2006), bem como, relativos à restrição financeira e de tempo. Por se tratar de um estudo de abordagem biográfica, se constituiu em uma amostragem intencional e casuística, na qual os informantes foram selecionados de acordo com um certo número de critérios estabelecidos pelo investigador e de relação direta com o objeto de estudo (BURGESS, 1997).

Foram selecionadas três famílias em três gerações (Avós, Pais e Filhos) correspondendo a 9 sujeitos migrantes na década de 90 da área do território Indígena Caingangue, norte do estado, em direção a assentamentos rurais localizados no sul do estado do Rio Grande do Sul (Figura 17).

Optou-se por escolher famílias em que as gerações pudessem descrever as experiências no lugar (de origem e de destino) e aquelas em que todos os membros tivessem vivenciado o processo de migração. Além dos critérios definidores da amostra, destaca-se o fato destas famílias serem participantes do projeto de intervenção no qual o

pesquisador fazia parte. Este momento foi fundamental para definição e aproximação do pesquisador com as famílias participantes desta investigação.

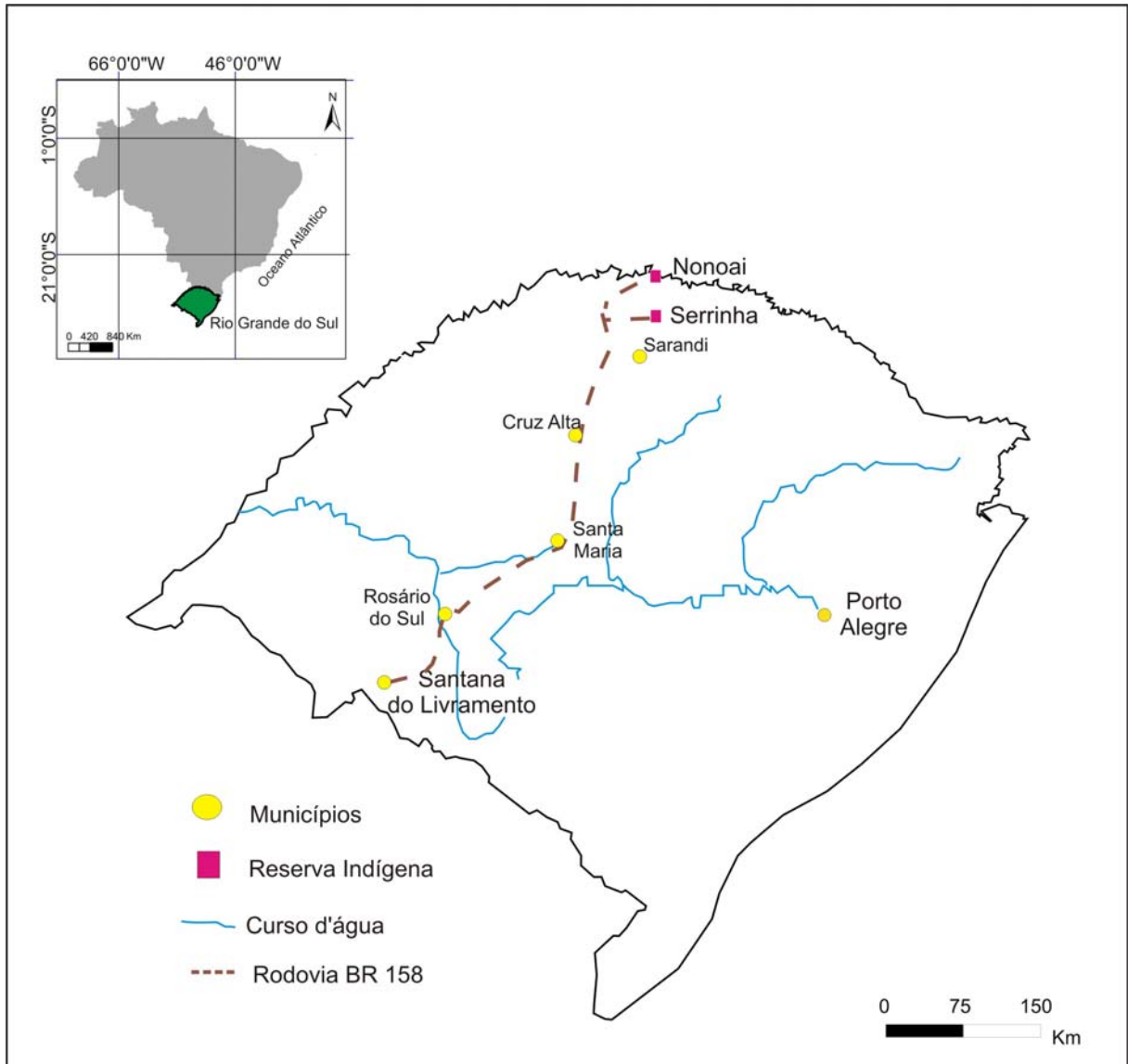


Figura 17. Localização das Reserva Indígena de Nonoai e da Serrinha, Rio Grande do Sul, Brasil. Em destaque o deslocamento físico realizado durante a migração.

3.2.3 O Lugar de Origem

O lugar de origem das famílias são as comunidades rurais, inseridas no território indígena Caingangue das Reservas Indígenas de Nonoai e Serrinha, localizadas no norte do Estado do Rio Grande do Sul próximos à divisa com o estado de Santa Catarina, Brasil (Figura 17). A Reserva Indígena de Nonoai foi criada e demarcada pela primeira vez em 1848, seguida por sucessivas redemarcações até a década de 2000, estando atualmente com 19.830 ha. A Reserva Indígena da Serrinha é resultado da divisão da primeira área na década de 1910. Após diversas redemarcações até a década de 1990, atualmente possui 11.752 ha. Ao

longo deste período, ambas as áreas tem sido tema de conflito entre índios, camponeses e o estado (CARINI, 2006; ARESI, 2008) tornando-se fonte de migração de diversas famílias. A região é conhecida pela origem da formação do Movimento Sem Terra, a partir do confronto ocorrido em 1978.

A matriz da paisagem está inserida no bioma Mata Atlântica (IBGE, 2004), em que predomina a Floresta Ombrófila Mista, também conhecida como Floresta de Araucária (Figura 18 (a) e (b)), pela predominância do pinheiro-brasileiro (*Araucaria angustifolia*) (LEITE e KLEIN, 1990). Historicamente, a exploração do pinheiro-brasileiro e de outras espécies maderáveis desde o final do século XIX pela indústria madeireira foi a grande responsável pelo desflorestamento da região (CORREA e BUBLITZ, 2006).

3.2.4 O Lugar de destino

O lugar de destino das famílias migrantes são dois assentamentos rurais localizados no município de Santana do Livramento, sul do estado do Rio Grande Sul, Brasil, na fronteira com o Uruguai (Figura 17). Esta região é conhecida historicamente como uma região de “vazio demográfico” tornando-se um espaço amplamente disputado entre portugueses e espanhóis ao longo dos séculos XVII e XVIII. Após a ocupação portuguesa passou a ser alicerçado na sesmaria como possibilidade de acesso à posse da terra. Atualmente, caracteriza-se pela presença de grandes propriedades rurais herdadas das sesmarias e desenvolvendo atividade econômica predominantemente de pecuária e corte extensiva. Na década de 90, este município tornou-se pólo de centenas de famílias migrantes trabalhadores sem-terra, oriundas do norte do estado, as quais foram reterritorializadas em propriedades adquiridas pelo Governo Federal e Estadual (CHELOTTI, 2003; 2005).

Quanto à matriz da paisagem, está inserida no bioma Pampa (IBGE, 2004) caracterizando-se por apresentar predominância de *campos* com muitas gramíneas, ervas, arbustos e pequenas árvores co-ocorrendo dentro da matriz de gramíneas (OVERBECK et al. 2007) (Figura 18 (c) e (d)). Recentes discussões tem sido realizadas sobre a conservação deste bioma relacionado aos aspectos de perda de sua biodiversidade (OVERBECK, et al. 2007). Destacam-se principalmente impactos a paisagem relativos a expansão agri-silvicultural através da monocultura de *Eucaliptus sp.*, as pastagens cultivadas, a perda de espécies nativas, a introdução de espécies exóticas, o sobrepastejo e a erosão.

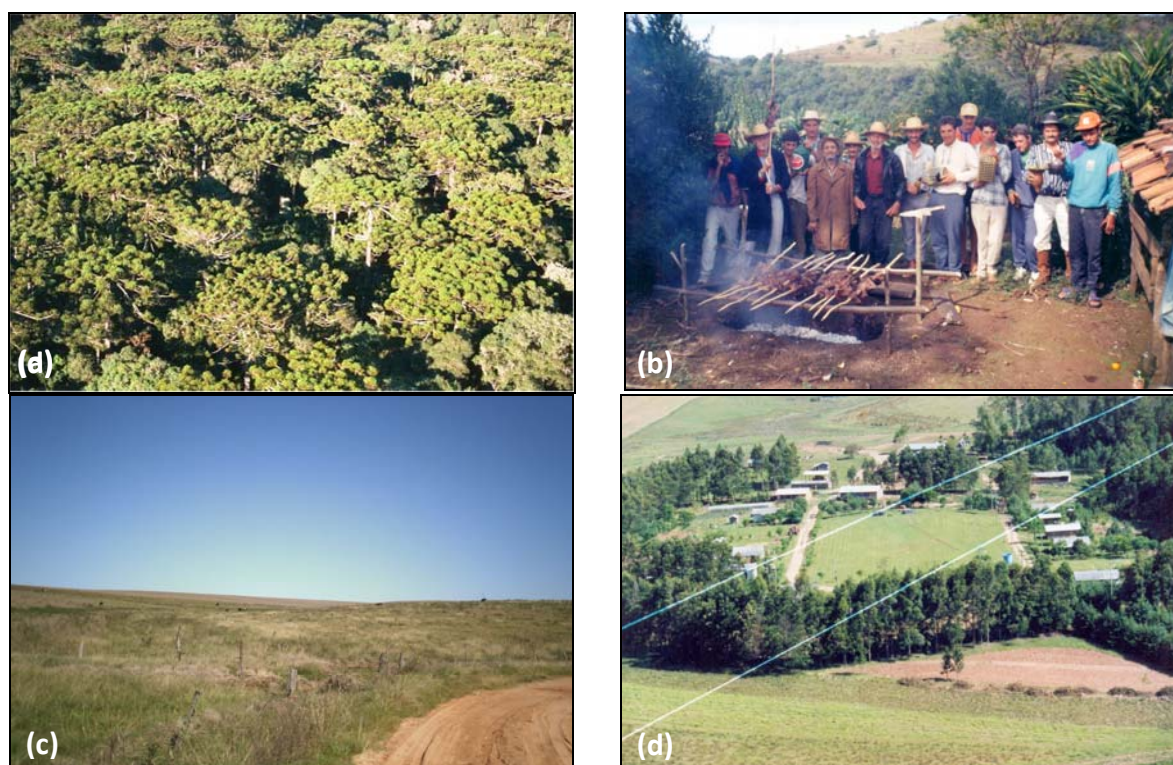


Figura 18. (a) Imagem ilustrativa da matriz da paisagem do lugar de origem. Floresta de Araucária do Parque Nacional das Araucárias, SC. Predominância do pinheiro-brasileiro (*Araucaria angustifolia*), Bioma Mata Atlântica. Imagem: www.apremavi.org.br. Acesso em 20 de Maio de 2009. (b) Em destaque, membros de uma comunidade do lugar de origem na área do território indígena Cainguangue no município de Engenho Velho, RS. Ao fundo florestas de encosta em mosaico com campos cultivados. Foto: cedida por Ari Müller (c) Matriz da paisagem do lugar de destino em Santana do Livramento, RS. Campos com a predominância de gramíneas, Bioma Pampa. Ao fundo a presença de gado leiteiro. Foto: Evandro Eifler Neto. (d) Imagem área da agrovila de um assentamento, com campos cultivados no entorno, Santana do Livramento, RS. Foto: cedida por Fabiane Müller.

3.2.5 Coleta e Análise dos Dados

Como técnica de coleta dos dados definiu-se a *entrevista em profundidade* (GASKELL, 2004; BOGDAN e TAYLOR, 1975; CHASE, 2000) realizada de forma individual e coletiva (grupo familiar) a partir de um roteiro pré-estabelecido, utilizado em outra etapa deste estudo para a construção de histórias de vida familiar com perguntas específicas sobre a paisagem, como segue:

- (a) Você poderia me contar sobre a paisagem de origem/destino? Quais sentimentos estão associados?
- (b) Como você(s) descrevem a paisagem de origem/destino? Quais sentimentos estão associados?

- (c) Você poderia me contar sobre acontecimento(s) seu(s) e/ou familiar na paisagem de origem/destino? Quais sentimentos estão associados?
- (d) Qual paisagem você prefere? A de origem ou a atual? Porque?

Foram realizadas 14 entrevistas individuais - no mínimo uma entrevista por geração - seguidas por 6 entrevistas coletivas - no mínimo duas por família - entre o período de março de 2008 a janeiro de 2009. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, com consentimento dos sujeitos, e tiveram duração de aproximadamente 1h a 1h20min.

As entrevistas foram transcritas e, em seguida, todo o material empírico foi organizado a fim de construir um *corpus* facilitando a leitura dos dados. Nesta etapa, teve-se por objetivo reduzir os dados a fim de interpretá-los (MILES e HUBERMAN, 1994; WOLCOT, 1994) em seus contextos socioculturais. Em essência, o que se realizou foi um processo de codificação dos dados, realizado de forma indutiva, organizando-os em categorias emergentes, as quais apresentavam núcleos de sentido que obedeceram a critérios pré-estabelecidos (AFONSO, 2004).

Quando os dados são organizados e apresentados num registro interpretativo a tônica centra-se na construção do significado (AFONSO, 2004), isto é, foca-se na produção de um texto argumentativo que atribui novos sentidos aos fatos, situações e discursos dos atores, numa lógica compreensiva global (WOLCOT, 1994).

3.3 Resultados e Discussões

A análise dos dados, contextualizadas nos percursos biográficos e de forma longitudinal (entre gerações), permitiu-nos identificar uma pluralidade de significados atribuídos à paisagem de origem e de destino, ou seja, ela é polissêmica. É significada a partir das experiências vividas em determinada fase da vida (contextos e características ontogenéticas) em seus respectivos contextos ambientais e socioculturais em que é lembrada (Figura 19).

Neste processo, convergem aspectos psicológicos e cognitivos (FARINA e BELGRANO, 2006; OHTA, 2001) fazendo com que cada sujeito, ao descrever determinada paisagem, a partir de suas memórias autobiográficas, rememore cenas ou situações similares de experiências do passado. Estas, evocam emoções particulares, relativas às lembranças que se somam as suas interpretações da paisagem envolvida.

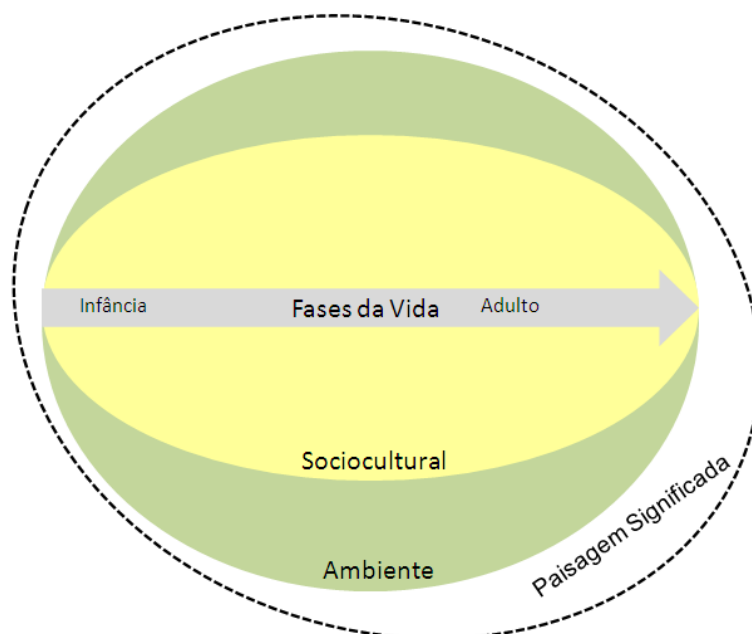


Figura 19. A paisagem é subjetivada pelos migrantes a partir da interação entre os contextos ambiental, sociocultural e fase da vida em uma determinada experiência vivida nos lugares, em que convergem aspectos psicológicos e cognitivos do indivíduo.

As formas de decifrar e compreender os símbolos interjacentes em uma paisagem, tornam um mesmo lugar tão diferente para uma pessoa e outra, individualmente ou em conjunto, pois revelam traçados imbricados de fronteira de natureza material e imaterial, objetiva e subjetiva tênues, sutis ou fortemente demarcadas, presentes na análise da percepção e da interpretação de uma paisagem, numa significativa interrelação de elementos naturais e culturais, bem como de atitudes e condutas ativo-reflexivas (GUIMARÃES, 2005).

As lembranças sobre as experiências no/com os lugares ao longo da vida dos migrantes, nas respectivas gerações, mostra diferenças e semelhanças compondo indicadores que nos ajudaram a compreender em profundidade como as paisagens (*de origem e de destino*) são significadas.

No intuito de facilitar a interpretação dos dados, inicialmente, destacam-se as narrativas sobre a paisagem, estabelecendo relações entre o lugar de origem e de destino a partir de três categorias: *Paisagem privilegiando o ambiente natural*, *Paisagem privilegiando a vida social* e *Paisagem privilegiando o contexto socioambiental*. Posteriormente, aprofunda-se as reflexões a partir do referencial teórico.

3.3.1. Paisagem privilegiando o ambiente *natural*

A primeira categoria que emergiu a partir das narrativas privilegiou descrever a paisagem a partir de elementos do ambiente *natural*. Basicamente, essas descrições são carregadas de uma percepção estética e da qualidade ambiental dos lugares que evoca sentimentos prazerosos, principalmente, em relação à *paisagem de origem*. Ao lembrar sobre sua infância, Célio (2ª geração), Domingos (2ª geração) e Fabiane (3ª geração) narram:

A paisagem era diferente, porque existe mais a mata nativa, os próprios terrenos são diferente. Terra dobrada! A terra não tem caída, tem pedra. De subida, descida e morros. Ah! Bem diferente... A terra era terra boa, terra preta. A paisagem era capão de mato... Onde nós tava nessa região não tinha mato fechado. Capãozinho de mato, água boa, água que corria de sanga, água pura. (Entrevista Individual; Família 2)

Eu achava muito lindo! Aquelas mato lá que chegava a ser aquilo preto, coisa mais linda! As flor, a época da flor, aquilo amarelava flor desse Ipê, bah! Mato bonito memo. Mais mato muito lindo! Em todo lugar lá, eu tenho saudade, volta e meia tamo falando. Bah! Nunca mais vamo tê um lugar lindo que nem nós tinha lá, nunca mais... (Entrevista Coletiva; Família 3)

Era lindo! Tinha mato por tudo que era lugar, a água era limpinha. A água não era suja. É que lá era tudo pedra... daí a água era limpinha. Limpinha assim que tu enxergava tudo. E tinha bastante pedra, bastante morro, bastante árvore. Bastante árvore que eu me lembro que tinha lá e que não tem aqui. Mais mato. Não era tão calor, pelo menos parecia que não era. Acho que é isso assim, a paisagem. (Entrevista Coletiva; Família 3)

De forma comparativa, a *paisagem de destino* vai se constituindo nas memórias com base na relação floresta/campo. Destacam-se nessas narrativas as impressões sobre a imponência da vegetação do lugar anterior, permitindo que esta passe por constantes ressignificações.

No sentido de descrever o apego em relação à floresta, Nilva (2ª geração) comenta que, com o passar do tempo “*foram gostando mais da paisagem*” do assentamento, pois esta agora “*tem mais árvore*”. Contudo, sobre o impacto da paisagem na chegada ela lembra:

Quando a gente chegou aqui, na época que eu tava grávida, eu chorava! Sentava no meio daqueles capim e chorava desesperada, porque olhava só capim e alecrim. Tinha que trepa nessas coisas de formiga, de cupim pra conseguir enxergar os outros. Daí eu não queria ficar de jeito nenhum, queria ir embora a todo jeito. (Entrevista Coletiva; Família 3)

Essas diferenças são tão marcantes que a vegetação do assentamento para Fabiane (3ª geração) parece estar em um tempo cronológico diferente. A percepção é que a *paisagem de destino* está em movimento, quando comparada a de origem e, de que o conhecimento sobre muitas árvores foram esquecidos, e outras nunca tinham sido vistas:

Aqui é diferente! As árvores parece que são uns mato tão novo, sabe!? Eu acho que a paisagem daqui, eu tenho a impressão que faz menos tempo que ela tá crescendo. Lá parece que aquele mato sempre existiu. Tem muita árvore que tinha lá e que aqui eu nunca vi, que não lembro nomes e qualidades, mas eu lembro das folhagens. Tinha árvores que tinha folhas de um tipo que aqui não tem. (Entrevista Individual; Família 3)

Neste mesmo sentido, o impacto é tão grande para Nilva (2ª geração) e Ari (2ª geração) que a percepção das paisagens são dicotomizadas entre opostos, como “*natural*” e “*artificial*”:

Ari: Lá, na verdade, a paisagem é da natureza, é natural mesmo. Nilva: E aqui as árvore que tem não é natural. Ari: Aqui é artificial! A sombra lá é natural, aqui é artificial. Nilva: É artificial, as árvore aqui plantaram. Ari: Eucalipto (*Eucalyptus sp.*), Acácia (*Acacia decurrens*), esses são pra madeira. Agora pra sombra não prestam. Então, planta Cinamomo (*Cinnamomum sp.*)! (Entrevista Coletiva, Família 3)

O confronto com outra matriz paisagística (*campo*) também tem implicações aos saberes do lugar de origem, especialmente em relação à vegetação, exigindo novos aprendizados a partir da experiência. Neste sentido, Nilva (2ª geração), ao narrar a paisagem, descreve emocionada sobre sua relação com uma árvore no assentamento:

Tinha uma árvore. Eu briguei tanto por causa daquela árvore! Era bem no meio da lavora lá embaixo. Corticeira (*Erythrina crista-galli*)! Ela era enorme! Eles viviam brigando pra cortá a tal da árvore, e eu brigando pra não cortá! “Não corta, respeita. Vocês imaginam quantos anos levo pra ficá daquele tamanho aquela arvore!” Até que consegui que não cortasse. Agora ficô no nosso lote e ela morreu! Eu acho que a árvore ficou de mal comigo, por isso que ela morreu. Essa árvore é de banhado, eu não tinha me dado conta disso! Todos anos seca, foi por isso que ela morreu, entendeu!? (Entrevista Individual; Família 3).

Além da dimensão afetiva envolvida neste caso, os conhecimentos tradicionais ganham destaque a partir do contexto da migração. As consequências da mudança de lugar, parecem ter um impacto importante no que diz respeito à transmissão às gerações mais novas. Sobre a comparação das paisagens, Fabiane (3ª geração) relata:

Mas que eu me lembro assim, era um lugar (origem) muito bonito, tinha umas árvore, umas coisa que não tem aqui hoje. As florestas eram diferente, e as vezes, até pergunto pra mãe de umas árvores que eu me lembro do tipo de folha, sabe? Do tipo de frutas que tinha lá e não tinha aqui... só que, como eu era muito pequena, eu acabei não conhecendo o nome, variedade... Eu só me lembro assim: “Ah, mãe, lembra daquela árvore que tinha em tal lugar?” Coisa assim, que eu me lembro do jeito das coisa, não muito do nome, nem das variedade que tinha lá, sabe!? Mas aquele lugar era muito bonito, eu guardo muitas coisas boas do lugar onde nós morava lá... (Entrevista Individual; Família 3)

Outras narrativas, além de descrever o papel do conhecimento tradicional, evocam a importância desta ao uso dos recursos naturais pelos camponeses no lugar de origem, destacando-se suas preferências em relação à paisagem:

Aquele tempo era muito melhor. Muito mato! Aonde tu ia tu entrava naquelas picada de mato, aquelas paisagem coisa mais linda. É muito mais lindo do que hoje. Hoje tu não passa por mato, não vê uma paisagem bonita por aqui a não se os Eucalipital dessas firma grande que tão se colocando no Brasil. É diferente. Aqui dentro do mato é Eucalipto. O mato aqui é campo, lá é serra, madeira de

metro de grossura que aqui não existe: Angico (*Parapiptadenia rígida*), Cabreúva (*Myrocarpus frondosus*), Grápia (*Apuleia leiocarpia*). Nós usava Açoita (*Luehea divaricata*), nós fazia casa. Derrubava a madeira de anos, reta. Serra e partia as tora a machado com cunhas, fazia casa de madeira. (Entrevista Individual; Domingos, 2º Geração; Família 1)

A: Ah! Se fosse pela paisagem eu quiria lá. F: Lá, sem dúvida. A: Bah! Toda vida! Se fosse, por exemplo, por mato, eu sô apaixonado! Eu gosto, principalmente no mato fechado. O mato daqui é totalmente diferente, é tudo baixo, a maioria é banhado. Lá não, lá é Angico (*Parapiptadenia rígida*), Canela (*Ocotea sp.*). Chega a sê escurinho assim. F: Tu ia no meio do mato, tu achava tudo que era tipo de frutinha pra cumê, Maracujá (*Passiflora sp.*), Castanha, Erva-de-Passarinho, aquelas outras. (Entrevista Coletiva; Ari, 2º Geração; Fabiane, 3º Geração; Família 3)

Para além da vegetação, outros elementos de comparação nesta categoria dão conta de destacar a *paisagem de origem* diferenciada do assentamento por elementos como a *água e os animais*. Assim, Nilva (2ª geração) e Domingos (2ª geração) descrevem:

É tudo diferente, não tem nada a vê. Nada, nada, nada, nada! Tanto é que as sanguinha, porque eu chamo de sanguinha os riozinho, tu entra dentro é puro barro, porque não tem aquela pedra como tinha lá. Era uma cachoeira, era uma cachoeirinha de pedra... uma água que tapasse o teu pé tu podia deitá ali e não ia se sujá, porque era pedra, era uma laje embaixo. Aqui não, aqui tu entra numa poça d'água e sai puro barro. Então, é totalmente diferente, não tem nada a vê com lá. Tem até um riozinho aqui embaixo que nós ia no verão, mas ia lá no verão com as criança, porque é baxinho, não tinha perigo, mas saia de lá quando vinha pra casa parecia um tatu de sujera, puro barro. (Entrevista Individual; Família 3)

Eu me lembro da paisagem como se fosse hoje, Deus me livre! Tinha muito bicho, esses Quati (*Nasua nasua*), Paca (*Agouti paca*), bichinhos assim... Leão-Baio (*Puma concolor*)! A gente ouvia grito de Leão-Baio, mesma coisa que criação nas fazenda... coisa mais linda de vê! Naquele tempo eu era mais novo e a gente trabalhava muito e o país não deixava caça, mas a gente caçava... Quati... toda gurizada... (Entrevista Individual; Família 1)

Aspectos que envolvem marcadamente a percepção sensorial dos lugares também tornam-se elementos comparativos na perspectiva da paisagem. Assim, ela é descrita em termos de sensações vivenciadas no lugar (de origem e destino), neste caso, às questões climáticas e seu impacto na vida cotidiana:

Na nossa época por causa da paisagem que tinha nós não sofria esses calor que a gente sofre aqui. A gente conversa ainda até hoje. Nós ia de manha e de tarde todo dia pra lavoura e nunca sentia queimação de pele, trabalhava. E aqui, as plantação nativa não faz também uma sombra que faz o mato mesmo. Lá é mato alto, o mato alto faz sombra. Ele quebra mais, as sombra dá gosto de tu entrá na época de verão no mato, é assim um ar condicionado. E aqui, por exemplo, não faz muita diferença. Tu entra no mato aqui, o calor dentro do mato é o mesmo, que ele é muito ralo... é uma diferença muito mostra, é otro clima. (Entrevista Individual; Ari, 2º Geração; Família 3)

Aqui é muito quente! Aqui é mais quente do que lá. Deus o livre, aqui é bem mais quente do que lá! E aqui já não sei se é por causa do mato ou é a areia. Pra lá não é areia, terra vermelha e terra preta... O ar é totalmente diferente. E aqui, o mato que se tem praticamente não se consegue entra no meio porque é banhado. E agora nessa época, tu vai lá pra baxo, vai entrá no mato, os banhado praticamente não tem sombra... (Entrevista Coletiva; Nete, 2º Geração; Família 2)

A paisagem significada aqui, como privilegiando o ambiente *natural* aporta importantes contribuições a respeito do impacto da migração na vida dos sujeitos. As

narrativas, ao descreverem a paisagem desde essa perspectiva, nos permitem refletir sobre a relação dos sujeitos com os lugares.

Inicialmente, destacamos que, embora esta categoria procure sumarizar os significados desde esta perspectiva, os migrantes não se tratam apenas de observadores externos ao descreverem a paisagem cênica, que compara a floresta e o campo, os animais ou o uso dos recursos naturais dos diferentes lugares por onde passaram. Eles estão contidos na paisagem e fazem parte do ambiente, são observadores e ao mesmo tempo percebem o ambiente desde todos seus sentidos, em todas as suas facetas, conseguindo desde estas experiências significarem a paisagem. Neste sentido, retomamos a perspectiva da *temporalidade da paisagem* de Ingold (1993, p. 156), para qual a paisagem “é o mundo como ele é conhecido por aqueles que residem no lugar, quem habita os lugares e viajam ao longo dos caminhos conectando-os”. As paisagens compreendem os ambientes e as ambiências espaço-temporais do mundo vivido, porque os movimentos inerentes aos lugares trazem em si a dinâmica, os ritmos, os ciclos e a força das essências da vida (Guimarães, 2005).

Em relação às comparações floresta/campo, desde suas perspectivas cênicas e/ou ecológicas estas podem ser interpretadas pelas formas de vida com que o agricultor tradicional do lugar de origem, historicamente estabeleceu-se na/com a floresta.

Neste sentido, Ohta (2001), destaca que em relação aos aspectos cognitivos a paisagem também é julgada esteticamente dependendo da presença ou arranjo dos elementos particulares de um cenário, o que segundo, De La Fuente (2004) estariam associadas positivamente com a riqueza e heterogeneidade visual da paisagem, na escala humana.

Gobster, et al. (2007, p. 967), destaca que a percepção da paisagem mostra uma “forte correlação positiva entre beleza cênica e paisagem assumida como natural. Assim, os padrões da paisagem percebidos como natural, são quase sempre também percebidos como cenicamente bonitos e, paisagens cenicamente bonitas quase sempre transmitem alta qualidade ecológica”.

Além dos aspectos comentados, a familiaridade com o entorno tem um papel importante na apreciação paisagística. As preferências são influenciadas fortemente pelas

experiências dos lugares em que vivem as pessoas e as recordações particulares que estes evocam. No caso da relação floresta/campo, os resultados refletem que esta apreciação cênica resulta também da história (ambiental) dos sujeitos, na família e no grupo comunitário. Por exemplo, como destaca Correa e Bublitz (2006), a exploração das “matas virgens” pelo imigrantes que deram origem às comunidades do lugar de origem no final do século XIX e início do século XX, expressava culturalmente acumulação de capital.

Outro elemento importante, se refere à questão do apego aos lugares. Como destaca Brehm (2004; 2007), poucos estudos neste campo tem dado a devida atenção à dimensão ambiental em relação ao apego, restringindo-se às perspectivas sociológicas focadas nos aspectos sociais da família e a comunidade em geral. Para ele, no caso de comunidades migrantes, embora o ambiente apareça narrado a partir de diferentes óticas, este tem um papel vital por influenciar os estilos de vida, ou seja, sempre se associa à vida social que envolve a família e a comunidade. Neste estudo, a visão do ambiente *natural* como uma faceta distinta de apego emocional a sua comunidade em diferentes contextos evidencia-se como chave nas interpretações.

No que se refere aos conhecimentos tradicionais, estes não são transferidos ao novo lugar, mas podem se somar a partir de novas aprendizagens. Em relação a esta questão, há uma inquietação pelas diferenças em relação aos animais e plantas o que gera percepções em relação à perda de saberes, em última instância, de mudança das identidades.

Nesheim et al. (2006), ao estudar o que acontece com o conhecimento tradicional e o uso dos recursos naturais quando as pessoas migram, destaca que os conhecimentos sobre o ambiente natural e as formas de geri-los modificam-se. Além disso, aspectos que envolvem a percepção das escala local-global tornam-se confusas, não se esperando transmitir ou aplicar conhecimentos sobre os recursos naturais no novo lugar.

Neste sentido, Leff (2000, p. 58), destaca que “é necessário compreender as racionalidades culturais envolvidas nas classificações da natureza, que reflete no conhecimento local dos diferentes grupos étnicos. Ou seja, os sistemas de crenças, saberes e práticas que formam seus “modelos holísticos” de percepção e uso dos recursos”. Estas formas de significação estão intimamente relacionados com identidades culturais que vão configurando estilos étnicos que organizam práticas de uso da natureza, constituindo um patrimônio de recursos naturais e culturais das sociedades camponesas.

No intuito de descrevermos os significados da paisagem dos migrantes nesta categoria, desde a perspectiva geracional destacam-se, preferencialmente, a segunda e terceira gerações por privilegiarem em significar a paisagem desta determinada ótica. Ao tomarmos as narrativas, estas gerações ancoravam-se, principalmente, nas experiências da infância e em momentos de aprendizagem com os mais velhos.

Ao estudar sobre as formas como aprendemos sobre o ambiente, Measham (2006) destaca que as aprendizagens durante a infância são fortemente influenciadas pelas experiências diretas a partir de brincadeiras, por exemplo, em riachos, explorando a vegetação, perseguindo animais, etc. Estas vivências constituiriam uma paisagem interior que se tornaria base para as aprendizagens futuras sobre os lugares.

No caso dos migrantes, ao lembrarem sobre estes momentos no lugar de origem, estes significados emergiram como base comparativa para a *paisagem de destino* (assentamento), tornando-se elemento para reforçar a aprendizagem através da comparação entre lugares, o que se consolida na idade adulta (Measham, 2006). A primeira geração privilegiou significar a paisagem desde a dimensão social e/ou socioambiental, o que procuraremos discutir adiante.

3.3.2 Paisagem privilegiando a vida social

As relações sociais experienciadas no *lugar de origem* e *de destino* demarcaram outra dimensão dos significados da paisagem nas narrativas. Esta categoria privilegiou em descrever as experiências marcantes e os sentimentos associados à vida social nas comunidades. A partir das memórias de Carolina (1ª geração), a *paisagem de origem* se configura, para além da descrição étnica e das relações afetivas entre seus membros, como momentos de encontros festivos em que sua família participava:

Lá era só alemão. E os alemão, eles gostam só de festa e brincadeira, eles não brigam, não são briguento! Daí saíam aqueles casamentos de durar três dias! E nós, eu a finada minha irmã e meus irmão, nós cantava muito. Então, nós era sempre convidado pra ir cantar nos casamento. Mas era divertido! O pai, ele foi lá e tinha um touro muito bravo na casa dum alemão, que ia ter um casamento. Eles encilharam lá o touro e era a tarde inteira se divertindo. Montavam no touro, corcoveavam um pouco, e seguiam... três dias e três noite era de festa... Era divertido, lá era divertido! (Entrevista Coletiva; Família 3)

De forma comparativa, a *paisagem de destino* é significada como um novo lugar em que, especialmente, as formas de convivência social não são as mesmas do lugar de origem, fazendo com que a paisagem anterior seja resignificada. Este processo é experienciado

constantemente gerando sentimentos profundos, como Carolina (1ª geração) novamente destaca: “Tenho saudade da nossa comunidade, dos meus vizinhos. Tem dia que a gente deita na cama e se esquece, se lembra de tudo. Onteontem eu me lembrava pedra por pedra de lá, não sei o que eu tinha, e me lembrava de tudo. (Entrevista Coletiva; Família 3)

Outro fato importante se centra nas memórias da vida social da infância como significado atribuído à *paisagem de origem*. Para Nete (2ª geração) estas lembranças são entremeadas de sentimentos de felicidade e tristeza que jamais retornarão, como ela mesmo narra:

Não volta mais aquilo lá que a gente viu no passado... E era tão bom na época! Bah! Hoje tá tudo mudado. Não vem, porque a gente era mais novo. Não conhecia o mundo... estudava distante, ia à pé, com chuva, com vento, era peral, era sanga cheia. Quando enchia o rio a gente ia à cavalo. Quantas vezes eu quase caí do animal de vê aquelas onda de água assim na sanga que passava e a gente atravessava pra ir no coléjo. Era bom, porque a gente gostava de estudá, mas era difícil. Era difícil e tinha dias que se tornava triste. Porque a gente ali naqueles meio que a gente estudava acontecia muitas coisas... Não é que nem hoje, nem compara, mas era triste, porque a gente não tinha transporte, não ganhava nada de ninguém... Se tu tinha lá os teus caderno tu estudava, se não tinha... (Entrevista Coletiva; Família 1)

Em relação à preferência paisagística, tanto a *paisagem de origem* quanto a *de destino*, são selecionadas por critérios justificados pela interação social, seja em relação ao grupo familiar ou às pessoas da comunidade. Neste sentido, Rosalina (1ª geração) narra:

Agora, pra mim é aqui mesmo que eu prefiro, porque agora, a nossa gentarada, o nosso parente, sogro, sogra, amigo, tudo já se foram, lá. Já se foram, morreram tudo. Então, agora a gente não tem prazer de ir num lugar desses, por causa que os parentage. Já se foram tudo! E aqui então, nós temos o nosso recurso, é ficar por aqui mesmo. Já tamo velho e saí pra lá não tem, não tem jeito. E agora é aqui mesmo. (Entrevista Individual; Família 1)

Nesta mesma perspectiva, Célio (2ª geração) prefere a nova paisagem, justificando que já se acostumou com a comunidade do assentamento, evidenciando seu apego a vida social do novo lugar:

Acho que nem hoje, já não tem que quere... Na verdade tem que sê aqui! Tem que sê aqui, não adianta. Eu prefiro a daqui... por causa que hoje em dia eu já tô acostumado, tem comunidade em comparação com lá. Tenho vizinho e onde eu já digo vô, provavelmente, fica até não sei. Vô fica por aí e é aonde eu toco os meu negócio também... (Entrevista Coletiva; Família 2)

Esta dimensão também é contrastada a partir das narrativas de Luciane (3ª geração), para qual, embora a *paisagem de origem* apresente uma beleza cênica superior a *de destino*, sua preferência para a do novo lugar (assentamento) se justifica pela família e os membros da comunidade, como ela descreve:

Eu sinto falta, eu acho, eu sinto falta, entendeu, porque é difícil agora. Eu não tenho encontrado assim uma paisagem bonita, sabe!? Igual tem lá! Só que eu não sinto falta do lugar lá. Eu gosto daqui,

porque tá a minha mãe! E daí tá todos meu sobrinho, eu gosto... tá os meus amigos... (Entrevista Individual; Família 2)

De forma complementar, Fabiane (3ª geração), ao comentar sobre suas preferências entre a *paisagem de origem* e de *destino*, estabelece uma relação entre bem estar e vida social. Para ela, não há como o ser humano viver em lugar onde apenas a *natureza* se faz presente:

Hoje eu escolheria aqui. Porque eu acho que lá tá pior do que aqui... se fosse naquela época, se fosse como era antes, eu escolheria lá, mas agora tá pior pro ser humano viver... Porque, se for avaliar pela natureza, agora tá rico, muito lindo lá. Um verde só, tu só enxerga verde, entende? Mas pro ser humano viver assim no meio do mato... Não tem mais estrada, não tem mais casa, não tem mais colégio, nem Igreja... (Entrevista Individual; Família 2)

Esta dimensão representa aqui as experiências nos lugares desde sua dimensão social. Os laços estabelecidos na família e no grupo social são a base constitutiva das histórias dos sujeitos e de suas auto-identidades na/com a paisagem. Na perspectiva de Bonnes and Secchiaroli (1995), viver em um ambiente não significa estruturar as experiências somente com respeito à realidade física, mas também com a dimensão social. Não há ambiente físico que não seja social, e vice-versa.

Claval (2005), ao discutir historicamente sobre as leituras da paisagem rural na Europa, destaca que para os agricultores e populações dispersas nas áreas rurais, a paisagem não é basicamente percebida como cenário, mas como uma unidade social e política baseada em um território. Ou seja, ela não está ancorada apenas em uma combinação de campos, cercas, muros, fazendas, vilarejos, etc. Elas formam a personificação do sistema político básico social e cultural.

No caso dos agricultores migrantes, aportam nesta leitura, as particularidades dos diferentes grupos de convívio (família, religião, escola, movimento sem terra, etc) de suas trajetórias biográficas e que constituem em certa medida as representações da paisagem nos lugares (de origem e de destino), constituindo um quadro social de interpretação complexa e multifacetada.

Neste sentido, partilhamos a perspectiva de Thomsom (2002, p. 341) ao referir-se à migração “enquanto passagem física de um lugar para o outro como apenas um evento em uma experiência migratória que abarca velhos e novos mundos, e que continua por toda a vida do migrante e pelas gerações subsequentes”. Ou seja, este percurso não se trata apenas de uma mudança física, mas também de constantes transformações de sua identidade

individual, e/com a família e/com o grupo social. É o encontro entre “velhos e novos mundos” se processando também em função da passagem do tempo, num mesmo lugar que se transforma (é reconstruído) continuamente (LISBOA, 2007).

Desde esta perspectiva, a migração representa para o indivíduo a sua transformação em estranho, em estrangeiro no novo lugar onde vive. Segundo, Carleilal (2002, p. 183) os migrantes “são alienígenas, porque diferem dos povos locais, de seus costumes e valores culturais”. Portanto, as relações sociais que se estabelecem serão baseadas em desigualdades diversas, tornando-se um grande desafio de adaptação ao novo lugar e a reconstrução de suas paisagens interiores (*inscape*).

Em relação às gerações, embora ainda reconheçam e exaltem as paisagens (*de origem e de destino*) a partir de elementos *naturais* e/ou aspectos cênicos, a paisagem significada a partir da vida social é privilegiada por todas as gerações em diferentes contextos em que é rememorada.

Evidencia-se que, especificamente a primeira geração, narra a vida social dos lugares com diversas e profundas emoções e sentimentos, ancorando-as em aspectos afetivos como a família e o grupo social. Este resultado expressa em grande parte, entre outros, as influências psicossociais inerentes a esta geração.

Burholt e Naylor (2005) em seus estudos sobre apego ao lugar por pessoas mais velhas em comunidades rurais (acima de 70 anos) sugerem que estas focalizam-se principalmente nas relações sociais com amigos, vizinhos, grupos comunitários ou organizações religiosas. Como destacam os autores, estes resultados não necessariamente sugerem que pessoas morando em suas comunidades rurais de origem, não apreciem a beleza cênica de sua volta, mas outros fatores podem influenciar o apego ao lugar.

4.3.3 Paisagem privilegiando o contexto socioambiental

A relação das famílias camponesas com os lugares é atravessada pela dimensão ambiental, articulada com as questões sociais. A agricultura representa, além de um meio vital de sobrevivência às famílias, a faceta constitutiva das identidades individuais e do grupo social. Inicialmente, os significados atribuídos à *paisagem de origem*, desde esta perspectiva, aglutinaram a relação entre a agricultura e a grande produtividade conseguida pela fertilidade do solo, como destacam as três gerações:

A paisagem era lindo! Tinha uns capão de mato grande assim, era a coisa mais linda! Os home trabalhavam assim, derrubavam mato, a vontade! A gente plantava de tudo, a gente arrancava um poco e já plantava um mandiocal, um batatal... Era coisa muito lindo naquele tempo, barbaridade! Tudo tava contente, só depois que nós fomos despejado, daí sim... Era mais bonito que aqui porque era tudo terra nova, terra forte. A gente plantava, vinha aquelas moranga linda, mandiocona bem grande, batatona grande, pé de milho com aquelas espigona grande! Parecia mentira, mas era verdade. (Entrevista Individual; Rosalina, 1ª geração; Família 1)

Bah! Naquele tempo era bem bom a paisagem das terra eram melhor! O que se plantava colhia... não usava adubo. Milho veio, cana veia, grossona... Era verde, praticamente, que tu olhava de longe, quando fosse subi num morro, por exemplo, tu enxergava pedacinho de lavoura assim no meio. Quando chegava época de plantação então, tu via esses pedacinho, porque o pessoal lavrava. Depois lá, lavrava tudo esses pedacinho, mas a maioria você só via verde, porque o nosso córrego era verde, quase verde e daí quando plantavam, a plantação vinha verde, era muito bonito. Tinha lugar que você menos caminha. Daí claro, depois de um tempo foi ficando mais grande as entradas e já foi. Mas quando eu era criança, era um caminho de carroça praticamente, então tu nem enxergava de longe! Era mato, só mato. (Entrevista Individual; Ari, 2ª geração; Família 3)

Nossa era lindo lá! Tinha bastante água, sabe, porque já era de outras pessoas que moravam lá. Eles plantavam bastante também. Tinha muita árvore, tanto de fruta quanto nativa, Cinamomo (*Cinnamomum sp.*), tinha um monte de coisa, tinha um pátio bonitinho com gramado! A casa não era grande, mas era uma casa de madeira pequena e aí tinha uma área grande e um gramado bem grande, era bem legal. A mãe adorava plantar flor, e meu irmão também tinha um monte de árvore frutífera. (Entrevista Individual; Luciane, 3ª geração; Família 2)

O processo migratório permite comparar intensamente os lugares fazendo com que as paisagens sejam (re)significadas a partir da terra, em última instância da agricultura. As dificuldades encontradas com o novo ambiente, ao chegarem no assentamento, se tornaram um grande desafio, como descrevem as gerações:

Aqui é fraca a terra, o pessoal usa mas é fraca.. Precisa bota calcário, precisa bota adubo. Eu prefiro lá! Naquele tempo dava pra planta porque as terra eram forte, aqueles mato, aquelas terra forte, mas Deus o livre! Lá pra terra dos índio! Terra preta... por isso que dava esse feijão... Nunca vi terra assim... (Entrevista Coletiva; Pipe, 3ª geração; Família 1).

Aqui a terra é diferente... Plantava na mesma época, a seca castiga mais que lá... Aprendemo a lidá um pouco aqui... Ainda não, mesmo com dez, onze anos. Lá era mais certo, se dava uma diferença por mês de milímetros, vamos dizer, deu 100mm do mês de janeiro, esse ano, ano que vem vai chegar por aí, ou senão 80, às vezes passa um pouco, mas por ali... (Entrevista Individual; Célio, 2ª geração; Família 2)

Nossa! Era horrível! Eu lembro a gente chegou ali em dia de chuva ainda, aí eu nuca tinha visto areia, lá era terra vermelha e alí é areia branca mesmo. Bah! Achei horrível alí. E sem contar que a sede, a gente foi para a sede no começo, era uma casa velha, eu achei tudo ruim. Os meus irmão e minha mãe também até que a gente tinha chegado não sabia que tinha vendido lá. Tipo assim, a gente ia vim e vê se ia gostar. A gente ia deixar arrendado lá, o combinado era esse! E depois a gente voltava. E a gente chegou ali... (Entrevista Individual; Luciane, 3ª geração; Família 2)

Para além da paisagem apenas como representação da agricultura, outras vivências sociais são narradas em que o ambiente se torna elemento central, para compor a(s) paisagem(ns). Embora o ambiente seja descrito em seu aspecto natural, ele se constitui também a partir de diferentes tempos e espaços sociais, como narra Carolina (1ª geração) e Ari (1ª geração).

Eu sinto mais saudade das minha galinha que eu criava solta! Eu me lembro que no meu terreiro fazia “nuvem” também daqueles pinto pequeno que a gente criava solto! Todas as galinha, porquinho... As vaca, tirava leite... Tudo eu sinto saudade... Carroça de boi, tudo da agricultura dava lá... (Entrevista Coletiva; Família 3)

A paisagem era na nossa região uma área totalmente do sol dobrar, até era considerado acidental pra agricultura, porque tinha muito verde, mato. Tinha uns rios, nós pescava muito, dava muito peixe, de água muito limpa. Era assim tu ia e enxergava... Indo um metro na água tu enxergava o fundo, tu enxergava os peixe lá no fundo da água de tão limpa que era, o rio era bastante pedregoso, de pedra. Muito de vertentes de água nos matos... já que caçando de budogue, tu achava água em qualquer lugar, aquelas águas que saía do meio das pedras, tomava aquilo, aquela agüinha, era um video.. Era coisa mais linda! Eu me lembro muito, era tudo capoeira, mato. Eu me criei, desde pequenininho... Quem fez a derrubada do mato, grande mesmo, uma parte já foi o pai. Eu me lembro muito, que eles tinham muita aquelas toras que eles derrubavam, e daí o fogo não queimava. E nós vivia lá, nós brincava desde criança, brincava, corria, carpia... um pouco carpia, um pouco ia pras tora. (Entrevista Individual; Família 3)

Além disso, a paisagem (*de origem e de destino*) também aparece como representação das questões que envolvem os problemas ambientais percebido nos lugares. Para Nete (2ª geração) e Ari (2ª geração) a preferência pela paisagem anterior basea-se no fato de quando lá viviam, não havia seca:

Eu gostaria de ir para lá (lugar de origem)! Não importa, não precisa sê de lá onde eu vim, em outro lugar, mas pra lá! Porque já é diferente que aqui, as coisa é melhor! Desde sei lá, uma seca afinal tá sendo geral isso aí! Mas só que aqui nós tamo sendo mais prejudicado do que lá, esse é o problema. Então aqui, a gente vive aqui, eu vivo aqui, mas eu não gosto daqui não, mas é um abrigo. (Entrevista Individual; Família 2)

Aqui tu caminha o mato inteiro, tu só acha aquelas poça de água parada, que não dá nem para pensá em tomá... com exceção da água do rio, ela é limpa. Aqui não tem vertente de água. Tem mais aqui em cima nas lomba. Mas se tu descê lá para baixo, o cara acha sanga de banhado e tudo mais, só que os banhado é onde que tu não acha água hoje nem pra remédio! Nós morava lá no topo do morro e podia dá seca que nós nunca ficava sem água. Tinha uma terra do pai onde eu me criei, morei 25 anos, tinha uma vertente de água que sustentava até 20 famílias na época da seca. (Entrevista Individual; Família 3)

O impacto percebido pela agricultura, em relação a crescente mudança de uma policultura, baseada na agricultura familiar, do lugar de origem, em relação a crescentes

monoculturas, no lugar de destino, descrevem a *paisagem de destino* para Domingos (2ª geração): *“Essa paisagem daqui acabo... isso aconteceu por causa da ganância, a ganância da soja. Primeiro foi isso aí, soja na época que produziu, que se derrubava os mato, derrubava os campos a modo de planta soja, então daí não tem...”* (Entrevista Individual; Família 1)

Encadeado a este tema, as conseqüências da modernização da agricultura, relacionadas aos agrotóxicos e à saúde vão complementado as formas com que a paisagem é significada. As narrativas de Nete (2ª geração), Ari (2ª geração) e Moleque (3ª geração) descrevem estes contextos, comparando as paisagens de origem e de destino:

O que eu gostava de lá é de senti o cheiro do verde da natureza. Que a gente nota, pra lá o clima é outro. A gente respira outro clima, uma chero tão bõo. Aqui não, aqui eu acho que até o ar já tá poluído. Aqui não é “acho”, como tá. Uma vez a gente se sentiu muito prejudicado aqui, por causa dos avião! Nada contra também, porque quem lida com esse avião são lavroreiro grande e precisa também plantá o arroz! Porque quem planta bastante é eles não é nós. E pra lá existe pinhão e aqui não existe. O pinhão! Agora já é época de pinhão. Aqui nem nos mercado vende! (Entrevista Coletiva; Família 2)

Lá tinha o rio Boitaca, nós adorava pesca, eu e meus irmão! Os cara chamava nós de os pescador, porque nós gostava... Dava uma chuva que dava uma sujada na água e nós ia. Não dava pra trabalha nós ia pesca e passava e pegava peixe, mas Deus o livre! Tinham muito peixe. Aí depois, quando nós comecemos a usa veneno, começo a diminui, começo a diminui e diminui. Quando nós saímos de lá, não, muito poquinho, tu ía mais porque tu gostava, mas já não valia a pena pesca... Eu fui conhecê veneno quando eu tinha 22 anos. Foi quando entrou a Souza Cruz lá, com aquela história de plantar fumo. Ai veio um cara com um técnico bem instruído, pra fazer a cabeça do povo... Nós pegamos cinco ou seis família. A partir dali que eu fui conhece o veneno, o agrotóxico... (Entrevista Individual; Família 3)

O clima daqui Deus o livre! É bem mais ruim do que o de lá. Até que hoje não sei... Hoje, se tu ir avaliar eu acho que lá tá pior do que aqui. Porque lá já faz há anos que o pessoal tá trabalhando com veneno... Então já tá pior que aqui. Mas a decadência aqui também, pelo jeito vai se avançá... já tá se avançando... (Entrevista Individual; Família 1)

Esta dimensão da paisagem resulta da construção da identidade caomponesa no lugar (de origem e de destino). Embora outras dimensões compõem estas trajetórias, individuais e coletivas, o ambiente experiênciado desde a agricultura é por si só o elemento marcante na constituição do agricultor.

Na visão de Caume (2006), a propriedade da terra é um dos elementos articuladores do ser “colono”, enquanto princípio de práticas sociais. A busca constante pela propriedade da terra explica a colocação em prática, em diferentes tempos e espaços, de um conjunto de estratégias de reprodução da posição do camponês, como a migração, os padrões de herança do patrimônio fundiário e as mobilizações sociais em torno da “luta pela terra”.

Embora outras leituras também sejam praticadas, expressando a dimensão natural da paisagem e as relações que os grupos locais desenvolveram com o ambiente, Claval (2005) lembra que as populações das áreas rurais na Europa durante os séculos XVIII e XIX usavam a paisagem para expressar o seu estatus social (agricultor) frente a outros grupos sociais. Ele também lembra que, para as pessoas que vivem no meio rural as paisagens aparecem como uma expressão dos sistemas agricultáveis e como base material da unidade social, cultural e política.

Outra perspectiva interpretativa é destacada por Thomas (1983, p. 232) ao descrever sobre as atitudes dos homens para com os animais e a natureza no século XX na Inglaterra, destacando que neste período a ocupação das matas simbolizava o triunfo da civilização. Segundo ele, até então as “florestas tinham sido sinônimo de rusticidade e perigo, como nos lembra o termo “selvagem”. Os colonos na época ficariam horrorizados à vista de uma região coberta de “matas incultas e agrestes”, ou seja, as matas não cultivadas eram vistas como obstáculo ao progresso humano”.

De forma análoga, Correa e Bublitz (2006), ao tratarem da história ambiental da colonização do Rio Grande do Sul quando da chegada de imigrantes na região de origem européia, entre os séculos XIX e XX, descrevem que o engenheiro e agrimensor alemão Maximiliano Beschoren, que viveu ao norte no Vale do Rio Uruguai, entre 1875 e 1887, ficou impressionado ao encontrar a floresta da região: *“Eu nunca havia encontrado uma floresta assim! Tão fechada... O mato torna a floresta inacessível! Que imensa e variada vegetação opõe-se a nós! Que árvores gigantescas...”*.

Segundo Rambo (1994, p. 309), a força motriz principal da corrente migratória neste período foi o desejo de adquirir boas terras de lavoura. Uma das raízes psicológicas dessa predileção seria a “atração misteriosa que o mato exerce sobre o caráter do povo alemão; outra se centra na semelhança desses vales e montanhas com a terra de origem [...]”.

Na perspectiva de Gobster et al. (2007), os agricultores que estão regularmente engajados com o trabalho na terra, quase sempre tem o conhecimento sofisticado dos processos ecológicos que afetam agricultura, bem como a percepção das nuances das características da paisagem que são salientadas para o empreendimento da agricultura. Os caminhos pelos quais a paisagem é percebida e interpretada por diferentes culturas tem

conduzido a diferentes padrões de paisagem e estes padrões podem ser identificados e mapeados nas próprias histórias da paisagem.

Os significados atribuídos à paisagem a partir desta dimensão também envolveram a percepção das consequências ambientais de um projeto moderno de desenvolvimento da agricultura. Estão, são sentidas e interpretadas nos contextos sociais que articulam a vida camponesa, ou seja, esta percepção é consequência natural daquele que vive na terra.

Considerando que os processos de socialização dos sujeitos enquanto agricultores atravessam toda a trajetória vital na família e no grupo social, todas as gerações procuraram significar a paisagem desde esta determinada ótica. Como destaca Fischer (1994), os significados estão ligados ao tipo de atividades, à natureza das relações que se mantêm e o resultado dos valores criados pela sociedade.

3.4 Paisagem e Educação Ambiental: processos participativos no planejamento local da paisagem

Como destaca Grüm (2008) devido à ciência moderna, nós perdemos a noção de lugar. Perdemos as referências para traçar nosso caminho no mundo, contar as nossas histórias. As narrativas pelas quais damos sentidos as nossas vidas dificilmente estão entrelaçadas aos lugares. O que se coloca é como fazer a reapropriação social dos lugares, para podermos ter uma noção de lugar e assim reconhecermos como parte das nossas histórias.

Ao que tudo indica, este também é um dos grandes desafios aos migrantes, o de reconstruir novas referências, indentificações com o novo lugar, para que possam dar novos sentidos as suas vidas. O que se interpreta é que, de forma análoga, estabelecem conexões entre as suas histórias e a dos lugares (origem, migração e de destino), compondo paisagens que possam ser reconhecidas e significadas não como estranhas, mas como constituintes de suas trajetórias.

Este processo não se dá de forma individual, mas sim coletiva em que se tramam as práticas da família e da comunidade. É preciso valorizar a paisagem enquanto elemento constitutivo de uma história (ambiental) pertencente a todos, o que fortalecerá os laços do grupo social com o lugar. Assim, a significação das paisagens vitais, mais do que uma simples reconfiguração de cenários, se incorpora aos sujeitos de forma significada e significativa, confundindo-se em suas histórias e formas de ver o mundo.

Neste sentido, uma Educação Ambiental a partir da paisagem se revela como potencializadora aos objetivos educativos transformadores dos sujeitos e de suas realidades socioambientais. Por exemplo, mediante atividades que promovam a observação e a interpretação da paisagem, podemos aproveitá-la como recurso didático para a geração de conhecimentos e de sensibilização ambiental (ROJAS, 2004; PASTOR, 2000), ou mesmo como caminho para compreender os grupos sociais e seus comportamentos.

No contexto deste estudo, propomos uma abordagem *compreensiva* da Educação Ambiental (FLICKINGER, 1976; CARVALHO, 2002, 2003; CARVALHO e GRÜN, 2005; GRÜN, 2007), com base na hermenêutica, a qual se opõe a uma perspectiva explicativa, em grande parte oriunda da tradição das ciências naturais. Trata-se, antes de qualquer outra coisa, de uma postura interpretativa em que a historicidade das questões ambientais no contexto das história dos sujeitos torna-se o foco central.

A paisagem como expressão dos mundos internos e externos, propicia estas leituras de mundo, situando historicamente as questões ambientais nos lugares. Desta forma, partindo da paisagem como *engajamento compreensivo no ambiente* (CARVALHO, 2009, p. 10) “permite-se assim, enfatizar a dinâmica dos processos temporais e sociais que dão forma ao ambiente, ao mesmo tempo em que constituem e modificam os lugares e os modos de habitar, permitindo distanciar-se de uma visão objetificadora que tende a atribuir um sentido de externalidade ao sujeito humano em relação ao mundo. Neste sentido, pode-se compreender a paisagem como lócus da relação do sujeito com o mundo – seus lugares, seus modos de ser, suas memórias e crenças – são constitutivos do seu ambiente de vida.”

Neste contexto, a comunidade, como dimensão social do lugar, pode ser o espaço onde emergem as práticas educativas ambientais em direção à sustentabilidade local. Como afirma Callejas (2006, p. 59), “é necessário voltar à comunidade, não com a ilusão de retornar ao passado bucólico tradicional, mas sim a uma instituição social cujo traço identitário seja a ação participativa, a responsabilidade ambiental local e global, a convivência multicultural e a criação de um sentimento de pertença situado e limitado, mas ao mesmo tempo amplo em seu sentido de humanidade”.

Os processos participativos se configuram enquanto práticas educativas ambientais na busca de soluções que transformem a realidade da comunidade a partir da paisagem local. Para Caride e Meira (2001), a comunidade precisa valorizar de forma integrada e

duradoura os recursos locais, insistindo na necessidade de abordar a legitimidade e as suas responsabilidades (desde os poderes públicos até os movimentos associativos, em diferentes marcos institucionais e políticos, etc.) na ação coletiva a favor da sustentabilidade. É precisamente na esfera local, na qual conceitos tão abstratos como o da sustentabilidade podem tomar um significado real e adaptado às condições de cada contexto social, de acordo com a emergência dos processos de inter-subjetividade que configuram novas formas de compreender e agir *no* e *com* o mundo.

3.5. Conclusões

As formas com que a paisagem é significada pelos migrantes podem assumir diversos caminhos, dependendo dos contextos em que é rememorada. Para isso, convergem aspectos ambientais, socioculturais e ontogenéticos (dimensão psicológica e cognitiva), tornando a paisagem (de origem e de destino) polissêmica. As trajetórias biográficas nos lugares são vitais neste processo e abarcam as subjetividades individuais, da família e do grupo social, constituindo a identidade dos lugares.

As categorias apresentadas (*paisagem privilegiando o ambiente natural, paisagem privilegiando a vida social e paisagem privilegiando o contexto socioambiental*) configuram-se como discretas e fortemente relacionadas. Compõem em seu conjunto uma matriz interpretativa para a relações dos migrantes com os lugares, sendo infrutíferas suas leituras dicotomizadas e excludentes.

Destaca-se a noção de pertencimento pelos migrantes. Embora o lugar de destino seja um desafio, as paisagens não são interpretadas como cenários; os migrantes se reconhecem enquanto constituintes da paisagem, evidenciando as suas relações com os lugares em todas as suas dimensões sociais e ambientais.

As leituras geracionais dos significados da paisagem confirmam uma pluralidade de sentidos, evidenciando diferenças sutis na significação da paisagem. As interpretações devem considerar aspectos subjetivos inerentes as fases da vida dos indivíduos. A abordagem metodológica permite relativizar a história dos sujeitos no/com os lugares ampliando o espectro de análise.

A paisagem, enquanto leitura da história dos sujeitos nos lugares, se configura como vital ao desenvolvimento de uma Educação Ambiental *compreensiva*. Desta forma, os

migrantes (re)localizam suas vidas através do repensar seus deslocamentos (externos e internos) dando novos sentidos as suas vidas, a família e ao lugar.

Aporta esta perspectiva aos processos participativos no planejamento local da paisagem enquanto prática educativa ambiental. Desta forma, é possível pensar em direção à sustentabilidade local das comunidades desde a paisagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFONSO, N. **Investigação Naturalista em Educação: Um Guia prático e crítico**. Coleção em Foco. Porto: Editora ASA, 2004. 223p.
- ARESI, C. **Transformações culturais e território: o Kaingang da Reserva Indígena da Serrinha – RS**. 2008. 169 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- BOGDAN R. C. & BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em Educação: uma introdução a teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994. 336p.
- BOGDAN, R. e TAYLOR, S. **Introduction to qualitative research methods**. John Wiley & Sons, Inc. 1975. 266p.
- BONNES, M. e SECCHIAROLI, G. **Environmental Psychology: A psycho-social introduction**. SAGE publications. , 1995. 230p.
- BREHM, J. M. Community Attachment: The Complexity and Consequence of the natural environment facet. **Human Ecology**, p. 477-488. 2007.
- BREHM, J. M.; EISENHAUER, B. W. e KRANNICH, R. S.. Dimensions of Community attachment and their relationship to well-being in the amenity-ric rural West. **Rural Sociology** 69(3), pp. 405-429, 2004.
- BURGESS, R. G. **A pesquisa de terreno: Uma introdução**. Editora Celta. 1997. 262p.
- BURHOLT, V. e NAYLOR, D. The relationship between rural community type and attachment to place for older people living in North Wales, UK. **European Journal of Ageing**, p. 109-119. 2005.
- CALLEJAS, G. V. El discurso y la Práctica de la Educación Ambiental como estratégia para la participación y la construcción de la comunidade. **ADAXE – Revista de Estudios e Experiencias Educativas**, p.49-62. 2006.
- CARIDE, J. A. e MEIRA, P. A. **Educação Ambiental e Desenvolvimento Humano**. Instituto Piaget: Portugal, Lisboa, 2001. 302p.
- CARINI, J. J. **Estado, Índios e Colonos: o conflito na reserva indígena de Serrinha norte do Rio Grande do Sul**. Editora UPF, 2005. 271p.
- CARLEILAL, A. 2002. Cultura Migratória. In: **Transições Migratórias**. Orgs. Adelita Neto Carleial, Ana Maria Matos Araújo et al. Fortaleza: Edições IPLANCE, 2002. p. 181-195.
- CARVALHO, I. C. M. **A Invenção Ecológica. Narrativas e Trajetórias da Educação Ambiental no Brasil**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. 229 p.
- CARVALHO, I. C. M. e GRÜN, M. Hermenêutica e Educação Ambiental: o educador como intérprete. In: **Encontros e Caminhos: Formação de Educador(es) Ambientais e Coletivos Educadores**. MMA, Diretoria de Educação Ambiental. Org. Luiz Antonio Ferraro Júnior. Brasília, 2005 .358 p.

CARVALHO, I. C. M. Os sentidos do “ambiental”: a contribuição da hermenêutica à pedagogia da complexidade. In: **A complexidade ambiental**. Org. Leff, E.. São Paulo: Cortez, 2003. p. 99-120.

CARVALHO, I. C. M., GRÜN, M. e AVANZI, M. R.. Paisagens da compreensão: contribuições da hermenêutica e da fenomenologia para uma epistemologia da educação ambiental. **Cadernos do CEDES (UNICAMP)**, 2009, *no prelo*.

CAUME, D. J. **O MST e os Assentamentos de Reforma Agrária: a construção de espaços sociais modelares**. Editora UPF, 2006. 304p.

CHASE, S. E. Narrative Inquiry: Multiple Lenses, Approaches, Voices. In: **Handbook of Qualitative**. 3 ed. Research. Edited by Norman K. Denzin, Yvonna S. Lincoln. SAGE Publications, 2000. p. 651-679.

CHELOTTI, M. C. A dinâmica dos espaço agrário no município de Santana do Livramento/RS: Das sesmarias aos assentamentos rurais. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, p. 53-70. 2005 .

CHELOTTI, M. C. 2003. 215 f. **A instalação de assentamentos rurais e a inserção de novos agentes no espaço agrário do município de Santana do Livramento, RS**. Dissertação (Mestrado em Geografia) Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista.

CLAVAL, P. Reading the rural landscapes. **Landscape and Urban Planning** 70. p. 9-19. 2005.

CORREA, S. M. S. e BUBLITZ, J. **Terra de Promissão: uma introdução à Eco-História do Rio Grande do Sul**. Editora UPF, Co-edição EDUNISC, 2006. 142 p.

DANSEREAU, P.. **A terra dos homens e a Paisagem Interior**. Bélem: NAEA/UFPA. Tradução: Carlos Vaz e Rosa Acevedo, 1999. 156 p.

DE LA FUENTE, G.; ATAURI, J. A. e LUCIO, J. V.. El aprecio por el paisaje y su utilidad en la conservación de los paisajes de Chile Central. **Ecosistemas** 2004/2.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e Abordagens**. 2 edição. Porto Alegre: Editora Armed, 2006. 432 p.

FARINA, A. e BELGRANO, A.. The eco-field: a new paradigm for landscape ecology. **Ecological Research**, p.107-110. 2004.

FARINA, A. e BELGRANO, A..The eco-field hypothesis: toward a cognitive landscape. **Landscape Ecology**, p. 5-17. 2006.

FARINA, A.; BOGAERT, J. e SCHIPANI, I.. Cognitive Landscape and information: new perspectives to investigate the ecological complexity. **BioSystems** . p.235-240. 2005.

FISCHER, G. N. **Psicologia Social do Ambiente**. Instituto Piaget: Lisboa, Portuga, 1994. 216p.

FLICKINGER, Hans-Georg. O ambiente epistemológico da Educação Ambiental. **Educação e Realidade**, v.1, n.1. Fev. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Educação, p. 197-207. 1976.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: **Pesquisa qualitativa com imagem, texto e som: um manual prático**. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Editora Vozes, 2004. p. 64-89.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. Editora UNESP:São Paulo, 1991. 177 p.

GOBSTER, P. H.; NASSAUER, J. I.; DANIEL, T. C. e FRY, G. The shared landscape: what does aesthetics have to do with ecology? **Landscape Ecology**, p. 959-972. 2007.

GREIGER, T. e GARKOVICH, L. Landscapes: The social construction of nature and the environment. **Rural Sociology**, p. 1-24. 1994.

GRÜN, M. **Em busca da dimensão ética da Educação Ambiental**. Campinas, SP: PAPIRUS, 2007. 175 p.

GRÜN, M.. A Importância dos Lugares na Educação Ambiental. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. dez.08, p. 1-11, 2008.

GUIMARÃES, S. T. L. Planejamento e proteção dos recursos paisagísticos: Aspectos relacionados à cognição, percepção e interpretação da paisagem. **OLAM, Ciência & Tecnologia**. VOL. 5, n.1, Rio Claro SP, p. 202-219. 2005.

INGOLD, T. The Temporality of the Landscape. **World Archaeology** 25, nº. 2 , p. 24-174. 1993.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Mapa da vegetação do Brasil e Mapa de Biomas do Brasil**. www.ibge.gov.br, acessado em Maio de 2009. 2004.

LEFF, E. Espacio, lugar y tiempo: La reapropiación social de La naturaleza y La construcción local de La racionalidad ambiental. In: **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 1, 2000. p. 57-69.

LEITE, P.F. & KLEIN, R. M. Vegetação. In: Mesquita, O. V. (ed.), **Geografia do Brasil -- Região Sul**, vol. 2. IBGE, Rio de Janeiro, 1999. P. 113-150

LENZI, C. Para uma imaginação sociológica da Ecologia: Uma análise do pensamento de Anthony Giddens. In: **Ambiente & Sociedade**, Vol. IX, nº1 jan./jun, p. 105 - 126. 2006.

LISBOA, C. P. **(Re)contando Histórias: o ambiente tematizado a partir dos itinerários de vida**. 2007. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MEASHAM, T. G. Learning about environments: The significance of Primal Landscapes. **Environmental Management**, vol 38, n.3., p. 426-434. 2006.

NASSAUER, J. I.. Culture and changing landscape structure. **Landscape Ecology**, vol. 10, n. 4, p. 229-237. 1995.

NAVEH, Z. Culture and landscape conservation: a landscape-ecological perspective. In: Gopal, B. P.; Pathak, P.; Sayena, K. G. (Eds.) **Ecology Today: an anthology of contemporary ecological research**. International Scientific Publications, New Delhi, 1998. p. 19-48.

- NAVEH, Z. e LIEBERMAN, A. **Landscape Ecology: Theory and Application**. Springer-Verlag. Second Edition, 1993. 360 p.
- NAVEH, Z. Interactions of landscapes and cultures. **Landscape and Urban Planning**, p. 43-54. 1995.
- NAVEH, Z. Ten major premises for a holistic conception of multifunctional landscapes. **Landscape and Urban Planning**, p. 269-284. 2001.
- NAVEH, Z. The Total Human Ecosystem: Integrating Ecology and Economics. **Bioscience**, Vol. 50, n.4, p. 357-361. 2000.
- NESHEIM, I.; DHILLION, S. S. e STOLEN, K. A.. What happens to traditional knowledge and use of natural resources when people migrate? **Human Ecology**, Vol. 34, n.1, February, p. 99-131. 2006.
- OHTA, H. A phenomenological approach to natural landscape cognition. **Journal of Environmental Psychology**, 21, p. 387-403. 2001.
- OVERBECK, G. E.; MÜLLER, S. C.; FIDELIS, A.; PFADENHAUER, J.; PILLAR, V. D.; BLANCO, C. C.; BOLDRINI, I. I.; BOTH, R. e FORNECK, E. D. Brazil's neglected biome: The South Brazilian Campos. **Perspectives in Plant Ecology, Evolution and Systematics**, p.101-116. 2007.
- PASTOR, I. O. Paisaje y Educación Ambiental. **Observatorio Medioambiental**. N. 3 , p. 35-50. 2000.
- RAMBO, B. **A fisionomia do Rio Grande do Sul**. Editora Unisinos:Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 1994. 473 p.
- ROJAS, L. M. H. El paisaje como recurso didáctico. **Revista Biocenosis**, Vol. 18 (1-2), P. 43-49. 2004.
- STEDMAN, R. C. Toward a Social Psychology of Place: Predicting Behavior from Placed-Based Cognitions, Attitude, and Identity. **Environment and Behavior**, p. 561-580. 2002.
- THOMAS, K. **O homem e o mundo natural**. Cia das Letras, 1993. 454p.
- THOMSON, A. Histórias (co)movedoras: História Oral e estudos de migração. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.22, n°44, p. 341-364, 2002.
- TRESS, G.; TRESS, B. e FRY, G.. Clarifying integrative research concepts in landscape ecology. **Landscape Ecology**. p. 479-493. 2004.
- TUAN, Y. F. **Space and place: The perspective of experience**. Minneapolis: university of Minnesota Press. 1977.
- WU, J. e HOBBS, R.. Key issues and research priorities in landscape ecology: An idiosyncratic synthesis. **Landscape Ecology** 17, p. 355 – 365. 2002.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa proposta nesta dissertação tratou de interpretar os significados da paisagem e a relação com o lugar, tendo como base para análise as narrativas dos sujeitos ancoradas nas histórias de vida familiar. Desta forma, a trajetória do grupo familiar contribui para uma análise longitudinal e dos contextos em que determinada narrativa sobre o objeto de estudo se apresentava, proporcionando outros níveis de interpretação.

O método utilizado exigiu constantes adaptações configurando-se como um momento de aprendizagem ao pesquisador. Destaca-se as suas potencialidades enquanto método biográfico para a leitura das trajetórias de grupos sociais em que a família é um grupo de convívio característico.

As histórias de vida familiar evidenciam as relações das famílias com o novo lugar (assentamento) como sendo um grande e constante desafio a nova vida. As famílias, passado aproximadamente 12 anos, constantemente (re)constroem laços sociais e afetivos com o novo lugar, a partir do confronto com os lugares por onde passaram. Desafios são impostos às novas gerações, para que possam ao longo do tempo estabelecerem-se no/com o lugar e valorizarem as “paisagens locais”.

A paisagem significada pelos migrantes é polissêmica. É (re)significada dependendo do contexto (fase da vida, ambiental e social) em que é rememorada e tem relação direta com as características evidenciadas na vida social e histórica das famílias. As interpretações entre as gerações apontam para uma pluralidade de sentidos.

Por fim, tanto o método e seu resultado - história de vida familiar - quanto a descrição dos significados da paisagem, permitiram compor uma complexa rede de tramas e sentidos que expressam as diferentes formas de relação com o lugar. Estas leituras convergem para compreensão das relações dos sujeitos com os lugares, em todas as suas dimensões, a partir de suas trajetórias que se inscrevem em uma história social e ambiental ampla.

Propõe-se desta forma que as práticas interventivas no campo ambiental e educativo possam ser pensadas nesta perspectiva, valorizando os processos participativos locais. Estes, permitirão a reconstrução de laços e de sentimentos de pertencimento dos sujeitos, da

família e da comunidade com o novo lugar, reconhecendo que este agora faz parte da suas histórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACOT, P.. **História da Ecologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1990. 212 p.
- ADAMS, C. C.. The Relation of General Ecology to Human Ecology. **Ecology**, Vol. 16, Nº 3. 1935.
- CARIDE GÓMEZ, J. A.. A educación ambiental como investigación educativa. **Ambientalmente sustentable: Revista científica Galego-Lusófona de Educación Ambiental**, año II, vol. I, n.3, p. 33-55. 2008.
- CARVALHO, I. C. M. A.. **Invenção Ecológica. Narrativas e Trajetórias da Educação Ambiental no Brasil**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2002. 229 p.
- CARVALHO, I. C. M. e GRÜN, M.. Hermenêutica e Educação Ambiental: o educador como intérprete. In: **Encontros e Caminhos: Formação de Educador(es) Ambientais e Coletivos Educadores**. Org. Luiz Antonio Ferraro Júnior. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005. 358 p.
- CARVALHO, I. C. M.. Os sentidos do “ambiental”: a contribuição da hermenêutica à pedagogia da complexidade. In: **A complexidade ambiental**. Org. Leff, Enrique. São Paulo: Cortez. 2003. 99-120 p.
- CLEMENTS, F. E.. **Research Methods in Ecology**. The University Publishing Company. 1905.
- FLICKINGER, H.-G.. O Ambiente Epistemológico da Educação Ambiental. **Educação e Realidade**, v.1, n.1. Fev. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Educação, p. 197-207. 1976.
- FORBES, S. A.. The Humanizing of Ecology. **Ecology**, Vol. III, n.2. 1922.
- LINDEMAN, E. C.. Ecology: An instrument for the integration of science and philosophy. **Ecological Monographs**, v.10, n.3. 1940.
- McINTOSH, R. P.. **The background of ecology: concept and theory**. Cambridge University Press. 1995.383p.
- NAVEH, Z. e LIEBERMAN, A.. **Landscape Ecology: Theory and Application**. Spring-Verlag. Second Edition. 1993. 360 p.
- NAVEH, Z.. Ten major premises for a holistic conception of multifunctional landscapes. **Landscape and Urban Planning**. 269-284 p. 2001.
- NAVEH, Z.. The Total Human Ecosystem: Integrating Ecology and Economics. **Bioscience**, Vol. 50, nº 4. p. 357-361. 2000.
- PELICIONI, A. F.. Trajetória do Movimento Ambientalista. In: **Curso de Gestão Ambiental**. Orgs. Arlindo Phiippi Jr., Marcelo de Andrade Romério, Gilda Collet Bruna, Barueri, SP: Manole, 2004.

PETERS, R. H.. **A Critique for Ecology**. Cambridge University Press. 1991. 366p.

ROHDE, G. M.. **Epistemologia Ambiental: Uma abordagem filosófico-científica sobre a efetuação humana alopoiética**. Porto Alegre: EDIPUCRS, Coleção Filosofia – 37. 1996.

SHELFORD, V. E.. Animal Communities in Temperate America. The Geographic Society of Chicago. **Bulletin nº 5**. 1913.

SOUZA, I.. **Migrações Internas no Brasil**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1980. 142 p.

TRESS, G.; TRESS, B. e FRY, G.. Clarifying integrative research concepts in landscape ecology. **Landscape Ecology**. p. 479-493. 2004.

WU, J. e HOBBS, R.. Key issues and research priorities in landscape ecology: An idiosyncratic synthesis. **Landscape Ecology** 17, p. 355 – 365. 2002.

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu, _____ aceito participar da pesquisa intitulada ***Histórias de Vida Geracionais e Educação Ambiental: a (re)construção da comunidade na/com a paisagem em Assentamentos Rurais no Bioma Pampa, RS, Brasil*** (título provisório), de autoria de Marcelo Gules Borges (pesquisador), aluno do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ecologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientado pelas professoras Dra. Teresinha Guerra e Dra. Marília Andrade Torales.

Este trabalho tem por objetivo (re)contar a história de vida de três famílias assentadas em três gerações e as suas relações com o lugar e seus deslocamentos, a partir de uma paisagem de origem (*Bioma Mata Atlântica*) a uma paisagem atual (*Bioma Pampa*). Busca-se compreender quais são e de que forma, os sentidos e significados atribuídos a paisagem de origem e atual, ao longo das gerações, se constituíram e influenciam as relações entre seus pares e o lugar, bem como, na (re)construção da comunidade na/com a paisagem atual. Pretende-se contribuir para a compreensão e o desenvolvimento de processos educativos nestes espaços, os quais possam articular histórias de vida e as suas relações socioambientais com o lugar.

Declaro ter sido devidamente informado pelo pesquisador dos objetivos da pesquisa, das metodologias e dinâmicas que seriam empregadas durante a pesquisa e dos possíveis desdobramentos da mesma.

() **Autorizo os pesquisador a utilizar as informações que forneci** (em encontros coletivos, entrevistas individuais ou em grupo, gravados) na elaboração da sua dissertação de mestrado e de outras possíveis publicações (contanto que me sejam previamente informadas).

() **Autorizo os pesquisador a utilizar minha imagem** (registrada através de fotografias e filmagens) na elaboração da sua dissertação de mestrado e de outras possíveis publicações (contanto que me sejam previamente informadas).

() **Autorizo o pesquisador utilizar**, em sua dissertação de mestrado e em outras possíveis publicações, **meu nome verdadeiro**.

() Concordo que as filmagens das entrevistas coletivas (das quais participo) e/ou individuais integrem o Banco de Dados da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, podendo para servir para futuros estudos acadêmicos.

Data: _____

Nome completo: _____ Telefone: _____

Marcelo Gules Borges (pesquisador)

Assinatura (pesquisado)